

FÓRUM

L I N G U Í S T ! C O

FLORIANÓPOLIS - VOLUME 15 - NÚMERO 1 - JAN. MAR. 2018.



REVISTA DO PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA DA UFSC

UNIVESIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR | Ubaldo Cesar Balthazar

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Arnoldo Debatin Neto

VICE-DIRETORA | Silvana de Gaspari

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Marcos Antonio Rocha Baltar

SUB-CHEFE | Marco Antônio Esteves da Rocha

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

COORDENADOR | Marco Antonio Martins

VICE-COORDENADORA | Cristine Görski Severo

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em Lingüística

CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail:
forumlinguistico.cce@contato.ufsc.br/ Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
Universidade Federal de Santa Catarina. v. 15, Número 1 (2018)
Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
em Lingüística, 2018 –

Trimestral
Irregular 1998-2007;
Resumo em português, espanhol e inglês
A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
<http://www.periodicos.ufsc.br>
pISSN 1516-8698
eISSN 1984-8412

1. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATIONCAPES - Portal de Periódicos - <http://www.periodicos.capes.gov.br>DRJI - Directory of Research Journal Indexing - <http://www.drji.org>Diadorm - <http://diadorm.ibict.br>Dialnet - <https://dialnet.unirioja.es>DOAJ - <https://doaj.org>EBSCO - <http://www.ebsco.com>Genamics JournalSeek - <http://journalseek.net>Latindex - <http://www.latindex.org>Sumários.org - <http://www.sumarios.org>

F ó R U M L I N G U Í S T ! C O

VOLUME 15 | NÚMERO 1 | JAN./MAR.2018

eISSN 1984-8412

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

Forum linguist. | Florianópolis | v. 15 | n.1 | p. 2804-2939 | jan./mar.2018.

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Edair Maria Gorski . UFSC, Florianópolis, BR | Izabel Christine Seara . UFSC, Florianópolis, BR | Leandra Cristina de Oliveira . UFSC, Florianópolis, BR | Maria Inez Probst Lucena . UFSC, Florianópolis, BR | Núbia Ferreira Rech . UFSC, Florianópolis, BR | Rodrigo Acosta Pereira . UFSC, Florianópolis, BR | Rosângela Pedralli . UFSC, Florianópolis, BR | Sandro Braga . UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Amanda Machado Chraim . UFSC, Florianópolis, BR| João Paulo Zarelli Rocha . UFSC, Florianópolis, BR | Josa Coelho da Silva Irigoite . UFSC, Florianópolis, BR | Lygia Barbachan Schmitz. UFSC, Florianópolis, BR| Suziane da Silva Mossmann- UFSC, Florianópolis, BR

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Adail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva** . UFPR, Curitiba, BR | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | Aleksandra Piasecka-Till . UFPR, Curitiba, BR | Angela Bustos Kleiman . UNICAMP, Campinas, BR | **Ani Carla Marchesan** . UFFS, Chapecó, BR | Benedito Gomes Bezerra . UFP, Recife, BR | **Benjamin Meisnitzer, Johannes Gutenberg Universität Mainz**, GER | Bento Carlos Dias da Silva . UNESP, Araraquara, BR | **Christina Abreu Gomes** . UFRJ, Rio de Janeiro, BR | Cláudia Regina Brescancini . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Dóris de Arruda C. da Cunha** . UFPE, Recife, BR | Dulce do Carmo Franceschini . UFU, Uberlândia, BR | **Edwiges Maria Morato** . UNICAMP, Campinas, BR | Eleonora Albano . UNICAMP, Campinas, BR | **Eliana Rosa Sturza** . UFSM, Santa Maria, BR | Elisa Battisti . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Fábio José Rauen** . UNISUL, Tubarão, BR | Fernanda Coelho Liberali . PUC-SP, São Paulo, BR | **Francisco Alves Filho** . UFPI, Terezina, BR | Gabriel de Ávila Othero . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Georg A Kaiser, Universität Konstanz**, GER | Heloísa Pedroso de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura** . UFSC, Florianópolis, BR | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **João Carlos Cattelan** . UNIOESTE, Cascavel, BR | João Wanderley Gerald . UNICAMP, Campinas, BR | **José Luís da Câmara Leme** . Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, PT | Leonor Sciar Cabral . UFSC, Florianópolis, BR | Letícia Fraga . UEPG, Ponta Grossa, BR | Lilian Cristine Hübner . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Lucilia Maria Sousa Romão** . USP, Ribeirão Preto, BR | Luiz Francisco Dias . UFMG, Belo Horizonte, BR | **Lurdes Castro Moutinho** . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT | Marci Fileti Martins . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka – PUCSP, São Paulo**, BR | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria de Lourdes Dionísio, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho**, PT | Maria Izabel Santos Magalhães . UNB, UFC, Fortaleza, BR | **Maria Margarida M. Salomão** . UFJF, Juiz de Fora, BR | María Ángeles Sastre Ruano, Universidad de Valladolid, ESP | **Mariangela Rios de Oliveira – UFF**, Niterói, BR | **Marigia Ana de Moura Aguiar** . UNICAP, Recife, BR | Marta Cristina Silva – UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti** . UFSC, Florianópolis, BR | Morgana Fabíola Cambrussi . UFFS, Chapecó, BR | **Nicanor Nicanor Rebollo Recendiz** . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX | Nívea Rohling da Silva . UFTPR, Curitiba, BR | **Rainer Enrique Hamel** . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX | Rosângela Hammes Rodrigues . UFSC, Florianópolis, BR | **Sinfree Makoni, Universidade Estadual da Penssylvania**, EUA | Solange Coelho Vereza . UFF, Niterói, BR | **Telisa Furlanetto Graeff** . UPF, Passo Fundo, BR | Tony Berber Sardinha . PUC-SP, São Paulo, BR | **Vânia Cristina Casseb Galvão** . UFG, Goiânia, BR | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE

Guy Yanai, La Colombe d'Or, 2018, oil on linen, 150x180 cm
 Courtesy of artist and of Miles McEnery Gallery, NYC
 Guy Yanay – Israel – www.guy-yanay.com

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN

Pedro P. V. – Florianópolis, Brasil

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

APRESENTAÇÃO / Presentación / Presentation	2812
ATILIO BUTTURI JUNIOR	
ARTIGO / ARTÍCULO / ARTICLE	
A MARCAÇÃO DA MODALIDADE DEÔNTICA NO PARESI La marcación de la modalidad deóntica en Paresi Marking of deontic modality in Paresi	2816
NÚBIA FERREIRA RECH E ANA PAULA BRANDÃO	
O PERCURSO DIACRÔNICO DOS ADJETIVOS ADNOMINAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU: SÉCULOS XVI AO XIX El recorrido diacrónico de los adjetivos adnominales en Portugués Europeo: siglos XVI a XIX The diachronic course of adnominal adjectives in European Portuguese: from the 16th to the 19th century	2828
CRISTINA DE SOUZA PRIM	

URBANIZAÇÃO E MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E AS REPRESENTAÇÕES DA FALA CAIPIRANAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS 	2843
<i>Urbanización y monitoreo estilístico: la variación lingüística y representación del habla rural en las historietas Urbanization and stylistic monitoring: linguistic variation and the representations of rural speech in comic book</i>	

PEDRO DANIEL DOS SANTOS SOUZA E AMANDA KEROLAINY BRAGA SANTOS

VARIANTES DE CAMBALHOTA E DE BOLINHA DE GUDE DE CAPITAIS DO NORDESTE NOS DICIONÁRIOS ELETRÔNICOS HOUAISS E AURÉLIO: UMA ANÁLISE METALEXICOGRÁFICA A PARTIR DOS DADOS DO ALiB 	2860
<i>Variantes de cambalhota y de bolinha de gude de capitales del Nordeste en los diccionarios electrónicos Houaiss y Aurelio: un análisis metalexicográfica a partir de los datos del ALiB The variants of cambalhota and bolinha de gude used in the capital cities of the Northeast region in Houaiss and Aurélio electronic dictionaries: a metalexicographic analysis from alib data</i>	

RODRIGO ALVES SILVA E MARCELO ALESSANDRO LIMEIRA DOS ANJOS

TEXTO E IDEOLOGIA: A ANÁLISE DE DISCURSO TEXTUALMENTE ORIENTADA	2875
<i>Texto e ideología: el análisis de discurso textualmente orientada Text and ideology: text-oriented discourse analysis</i>	

MARIA EDUARDA GONÇALVES PEIXOTO E RUBERVAL FERREIRA

“NÃO PENSE EM CRISE, TRABALHE”: O JOGO DA HISTÓRIA NA TRAMA DA LÍNGUA “No piense en crisis, trabaje”: el juego de la historia en la trama de la lengua 	2891
<i>“Don’t think about the crisis, work”: the role of history in the plot of Language</i>	

DANTIELLI ASSUMPÇÃO GARCIA E LUCÍLIA MARIA ABRAHÃO E SOUZA

VERBOS DICENDI NA NOTÍCIA: PONTOS DE UM CONTINUUM ARGUMENTATIVO NA CONSTRUÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE Verbos dicendi en la noticia: puntos de un continuum argumentativo en la construcción de la intertextualidad Verba dicendi in the news: points of an argumentative continuum in the construction of intertextuality	2903
---	------

ALCIONE TEREZA CORBARI E QUÉZIA CAVALHEIRO M. RAMOS

O DICIONÁRIO E O IMAGINÁRIO DO VERBETE GOLPE El diccionario y el imaginario de la entrada golpe The dictionary and the imaginary behind the term golpe	2924
---	------

MARIA SIRLEIDY DE LIMA CORDEIRO

ENSAIO / ENSAYO/ ESSAY

POLÍTICAS DE TRADUÇÃO: UM TEMA DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS? Políticas de Traducción: ¿un tema de Políticas Lingüísticas? Translation Policies: a theme of Linguistic Policies?	2939
---	------

SILVANA AGUIAR DOS SANTOS E CAMILA FRANCISCO

F Ó R U M
L I N G U Í S T ! C O

A P R E S E N T A Ç Ã O

VOLUME 15, NÚMERO 1, JAN./MAR.2018

A *Fórum Linguístico (FL)*, periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, inicia com este volume 15 (número 1, jan./mar. 2018), mais um ano de publicação. A revista, criada em 1998, completa em 2018 vinte anos de existência. Nessa história, foram 38 edições e a colaboração intensa de autores nacionais e internacionais, pareceristas, revisores, editores e leitores. A presente edição, dando prosseguimento ao trabalho do periódico, conta com 8 artigos e 1 ensaio, resultantes de pesquisas realizadas de diferentes perspectivas dos estudos linguísticos, característica que tem marcado a *Fórum* desde a sua criação.

Abrindo esta nova edição da *Fórum Linguístico*, o artigo **A marcação da modalidade deôntica no Paresi**, de autoria das pesquisadoras Núbia Ferreira Rech, da Universidade Federal de Santa Catarina, e Ana Paula Brandão, da Universidade Federal do Pará, toma como objeto de investigação a partícula *maika* do Paresi, língua indígena do Mato Grosso. A partir de discussões da Sintaxe e da Semântica, as autoras mapeiam os contextos em que ocorre a marcação da modalidade deôntica – do tipo *ought-to-be* e *ought-to-do*.

Cristina de Souza Prim, pesquisadora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, é a autora do segundo dos artigos do número 1 de 2018 da *Fórum*, **O percurso diacrônico dos adjetivos adnominais do Português Europeu: séculos XVI ao XIX**. O escrito analisa dados do *Corpus Histórico do Português Europeu* e atenta para o papel desempenhado pela sintaxe na mudança da ordem dos adjetivos no português (da posição pré-nominal para a pós-nominal), defendendo a hipótese de que os determinantes exercem influência na posição dos adjetivos.

O terceiro artigo da presente edição da *FL* intitula-se **Urbanização e monitoração estilística: a variação linguística e as representações da fala caipira nas histórias em quadrinhos**. Seus autores, Pedro Daniel dos Santos Souza (pesquisador da Universidade do Estado da Bahia e da Universidade Federal da Bahia) e Amanda Kerolainy Braga Santos (pesquisadora Universidade do Estado da Bahia), partem dos debates da Sociolinguística e produzem uma análise comparativa do que chamam de “tipificação” do falar caipira em diferentes revistas do personagem Chico Bento.

O quarto artigo a figurar no volume 15, número 1, da *Fórum Linguístico* é **Variantes de cambalhota e de bolinha de gude de capitais do Nordeste nos dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio: uma análise metalexicográfica a partir dos dados do ALiB**. Seu autor, Rodrigo Alves Silva, pesquisador da Universidade Federal do Piauí, tem por objetivo descrever, segundo uma perspectiva dialetológica, o tratamento dos regionalismos – *cambalhota* e *bolinha de gude* – materializado nos dicionários e no *Atlas Linguístico do Brasil*.

Por sua vez, Maria Eduarda Gonçalves Peixoto e Ruberval Ferreira, pesquisadores da Universidade Estadual do Ceará, são os autores do quinto artigo desta primeira *Fórum* de 2018, **Texto e ideologia: a análise de discurso textualmente orientada**. O artigo percorre uma série de reflexões teóricas sobre a relação entre texto e ideologia para debruçar-se sobre as especificidades que a Análise de Discurso Textualmente Orientada sugere para o tratamento teórico-metodológico de tal relação, tendo em vista a concepção de vida social mediada textualmente.

“Não pense em crise, trabalhe”: o jogo da história na trama da língua é o sexto artigo que ora é publicado na *Fórum Linguístico* (v.15, n.1, 2018). Suas autoras, Dantielli Assumpção Garcia (pesquisadora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e Lucília Maria Abrahão e Sousa (pesquisadora da Universidade de São Paulo), desde a Análise do Discurso de Linha Francesa, mobilizam conceitos como *efeito metafórico* e *modalidade de identificação* para analisar o enunciado “Não pense em crise, trabalhe”, de Michel Temer, e a materialização de discursos de contraidentificação e resistência suscitados nas redes sociais.

O sétimo dos artigos desta primeira edição de 2018 (v.15, n.1) da *Fórum Linguístico* intitula-se **Verbos dicendi na notícia: pontos de um continuum argumentativo na construção da intertextualidade**. Suas autoras, Alcione Tereza Corbari e Quêzia Cavalheiro M. Ramos, pesquisadoras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, partem da perspectiva sociointeracionista e analisam duas notícias (cujo objeto é um confronto entre MST e Polícia Militar), publicadas na edição on-line do jornal *Gazeta do Povo* e na página do PT no Senado, a fim de investigar as estratégias argumentativas materializadas nos verbos *dicendi* dos textos selecionados, segundo a ordem do ethos de objetividade jornalística.

O último texto da seção *Artigos* desta edição da *FL* (revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC) é **O dicionário e o imaginário do verbete golpe**, de autoria de Maria Sirleidy de Lima Cordeiro, pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco. Fundamentada nas discussões da História das Ideias Linguísticas e da Análise do Discurso, a autora recorre a dicionários dos séculos XVIII, XIX e XX para inquirir acerca da produção e da estabilização de sentidos do verbete *golpe*, levando em conta suas condições de produção e apontando a relação entre os dicionários e o imaginário sobre a língua.

Na seção *Ensaio*, o texto **Políticas de Tradução: um tema de Políticas Linguísticas?**, de Silvana Aguiar dos Santos, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, e Camila Francisco, pesquisadora da Universidade do Vale do Itajaí, traz à tona a ausência de debates acadêmicos acerca das relações entre os campos das Políticas Linguísticas e os Estudos da Tradução, o que redundaria na invisibilidade das Políticas de Tradução, não obstante a importância fulcral desses estudos, sobretudo quando se trata de Libras e das comunidades surdas.

Finalizada a apresentação dos trabalhos que compõem este primeiro número de 2018 da *Fórum Linguístico*, cabe agradecer aos autores e autoras dos artigos, aos avaliadores e avaliadoras *ad hoc*, às leitoras e aos leitores da revista, aos membros do corpo editorial, editores, bolsista e artistas gráficos, aos funcionários do Setor de Periódicos da UFSC e, finalmente, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, pelo apoio constante e irrestrito. Além disso, cabe ainda convidar para a leitura e a divulgação dos textos deste volume 15, número 1, de 2018 da revista.

ATILIO BUTTURI JUNIOR

Editor-chefe

A MARCAÇÃO DA MODALIDADE DEÔNTICA NO PARESI

LA MARCACIÓN DE LA MODALIDAD DEÓNTICA EN PARESI

MARKING OF DEONTIC MODALITY IN PARESI

Núbia Ferreira Rech*

Universidade Federal de Santa Catarina

Ana Paula Brandão**

Universidade Federal do Pará

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma descrição e análise da partícula *maika* em Paresi, uma língua indígena falada por aproximadamente 3000 pessoas no estado do Mato Grosso. Nossa pesquisa teve por base dados retirados de textos ou elaborados por consultores falantes nativos do Paresi. Nosso aporte teórico foi os estudos de Brennan (1993), Hacquard (2006, 2010), Palmer (1986), von Fintel (2006), Pires de Oliveira e Rech (2016) e Rech e Varaschin (2017, no prelo). Constatamos que o Paresi apresenta marcações distintas para as modalidades deôntica e epistêmica. Estas são expressas através de partículas: *maika* e *kala*, respectivamente. Nossa análise, ainda em etapa inicial, sinaliza que *maika* corresponde a uma partícula indicadora de modalidade deôntica do tipo *ought-to-be*, quando ocorre com segunda pessoa; e *ought-to-do*, quando ocorre com terceira pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Paresi. Modalidade deôntica. Sintaxe. Semântica.

RESUMEN: En este artículo, presentamos una descripción y análisis de la partícula *maika* en Paresi, una lengua indígena hablada por aproximadamente 3000 personas en el Estado de Mato Grosso. Nuestra investigación tuvo como base datos recopilados de textos o elaborados por consultores hablantes nativos del Paresi. El aporte teórico fue los estudios de Brennan (1993), Hacquard (2006, 2010), Palmer (1986), von Fintel (2006), Pires de Oliveira y Rech (2016) y Rech y Varaschin (2017, en prensa). Constatamos que el Paresi presenta marcas distintas para las modalidades deónica y epistémica. Estas se expresan a través de partículas: *maika* y *kala*, respectivamente. Nuestro análisis, aún en etapa inicial, señala que *maika* corresponde a una partícula indicadora de modalidad deónica del tipo *ought-to-be*, cuando ocurre con segunda persona; y *ought-to-do*, cuando ocurre con tercera persona.

PALABRAS CLAVE: Paresi. Modalidad deónica. Sintaxis. Semántica.

ABSTRACT: In this article, we present a description and analysis of the *maika* particle in Paresi, an indigenous language spoken by approximately 3000 people in the state of Mato Grosso. Our research was based on data taken from texts or given by consultants who were Paresi native speakers. Our theoretical framework consisted on the studies of Brennan (1993), Hacquard (2006, 2010), Palmer (1986), von Fintel (2006), Pires de Oliveira and Rech (2016) and Rech and Varaschin (2017, forthcoming).

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: nubiarech@pq.cnpq.br

** Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: apbrandao7@gmail.com.

We found out Paresi presents distinct markers for deontic and epistemic modalities. These are expressed through the particles: *maika* and *kala*, respectively. Our analysis, still in an initial stage, indicates *maika* corresponds to a particle that indicates *ought-to-be* deontic modality, when it occurs with the second person; and *ought-to-do*, when it occurs with the third person.

KEYWORDS: Paresi. Deontic modality. Syntax. Semantics.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, nos propomos a descrever e analisar o emprego da partícula *maika* em Paresi. Esta língua pertence à família Aruák e é falada no Mato Grosso por uma população de aproximadamente 3000 pessoas. Os dados do Paresi foram retirados de um banco de dados de texto ou elaborados durante a pesquisa, com a colaboração de consultores falantes nativos de Paresi.¹ Supomos que *maika* constitui um marcador de modalidade deôntica no Paresi, proposta que discutiremos ao longo do artigo com a apresentação de alguns indícios nessa direção. Um dos nossos objetivos aqui é criar a base para que se possa avaliar, no Paresi, a hipótese de Pires de Oliveira e Rech (2016), de que deônticos precisam checar o traço agentividade [+Ag] com um dos participantes do evento ao qual são relativizados. Essa hipótese poderá ser testada apenas quando avançarmos na descrição dos recursos para a expressão da modalidade nessa língua. Até o momento, constatamos que o Paresi apresenta mais de uma marca para indicar diferentes interpretações modais: *kala* - modalidade epistêmica; e *maika* - modalidade deôntica.

O Paresi é uma língua indígena brasileira com uma descrição gramatical razoável em comparação com outras línguas indígenas². Mesmo assim, ainda há muito a ser investigado. Os estudos do Paresi a que tivemos acesso não descrevem, por exemplo, a marcação de modalidade deôntica nessa língua, nosso foco de investigação neste artigo. Pires de Oliveira e Rech (2016) assumem que há dois tipos de deônticos, conforme Brennan (1993) e Hacquard (2006, 2010): (i) deônticos *ought-to-do*, em que a obrigação ou permissão recai sobre um participante do evento descrito pelo VP, normalmente o sujeito da sentença; e (ii) deônticos *ought-to-be*, em que a ordem/obrigação ou permissão recai sobre um participante do evento de fala: o *addressee*. O participante sobre o qual recai a orientação do modal irá checar o traço [+Ag], licenciando, assim, a interpretação deôntica em posição baixa (*ought-to-do*); ou em posição alta (*ought-to-be*). Essa proposta sinaliza que o componente sintático determina, pelo menos em parte, a interpretação do modal. Logo, a modalidade corresponderia a um fenômeno de interface sintaxe-semântica, como argumenta Hacquard (2006, 2010).

O Paresi, por exibir um sistema de alinhamento semântico³, no qual é marcada a distinção entre predicados agentivos e não agentivos, pode lançar luzes sobre o estudo dos núcleos modais no português brasileiro (PB) e demais línguas nominativas. Isso porque, de acordo com a proposta de Pires de Oliveira e Rech (2016), as propriedades do predicado sob o escopo do modal podem interferir na sua interpretação. Para investigarmos essa hipótese no Paresi, é necessário, antes, identificar a marcação de modalidade deôntica nessa língua e mapear os contextos em que figura, nosso principal objetivo neste artigo. Nossa apporte teórico para a descrição e análise de *maika* como um marcador de modalidade deôntica no Paresi é Palmer (1986), Brennan (1993), von Fintel (2006), Hacquard (2006, 2010) e Pires de Oliveira e Rech (2016).

O artigo está organizado de forma a, na seção 1, apresentar dados de línguas de tipologias diferentes – o PB e o Paresi – que fundamentam a proposta de Pires de Oliveira e Rech (2016) para a interpretação dos deônticos. Na seção 2, apresentamos uma descrição de *maika*, justificando nossa hipótese de que se trata de uma partícula (subseção 2.1) e que corresponde a um marcador de modalidade deôntica (subseção 2.2). Por fim, tecemos algumas considerações sobre o emprego da partícula *maika* com verbos na segunda e terceira pessoas.

¹ O banco de dados contém textos que foram coletados, transcritos e traduzidos por Brandão e consultores do Paresi durante o período de 2006 a 2014. Alguns dados com *maika* foram extraídos de sentenças elaboradas por consultores falantes nativos de Paresi que atuam como colaboradores do projeto “Modalidade deôntica e traço de controle em Português e Paresi”, da Universidade Federal do Pará (Portaria 012/2016).

² Ver Silva (2009, 2013); e Brandão (2010, 2014).

³ A denominação ‘alinhamento semântico’ é mais genérica que os termos ‘ergatividade cindida’ e ‘intransitividade cindida’, que se aplicam exclusivamente a línguas acusativas ou ergativas. O termo ‘alinhamento semântico’ assume apenas que os fatores que afetam o tratamento diferencial dos sujeitos de verbos intransitivos é semântico, podendo envolver papéis semânticos, aspecto e aspecto lexical (DONOHUE; WICHMANN, 2008).

2 PREDICADOS AGENTIVOS E NÃO AGENTIVOS E A INTERPRETAÇÃO DEÔNTICA OUGHT-TO-DO

Em Paresi, os verbos podem ser identificados de acordo com a valência verbal e o papel semântico de seus sujeitos. Em termos da valência, os verbos podem ser intransitivos, transitivos ou bitransitivos; em termos de papel semântico dos seus sujeitos, os verbos intransitivos podem ser classificados ainda em agentivos ou não-agentivos, dependendo do tipo de proclítico de pessoa que eles tomam. A divisão no grupo de verbos intransitivos no Paresi é marcada morfologicamente da seguinte forma: i) alguns verbos intransitivos recebem a mesma marcação de sujeito que os verbos transitivos (os proclíticos do grupo A com a vogal *a*); ii) enquanto outros recebem uma marcação de sujeito diferente (os proclíticos do grupo B).

	<i>Grupo A</i>	<i>Grupo B</i>
1sg	na=	no=
2sg	ha=	hi=
3sg	Ø=	Ø=
1pl	wa=	wi=
2pl	za=	xi=
3pl	Ø=...-ha	Ø=...-ha

Tabela 1: grupos dos proclíticos em Paresi

Fonte: Brandão (2014, p. 81)

De acordo com Brandão (2014), os verbos que recebem os marcadores do grupo A são aqueles cujos participantes são atores que performam a situação denotada pelo predicado. Verbos que recebem marcadores do grupo B são aqueles cujos participantes são *undergoers*, ou seja, não performam o evento descrito pelo predicado. Vejamos os exemplos a seguir:

- (1) a. **na**=zawatya haira⁴
 1SG=jogar bola
 'Eu joguei a bola.' (E)⁵
- b. **na**=tona (argumento de verbo inergativo)
 1SG=caminhar
 'Eu caminhei' (E)
- (2) **no**=waini-hena (argumento de verbo inacusativo)
 1SG=morrer-TRS
 'Eu vou morrer.'
 (BRANDÃO, 2014, p. 24).

No Paresi, o caso correspondente ao argumento externo de verbos transitivos coincide com o caso dos pronomes que figuram com verbos monoargumentais de ação, denominados inergativos, como se verifica em (1a, 1b). Já o caso correspondente ao argumento de predicados inacusativos é distinto, conforme (2).

⁴ AFF-Afectivo, BEN-Benefactivo, COP-Copula, DEO-Deôntico, ENF- Ênfase, EPIST-Epistêmico, IFV-Imperfectivo, LOC-locativo, M-Masculino, NEG-Negação, NMLZ-Nominalizador, O-Objeto, PERF-Perfectivo, PL-Plural, SG-Singular, TOP-Tópico, TRS-Transicional, VM- Voz média.

⁵ A fonte dos exemplos do banco de dados Paresi é especificada através dos seguintes códigos: T indica que os exemplos são de textos; e E indica que os exemplos foram elaborados pelos consultores falantes nativos do Paresi.

É importante notar ainda que o Paresi atribui marcação de caso distinta a pronomes que se adjungem a predicados estativos, evidenciando uma diferença no interior dessa classe: alguns estativos figuram com proclíticos do grupo A, enquanto outros figuram com proclíticos do grupo B. Nos exemplos a seguir, é possível verificar esse contraste:

- (3) a. **na**=waiye-ze-hekola
1SG=ser.bom-NMLZ-?
'Eu sou prudente' (E)
 - b. **na**=waiye-ze-hare
1SG=ser.bom-NMLZ-M
'Eu sou uma pessoa legal' (E)
(BRANDÃO, 2014, p. 234).
- (4) a. **no**=waxirahare
1SG=ser.feio
'Eu sou feio' (E)
 - b. **no**=maira
1SG=ter.medo
'Eu tenho medo' (E)
(BRANDÃO, 2014, p. 241).

Os exemplos de (1) a (4) revelam que a distribuição de caso gramatical no Paresi não pode ser explicada por uma oposição entre a classe dos estativos e as demais classes aspectuais (atividades, *accomplishments* e *achievements*), em que a primeira, por ser marcada com o traço [-dinâmico], não figuraria com pronomes com caso correspondente a argumentos agentivos; e as demais, por serem marcadas com o traço [+dinâmico], figurariam com pronomes com caso agentivo na função de sujeito. A ocorrência de predicados estativos com pronomes flexionados tanto no caso associado a argumentos agentivos, conforme (3a, 3b), quanto no caso associado a argumentos não agentivos, conforme (4a, 4b), indica que há estados passíveis de controle, conforme já sinalizado em Parsons (1990), Basso e Ilari (2004) e Rech e Varaschin (no prelo). Destacamos que o sistema de distribuição de casos no Paresi apresenta evidências de que a marcação de caso não é arbitrária e, ainda, aponta a importância da noção semântica de agentividade/controle para esse sistema.

Em línguas nominativas, os predicados estativos não carregam marcas morfológicas que nos permitam distinguir entre os passíveis e os não passíveis de controle. Cabe observar, entretanto, que apenas parte dos estativos – aqueles que figuram com proclíticos do grupo A no Paresi – ocorrem na forma progressiva. Observemos o exemplo a seguir, transcrito de Parsons (1990, p. 35):

- (5) John is being silly (... being a fool).
John está sendo bobo (... um tolo)

Para o autor, a ocorrência do progressivo com *be silly* ou *be a fool* revela que estes predicados exibem propriedades eventivas em (5), remetendo ao modo como *John* age em determinada situação, e não a uma marca do seu caráter. Neste caso, *John* comporta-se como um *tolo* ao realizar algum(ns) evento(s), como *contar piadas* ou *convidar insistentemente uma garota para sair*, em uma situação específica, que pode ser *durante uma festa*, por exemplo. Logo, o uso destes predicados pressupõe, neste contexto, um argumento com traços agentivos. Nossa proposta para explicar os casos de estativos do Paresi que se combinam com marcadores do Grupo A é a de que estativos passíveis de controle podem corresponder a uma eventualidade incrementada, que contém subeventos que resultam na manifestação da propriedade descrita pelo predíco estativo, à semelhança do que Rothstein (2004) propõe para inacusativos *achievements* relacionados a movimento em direção a um lugar físico, como *arrive* (chegar), que se combinam com o aspecto progressivo e, igualmente, resultam de subeventos realizados por um participante agentivo⁶.

⁶ Ver Rech e Varaschin (2017).

A marcação de caso no Paresi revela que alguns predicados – inergativos, transitivos, inacusativos *achievements* associados a deslocamento no espaço e estativos passíveis de controle – descrevem eventos em que atua (direta ou indiretamente) um participante agentivo; enquanto outros – demais inacusativos e estativos não passíveis de controle – não. É interessante observar que os primeiros correspondem a predicados que licenciam interpretação deôntica do tipo *ought-to-do* (em que a obrigação ou permissão recai sobre o sujeito da sentença) no PB, ao passo que os outros correspondem a predicados que oferecem restrição a este tipo de interpretação, conforme Pires de Oliveira e Rech (2016); e Rech e Varaschin, (2017, no prelo). Vejamos alguns exemplos a seguir:

- (6)
 - a. Mariana deve trabalhar neste final de semana.
(Mod_{Deôntico})
 - b. Mariana deve morrer neste final de semana.
(Mod_{Deôntico})

A sentença (6a) pode ser empregada em contextos nos quais a obrigação é orientada para o sujeito da sentença: a responsabilidade sobre a realização do evento recai sobre Mariana; ou para o *addressee*, que deve garantir que Mariana realize o evento descrito na sentença. No primeiro caso, o modal *deve* é classificado como um deôntico do tipo *ought-to-do*. Segundo Hacquard (2006), este tipo de deôntico é relativizado ao evento descrito pelo VP, tendo acesso a seus participantes – dentre os quais está o sujeito da sentença, o que permite sua interpretação em posição baixa. No segundo caso, o modal corresponde a um deôntico *ought-to-be*, sendo relativizado ao evento de fala e a seus participantes; é interpretado, portanto, em posição alta. Já a sentença (6b) não permite essas duas interpretações para o deôntico. Pires de Oliveira e Rech (2016), em estudo experimental sobre os deônticos, constataram que os falantes do PB atribuem ao deôntico apenas a interpretação do tipo *ought-to-be* quando este forma sequência com um predicado como *morrer*. A leitura deôntica disponível para a sentença (6b) é aquela em que a ordem/obrigação recai sobre o *addressee*, que deve garantir a realização do evento *Mariana morrer neste final de semana*.

As sentenças do exemplo (6) mostram que a interpretação *ought-to-do* não está sempre disponível ao deôntico. Pires de Oliveira e Rech (2016) e Rech e Varaschin (2017), assumindo que modais são relativizados a eventos, conforme Hacquard (2006, 2010), propõem que o deôntico precisa checar o traço [+Ag] com um dos participantes do evento ao qual está relativizado. De acordo com esses autores, a interpretação deôntica *ought-to-do* requer a presença de um participante agentivo em posição baixa (integrando o evento descrito no VP), o qual é selecionado por predicados inergativos e transitivos, mas não por inacusativos. Esta proposta dá conta de explicar as diferenças entre (6a) e (6b) em relação à interpretação deôntica *ought-to-do*, uma vez que em (6b) o modal é relativizado a um evento descrito por um predicado inacusativo; logo, sem um participante agentivo.

A restrição à interpretação deôntica do tipo *ought-to-do* também foi verificada em construções com alguns predicados estativos, justamente com aqueles que correspondem aos marcados com proclíticos do grupo B no Paresi. Nas sentenças do exemplo a seguir, apresentamos casos em que o modal *deve* forma sequência com estativos passíveis de controle, em (7a), e não passíveis de controle, em (7b-c):

- (7)
 - a. Carlos deve ser cauteloso na reunião.
(√Ought-to-be/√Ought-to-do)
 - b. Joana deve ser alta.
(*Ought-to-be/*Ought-to-do)
 - c. A protagonista da nova série deve ser alta.
(√Ought-to-be/*Ought-to-do)

Conforme Rech e Varaschin (no prelo), o estativo *ser cauteloso* é passível de controle, mediante o controle que o argumento deste predicado (*Carlos*) pode exercer sobre eventos que resultem no estado *ser cauteloso* (*na reunião*), tais como: *analisar os pronunciamentos dos outros membros antes de fazer uma proposta, ponderar antes de tomar uma decisão, calcular os riscos de uma negociação, analisar pós e contras etc.* Por *Carlos* ter controle sobre um conjunto de eventos que acarretam o estado *ser cauteloso*, o

deôntico em (7a) pode ser interpretado em posição baixa, como um *ought-to-do*. A interpretação *ought-to-be* também está disponível para (7a), responsabilizando o ouvinte (*addressee*) – um participante do evento de fala – por garantir a eventualidade descrita na sentença: *Carlos ser cauteloso na reunião*. Nas sentenças (7b) e (7c), o predicado estativo sob o escopo do modal não é passível de controle; logo, a restrição à interpretação deôntica do tipo *ought-to-do* já era esperada. Não faz sentido dar uma ordem ou responsabilizar alguém pela manifestação de propriedade sobre o qual não se tem controle, como *ser alto*. (7b) não admite nenhum tipo de interpretação deôntica porque nem Joana (sujeito da sentença) nem qualquer outra pessoa (um participante do evento de fala – o *addressee*) tem controle sobre a altura de Joana. Já a sentença (7c) admite a interpretação deôntica *ought-to-be*, por o DP sobre o qual recai a propriedade *ser alta* não ter ainda sua referência definida. Neste caso, o *addressee* recebe a ordem para monitorar o processo de seleção da protagonista de tal forma que o resultado seja a escolha de um referente que já manifeste a propriedade *ser alta*, e não para monitorar a propriedade em si, que não é passível de monitoramento.

Segundo o que vimos argumentando, a interpretação *ought-to-do* só estará disponível ao modal quando houver um participante agentivo no evento descrito pelo VP para checar o traço [+Ag] do deôntico. Por isso, é esperada a interpretação deôntica *ought-to-do* em construções com predicados inergativos e transitivos, mas não com inacusativos ou estativos. Rech e Varaschin (2017) mostram, entretanto, que o modal pode ser interpretado como um deôntico *ought-to-do* em construções com predicados inacusativos. Os autores argumentam que inacusativos *achievements* relacionados a movimento em direção a um lugar físico, como *chegar, sair, entrar, surgir, aparecer, desaparecer...*, correspondem a culminação de evento(s) passível(is) de ser(em) controlado(s) por um participante com a mesma referência do argumento do inacusativo. Com base em Rothstein (2004), os autores assumem que o evento descrito pelo VP corresponde, neste caso, a uma estrutura incrementada cujo predicado inacusativo descreve o ponto de culminação de um *accomplishment* derivado. Logo, nas fases preparatórias do evento descrito no VP, há um participante agentivo que pode checar o traço [+Ag] do deôntico, licenciando, assim, uma interpretação do tipo *ought-to-do*. Essa interpretação não está disponível em construções com inacusativos como *nascer, crescer, cair, florescer...*, por estes descreverem eventos que não podem ser controlados por um participante com a mesma referência do argumento do inacusativo. Os autores estendem essa proposta aos predicados estativos (RECH; VARASCHIN, no prelo), que também podem ser subclassificados em passíveis e não passíveis de controle, como sinaliza a marcação de caso agentivo e não agentivo em Paresi.

Nosso propósito neste artigo é investigar uma possível marcação de modalidade deôntica no Paresi: a partícula *maika*. Se a hipótese de autores como Pires de Oliveira e Rech (2016) e Rech e Varaschin (2017, no prelo) estiver correta, não apenas para o PB, mas também para outras línguas naturais como o Paresi, é esperado que uma leitura deôntica orientada para o sujeito da sentença só ocorra com predicados que no Paresi figuram com proclíticos do grupo A. Nas seções subsequentes, passamos à análise de *maika* no Paresi, argumentando a favor de que se trata de uma partícula indicadora de modalidade deôntica. Conforme sinalizamos na introdução, o mapeamento das marcas de modalidade no Paresi é importante para investigar, nessa língua, a hipótese de que o predicado sob o escopo do modal exerce influência na sua interpretação. Essa investigação será possível apenas depois de avançarmos no conhecimento das marcas de modalidade no Paresi. Com este artigo, pretendemos contribuir com essa descrição.

2 MODALIDADE DEÔNTICA EM PARESI: O CASO DE MAIKA

2.1 MORFOSSINTAXE DA PARTÍCULA MAIKA

Segundo Lyons (1977), a modalidade tem suas raízes na lógica modal dentro da filosofia da linguagem, a qual a relaciona com as noções de necessidade e possibilidade. As duas principais categorias são as modalidades deôntica e epistêmica. A modalidade deôntica está relacionada mais especificamente à necessidade e à possibilidade de atos performados por agentes responsáveis moralmente, sendo caracterizada pela obrigação e permissão (LYONS, 1977; PALMER, 1986). Já a epistêmica está relacionada ao conhecimento do falante em relação a uma proposição (PALMER, 1986; KRATZER, 2012).

Van der Auwera e Ammann (2013) e Bybee et al. (1994) observam que há marcações distintas para as modalidades deôntica e epistêmica nas línguas por eles investigadas, diferentemente do que ocorre em línguas como o português brasileiro (PB), o inglês, o italiano e o espanhol, em que um mesmo item lexical pode expressar mais de um tipo de modalidade. Como exemplos de línguas

com marcação diferente para modalidade deôntica e epistêmica, podemos citar Paresi (BRANDÃO, 2014), Evenki (van der AUWERA; AMMANN, 2013), St'at'imcets (MATTHEWSON et al., 2005), Gitksan (MATTHEWSON ET AL., 2013), Javanês (VANDER KLOK, 2008) e Kakataibo (VALLE, 2015). Uma das questões a ser abordada neste artigo refere-se ao tipo de marca usada para expressar modalidade deôntica no Paresi.

De acordo com van der Auwera e Ammann (2013) e Cinque (1999, 2006), a noção de modalidade pode ser expressa por affixos, por auxiliares modais ou, ainda, por outros tipos de marcadores, tais como partículas e advérbios. Temos por hipótese que a modalidade deôntica no Paresi é marcada por partícula, conforme argumentamos ao longo desta subseção.

Partículas correspondem a morfemas independentes fonologicamente e sem marcas de morfologia nominal nem verbal, conforme Zwicky (1985). O fato de não receberem morfemas flexionais diferencia as partículas dos verbos, que podem receber marcas de pessoa, mudança de valência (causativos, recíproco, voz média) e morfemas de aspecto. O comportamento das partículas em relação à flexão não as diferencia, entretanto, da classe dos advérbios, que também não ocorrem com morfemas flexionais. Segundo Cruschina (2010), as principais propriedades que permitem distinguir partículas de advérbios nas línguas naturais são as seguintes: (i) partículas são palavras funcionais, pertencendo, portanto, a uma classe fechada; já os advérbios correspondem a uma classe aberta; (ii) partículas não podem ser coordenadas, enquanto advérbios podem figurar com um outro advérbio na sentença.

Conforme Brandão (2014), no Paresi essas diferenças não se sustentam. Os advérbios pertencem a uma classe fechada nessa língua, semelhante às partículas, e correspondem a apenas um tipo semântico: advérbios temporais. Estes podem ocorrer na posição inicial da sentença, como em (8), ou na posição final, como em (9):

(8)	kalini	wi=wawa	wi=tsaon-ita	witso-ta
	hoje	1PL=sozinho	1PL=COP-IFV	1PL-ENF
'Hoje nós estamos sozinhos' (BRANDÃO, 2014, p.132).				

(9)	maitsa	ala	maiha	Ø=tyo-ita	kalini
	NEG	EPIST	NEG	3SG=vir-IFV	hoje
'Eu acho que ele não vem hoje' (E)					

Já as partículas podem estar associadas a categorias como negação, modalidade e aspecto. Cabe observar que, no Paresi, nenhuma partícula ocorre no final da sentença, diferenciando-se, assim, dos advérbios. Na próxima seção, ilustramos esse emprego a partir de exemplos com *maika*, que, de acordo com nossos dados, não ocorre na última posição da sentença.

2.2 MAIKA – MARCADOR DE MODALIDADE DEÔNTICA

A partícula *maika* foi primeiramente descrita como uma marca de sugestão cortês por Brandão (2014). Nossa hipótese é de que essa partícula expressa modalidade deôntica, com um uso, preferencialmente, como direutivo, caracterizando um ato de fala performativo - com marcação explícita de segunda pessoa. Essas propriedades são comuns tanto a construções em que ocorre um deôntico alto (do tipo *ought-to-be*) quanto a construções imperativas. O que nos leva a supor que *maika* corresponde a uma partícula indicadora de modalidade deôntica - e não de imperativo - é sua ocorrência também com terceira pessoa, com sujeito explícito por sintagma nominal.

O uso de *maika* pode expressar tanto obrigação (10) como permissão (11), como vemos nos exemplos abaixo com segunda pessoa:

- (10) Contexto: Diana gosta de comer chocolate o tempo todo quando está de férias.
Então, Marina, a mãe de Diana, antes de ir trabalhar, dá a seguinte instrução à babá:

maika	makani	weta	taita	chocolateDiana	ana	h=itsa
DEO	amanhã	cedo	apenas	chocolateDiana	BEN	2SG=dar

'Você deve dar para Diana chocolate apenas de manhã cedo'/ Dê para Diana chocolate apenas de manhã cedo/'. (E)

- (11) Paula, **maika** h=ehokoty-*oa*⁷
Paula DEO 2SG=deitar-VM
'Paula, pode deitar' (BRANDÃO, 2014, p. 229).

O exemplo (10) ilustra o emprego de *maika* como ordem/obrigação, com sujeito expresso por proclítico de segunda pessoa (*h=*). Este mesmo proclítico aparece em (11), em que *maika* assume uma conotação de permissão. Tanto em (10) quanto em (11), a partícula *maika* é empregada como diretivo⁸; mas especificamente, tem um uso performativo, impondo uma obrigação ou dando uma permissão ao interlocutor (*addressee*), que, nestes exemplos, é correferencial ao sujeito da sentença. Considerando que, nestes casos, a modalidade deôntica – de ordem/obrigação e permissão – é orientada para um participante do evento de fala (o *addressee*) e está ancorada no tempo de fala, associamos esses empregos de *maika* ao deôntico alto (do tipo *ought-to-be*). Cabe observar a ocorrência, em nossos dados, de *maika* com segunda pessoa em narrativas sobre fatos no passado, mas apenas em trechos com discurso direto, conforme (12):

- (12) “**maika** x=itse-het-ene enomanaFUNAI nali” Ø=neye
DEO 2SG=dar-PERF-3O BEN FUNAI LOC 3SG=dizer
“Eles diziam: ‘ - Você deve entregar isto para ele na Funai” (T)

Em (12), à semelhança dos exemplos (10) e (11), *maika* figura com marca de segunda pessoa, recaindo a obrigação sobre o *addressee*. Por tratar-se de um ato performativo, o tempo da ordem é ou o momento da fala, como em (10) e (11), ou o momento da fala reportada em situações de discurso direto, como em (12). Observa-se que as informações acessadas para a interpretação de *maika* – tanto no que se refere ao participante sobre o qual recai a orientação do modal quanto sobre o tempo da ordem – são disponibilizadas a partir do evento ao qual o modal é relativizado. Por isso, nos exemplos de (10) a (12), vimos associando *maika* à interpretação deôntica alta (*ought-to-be*). É importante notar, entretanto, que o ato performativo está associado também à forma imperativa. Assim, o uso performativo de *maika* por si só não é suficiente para sua classificação como deôntico *ought-to-be*. Por essa razão, passamos a apresentar propriedades da forma imperativa no Paresi em contraste com a partícula *maika*.

O imperativo é um tipo de sentença básica (SADOCK; ZWICKY, 1985), que em geral expressa comando, isto é, impõe uma obrigação ao ouvinte (von FINTEL; IATRIDOU, 2017). Segundo von Fintel e Iatridou (2017) e Alcázar e Saltarelli (2014), o imperativo, além de expressar comando, pode ter outros usos considerados fracos, como por exemplo: permissão, pedido, exigência, desejo, súplica, convite e conselho. Outras propriedades de imperativos em geral são: i) estar associado ao tempo presente (momento da fala) ou futuro/irrealis; e ii) ser relativizado a eventos controláveis, requerendo um participante agentivo (ALCÁZAR; SALTARELLI, 2014).

⁷ Este exemplo foi empregado em um contexto no qual o falante dava permissão à pesquisadora para deitar em sua rede.

⁸ Segundo Lyons (1977), diretivos são enunciados que impõem, ou propõem, alguma tomada de ação ou padrão de comportamento e indicam que o mesmo deve ser executado. Incluem comandos, exigências, pedidos, súplicas e alertas, exortação e recomendação.

No Paresi, semanticamente, as sentenças no imperativo são usadas para expressar obrigação, permissão, conselho ou convite. Nessa língua, o imperativo não é marcado morfologicamente, aproximando-se nessa propriedade do inglês⁹, conforme Brandão (2014). Em sentenças imperativas, como as do exemplo (13) a seguir, o verbo pode aparecer com marca de segunda pessoa e sem marcas de tempo ou aspecto, conforme (13a); ou pode aparecer com marca de segunda pessoa e marca de aspecto transitacional (-*hena* – também usada no futuro), conforme (13b) e (13c). Cabe observar, ainda, que essas construções possuem um padrão entonacional distinto do correspondente a sentenças declarativas e interrogativas.

- (13) a. **ha=fitya** natyo, ama Kokote!
2SG=enterrar 1SG mãe Kokotero
'Me enterre, mãe Kokotero!' (BRANDÃO, 2014, p. 400).
- b. **hi=tsaone-hena** atyo ali!
2SG=ficar-TRS TOP aqui
'Fique aqui!' (E)
- c. **za=tseme-hena**, ira zoima-nae!
2SG=escutar-TRS AFF criança-PL
'Escutem, minhas queridas crianças!' (BRANDÃO, 2014, p. 342).

Em (13a), o verbo *fitya* (enterrar) aparece com marca de segunda pessoa do singular (*ha=*). Em (13b) e (13c), os verbos *tyaona* (ficar) e *tsema* (escutar) exibem, além da marca de segunda pessoa (singular *hi=* e plural *za=*), marcação de aspecto (-*hena*). Note que, em Paresi, um contexto de obrigação ou permissão envolvendo um ato performativo pode ser expresso através de uma sentença imperativa, como em (13); ou de uma sentença com *maika*, como nos exemplos de (10) a (12). A relação estreita entre o imperativo e a modalidade deôntica é apontada em trabalhos como os de Palmer (1986), Bybee et al. (1994), Portner (2007), Kaufmann (2012) e von Fintel e Iatridou (2017). De acordo com Palmer (1986), o imperativo se assemelha em muitos aspectos ao sistema deôntico, ou melhor, a um subsistema chamado de diretivo. O que nos levou a descartar a hipótese de que *maika* corresponderia a uma marca de imperativo foi sua ocorrência com morfema de terceira pessoa em nossos dados, conforme mostram as sentenças em (14) na sequência.

Há duas construções possíveis para expressar obrigatoriedade com o verbo na terceira pessoa em Paresi: (i) ocorrência de *maika* com sujeito expresso por um sintagma nominal (SN) e o verbo com morfema zero, indicador de terceira pessoa, conforme (14a); e (ii) ocorrência de *maika* com sujeito marcado apenas através do morfema zero de terceira pessoa; este caso ocorre quando o referente que corresponde ao sujeito já foi mencionado como um SN no discurso, conforme (14b):

- (14) a. **maika=ra baba Zatyamare Ø=aitse-hena hozore [...], ama Kokote, Ø=nea**
DEO=AFF pai Zatyamare 3SG=matar-TRS robalo mãe Kokote 3SG=dizer
"Meu pai Zatyamare deverá matar robalo, minha mãe Kokotero', ela disse" (T)
- b. **eaotseta maika wakamo Ø=aitse-hena its=ene no=mani**
então DEO tuvira 3SG=matar-TRS dar-3O 1SG=BEN
'Então, deverá matar tuvira e me dar' (T)

O exemplo (14a) apresenta uma construção sintática em que o sujeito é expresso por sintagma nominal (*baba Zatyamare*). Nesta sentença, o sujeito está posposto à partícula *maika* e anteposto ao verbo. Já em (14b), o sujeito é marcado pelo morfema zero de terceira pessoa, cujo referente é recuperável no contexto.

⁹ Conforme Palmer (1986, p. 29), em sentenças do inglês o imperativo não é marcado formalmente, como se verifica em Come in! (Entre!).

Os usos de *maika* com terceira pessoa, além de nos levarem a descartar a hipótese de que essa partícula é marca de imperativo, corroboram nossa análise de *maika* como um marcador de modalidade deôntica. Conforme argumentamos na seção 1, a modalidade deôntica pode estar associada a um ato de fala performativo, que corresponde a uma ordem ou permissão dada ao *addressee* (participante de um evento de fala), como nos exemplos de (10) a (12); ou a uma asserção, quando corresponde ao relato de uma ordem/obrigação ou permissão orientada para o sujeito da sentença (participante de um evento descrito pelo VP), como em (14a, 14b). Sentenças imperativas não correspondem a asserções.

Nossos dados sinalizam que *maika* figura com segunda pessoa em sentenças performativas e com terceira pessoa em sentenças assertivas. Essa distribuição revela semelhanças entre essa partícula e os modais deônticos do PB, que podem igualmente ser orientados para o *addressee* (interlocutor) ou para o sujeito da sentença (terceira pessoa). É necessário avançar na descrição do Paresi para nos certificarmos de que *maika* corresponde, de fato, a um marcador de modalidade deôntica que pode ser interpretado tanto em posição alta (como um deôntico do tipo *ought-to-be*) quanto em posição baixa (como um deôntico *ought-to-do*). Os dados a que tivemos acesso até o momento sinalizam nessa direção. Para tecer considerações mais precisas, é necessária uma análise aprofundada desta partícula, investigando, inclusive, seu emprego em construções com predicados que figuram com proclíticos do grupo A, do que nos ocuparemos em pesquisas futuras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos uma descrição de *maika* como uma partícula indicadora de modalidade deôntica do tipo *ought-to-be* e *ought-to-do*. Inicialmente, apresentamos a hipótese de Pires de Oliveira e Rech (2016) de que deônticos precisam checar um traço [+Ag] com um participante do evento ao qual estão relativizados. Esta hipótese foi motivada por dados do Paresi e do PB.

Na sequência, na subseção 2.1, apresentamos propriedades morfossintáticas de *maika*, dando indícios de que se trata de uma partícula. Na subseção 2.2, argumentamos na direção de que *maika* corresponde a um indicador de modalidade deôntica tanto em atos performativos como em asserções. A partir da proposta de Hacquard (2006, 2010), supomos que, no primeiro caso, *maika* seja relativizado ao evento de fala – com orientação para o *addressee*, figurando com morfema de segunda pessoa; no segundo caso, seja relativizado ao evento descrito pelo VP – com orientação para o sujeito, figurando com terceira pessoa.

A partir dessa análise preliminar da modalidade deôntica em Paresi, pretendemos, em pesquisa futura, investigar o emprego de *maika* em construções com predicados que figuram com proclíticos do grupo A e do grupo B. Dessa forma, supomos ser possível testar a restrição de deônticos do tipo *ought-to-do* a predicados não agentivos. Esperamos que *maika* não forme sequência com quaisquer predicados no Paresi, à semelhança do que foi constatado para os deônticos *ought-to-do* no PB (cf. PIRES DE OLIVEIRA; RECH, 2016).

REFERÊNCIAS

- ALCÁZAR, A.; SALTARELLI, M. *The syntax of imperatives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- BASSO, R; ILARI, R. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004.
- BRANDÃO, A. P. A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak). 2014. 457f. Tese (Doutorado) – University of Texas at Austin, Austin, 2014.
- _____. *Verb morphology in Paresi-Haliti (Aruák)*. 66f. [Qualificação de Doutorado]. The University of Texas at Austin, 2010. [acesso restrito].

- BRENNAN, V. *Root and Epistemic modal auxiliary verbs*. 1993. 455f. Dissertation (Ph.D.) – University of Massachusetts, Amherst, 1993.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: OUP, 1999.
- _____. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, 2006.
- CRUSCHINA, S. On the syntactic status of sentential adverbs and modal particles. *Language Typology and Universals (STUF)*, Germany, v. 63, n. 4, p. 345–357, 2010.
- DONOHUE, M.; WICHMANN, S. (Ed.). *The Typology of Semantic Alignment*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HACQUARD, V. *Aspects of modality*. 2006. 214f. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.
- _____. On the event relativity of modal auxiliaries. *Natural Language Semantics*, Netherlands, v. 18, n. 1, p. 79-114, 2010.
- KAUFMANN, M. *Interpreting imperatives*. Dordrecht: Springer, 2012.
- KRATZER, A. *Modals and conditionals*. New York: Oxford University Press, 2012.
- LYONS, J. *Semantics*. v. 1-2. Cambridge University Press, 1977.
- MATTHEWSON, L. Gitksan Modals. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 79, n. 3, p. 349-394, 2013.
- MATTHEWSON, L; RULLMAN, H.; DAVIS, H. Modality in St'át'imcets. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON SALISH AND NEIGHBORING LANGUAGES, 40., 2005, Vancouver. *Proceedings...* University of British Columbia Working Papers in Linguistics, 2005. p. 93-112. Disponível em: <<http://semarch.linguistics.fas.nyu.edu/Archive/zRmNWFKM/Modality%20in%20Stimcets.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.
- PALMER, R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PARSONS, T. *Events in the semantics of English*. Cambridge (MA): MIT Press, 1990.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; RECH, N. F. Flavors of obligation: the syntax/semantics of deontic deve in Brazilian Portuguese. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.51, n.3, p.349-357, 2016.
- PORTNER, P. Imperatives and modals. *Natural Language Semantics*, v. 15, n. 4, p. 351-383, 2007.
- RECH, N. F.; VARASCHIN, G. Predicados inacutativos e a modalidade deôntica. *Revista Letras*, Curitiba, n. 96, p. 219-238, 2017.
- _____. Predicados estativos e os tipos de deôntico: ought-to-do e ought-to-be. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Universidade Federal de Campinas. [no prelo].
- ROTHSTEIN, S. *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect*. Malden. MA & Oxford: Blackwell, 2004.
- SADOCK, J.; ZWICKY, A. Speech act distinctions. In syntax. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description*. v. I: Clause structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SILVA, G. *Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti*. 2013. 602f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. *Fonologia da língua Paresi-Haliti (Aruák)*. 319f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

VALLE, Daniel. Modality in Kakataibo. *Interdisciplinary studies on information structure*, Postdam, v. 19, p.111-137, 2015.

VAN DER AUWERA, J.; AMMANN, A. Situational possibility. In: DRYER, M.; HASPELMATH, M. (Ed.). *The world atlas of Language structures online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/74>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

VANDER KLOK, J. Javanese modals. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN LINGUISTIC ASSOCIATION, 2008, Vancouver. *Proceedings...* Toronto: University of Toronto, 2008. Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~acl-acl/actes2008/CLA2008_VanderKlok.pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2016.

VON FINTEL, K.; IATRIDOU, S. A modest proposal for the meaning of imperatives. In: ARREGUI, A.; RIVERO, M.; SALANOVA, P. (Ed.). *Modality across syntactic categories*. New York: Oxford University Press, 2017.

ZWICKY, A. Clitics and particles. *Language*, Washington, v. 61, n.2, p. 283-305, 1985.

Recebido em 17/06/2017. Aceito em 08/08/2017.

MARKING OF DEONTIC MODALITY IN PARESI

A MARCAÇÃO DA MODALIDADE DEÔNTICA NO PARESI

LA MARCACIÓN DE LA MODALIDAD DEÓNTICA EN PARESI

Núbia Ferreira Rech^{*}

Universidade Federal de Santa Catarina

Ana Paula Brandão^{**}

Universidade Federal do Pará

ABSTRACT: In this article, we present a description and analysis of the *maika* particle in Paresi, an indigenous language spoken by approximately 3000 people in the state of Mato Grosso. Our research was based on data taken from texts or given by consultants who were Paresi native speakers. Our theoretical framework consisted on the studies of Brennan (1993), Hacquard (2006, 2010), Palmer (1986), von Fintel (2006), Pires de Oliveira and Rech (2016) and Rech and Varaschin (2017, forthcoming). We found out Paresi presents distinct markers for deontic and epistemic modalities. These are expressed through the particles: *maika* and *kala*, respectively. Our analysis, still in an initial stage, indicates *maika* corresponds to a particle that indicates *ought-to-be* deontic modality, when it occurs with the second person; and *ought-to-do*, when it occurs with the third person.

KEYWORDS: Paresi. Deontic modality. Syntax. Semantics.

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma descrição e análise da partícula *maika* em Paresi, uma língua indígena falada por aproximadamente 3000 pessoas no estado do Mato Grosso. Nossa pesquisa teve por base dados retirados de textos ou elaborados por consultores falantes nativos do Paresi. Nosso aporte teórico foi os estudos de Brennan (1993), Hacquard (2006, 2010), Palmer (1986), von Fintel (2006), Pires de Oliveira e Rech (2016) e Rech e Varaschin (2017, no prelo). Constatamos que o Paresi apresenta marcações distintas para as modalidades deôntica e epistêmica. Estas são expressas através de partículas: *maika* e *kala*, respectivamente. Nossa análise, ainda em etapa inicial, sinaliza que *maika* corresponde a uma partícula indicadora de modalidade deôntica do tipo *ought-to-be*, quando ocorre com segunda pessoa; e *ought-to-do*, quando ocorre com terceira pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Paresi. Modalidade deôntica. Sintaxe. Semântica.

RESUMEN: En este artículo, presentamos una descripción y análisis de la partícula *maika* en Paresi, una lengua indígena hablada por aproximadamente 3000 personas en el Estado de Mato Grosso. Nuestra investigación tuvo como base datos recopilados de textos o elaborados por consultores hablantes nativos del Paresi. El aporte teórico fue los estudios de Brennan (1993), Hacquard

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: nubiarech@pq.cnpq.br.

** Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: apbrandao7@gmail.com.

(2006, 2010), Palmer (1986), von Fintel (2006), Pires de Oliveira y Rech (2016) y Rech y Varaschin (2017, en prensa). Constatamos que el Paresi presenta marcas distintas para las modalidades deónica y epistémica. Estas se expresan a través de partículas: maika y kala, respectivamente. Nuestro análisis, aún en etapa inicial, señala que maika corresponde a una partícula indicadora de modalidad deónica del tipo *ought-to-be*, cuando ocurre con segunda persona; y *ought-to-do*, cuando ocurre con tercera persona.

PALABRAS CLAVE: Paresi. Modalidad deónica. Sintaxis. Semántica.

1 INTRODUCTION

The goal of this article is to describe and analyze the uses of the *maika* particle in Paresi. This language belongs to the Arawak family and is spoken in Mato Grosso by approximately 3000 people. The Paresi data were either taken from a text database or elicited from Paresi native speaker consultants.¹ We show some evidence that *maika* is a marking of deontic modality in Paresi. The description of deontic modality in Paresi will give the basis for testing, in future works, hypotheses about modality and agentivity, such as the hypothesis of Pires de Oliveira and Rech (2016). According to Pires de Oliveira and Rech (2016), deontics need to check the agentivity [+Ag] feature against one of the participants of the event to which the modals are relativized.

Paresi is a Brazilian indigenous language with a reasonable grammatical description compared to other indigenous languages (see Silva, 2009, 2013, and 2010 Brandão, 2014). Even so, much remains to be investigated. The studies of Paresi accessible to us do not describe, for example, the marking of deontic modality, which is the focus of our research in this article. Pires de Oliveira and Rech (2016) and Rech and Varaschin (2017, forthcoming), following Brennan (1993) and Hacquard (2006, 2010), assume there are two types of deontics: (i) *ought-to-do* deontics, where the obligation or permission falls on an event participant described by the VP, usually the subject of the sentence; and (ii) *ought-to-be* deontics, where the order/obligation falls on a speech event participant: the *addressee*. The participant of the event to which the modal is relativized checks the [+Ag] feature, thus licensing deontic interpretation in the low position (*ought-to-do*); or in the high position (*ought-to-be*). This proposal indicates the syntactic component determines, at least in part, the interpretation of the modal. Therefore, modality would correspond to a syntax-semantics interface phenomenon as Hacquard (2006, 2010) argues.

The study of modality in a language like Paresi, which displays a semantic alignment system marked by the distinction between agentive and non-agentive predicates, can shed light on the study of modals in Brazilian Portuguese (BP) and other nominative languages. According to Pires de Oliveira and Rech (2016), the predicate properties under the modal scope can interfere in the interpretation of the modal. In order to investigate this hypothesis in Paresi, it is necessary to first identify the deontic modality marking in that language and map the contexts in which it appears, our main goal in this article. Our theoretical basis for describing and analyzing *maika* as a deontic modality marker in Paresi is Palmer (1986), Brennan (1993), von Fintel (2006), Hacquard (2006, 2010) and Pires de Oliveira and Rech (2016).

The organization of the article is as follows: section 1 presents data from languages exhibiting different typologies – BP and Paresi – that support the proposal of Pires de Oliveira and Rech (2016) for the interpretation of deontics. In section 2, we present a description of *maika*, justifying our hypothesis that it is a particle (section 2.1) and corresponds to a deontic modality marker (section 2.2). Finally, section 3 provides some considerations about the use of the *maika* particle with verbs in the second and third persons.

¹ The database contains texts that were collected, transcribed and translated by Brandão and Paresi consultants during the period from 2006 to 2014. Some data with maika were elicited with Paresi native speakers consultants who worked as collaborators of the project "Modality deontic and control features in Portuguese and Paresi", Federal University of Pará (Document 012/2016).

2 AGENTIVE AND NON-AGENTIVE PREDICATES AND THE OUGHT-TO-DO DEONTIC INTERPRETATION

In Paresi, verbs can be classified according to verbal valency and subject thematic role. Regarding verbal valency, they can be intransitive, transitive or ditransitive. Regarding the thematic role of subjects, intransitive verbs can be classified as agentives or non-agentives depending on the type of person proclitic they take. The intransitive verbs are divided morphologically in the following: (i) some intransitive verbs take the same subject marking of transitive verbs (the proclitics of set A with the vowel a); (ii) while others take a different subject marking (the proclitics of set B).

	<i>Set A</i>	<i>Set B</i>
1sg	na =	no =
2sg	ha =	hi =
3sg	Ø =	Ø =
1pl	wa =	wi =
2pl	za =	xi =
3pl	Ø = ...-ha	Ø = ...-ha

Table 1: sets of proclitics in Paresi

Fonte: Brandão (2014, p. 81)

According to Brandão (2014), verbs that take the markers from set A are those whose participants are actors that perform the situation denoted by the predicate. Verbs taking set B markers are those whose participants are *undergoers*, i.e. they do not perform the event described by the predicate. Consider the following examples:

- (1) a. **na**=zawaty aира²
 1SG=throw ball
 'I threw the ball.' (E)³
 b. **na**=tona (argument of unergative verb)
 1SG=walk
 'I walked' (E)
- (2) **no**=waini-hena (argument of unaccusative verb)
 1SG=die-TRS
 'I will die.' (BRANDÃO, 2014, p. 24)

In Paresi, the case corresponding to the external argument of transitive verbs coincides with the case of proclitics that occur with mono-argument action verbs called unergatives, as seen in (1a-b). On the other hand, the case corresponding to the argument of an unaccusative predicate is distinct, as seen in (2).

It is important to note that the Paresi assigns different case marking to the pronouns that are attached to stative predicates, showing a difference within this class: some statives take proclitics from set A, while others take proclitics from set B. In the following examples, from Brandão (2014, p. 234-241), we can verify this contrast:

² AFF-Affective, BEN-Benefactive, COP-Copula, DEO-Deontic, ENF- Emphasis, EPIST-Epistemic, IFV-Imperfective, LOC-locativo, M-Masculine, NEG-Negation, NMLZ-Nominalizer, O-Object, PERF-Perfective , PL-Plural, SG-Singular, TOP-Topic, TRS-Transitional, VM-Middle Voice.

³ The source of the Paresi database examples is specified by the following codes: T indicates that the examples are from texts, and E indicates that the examples were elaborated by Paresi's native speaker consultants.

- (3) A. **na**=waiye-in-hekola

1SG = be.good-NMLZ-?

'I'm prudent' (E)

- B. **na**=waiye-ze-hare

1SG = ser.good-NMLZ-M

'I'm a good person' (E)

- (4) A. **no**=waxirahare

1SG = ser.feio

'I'm ugly' (E)

- B. **in** = maira

1SG = ter.medo

'I have fear' (E)

The examples from (1) to (4) show the distribution of the grammatical case in Paresi cannot be explained by an opposition between the class of statives and the other aspectual classes (activities, accomplishments and achievements). Statives are marked by the [-dynamic] feature, and do not occur with pronouns with a case corresponding to agentive arguments; and other aspectual classes are marked with the [+dynamic] feature and occur with pronouns with an agentive case in the subject function. There are states that are subject to control, as mentioned by Parsons (1990), Basso and Ilari (2004) and Rech and Varaschin (forthcoming). We emphasize the case distribution system in Paresi presents evidence that the case marking is not arbitrary and also points out the importance of the semantic notion of agentivity/control for this system. This evidence can be seen in the occurrences of stative predicates with inflected pronouns in the case corresponding to agentive arguments, as seen in (3a-b), as well as in the case corresponding to non-agentive arguments, as in (4a-b).

In nominative languages, the stative predicates do not carry morphological marks that allow us to distinguish between controllable or uncontrollable subjects. It should be noted, however, that only part of the statives – those that occur with proclitics from set A in Paresi – occurs in the progressive form. Consider the following from Parsons (1990, p. 35):

- (5) John is being silly (... being a fool).

For the author, the occurrence of the progressive with *be silly* or *be a fool* shows these predicates exhibit eventivity properties in (5), referring to the way *John* acts in a particular situation, and not to a mark of his character. In this case, *John* behaves like a *fool* for carrying out one or more event(s), such as *telling jokes* or *insistently inviting a girl out*, in a particular situation, which can be *at a party*, for example. Therefore, the use of these predicates presupposes, in this context, an argument with agentive features. In Paresi, statives that take set A markers with a controlled subject may correspond to an incremental eventuality, which contains subevents that result in the manifestation of the property described by the stative predicate. This analysis is similar to the one proposed by Rothstein (2004) to account for the unaccusative achievements related to a movement toward a physical place, such as *arrive*, which combine with the progressive aspect and also result from sub-events performed by an agentive participant (see RECH; VARASCHIN, 2017).

The case marking on Paresi shows some predicates – unergatives, transitives, unaccusative *achievements* associated with displacement in space, and statives that can be controlled – describe events in which an agentive participant operates (directly or indirectly); while others – unaccusatives and statives which cannot be controllable – do not. Interestingly, the first matches predicates that license deontic interpretation of the kind *ought-to-do* (where the obligation or permission is subject-oriented) in BP, while others correspond to predicates that provide a restriction to this type of interpretation (see PIRES DE OLIVEIRA; RECH, 2016; RECH; VARASCHIN, 2017, forthcoming). Here are some examples from Portuguese:

- (6) A. Mariana deve trabalhar neste final de semana. 'Mariana must work this weekend'
 (Mod_{Deontico})
 B. Mariana deve morrer neste final de semana. 'Mariana must die this weekend'
 (Mod_{Deontico})

The sentence (6a) can be used in contexts in which the obligation is oriented to the subject of the sentence: the responsibility for the realization of the event falls on Mariana; or to the *addressee*, who must ensure that Mariana performs the event described in the sentence. In the first case, the modal *must* is classified as an *ought-to-do* deontic. According to Hacquard (2006), this type of deontic is relativized to the event described by the VP, having access to its participants – among them is the subject of the sentence, who allows its interpretation in a low position. In the second case, the modal corresponds to an *ought-to-be* deontic, being relativized to the speech event and its participants; it is therefore interpreted in a high position. The sentence (6b) does not allow these two interpretations for the deontic. Pires de Oliveira and Rech (2016), in an experimental study on the deontic, found BP speakers attribute to the deontic only the *ought to-be* interpretation, when this forms a sequence with a predicate like *die*. The deontic reading available for the sentence (6b) is one in which the order/obligation falls on the *addressee*, who must ensure the realization of the event.

The sentences of example (6) show the *ought-to-do* interpretation is not always available to the deontic. Pires de Oliveira and Rech (2016) and Rech and Varaschin (2017), assuming that modals are relativized to events (cf. Hacquard, 2006, 2010), propose the deontic must check the [+Ag] feature against one of the participants of the event to which it is relativized. According to these authors, the *ought-to-do* deontic interpretation requires the presence of an agentive participant in the low position (incorporating the event described in the VP), which is selected by unergative predicates and transitives, but not unaccusatives. This proposal explains the differences between (6a) and (6b), with respect to the *ought-to-do* deontic interpretation, since in (6b) the modal is relativized to an event described by unaccusative predicate; then, without an agentive participant.

The restriction on the deontic interpretation of *ought-to-do* type was also found in constructions with some stative predicates, precisely those which correspond to the ones marked by set B proclitics in Paresi. In the following examples, we introduce cases in which the modal *deve* (must) forms a sequence with statives that can be controlled in (7a), and that cannot be controlled, (7b-c):

- (7) a. Carlos deve ser cauteloso na reunião. 'Carlos must be cautious in the meeting.'
 (√Ought-to-be/√Ought-to-do)
 b. Joana deve ser alta. 'Joana must be tall.'
 (*Ought-to-be/*Ought-to-do)
 c. A protagonista da nova série deve ser alta. 'The protagonist of the new series must be tall.'
 (√Ought-to-be/*Ought-to-do)

As Rech and Varaschin (forthcoming) point out, the stative *ser cauteloso* 'be cautious' is subject to control, as the argument of the predicate (*Carlos*) has control over the events that result in the state of *being cautious (the meeting)*, such as: *analyzing the statements of the other members before making a proposal, weighing up before making a decision, calculating the risks of a negotiation, analyzing post and cons, etc.* Because *Carlos* has control over a set of events that cause the state *be cautious*, the deontic in (7a) can be interpreted in a low position as an *ought-to-do*. The *ought-to-be* interpretation is also available for (7a), addressee-oriented – a speech event participant – for ensuring the event described in the sentence: *Carlos be cautious at the meeting*. In the sentences (7b) and (7c), the modal predicate under the modal scope is not controllable; therefore, the restriction on deontic interpretation of the type *ought-to-do* was expected. It makes no sense giving an order or blaming someone for the manifestation of an uncontrollable property, such as *being tall*. (7b) does not admit any deontic interpretation not because of Joana (the subject of the sentence) or because some other person (a speech event participant – the *addressee*) has control over Joana's height. The sentence in (7c) admits the *ought-to-be* deontic interpretation, because the DP, which contains the referent having the property of *being tall*, does not yet present a definite reference. In this case, the *addressee* receives the order to monitor the protagonist selection process, in such a way that the result is

the choice of a reference that already manifests the property *being tall*. He does not receive the order to monitor the property itself, which is not subject to monitoring.

According to what we have been arguing, the *ought-to-do* interpretation is only available to the modal when there is an agentive participant in the event described by VP, in order to check the [+Ag] feature of the deontic. Therefore, it is expected the *ought-to-do* deontic interpretation in constructions with unergatives and transitive predicates, but not unaccusatives or statives. Rech and Varaschin (2017) show, however, the modal can be interpreted as an *ought-to-do* deontic in constructions with unaccusative predicates. The authors argue *achievement* unaccusatives related to a movement toward a physical place, such as *to arrive*, *to get out*, *get in*, *appear*, and *disappear*, correspond to the culmination of events that can be controlled by a participant with the same reference of the unaccusative argument. Based on Rothstein (2004), the authors assume the event described by VP corresponds, in this case, to incremental structure whose unaccusative predicate describes the culmination point of a derived *accomplishment*. Therefore, in the preparatory phase of the event described in the VP, there is an agentive participant that can check the [+Ag] feature of the deontic, licensing thereby an interpretation of the *ought-to-do* type. This interpretation is not available in constructions with unaccusatives such as *being born*, *grow*, *fall*, *bloom*... because they describe events that cannot be controlled by a participant with the same reference of the unaccusative argument. The authors extend this proposal to stative predicates (RECH; VARASCHIN, forthcoming), which can also be subclassified into controllable and uncontrollable, as they signal the agentive and non-agentive case marking in Paresi.

Our purpose in this article is to investigate a possible deontic modality marking in Paresi: the particle *maika*. If the hypothesis above is correct, not only for BP but also for other natural languages like Paresi, it is expected that a deontic reading oriented to the subject of the sentence takes place only with predicates that in Paresi take the set A proclitics. In the following sections, we analyze the particle *maika* in Paresi, arguing it expresses deontic modality. As mentioned in the introduction, the mapping of modality markers in Paresi is important to investigate, in that language, the hypothesis that the predicate under the scope of the modal has influence in its interpretation. That research will be possible only after advancing the knowledge on deontic modality in Paresi. With this article, we intend to contribute to this description.

2.1 DEONTIC MODALITY IN PARESI: THE CASE OF MAIKA

2.1 MORPHOSYNTAX OF THE MAIKA PARTICLE

According to Lyons (1977), the modality has its roots in modal logic within the philosophy of language, which relates it to the notions of necessity and possibility. The two main categories are the deontic and epistemic modalities. The deontic modality is more specifically related to the necessity and possibility of acts performed by morally responsible agents, being characterized by obligation and permission (LYONS, 1977; PALMER, 1986). The epistemic is related to the knowledge of the speaker in relation to a proposition (PALMER, 1986; KRATZER, 2012).

Van der Auwera and Ammann (2013) and Bybee et al. (1994) note there are distinct markings for the epistemic and deontic modalities in the languages investigated by them, unlike what occurs in languages such as BP, English, Italian and Spanish, where the same lexical item can express more than one type of modality. As examples of languages with different marking for epistemic and deontic modality, we can mention Paresi (BRANDÃO, 2014), Evenki (van der AUWERA; AMMANN, 2013), St'at'imcets (MATTHEWSON et al., 2005), Gitksan (MATTHEWSON et al., 2013), Javanese (Vander Klok, 2008) and Kakataibo (VALLE, 2015). One of the issues to be addressed in this article is the type of marking used to express deontic modality in Paresi.

According to van der Auwera and Ammann (2013) and Cinque (1999, 2006), the notion of modality can be expressed by affixes, by modal auxiliaries or by other types of markers, such as particles and adverbs. We hypothesize that the deontic modality in Paresi is marked by a particle, as we will argue throughout this subsection.

Particles correspond to phonologically independent morphemes without markings of nominal or verbal morphology (cf. ZWICKY, 1985). The fact that they do not take inflectional morphemes differentiates the particles of verbs, which can take person, valence

changing (causative, reciprocal, middle voice) and aspect morphemes. The behavior of the particles in relation to the inflection does not differentiate them, however, from the class of adverbs, which also does not occur with inflectional morphemes. According to Cruschina (2010), the main properties that allow distinguishing particles from adverbs in the natural languages are: (i) particles are functional words, belonging, therefore, to a closed class – the adverbs already correspond to an open class –; and (ii) particles cannot be coordinated, while adverbs may appear with another adverb in the sentence.

According to Brandão (2014), in Paresi these differences do not hold. Adverbs belong to a closed class in this language, similar to particles, and correspond to only one semantic type: temporal adverbs. These adverbs can occur in the initial position of the sentence, as in (8), or in the final position, as in (9):

- (8) **kalini** wi=wawa wi=tsaon-ita witso-ta
today 1PL=alone 1PL=COP-IFV 1PL-ENF
'Today we are alone' (BRANDÃO, 2014, p. 132)

- (9) maitsa ala maiha Ø=tyo-ita **kalini**
NEG EPIST NEG 3SG=come-IFV today
'I think that he will not come today' (E)

Particles may be associated with categories such as negation, modality, and aspect. It should be noted, in Paresi, no particle occurs at the end of the sentence, thus differentiating itself from adverbs. In the next section, we illustrate this use from examples with *maika*, which, according to our data, does not occur in the sentence-final position.

2.2 MAIKA MARKER OF DEONTIC MODALITY

The *maika* particle was first described as a polite suggestion marker by Brandão (2014). Our hypothesis is that this particle expresses deontic modality, with a use, preferably, as a directive, characterizing a performative speech act – with overt second-person marking. These properties are common to constructions in which there is a high deontic (ought-to-be type) and imperatives. What leads us to suppose that *maika* corresponds to a particle indicative of deontic modality – and not of imperative – that is, as well, its occurrence with the third person, with overt subject expressed by a noun phrase.

The use of *maika* can express both obligation (10) and permission (11), as we see in the examples below with the second person. Example (11) was extracted from a conversation in which the speaker gave permission for the researcher to lay down in their hammock.

- (10) Context: Diana likes to eat chocolate all the time when she is on vacation.
Then, Marina, Diana's mother, before going to work, gives the following instruction to the nanny:

- maika** makani weta taita chocolate Diana ana h=itsa
DEO tomorrow early only chocolate Diana BEN 2SG=give
'You must give chocolate to Diana only early in the morning/ Give chocolate to Diana only early in the morning'. (E)

- (11) Paula, **maika** h=ehokoty-*oa*
Paula DEO 2SG=lie down-VM
'Paula, you can lay down' (BRANDÃO, 2014, p.229)

Example (10) illustrates the use of *maika* as order/obligation, with subject expressed by second person proclitic (*h=*). This same proclitic appears in (11), in which *maika* assumes a connotation of permission. In both (10) and (11), the *maika* particle is employed as a directive; more specifically, it has a performative use, imposing an obligation or giving a permission to the addressee, which, in

these examples, is co-referential to the subject of the sentence. Considering, in these cases, the deontic modality – order/obligation and permission – is oriented to a participant of the speech event (the addressee) and is anchored in speech time, we associate these uses of *maika* with the high deontic (ought-to-be type). Note the occurrence in our data of *maika* with the second person in narratives about facts in the past, but only in passages with direct discourse, as in (12):

- (12) “**maika** x=itse-het-ene enomana FUNAI nali” Ø=neye
 DEO 2SG=give-PERF-3O BEN FUNAI LOC
 3SG=say

“They said: ‘- You must give it to him at Funai’” (T)

In (12), as in examples (10) and (11), *maika* occurs with a second-person marking, with the obligation on the addressee. Since it is a performative act, the order time is either the moment of speech, as in (10) and (11), or the moment of speech reported in situations of direct speech, as in (12). We observe the information accessed for the interpretation of *maika* – with regards to the participant on which the modal orientation and the order time – are available in the speech event. Therefore, we have been associating *maika* with the high deontic interpretation (ought-to-be). It is important to note, however, the performative act is also associated with the imperative form. Thus, the performative use of *maika* alone is not enough for its classification as ought-to-be deontic. For this reason, we present below some properties of the imperative form in Paresi in contrast to the properties of *maika* particle.

The imperative is a kind of basic sentence (SADOCK; ZWICKY, 1985), which generally expresses a command, that is, imposes an obligation on the listener (von FINTEL; IATRIDOU, 2017). According to von Fintel and Iatridou (2017) and Alcázar and Saltarelli (2014), the imperative, in addition to expressing command, may have other uses considered weak, for example permission, request, demand, desire, plea, invitation, and advice. Other properties of imperatives in general are: i) to be associated with the present tense (moment of the speech) or future/irrealis; and ii) to be relativized to controllable events, requiring an agentive participant (ALCÁZAR; SALTARELLI, 2014).

In Paresi, semantically, sentences in the imperative are used to express obligation, permission, advice or invitation. In this language, the imperative is not morphologically marked, similar to English (BRANDÃO, 2014). In imperative sentences, as in example (13) below, the verb can occur with a second-person marker and without time or aspect markers, according to (13a); or it may occur with a second-person marker and transitional aspect marker (-*hena* – also used in the future), as (13b) and (13c). It should also be noted that these constructions have a distinct intonational pattern compared to declarative and interrogative sentences.

- (13) a. **ha**=fitya natyo, ama Kokote!
 2SG=plant 1SG mother Kokotero
 ‘Bury me, mother Kokotero!’ (BRANDÃO, 2014, p.400)
- b. **hi**=tsaone-**hena** atyo ali!
 2SG=stay-TRS TOP here
 ‘Stay here!’ (E)
- c. **za**=tseme-**hena**, ira zoima-nae!
 2SG=listen-TRS AFF children-PL
 ‘Listen, children!’ (BRANDÃO, 2014, p. 342)

In (13a), the verb *fitya* (bury) occurs with a second-person singular marker (*ha*=). In (13b) and (13c), the verbs *tyaona* (stay) and *tsema* (listen) display, in addition to the second person marker (singular *hi*= and plural *za*=), aspect marking (-*hena*).

Note that in Paresi, a context of obligation or permission involving a performative act can be expressed through an imperative sentence, as in (13); or a sentence with *maika*, as in examples from (10) to (12). The close relationship between the imperative and the deontic modality is pointed out in works such as Palmer (1986), Bybee et al. (1994), Portner (2007), Kaufmann (2012) and von Fintel and Iatridou (2017). According to Palmer (1986), the imperative resembles in many respects the deontic system, or rather a subsystem called a directive. What led us to rule out the hypothesis that *maika* would correspond to an imperative marker was its occurrence with the third person morpheme in our data, as shown in (14) sentences in the sequence.

There are two possible constructions to express obligatoriness with the verb in the third person in Paresi: (i) occurrence of *maika* with subject expressed by a noun phrase (NP) and the verb with the third person zero morpheme, according to (14a); and (ii) occurrence of *maika* with subject marked only through the third person zero morpheme; this case occurs when the referent corresponding to the subject has already been mentioned as an NP in speech, according to (14b):

- (14) a. **maika=ra baba Zatyamare Ø=aitse-hena hozore [...], ama Kokote, Ø=nea**
 DEO=AFF father Zatyamare 3SG=kill-TRS robalo mother Kokote 3SG=say
 "My father Zatyamare must kill robalo fish, my mother Kokotero', she said" (Kokotero)
- b. **eaotseta maika wakamo Ø=aitse-hena its=ene no=mani**
 then DEO tuvira 3SG=kill-TRS give-3O 1SG=BEN
 'Then, he must kill tuvira fish and give me' (Kokotero)

Example (14a) presents a syntactic construction in which the subject is expressed by a noun phrase (*baba Zatyamare*). In this sentence, the subject is postponed to the *maika* particle and placed before the verb. Whereas in (14b), the subject is marked by the morpheme zero of the third person, whose referent is recoverable in the context.

The uses of *maika* with the third person, besides leading us to discard the hypothesis that this particle is a marker of imperative, corroborate our analysis of *maika* as a marker of deontic modality. As we argued in section 1, the deontic modality may be associated with a performative speech act, which corresponds to an order or permission given to the addressee, as in examples from (10) to (12); or an assertion, when it corresponds to the report of an order/obligation or permission oriented to the subject of the sentence (participant of the event described in the VP), as in (14a-b). Imperative sentences do not correspond to assertions.

Our data indicate that *maika* occurs with the second person in performative sentences and with the third person in assertive sentences. This distribution reveals similarities between this particle and the deontic modals of BP, which may also be oriented to the addressee or to the subject of the sentence (third person). It is necessary to advance in the description of Paresi to make sure that *maika* corresponds, in fact, to a deontic modality marker that can be interpreted either in the high position (as an ought-to-be deontic) or in the low position (as an ought-to-do deontic). The data we have access so far indicate that our hypothesis is right. In order to make more precise considerations, an in-depth analysis of this particle is necessary, investigating its use in constructions with predicates that occur with proclitics of set A, which we will deal with in future researchers.

3 FINAL CONSIDERATIONS

In this paper, we present a description of *maika* as a particle that expresses an ought-to-be and ought-to-do deontic modality. Initially, we present the hypothesis of Pires de Oliveira and Rech (2016) that deontics need to check a [+Ag] feature against a participant of the event to which they are relativized. This hypothesis was motivated by Paresi and BP data.

In the sequence (section 2.2.1), we present morphosyntactic properties of *maika*, giving indications that it is a particle. In section 2.2.2, we argue that *maika* corresponds to an indicator of deontic modality in both performative acts and assertions. From the proposal of Hacquard (2006, 2010), we suppose that, in the first case, *maika* is relativized to the speech event – with orientation to the addressee, occurring with second person morpheme; in the second case, it is relativized to the event described by the VP – with orientation towards the subject, occurring with the third person.

From this preliminary analysis of the deontic modality in Paresi, we intend, in future research, to investigate the use of maika in constructions with predicates that occur with proclitics of set A and set B. Thus, we suppose it is possible to test the restriction of deontics of the ought-to-do type to non-agentive predicates. We hope that *maika* does not form a sequence with any non-agentive predicates in Paresi, as was the case for the ought-to-do deontics in BP (see PIRES DE OLIVEIRA; RECH, 2016).

REFERENCES

- ALCÁZAR, A.; SALTARELLI, M. *The syntax of imperatives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- BASSO, R; ILARI, R. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004.
- BRANDÃO, A. P. *A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)*. 2014. 457f. Tese (Doutorado) – University of Texas at Austin, Austin, 2014.
- _____. *Verb morphology in Paresi-Haliti (Aruák)*. 66f. [Qualificação de Doutorado]. The University of Texas at Austin, 2010. [acesso restrito].
- BRENNAN, V. *Root and Epistemic modal auxiliary verbs*. 1993. 455f. Dissertation (Ph.D.) – University of Massachusetts, Amherst, 1993.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: OUP, 1999.
- _____. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, 2006.
- CRUSCHINA, S. On the syntactic status of sentential adverbs and modal particles. *Language Typology and Universals (STUF)*, Germany, v. 63, n. 4, p. 345–357, 2010.
- DONOHUE, M.; WICHMANN, S. (Ed.). *The Typology of Semantic Alignment*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HACQUARD, V. *Aspects of modality*. 2006. 214f. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.
- _____. On the event relativity of modal auxiliaries. *Natural Language Semantics*, Netherlands, v. 18, n. 1, p. 79-114, 2010.
- KAUFMANN, M. *Interpreting imperatives*. Dordrecht: Springer, 2012.

KRATZER, A. *Modals and conditionals*. New York: Oxford University Press, 2012.

LYONS, J. *Semantics*. v. 1-2. Cambridge University Press, 1977.

MATTHEWSON, L. Gitksan Modals. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 79, n. 3, p. 349-394, 2013.

MATTHEWSON, L; RULLMAN, H.; DAVIS, H. Modality in St'át'imcets. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON SALISH AND NEIGHBORING LANGUAGES, 40., 2005, Vancouver. *Proceedings...* University of British Columbia Working Papers in Linguistics, 2005. p. 93-112. Disponível em: <<http://semarch.linguistics.fas.nyu.edu/Archive/zRmNWFkM/Modality%20in%20Sttimcets.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

PALMER, R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PARSONS, T. *Events in the semantics of English*. Cambridge (MA): MIT Press, 1990.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; RECH, N. F. Flavors of obligation: the syntax/semantics of deontic deve in Brazilian Portuguese. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.51, n.3, p. 349-357, 2016.

PONTNER, P. Imperatives and modals. *Natural Language Semantics*, v. 15, n. 4, p. 351-383, 2007.

RECH, N. F.; VARASCHIN, G. Predicados inacutativos e a modalidade deôntica. *Revista Letras*, Curitiba, n. 96, p. 219-238, 2017.

_____. Predicados estativos e os tipos de deôntico: ought-to-do e ought-to-be. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Universidade Federal de Campinas. [no prelo].

ROTHSTEIN, S. *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect*. Malden. MA & Oxford: Blackwell, 2004.

SADOCK, J.; ZWICKY, A. Speech act distinctions. In syntax. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description*. v. I: Clause structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SILVA, G. *Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti*. 2013. 602f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. *Fonologia da língua Paresi-Haliti (Aruá)*. 319f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

VALLE, Daniel. Modality in Kakataibo. *Interdisciplinary studies on information structure*, Postdam, v. 19, p.111-137, 2015.

VAN DER AUWERA, J.; AMMANN, A. Situational possibility. In: DRYER, M.; HASPELMATH, M. (Ed.). *The world atlas of Language structures online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/74>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

VANDER KLOK, J. Javanese modals. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN LINGUISTIC ASSOCIATION, 2008, Vancouver. *Proceedings...* Toronto: University of Toronto, 2008. Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~acl-acl/actes2008/CLA2008_VanderKlok.pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2016.

VON FINTEL, K.; IATRIDOU, S. A modest proposal for the meaning of imperatives. In: ARREGUI, A.; RIVERO, M.; SALANOVA, P. (Ed.). *Modality across syntactic categories*. New York: Oxford University Press, 2017.

ZWICKY, A. Clitics and particles. *Language*, Washington, v. 61, n.2, p. 283-305, 1985.

Recebido em 17/06/2017. Aceito em 08/08/2017.

O PERCURSO DIACRÔNICO DOS ADJETIVOS ADNOMINAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU: SÉCULOS XVI AO XIX

EL RECORRIDO DIACRÓNICO DE LOS ADJETIVOS ADNOMINALES EN PORTUGUÉS
EUROPEO: SIGLOS XVI A XIX

THE DIACHRONIC COURSE OF ADNOMINAL ADJECTIVES IN EUROPEAN PORTUGUESE:
FROM THE 16TH TO THE 19TH CENTURY

Cristina de Souza Prim*

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO: Investigamos, neste trabalho, o papel da sintaxe na mudança da ordem preferencial dos adjetivos no português, da posição pré-nominal para a pós-nominal. Os estudos já realizados no português não apontaram nenhum fator em proporção significativa atuando na mudança. Após investigarmos dados do *Corpus Histórico do Português Europeu*, do século XVI ao XIX, vimos que os determinantes tiveram papel fundamental na reorganização dos adjetivos: a mudança ocorreu somente nos DPs definidos e nus, pois os DPs indefinidos já eram preferencialmente pós-nominais pelo menos desde o século XVI. Esses dados desafiam a literatura existente e, por isso, devem ser postos em discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Adjetivos. Diacronia. Sintaxe. Determinantes.

RESUMEN: Investigamos el papel de la sintaxis en el cambio del orden preferencial de los adjetivos en portugués de la posición prenominal hacia la posnominal. Otros estudios no mostraron ningún factor sintáctico actuando de modo significativo. Tras la investigación de datos del *Corpus Histórico del Portugués Europeo*, siglos XVI a XIX, vemos que los determinantes tuvieron un papel central en la reorganización de los adjetivos: el cambio de posición de los adjetivos ocurrió solamente con DPs definidos y nulos; los indefinidos ya eran preferencialmente posnominales al menos des del siglo XVI. Estos datos desafían la literatura existente, y por eso deben ser puestos en discusión.

PALABRAS CLAVE: Adjetivos. Diacronía. Sintaxis. Determinantes.

ABSTRACT: In this paper, we investigate the role of syntax in the change of the unmarked order of adjectives in Portuguese from prenominal position to postnominal position. Other studies did not show any significant syntactic factor acting in this change. After a search in the data in the *Corpus Histórico do Português Europeu*, from the 16th to the 19th century, we concluded determiners have a key role in the reorganization of adjectives: the change occurred only in bare and definite DPs, since the indefinites were already more common in post-nominal position at least since the 16th century. These data challenge the literature, and therefore should be more discussed.

* Professora do curso de Letras-Português da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: cristinaprim@utfpr.edu.br.

KEYWORDS: Adjectives. Diachrony. Syntax. Determiners.

I INTRODUÇÃO

O posicionamento de alguns adjetivos nos DPs¹ se apresenta como variável no português atual; tal modo é que um adjetivo como *interessante* pode ocorrer antes ou depois do nome, como em *uma questão interessante* e *uma interessante questão*. Mas claramente há uma preferência: dizemos que o adjetivo pós-nominal ocupa uma posição não marcada. Estes fatos nos fazem pensar se esse posicionamento não passou por uma mudança na ordem preferencial ao longo do tempo. A literatura sobre o tema é escassa e imprecisa, e não deixa claro se a mudança ocorreu, quando ocorreu e a que fatores a mudança e a opção pelo posicionamento pré e pós-nominal está associada. Este trabalho pretende dar alguns passos em busca de entendimento para essas imprecisões citadas. O objetivo deste trabalho, portanto, é entender um pouco mais sobre o posicionamento dos adjetivos nos DPs do ponto de vista diacrônico. São base para este estudo quatro textos de cada um dos séculos compreendidos entre o XVI e o XIX, o que resulta em torno de 17.690 DPs para o *corpus* desta pesquisa. Utilizamos textos anotados sintaticamente do *corpus* histórico do português *Tycho Brahe*, que contém dados do Português Europeu, o que agiliza bastante a pesquisa. No que concerne ao período da história investigado, esta pesquisa abrange os quatro séculos cruciais para numerosas mudanças sintáticas, em especial, em relação à ordem de palavras.

É preciso apontar que todos os textos que constituem o *corpus* de pesquisa são produções em prosa. Há uma tendência nos estudos históricos em se considerar os textos escritos em prosa como um tipo textual mais próximo da língua falada que a poesia, que leva mais em consideração aspectos como métrica e rima que podem interferir na ordem e colocação de palavras. Consideramos, assim, que os dados coletados são representativos do emprego da ordem nos DPs nos séculos pesquisados, pois esse tipo de produção escrita se apresenta como um padrão mais próximo da linguagem usual. Apontamos, ainda, que não excluímos a possibilidade de que o tipo de produção escrita esteja interferindo nos dados diacrônicos.

Antes de nos voltarmos aos dados, apresentemos primeiramente estudos já realizados sobre o tema.

2 TRABALHOS DIACRÔNICOS DE CORPUS SOBRE O POSICIONAMENTO DO ADJETIVO NO DP

A literatura sobre o tema é bastante escassa. Por isso, trazemos apenas três trabalhos para compor esta seção, dois sobre a perspectiva diacrônica dos adjetivos no português e um no espanhol. Mencionar os estudos sobre o espanhol é interessante porque até o século XVIII Portugal ainda não havia se libertado da égide espanhola, como aponta Paixão de Sousa (2004). Vejamos primeiramente os estudos sobre o português.

Cohen (1988) faz uma análise quantitativa de 2100 DPs extraídos de textos portugueses escritos entre o século XIV e o século XX. A autora selecionou dois textos representativos de cada século, 150 DPs por texto, contabilizando 300 DPs por século.

Quadro 1: Frequência de ocorrência de anteposição e posposição do adjetivo em relação ao nome em termos percentuais.

		XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
1º texto	Anteposição	63%	82%	31%	64%	72%	37%	23%
	Posposição	37%	18%	69%	36%	28%	63%	77%
2º texto	Anteposição	89%	82%	65%	78%	30%	31%	18%
	Posposição	11%	18%	35%	22%	70%	69%	82%

Fonte: Cohen (1988, p. 60).

¹ Adotaremos aqui a nomenclatura utilizada pela gramática gerativa para nos referirmos ao constituinte que tem como núcleo um determinante D e como seu complemento um nome N. A sigla vem do inglês: Determiner Phrase.

Segundo os dados apresentados, no português arcaico e médio, a anteposição do adjetivo era a opção preferencial. Cohen (1988) conclui que houve uma queda brusca na anteposição do adjetivo por volta do século XVIII. Os valores contraditórios das percentagens do primeiro para o segundo texto deste século evidenciam a mudança. Os dados dos séculos XIX e XX corroboram, para Cohen (1988), esta análise. No século XVI também foram encontrados valores contraditórios, mas ainda que a autora não tenha esclarecido sua interpretação acerca dessas ocorrências, podemos supor que por conta dos dados encontrados no século XVII, a autora não considerou a mudança estabelecida no século XVI. Cohen (1988) defende que podemos estar ainda em um processo de eliminação gradual das inconsistências, dadas as duas possibilidades de posicionamento de adjetivos como *interessante*, apontado no início deste trabalho².

Serra (2005), por sua vez, aposta em fatores não sintáticos para a busca do entendimento da ordem dos adjetivos nos DPs do Português; em especial, aposta nos aspectos semântico-discursivos e estilísticos. A autora aponta que são os adjetivos descriptivos que se fixam na posposição ao longo dos séculos. Já os adjetivos avaliativos, ainda que em menor escala, mantêm sua possibilidade de antepor-se ao nome, mas como uma opção marcada. Serra conclui ainda que: “[...] levando em conta todos os *corpora*, do século XVII ao XX, a anteposição esteve sempre relacionada: (1) aos adjetivos avaliativos, quer quando o núcleo é imaterial quer quando é material, (2) aos adjetivos de menor *peso fônico* com relação ao substantivo e (3) aos adjetivos de base nominal” (2005, p. 107).

Sobre o espanhol, temos o trabalho de Martínez (2009). A autora pesquisou em nove textos, todos escritos em prosa, e correspondentes à segunda metade dos séculos XIII, XVI, XVII e XIX. De acordo com os dados de Martínez (2009), a partir do século XVII fica evidente no Espanhol a preferência pela posposição do adjetivo em relação ao nome.

Quadro 2: Posição do adjetivo (A) em relação ao substantivo (S) nos DPs.

Século	A+S	S+A
XIII	60% (247/412)	40% (165/412)
XVI	69% (826/1192)	31% (366/1192)
XVII	31% (68/220)	69% (152/220)
XIX	37% (387/1052)	63% (666/1053)
XXI	19% (41/212)	81% (171/212)

Fonte: Martínez (2009, p. 1240).

São verificados no trabalho de Martínez (2009) diversos fatores gramaticais que podem interferir na variação: presença ou ausência de determinante, presença ou ausência de modificador adjetival, e também gênero e número do nome. São verificados ainda fatores semânticos – o significado do caracterizador (adjetivos básicos, particípios, classificadores) e, em casos especiais, o significado do caracterizado (a classe léxica: humano, não humano, concreto, abstrato) – e fatores pragmáticos (gênero do discurso e tipo de ato de fala). A análise quantitativa e a consideração da frequência de uso diante dessas pautas contextuais levaram a autora à conclusão de que a opção pela ordem no DP não é condicionada por nenhum dos fatores em uma proporção significativa. Buscando maior detalhamento, a autora aponta que a indeterminação do DP e a extensão do adjetivo (maior que o nome) favorecem a posposição deste; já o gênero e o número do substantivo não mostraram em seus testes influência alguma na seleção. Quanto aos fatores semânticos, a autora concluiu que a anteposição é privilegiada com substantivos [+humanos]; e a posposição, com substantivos concretos. Martínez (2009) relaciona isto, respectivamente, à necessidade comunicativa de avaliar ou manifestar objetividade.

Ainda que saibamos que há outros fatores influenciando na ordem dos adjetivos em relação ao nome nos DPs, neste trabalho focaremos apenas em fatores sintáticos que possam ter influenciado a ordem dentro dos DPs ao longo dos séculos XVI a XIX, pois nenhum trabalho sobre o português que conhecemos mostrou a sintaxe atuando de forma significativa no processo de mudança da ordem preferencial dos adjetivos adnominais³. Faremos isso a partir do ponto de vista da sintaxe gerativa, em especial discutindo se

² Grosso modo, chega às mesmas conclusões de Boff (1991), que defende que o século XVIII também foi decisivo para a mudança progressiva de posicionamento dos adjetivos, mas restringe a classe aos adjetivos avaliativos.

³ Totaro (2007, p.11) ratifica essa ausência dos estudos sintáticos quando afirma: “No plano diacrônico, diversos estudiosos [Cohen (1988) e González (1989), por exemplo] ressaltam que, a partir da leitura de textos escritos em línguas diferentes e épocas diversas, bem como de gramáticas históricas que tratam descritivamente de momentos pretéritos da evolução de sistemas linguísticos particulares, é possível observar diferenças na ordenação de seus elementos constituintes em relação aos seus respectivos usos contemporâneos. No caso da colocação do adjetivo (A) em relação ao substantivo (N) no sintagma nominal (SN) como indicativo de

houve um processo de competição de gramáticas, com base na proposta de Kroch (1989), que poderia ter gerado mudanças no posicionamento do adjetivo.

O trabalho de Martínez (2009), sobre o espanhol, é o único dentre os mencionados que considera aspectos sintáticos na sua investigação. Sua conclusão é de que a mudança não foi condicionada por nenhum dos fatores mencionados, ao menos no espanhol. Mas vamos repensar um desses fatores. Vemos que no caso dos determinantes, por exemplo, a autora considerou apenas a presença ou a ausência do determinante na sua busca. Faremos as buscas não considerando apenas a presença ou ausência do determinante, mas o tipo de determinando – se definido, indefinido ou nu. Partimos da hipótese de que os determinantes têm sim papel na mudança do posicionamento do adjetivo. Vejamos a seguir as razões nas quais nos baseamos para a criação dessa hipótese.

3 OS DETERMINANTES E OS ADJETIVOS

As limitações de ocorrência de alguns adjetivos com certos tipos de determinante também são tratadas *en passant* pela literatura sincrônica e são nulas do ponto de vista diacrônico. Mas temos boas razões para investir no estudo dessa relação determinante-adjetivo.

Iniciemos pelas restrições sintáticas e/ou semânticas na combinação determinante e adjetivo pré-nominal. Além de haver alguns adjetivos pré-nominais (mas não pós-nominais) que não se combinam com qualquer tipo de determinante, há casos em que o mesmo nome e adjetivo encabeçados por determinantes diferentes têm comportamentos diferentes.

- (1) O/[?]um primeiro/mesmo/único motivo de sua desistência
- (2) Maria perguntou isso *a um/ ao mais velho estudante da turma.
- (3) O/*um presente/principal senador

De uma forma mais intuitiva, podemos dizer que a frequência de determinantes definidos neste caso é, em parte, previsível dada a semântica dos adjetivos envolvidos, que envolvem pressuposto do falante de que o ouvinte possa reconhecer que só há um referente possível. Contudo, mesmo quando a combinação determinante e adjetivo pré-nominal é semanticamente possível, o adjetivo não mantém sempre as mesmas leituras diante de determinantes diferentes e nomes iguais.

- (4)
 - a. O simples desentendimento (leitura não restritiva)
 - b. Um simples desentendimento (leitura restritiva ou não restritiva)

Em (4a), o adjetivo *simples* só pode ser interpretado com leitura não restritiva, ou seja, o DP formado por determinante mais nome (*o desentendimento*) e o formado por determinante, adjetivo e nome (*o simples desentendimento*) denotam exatamente o mesmo. Já em (4b), além dessa leitura, o adjetivo pode estar restringindo ainda mais a entidade formada por determinante mais nome, e assim *um simples desentendimento* estaria num subgrupo de *desentendimentos*.

Se levarmos em consideração que um DP definido é essencialmente anafórico, não nos surpreenderemos com o fato de que um adjetivo pré-nominal antecedido por artigo definido seja em geral interpretado não restritivamente, visto que a referência a um único indivíduo já está estabelecida pelo determinante, e não deve haver alternativas salientes. O mesmo não ocorre com um determinante indefinido, que não possui leitura anafórica e pode ser usado na introdução de um tema no discurso, ou quando há irrelevância de se apresentar o referente, ou mesmo quando há escolha livre do referente. Isso faz com que a leitura restritiva, assim como a não restritiva, seja possível em DPs indefinidos. O exemplo (5) abaixo mostra que a leitura não restritiva ou restritiva também depende de pressuposição no discurso familiar: podemos ter leitura não restritiva em (5a) se houver familiaridade discursiva com o estereótipo dos contestatários como perigosos. Já (5b) tem leitura apenas restritiva.

particularidades internas ao grupo românico, por exemplo, essas mudanças posicionais seriam motivadas por fatores de natureza semântica (Cohen, *op. cit.*, para o português; González, *op. cit.*, para o espanhol) ou fonológico-morfológicas, como a perda de parte das flexões latinas devido a fatores fonológicos, e que teria, por sua vez, resultado numa fixação da ordem dos constituintes nas línguas românicas [...].”

- (5) a. Eduardo é considerado pela mídia um perigoso contestatário.
 b. Eduardo é considerado pela mídia um brilhante contestatário.
- (6) a. O perigoso contestatário se chama Eduardo.
 b. O brilhante contestatário se chama Eduardo.

Isso porque no discurso familiar não há a informação compartilhada de que os contestatários são sempre pessoas brilhantes. O mesmo não ocorre com o determinante definido, como mostra (6). Com o artigo definido, não há leitura restritiva do adjetivo pré-nominal; a referência a um único indivíduo já está estabelecida pela determinante, então não é possível que o adjetivo restrinja ainda mais o referente.

É imprescindível dizer que não há nenhum trabalho que se propôs a estudar diacronicamente os determinantes do português. Por um lado, essa falta de literatura na área limita nossa análise dos dados, mas, por outro, mostra como ainda temos vários aspectos para pesquisar na história do português.

Vemos que ao menos os adjetivos pré-nominais possuem essa relação com os determinantes, que poderia ter sido ainda mais forte nos séculos passados. Também é possível que as propriedades do determinante tenham se modificado ao longo do tempo. Mas, para uma investigação semântica, seria preciso avaliar cada um dos 17.690 DPs, o que está fora do escopo deste trabalho.

A pesquisa foi realizada utilizando o *Corpus Histórico TychoBrahe*, como dissemos, que contém dados dos séculos XVI ao XIX. A seguir o apresentamos.

4 CORPUS TYCHOBRAHE

O *corpus* histórico do Português, do Projeto *TychoBrahe*, é composto por textos em prosa, escritos em português por falantes nativos do português europeu, nascidos entre 1500 e 1850. A possibilidade de trabalhar com um *corpus* como o *TychoBrahe* agiliza e facilita a pesquisa. As buscas são feitas por meio de ferramentas automáticas disponíveis; por exemplo, a etiquetagem morfológica e sintática – esta última utilizada nesta pesquisa. Utilizou-se dos seguintes textos anotados sintaticamente:

Quadro 3: Textos anotados sintaticamente presentes no *Corpus Tycho Brahe* e utilizados neste trabalho.

AUTOR	MENÇÃO	TÍTULO
Século XVI		
(1502-1579) Pero Magalhães De Gandavo	g_008	História da Província de Santa Cruz
(1510-1583) Fernao Mendes Pinto	p_001	Perigrinação
(1542-1606) Diogo Do Couto	c_007	Décadas
(1556-1632) Luis De Sousa	s_001	A vida de Frei Bertolameu dos Mártires
Século XVII		
(1597-1665) Manuel De Gallegos	g_001	Gazeta
(1608-1697) Antonio Vieira	v_004	Sermões
(1658-1753) Maria Do Ceu	c_002	Vida e Morte de Madre Helena da Cruz
(1675-1754) Andre De Barros	b_001	Vida do apostólico padre Antonio Vieira

Século XVIII		
(1702-1783) Cavaleiro De Oliveira	c_001	Cartas, Cavaleiro de Oliveira
(1705-1763) Matias Aires	a_001	Reflexões sobre a Vaidade dos Homens
(1750-1839) Marquesa D'alorna	a_004	Cartas, Marquesa de Alorna
(1757-1832) Jose Daniel Rodrigues Da Costa	c_005	Entremeses de Cordel

Século XIX		
(1799 - 1854) J.B.S.L. Almeida Garrett	g_004	Theatro: Falar verdade a mentir; As Prophécias do Bandarra e Camões do Rocio.
(1802-1881) Marques De F. E Alorna	a_003	Memórias do Marquês da Fronteira e Alorna
(1825-1890) Camilo Castelo Branco	b_005	Maria Moisés
(1836-1915) Ramalho Ortigao	o_001	Cartas a Emília, Ramalho Ortigão

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir apresentaremos os dados e os resultados da pesquisa realizada com a ferramenta *Corpus Search* (essa ferramenta também pode ser utilizada online pelo sítio eletrônico do Projeto *Thyco Brahe*), sem considerar quaisquer fatores gramaticais além do posicionamento do adjetivo em relação ao nome.

Na figura 1 foram sistematizados os resultados da busca e estabelecida a comparação entre o posicionamento do adjetivo anteposto ou posposto ao nome em cada um dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho. Os valores referem-se à porcentagem de DPs com adjetivos pré-nominais em todos os arquivos, desconsiderando apenas os participios que, pelo menos desde o século XVI, já preferem a posição posposta⁴ ao nome.

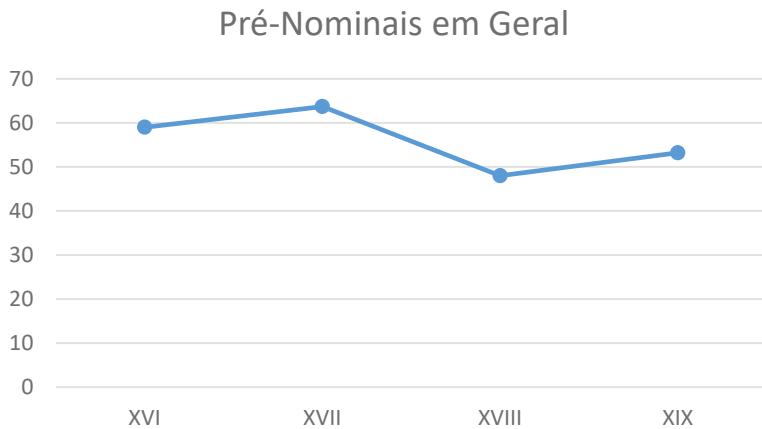


Figura 1: Resultado da busca geral por adjetivos adjuntos ao nome nos textos anotados sintaticamente do Corpus TychoBrahe.

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao observarmos a figura acima, percebemos que, nos séculos XVI e XVII, a ordem preferencial era com o adjetivo anteposto, ocorrendo até mesmo um aumento na porcentagem de pré-nominais no século XVII. No século XVIII, ocorre uma queda na porcentagem de pré-nominais, que praticamente iguala-se aos valores encontrados na posição pós-nominal, ou seja, há igual chance de o adjetivo ocorrer pré ou pós-nominalmente. No século XIX, ainda se observam valores equilibrados nas duas posições; ambos em torno de 50%. Assim, por essa figura, podemos até mesmo nos questionarmos se a mudança de posicionamento preferencial realmente ocorreu ou não nesse período investigado. O que sabemos é que, já no século XX, a ordem preferencial já era a do adjetivo

⁴ Não citaremos neste trabalho as porcentagens de adjetivos pós-nominais, porque estas estão implícitas na porcentagem dos pré-nominais. Por exemplo, se no século XVI havia 59% de anteposição do adjetivo, havia 41% de posposição do adjetivo neste mesmo momento.

posposto, e se entendermos que essa mudança certamente ocorreu gradualmente, precisamos enxergar os indícios dessa mudança nos séculos anteriores.

Exploremos mais as possibilidades oferecidas pelo *Corpus Search*. Buscaremos observar a seguir os tipos diferentes de determinantes que encabeçam os DPs em questão.

4.1 DETERMINANTES E NOMES COM ADJETIVOS ADNOMINAIS

Foram considerados na pesquisa DPs definidos – o que inclui artigos definidos, pronomes possessivos, demonstrativos e DPs encabeçados por “cujo”; DPs indefinidos, com artigos indefinidos; e DPs nus, que não possuem nenhum desses modificadores antepostos. Expomos a seguir alguns exemplos desses dados e o resultado da busca realizada.

DPS DEFINIDOS

- (7) Os capitães ambos vendo quão cego e desatinado estava este mal-aventurado no conhecimento da **santa e católica verdade** de que lhe tratavam, havendo ainda tão pouco tempo que fora cristão, como tinha confessado, [...] (P_001,19.56)
- (8) REINANDO **aquele muito católico e sereníssimo Príncipe el-Rei Dom MANUEL**, fez-se uma frota para a Índia de que ia por capitão mór Pedro Álvares Cabral: que foi a **segunda navegação que** fizeram os Portugueses para aquelas partes do Oriente. [...] (G_008,6.1)⁵
- (9) [...] mas como **meu intento principal**, não foi na **presente história** senão ser breve, e fugir de coisas em que pudesse ser notado de prolixo **dos poucos curiosos** (como já tenho dito) quis somente particularizar estas mais notáveis, [...]. (G_008,26.474)
- (10) E confiada na **antiga amizade** que tenho convosco, e na **grande obrigação** que me tem esta fortaleza por tantos respeitos quantos vós senhor muito bem sabeis, me vim agora a ela a pedir-vos com lágrimas, que em nome do **sereníssimo rei de Portugal** meu senhor, **cujo súdito e leal vassalo** sempre foi meu marido, me quisésseis valer, e socorrer-me em meu desamparo, [...] (P_001,84.599).

DPS INDEFINIDOS

- (11) [...] não havia mais que só quatro anos que se tornara mouro por amor de **uma grega moura** com que era casado. (P_001,19.54)
- (12) Pois é melhor enganar o público, anunciando-lhe **uma peça boa** e achando-se com uma ridícula, cheia de puerilidades e inépcias? (C_005_PSD,35.29)

DPS NUS

- (13) São **ocultos conselhos, abismo imenso** de Sua incompreensível providência. (S_001_PSD,9.11)
- (14) **Bendita morte** que aos mortos passava em um momento a **gozos eternos**, laureados de **glorioso sangue**, e nos vivos acendia enveja e dobrava o ânimo! (S_001_PSD,12.46)

Os resultados das buscas com os determinantes apontam um comportamento distinto para os DPs indefinidos, como vemos abaixo:

⁵ O código se refere à menção de autor e texto posta no Quatro 3.

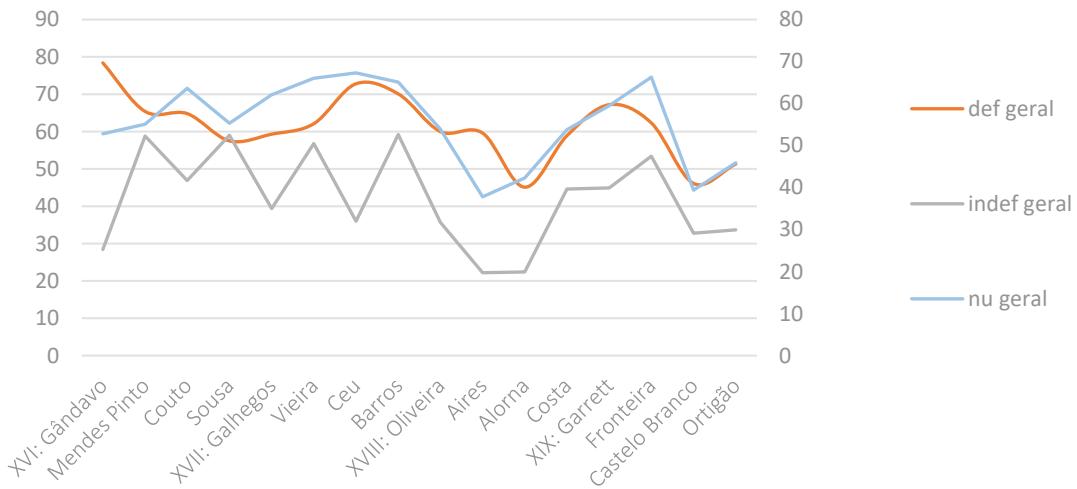


Figura 2: Resultados gerais de adjetivos pré-nominais antecedidos por artigo definido, indefinido ou nu. Resultados de cada um dos textos anotados sintaticamente no *Corpus TychoBrahe*.

Fonte: Elaborada pela autora.

Se olharmos para a figura 2, vemos que os indefinidos estavam em maior variação quando comparados aos definidos e nus até o último texto do século XVII (texto de Barros). Nota-se que até então os DPs indefinidos se comportavam ora como os outros determinantes para alguns autores, ora apresentavam uma ocorrência bem mais baixa de adjetivos pré-nominais. Somente a partir do final do século XVII e início do XVIII, os indefinidos passam a seguir as mesmas tendências dos demais determinantes, ainda que tenham continuado menos frequentes com adjetivos pré-nominais. A Figura 2 também mostra que os determinantes definidos eram os mais frequentes com adjetivos pré-nominais, mas os resultados com os determinantes nus são bastante próximos em termos percentuais.

Ainda considerando os tipos diferentes de determinantes, vamos cruzar esse fator com a posição sintática ocupada pelo DP na sentença, se em posição de sujeito, de objeto direto/acusativo ou se após uma preposição.

4.1.1 Posição Sintática do DP

Investigamos se havia, no recorte temporal mencionado, diferença de comportamento quando os DPs ocupavam diferentes posições sintáticas. Conforme mencionado, consideramos as posições de sujeito (SBJ), de objeto direto/acusativo (ACC) e a posição seguinte a uma preposição (PP). Sistematizamos os dados apresentando os resultados da busca a cada meio século:

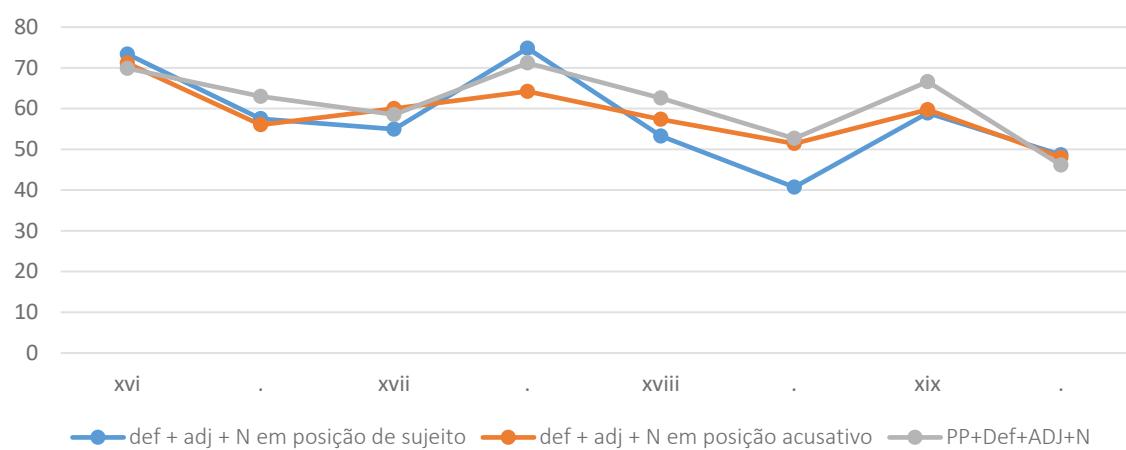


Figura 3: DPs definidos em posição de sujeito, objeto acusativo e logo após a preposição.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados da Figura 3 mostram que, com DPs definidos, havia sempre um comportamento homogêneo, independentemente deste DP estar em posição de sujeito, de objeto/acusativo ou dentro de um PP, ou seja, a posição sintática do DP não influenciava no posicionamento do adjetivo adnominal.

Vejamos agora com DPs nus:

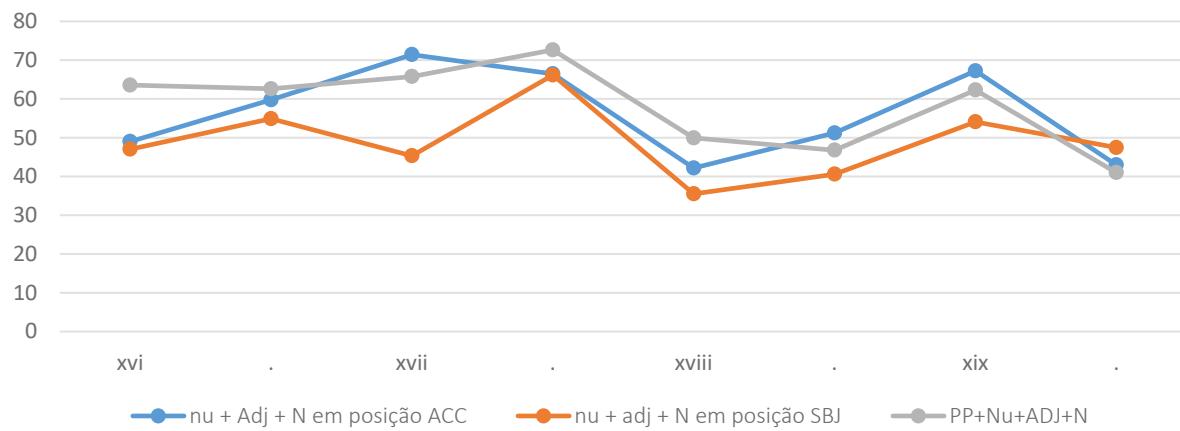


Figura 4: DPs nus em posição de sujeito, objeto acusativo e logo apó a preposição.

Fonte: Elaborada pela autora.

Com os DPs nus, também há um comportamento homogêneo dos DPs em todas as posições sintáticas mencionadas, exceto no início do século XVI, quando os PPs com DPs nus se comportavam como os PPs com DPs definidos (observar que a porcentagem de uso é semelhante ao dos definidos, apresentados na Figura 3), e não como os DPs nus em posição de sujeito ou objeto/acusativo; e há também uma diferença na posição de sujeito na primeira metade do século XVII, pois os DPs nus se comportavam como os DPs definido e indefinido em posição de sujeito na mesma época (porque, novamente, as porcentagens de uso são bastante semelhantes).

Vejamos, por fim, o comportamento dos DPs indefinidos:

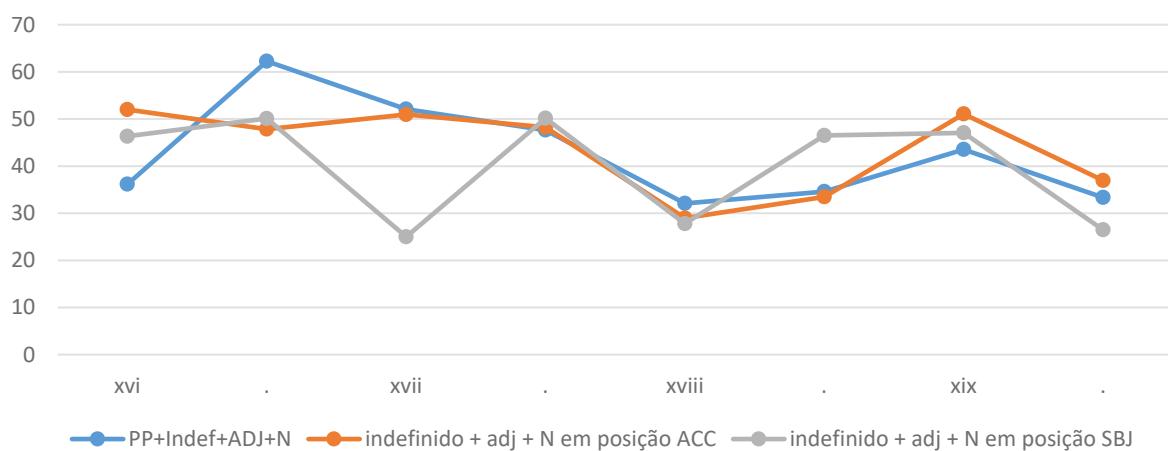


Figura 5: DPs indefinidos em posição de sujeito, objeto acusativo e logo apó a preposição.

Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre os DPs indefinidos, ora os adjetivos se comportam de acordo com a posição sintática, ora de acordo com o tipo de determinante que encabeça o DP, e isso ocorre nos séculos XVI a XVIII. Há, então, duas análises em concorrência.

A queda nas anteposições de adjetivos em DPs indefinidos e nus em posição de sujeito no início do século XVII é surpreendente, pois, como foi apontado, nesse século temos os índices mais elevados de anteposição quando observamos os resultados gerais (rever Figura 1); essa queda que também ocorreu com DPs definidos em posição de sujeito, mas em uma proporção menor.

Visto que a posição sintática do DP também tem se mostrado relevante, vamos reorganizar os dados das Figuras 3, 4 e 5 por posição sintática, e não por determinante.

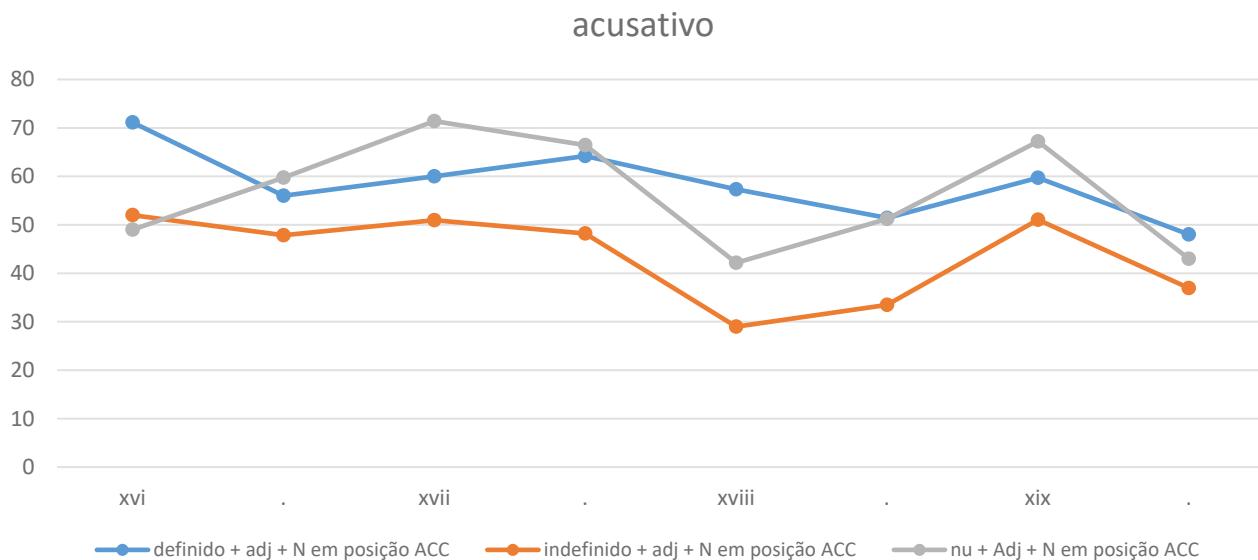


Figura 6: Resultado dos adjetivos pré-nominais em DPs definidos, indefinidos e nus quando ocupam a posição de objeto direto/acusativo na sentença.

Fonte: Elaborada pela autora.

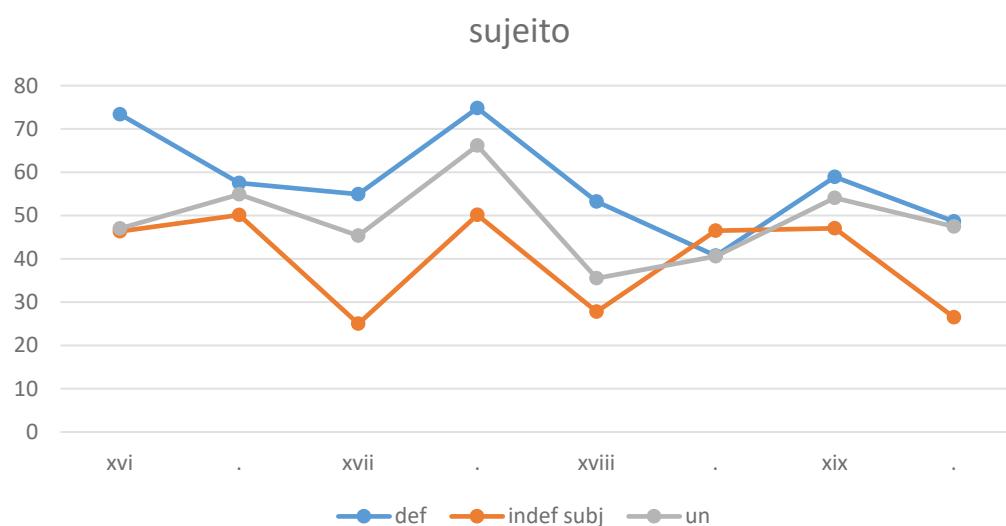


Figura 7: Resultado dos adjetivos pré-nominais em DPs definidos, indefinidos e nus quando ocupam a posição de sujeito na sentença.

Fonte: Elaborada pela autora.

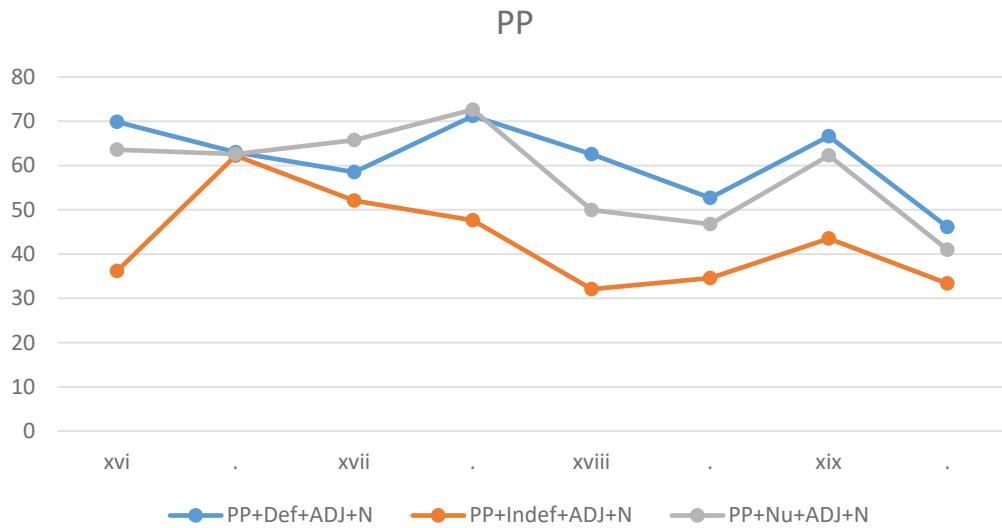


Figura 8: Resultado dos adjetivos pré-nominais em DPs definidos, indefinidos e nus quando ocupam a posição seguinte a uma preposição(dativo/genitivo) na sentença.

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas Figuras 6, 7 e 8, há uma convergência bem clara nos dados da segunda metade do século XVI, o que mostra que o determinante não estava influenciando o posicionamento do adjetivo adnominal nesse momento. Temos então razões para defender que era a posição sintática do DP na oração que estava relacionada ao posicionamento do adjetivo dentro do DP. A Figura 5 confirma essa análise, pois mostra que, na segunda metade do século XVI, os adjetivos em DPs ocupando posição de sujeito se comportam diferentemente de adjetivos em DPs ocupando posição de objeto/acusativo ou em PP.

Já na segunda metade do século XVII, temos razões para crer que é o determinante que ordena a distribuição dos adjetivos, e não mais a posição sintática, pois na Figura 8, por exemplo, consideramos uma mesma posição sintática (PP) e vemos um comportamento diferente para o adjetivo de acordo com o tipo de determinante que encabeça o DP. As Figuras 3, 4 e 5 também corroboram essa análise, pois mostram que na segunda metade do século XVII o posicionamento do adjetivo era independente da posição sintática.

Havia, então, duas formas de conceber a distribuição dos adjetivos que estavam em competição – e que possivelmente seguem em competição, ainda que em menor grau de instabilidade.

Vamos analisar em seguida dados de coordenação de adjetivos, para ver se os dados se apresentam consistentes e corroboram a hipótese de que o determinante atua no posicionamento do adjetivo ou se não é possível chegarmos a uma generalização sem considerar a posição sintática do DP na estrutura.

4.1.2 Coordenação de adjetivos/ dois ou mais adjetivos juntos

Foi considerada ainda para a análise a coordenação de dois ou mais adjetivos tanto na posição anteposta quanto na posição posposta ao nome, pois é de nosso interesse observar se o peso da coordenação interferiria nos resultados apontados acima para DPs definidos, indefinidos e nus. Seguem abaixo exemplos de adjetivos coordenados:

- (15) Mandou lhe entregar **instruções públicas, e particulares;** (B_001_PSD,42.385)
- (16) O prólogo, com que com **sutil, e disfarçada política**, entrou na negociação, já fazendo se neutral, já por ambas as partes interessado, o Padre VIEIRA, foi lamentar se, como de Religioso para Religioso, do **muito sangue Espanhol, e Católico**, que se estava derramando nas nossas fronteiras, triunfando, e crescendo em poder com uma tal diversão os Hereges. (B_001_PSD,44.402)

- (17) E assim também deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo **desse largo e espantoso mar** se escondem, de não menos estranheza e admiração (G_008,32.568)
- (18) Os capitães ambos vendo quão cego e desatinado estava este mal-aventurado no conhecimento **da santa e católica verdade** de que lhe tratavam, havendo ainda tão pouco tempo que fora cristão, como tinha confessado, crescendo-lhe a cólera, com um zélo santo da honra de Deus o mandaram atar de pés e de mãos, (P_001,19.56)
- (19) [...] o qual veio em pessoa acompanhado de muitos ministros de justiça com **um grande e temeroso fausto**, e lhes mandou tirar os grilhões e as algemas com que ambos estavam presos, (P_001,25.117)

No caso da posição pós-nominal, foram consideradas apenas coordenações em que o adjetivo não estava acompanhado de complementos, visto que estes atribuem peso ao sintagma adjetival. Em tempo: lembramos que na posição pré-nominal a complementação não é possível.

Vamos agora separar estes dados de acordo com o tipo de determinante que acompanham os adjetivos. É fácil perceber que com os indefinidos a posição posposta para o adjetivo é preferencial em todos os textos do nosso *corpus*, o que mostra que a informação contida no DP é mais decisiva para o posicionamento dos adjetivos do que o peso fônico⁶, pois com determinantes definidos e nus mais a coordenação, os resultados apontam para uma larga preferência pela anteposição do adjetivo nos séculos XVI e XVII, como mostra a figura 9 abaixo. Os DPs encabeçados por um indefinido e contendo coordenação de adjetivos são preferenciais na posição posposta ao nome pelo menos desde o século XVI, mas com determinantes definidos e nus (o século XVI é um tanto confuso para os pós-N com determinante nu) a preferência pela posposição só ocorre no início do século XVIII.

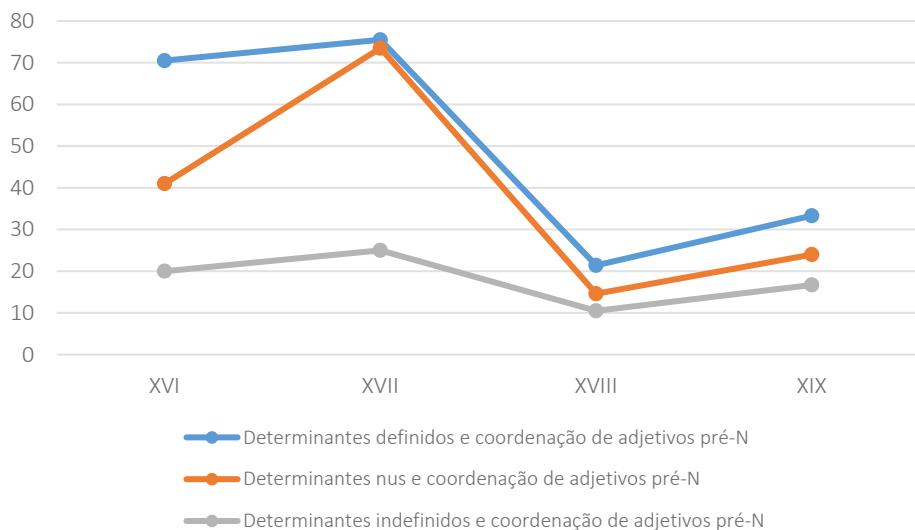


Figura 9: Resultados da busca quando considerados os tipos diferentes de determinante e a coordenação de adjetivos no campo pré-nominal.

Fonte: Elaborada pela autora.

No século XVI, por exemplo, cerca de 80% das coordenações de adjetivos em DPs indefinidos ocorria no campo pós-nominal e somente 20% ocorria no pré-nominal. Já no caso dos definidos, 70% das coordenações de adjetivos ocorria no campo pré-nominal e apenas 30% no pós-nominal. Os dados em DPs nus no século XVI não são tão claros, e podem estar sinalizando que haveria ali uma necessidade de se considerar de fato a posição sintática desses DPs na estrutura para enxergarmos uma consistência.

Nos séculos XVI e XVII, DPs encabeçados por determinantes definidos ou nus favoreciam a anteposição mesmo quando ocorria coordenação de adjetivos. A posposição de adjetivos coordenados passa a ser preferencial com definidos e nus a partir do início do século XVIII, enquanto com determinantes indefinidos já temos essa preferência clara pelo menos desde o século XVI.

⁶ Como mostramos no início deste trabalho, Serra (2005) defende que o peso fônico do adjetivo maior que o do nome favorece o posposicionamento deste. Nossos dados mostram que essa assertiva se aplica somente aos indefinidos.

5 ANALISANDO OS DADOS

Os dados apresentados na Figura 9 deixam claro que os determinantes atuam fortemente no posicionamento do adjetivo, pois em DPs indefinidos, a posposição de adjetivos coordenados é preferencial em todos os séculos estudados, diferentemente do que ocorre em DPs definidos e nus, o que confirma nossa hipótese. Mas, aparentemente, este não é o único fator sintático que deve ser considerado, pois o posicionamento sintático desses DPs nas estruturas também mostrou ser um fator relevante. Sobre isso, ainda é preciso mais estudos para entendermos como essa competição de gramáticas observada se desenvolveu no século XX.

Kroch (1989) postula que os falantes sempre convivem com casos de diglossia e que as diferenças de ocorrência de determinadas formas podem revelar um quadro de competição de gramáticas que ocorre durante um determinado período de tempo. Nesse sentido, até por questões de economia, um dos sistemas se sobressai. O excerto a seguir aponta um panorama de competição de gramáticas defendido por Kroch (1989, p.200)

We will see that the set of contexts that change together is not defined by the sharing of a surface property, like the appearance of a particular word or morpheme, but rather by a shared syntactic structure, whose existence can only be the product of an abstract grammatical analysis on the part of speakers. Indeed [...] the competition reflected in the changes under study occurs between entire grammatical subsystems.

Uma curiosidade que surge diante dos dados expostos é sobre o aumento de anteposição dos adjetivos em DPs definidos e nus no início do século XVII (rever, por exemplo, Figuras 1 e 2). A escrita dos anos 1600 é compreendida por um ciclo histórico completamente diferente do ciclo que compreende a escrita dos anos 1700. O gosto do Barroco pelo hiperbólico transpareceu no posicionamento dos adjetivos nos DPs definidos e nus no século XVII, mas não nos DPs indefinidos, o que é indício de que esse contexto de uso é tão forte que mesmo as tendências barrocas não o atingiram. E sobre a posição sintática dos DPs, em alguns casos o adjetivo estava em um contexto tão forte que mesmo no século XVII não se observa a anteposição do adjetivo. Esse contexto a que nos referimos é de DPs em posição de sujeito na primeira metade do século XVII (rever, em especial, Figuras 4 e 5).

Se olharmos para os dados da primeira metade do século XVII (rever Figura 5), enquanto DPs indefinidos na posição de sujeito com adjetivos pré-nominais ocorriam apenas 25% das vezes, os DPs indefinidos acusativos ocorriam com adjetivos pré-nominais em 50% das vezes. Vemos então diferentes momentos para uma mudança gradual, e não pontual⁷.

Como dissemos, com os indefinidos a posposição do adjetivo já era preferencial pelo menos desde o século XVI. Já com os definidos e nus, vemos que a partir do século XVIII os adjetivos coordenados deixam de ocupar preferencialmente a posição anteposta ao nome, mas esse resultado não influencia de imediato outras situações sem coordenação, como mostraram os resultados gerais da busca – os definidos e nus permanecem com mais de 50% de anteposição do adjetivo até o final do século XIX, ao menos.

Não devíamos mesmo esperar que a mudança fosse brusca, mas gradual. O fato é que o processo de mudança nas línguas não é necessariamente um processo drástico. Floripi (2008) parafraseia Kroch (1994) ao dizer que a coocorrência de duas formas pode permanecer na comunidade linguística; não é necessário que uma das formas saia vencedora e a outra desapareça. “Nesses casos, a permanência de duas formas só é possível quando uma delas passa a se especificar, alterando-se de certa maneira, o que também implica em uma mudança para a gramática da língua.” (FLORIPI, 2008, p.30).

Conforme defendido, aparentemente havia duas possibilidades de se analisar o posicionamento dos adjetivos, considerando aspectos sintáticos. Uma forma seria pelo determinante que encabeça o DP, e outra forma seria pelo posicionamento sintático do DP. Os DPs definidos se organizavam nas posições de sujeito, acusativo e seguindo preposição (dativo/genitivo) exatamente da mesma forma. Já os indefinidos se diferenciavam em todos os contextos citados. Os nus, por sua vez, diferenciavam apenas a posição do sujeito das demais posições.

⁷ O corpus mostrou que os adjetivos participios já preferiam a posposição pelo menos desde o século XVI, mas os superlativos passaram a preferir a posposição apenas no século XIX. Esses resultados não foram apresentados neste trabalho pelo baixo número de dados encontrados sem coordenação ou modificação por advérbio, que poderiam estar influenciando no posicionamento do adjetivo.

Na segunda metade do século XVI, os dados de DPs indefinidos antecedidos por preposição têm a mesma porcentagem dos dados de DPs definidos e nus nesse mesmo contexto, cerca de 60%. Na primeira metade do século XVII, os indefinidos em posição de sujeito sofrem uma queda de anteposição do adjetivo assim como ocorreu com os DPs definidos e nus nessa mesma posição de sujeito. Na segunda metade do século XVIII, os indefinidos em posição de sujeito elevam suas percentagens a valores mais altos que os de definidos e nus em posição de sujeito. Tudo isso pode ser relacionado à possibilidade de posicionar o adjetivo de acordo com o posicionamento sintático do DP na estrutura.

Na comparação da Figura 9 com as Figuras 3, 4 e 5, vemos que quando há coordenação de adjetivos na posição pré-nominal, o percentual de anteposição do adjetivo é, em média, 30% menor do que se estivéssemos analisando a posição sintática do DP na estrutura, como a posição de acusativo ou dativo (no caso do PP). Ou seja, no caso dos DPs indefinidos, havia larga preferência pela posposição do adjetivo quando este estava coordenado, e possivelmente também quando modificado ou continha um complemento. Vemos então que o peso do AP era determinador da posição que o adjetivo ocuparia apenas nos DPs indefinidos, mas não nos definidos e nus (como mostraram os dados de coordenação na Figura 9), ao menos até o século XVII.

Um dado bastante consistente que apresentamos é o da coordenação de adjetivos, pois ele deixou claro que o fator tipo de determinante que encabeça o DP é bastante forte para diferenciar o posicionamento de adjetivos inseridos em DPs definidos e DPs indefinidos ao menos desde o século XVI. Mas ainda olhando para a Figura 9 e a comparando com as Figuras 3 a 8, podemos ver que a partir do século XVIII, não há como dizer que ora temos uma análise ora outra, e sim que ambas passaram a seguir juntas.

Como dissemos, não há estudos que relacionam o posicionamento do adjetivo dentro do DP com o posicionamento do DP na estrutura⁸. A hipótese deste trabalho era que há uma relação do posicionamento do adjetivo com o tipo de determinante que encabeça a estrutura, o que se confirmou. Podemos dizer, intuitivamente, que o posicionamento do DP na estrutura e o tipo de determinante que encabeça o DP são fatores que estão fortemente relacionados, mas que ainda precisam ser estudados. O posicionamento do adjetivo nos DPs está relacionado ao fato de o DP ser a informação nova ou velha, tópico ou comentário, foco e especificidade, e tudo isto está relacionado tanto ao posicionamento do DP na oração quanto ao tipo de determinante utilizado em cada caso, o que mostra um caminho promissor de pesquisa que ainda precisa ser explorado.

6 FINALIZANDO

Defendemos que, ao menos entre os séculos XVI e XIX, havia duas possibilidades de análise do posicionamento do adjetivo adnominal qualificativo no DP feita pelos falantes do português europeu coexistindo, que seria o posicionamento do adjetivo determinado pela posição sintática do DP na estrutura (se em posição de sujeito, de objeto/acusativo ou dentro de um sintagma preposicionado/PP) ou o posicionamento do adjetivo influenciado pelo determinante que encabeça o DP. Para sabermos mais sobre esta relação com o determinante, seria necessário consultar bibliografia sobre o comportamento dos determinantes ao longo dos séculos XVI ao XIX, mas ainda não há nenhum trabalho publicado sobre o tema.

Confirmamos nossa hipótese inicial. Vimos que o tipo de determinante influencia no posicionamento do adjetivo dentro do DP, mas não só. O trabalho apontou ainda que a mudança não foi pontual, mas gradual – e provavelmente ainda está em curso.

REFERÊNCIAS

BOFF, A. M. *A Posição dos adjetivos no interior do sintagma nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica*. 1991. 110f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

⁸ Totaro (2007, p. 13) também reforça a carência destes estudos: “[...] partindo do latim vulgar até as línguas espanhola, italiana e portuguesa (EIP) modernas, não há estudos que contemplam, de forma detalhada e comparativa, a mudança da ordem de palavras no SN em relação a outras mudanças ocorridas nessas línguas”.

COHEN, M. A. O posicionamento do adjetivo no sintagma nominal português: um estudo diacrônico. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v.9/10, n.12, p.58-62, 1988.

FLORIPI, S. *Estudo da variação do determinante em Sintagmas nominais possessivos na história do Português*. 2008. 255f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GONZÁLEZ, J. G. La colocación del adjetivo atributivo en el español medieval: un problema metodológico e histórico. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGÍA ROMÁNICAS, 19., 1989, Santiago de Compostela *Volume de Resumes...Santiago: Universidade de Santiago de Compostela*, 1989.

KROCH, A. Morphosyntactic variation. In: ANNUAL MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTICS SOCIETY, 30., 1994, Chicago. *Proceedings...*, Chicago, 1994. v.2, p. 180-201.

_____. Reflexes of grammar in patterns of language Change. In: SANKOFF, D; LABOV, W; KROCH, A (Ed.). *Language Variation and Change*, New York, v.1, n.3, p. 199-244, 1989.

MARTÍNEZ, A. La frase adjetiva. El orden del sustantivo y del adjetivo. In: Concepción Company Company (Dir.) *Sintaxis histórica de la lengua española*. Segunda parte: La frase nominal. . México: Fondo de Cultura Económica-Universidad Nacional Autónoma de México, 2009. p. 1225-1320.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. 2004. 367f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SERRA, C. R. *A ordem dos adjetivos no percurso histórico: variação e prosódia*. 2005. 153f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TOTARO, J. H. R. *Aspectos diacrônicos da ordem de palavras em línguas românicas: Condicionamentos morfológicos, lexicais e sintáticos da mudança de ordem de constituintes em textos espanhóis, italianos e portugueses sob a perspectiva da difusão sintática*. 2007. [número de folhas]. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

Recebido em 22/06/2017. Aceito em 09/08/2017.

URBANIZAÇÃO E MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E AS REPRESENTAÇÕES DA FALA CAIPIRA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

URBANIZACIÓN Y MONITOREO ESTILÍSTICO:
LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA Y REPRESENTACIÓN DEL HABLA RURAL EN LAS
HISTORIETAS

URBANIZATION AND STYLISTIC MONITORING:
LINGUISTIC VARIATION AND THE REPRESENTATIONS OF RURAL SPEECH
IN COMIC BOOKS

Pedro Daniel dos Santos Souza*

Universidade do Estado da Bahia/Universidade Federal da Bahia

Amanda Kerolainy Braga Santos**

Universidade do Estado da Bahia

RESUMO: No Brasil contemporâneo, gestou-se um discurso fortemente preconceituoso em relação ao falar caipira e à cultura que representa, materializado na dicotomia “certo” e “errado”, quando comparados os usos orais dos espaços rurais e a variante culta dos contextos urbanos. No presente trabalho, objetivamos lançar um novo olhar sobre essa questão, a partir dos contínuos da urbanização e da monitoração estilística propostos por Bortoni-Ricardo (2004, 2011). Como *corpus* para nossa investigação, utilizamos dados extraídos de edições das revistas em quadrinhos de *Chico Bento*, de Maurício de Sousa, que supostamente “tipificam” as características do chamado falar caipira. A partir do confronto com resultados de pesquisas sobre a variação linguística do português brasileiro (PB), podemos verificar se os usos linguísticos representados na suposta fala caipira de *Chico Bento* são marcas do espaço rural ou se, na prática, refletem o modo de falar de muitos brasileiros, independentemente do espaço geográfico a que se associam.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Português brasileiro. Preconceito. Rural-urbano. Monitoração estilística.

* Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEBA). Doutorando em Língua e Cultura e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do Grupo de Pesquisa Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). E-mail: pdsouza@uneb.br.

** Graduada em Letras – Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa em Memória, Espaço e Linguagem (GpMEL). E-mail: amanda-nick@hotmail.com.

RESUMEN: En el Brasil contemporáneo, se ha gestado un discurso fuertemente prejuicioso en relación al habla rural y la cultura que representa, materializada en la dicotomía "correcto" e "incorrecto", cuando colocamos en comparación el uso oral del campo y la variante culta de los espacios urbanos. En este estudio, ponemos en marcha una nueva mirada a este tema desde los continuos de la urbanización y del monitoreo estilístico propuestos por Bortoni-Ricardo (2004, 2011). Como corpus para nuestra investigación, utilizamos los datos extraídos de las ediciones de historietas de Chico Bento, de Mauricio de Sousa, que supuestamente "tipifican" las características de la llamada habla rural. A partir de la comparación con los resultados de la investigación sobre la variación lingüística del portugués brasileño, podemos comprobar si los usos representados en la supuesta voz de Chico Bento son marcas del campo o en la práctica reflejan la forma de hablar de muchos brasileños, sin tener en cuenta la zona geográfica a la que se asocian.

PALABRAS CLAVE: Sociolinguística. Portugués brasileño. Prejuicio. Campo-ciudad. Monitoreo estilístico.

ABSTRACT: Incontemporary Brazil, a strongly prejudiced speech around the rural speech and the culture that represents it. This is materialized in the dichotomy "right" and "wrong", when comparing the rural oral uses of the language and that of the urban contexts. In this study, we aim to launch a new look at this issue from the urbanization and continuous stylistic monitoring proposed by Bortoni-Ricardo (2004, 2011). We used data extracted from the comic book editions with the Chico Bento character, by Maurício de Sousa, who supposedly "typify" the characteristics of the so-called rural speech. Confronting with research results on language variation in Brazilian Portuguese (BP), we could check if the language uses of the so-called rural speech of the Chico Bento character are marks of rural areas or if, in practice, it reflects the way of speaking of many Brazilians, regardless of geographical space to which they are associated.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Brazilian Portuguese. Prejudice. Rural-urban. Stylistic monitoring.

1 PALAVRAS INICIAIS

O retorno ao contexto histórico e sociocultural pelo qual passou o português brasileiro (PB), desde as primeiras políticas linguísticas do português, implementadas ainda na Colônia, até o cenário atual, é, sem dúvida, uma das maneiras de se compreender a situação sociolinguística do Brasil, uma vez que a variação linguística existente por toda a extensão do país, tanto no nível morfossintático quanto nos níveis fonético-fonológico, semântico e lexical, resulta de complexos fatores da história externa e interna da nossa língua.

No âmbito da sociologia brasileira, observamos uma ênfase quanto ao papel da cultura rural na formação da sociedade brasileira. Segundo Holanda (1995, p. 73), toda "[...] a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos". No entanto não foi uma sociedade agrícola que os portugueses engendraram no Brasil, mas, sobretudo, "[...] uma civilização de raízes rurais" (HOLANDA, 1995, p. 73). Ainda de acordo com o autor, durante os séculos iniciais da ocupação europeia, toda a vida colonial se concentrava nas propriedades "rústicas", visto que "[...] as cidades são virtualmente, se não de fato, simples dependências delas" (HOLANDA, 1995, p. 73).

Considerando esse processo de formação da sociedade brasileira, conforme Bortoni-Ricardo (2011), na transformação do Brasil predominantemente rural para urbano, foi que desencadeou uma ruptura na relação cidade-campo, uma vez que a civilização urbana, influenciada pelos moldes de vida e costumes europeus, distancia-se da civilização rural, rústica. Nesse sentido, "[...] as cidades assumiram uma posição de clara superioridade diante das cidades menores, vilas e áreas rurais. Seus habitantes, independentemente de *status* social, consideravam-se superiores às populações do campo", como destaca Bortoni-Ricardo (2011, p. 32).

Ainda para a supracitada pesquisadora, essa noção de "superioridade", somada aos processos de industrialização e crescimento populacional de algumas cidades, agravou ainda mais essa relação com o campo. Tal situação assimétrica, estabelecida no passado, gestou no Brasil contemporâneo um discurso fortemente preconceituoso com relação ao falar caipira e sobre sua cultura, que se manifesta na dicotomia "certo" e "errado", quando são comparados a variante culta dos contextos urbanos e os usos orais dos espaços rurais.

Sob essa perspectiva, buscaremos, ao longo do presente trabalho, refletir sobre a variação linguística e alguns de seus fatores condicionantes, tais como os grupos etários, o *status socioeconômico*, o grau de escolarização/escolaridade, as redes sociais, entre outros, discutindo, principalmente, a influência dos contínuos de urbanização, letramento-oralidade e monitoração estilística propostos por Bortoni-Ricardo (2004, 2011), para uma compreensão da diversidade linguística brasileira e, em específico, do olhar sobre o falar caipira. Para tanto, utilizamos, como *corpus* de análise, dados retirados de histórias tradicionais de *Chico Bento*¹ menino (SOUZA, 2007), personagem criado por Maurício de Sousa, que supostamente “tipifica” os usos da fala caipira, comparando-os com os volumes um e dois da versão *Chico Bento Moço* (SOUZA, 2013a, 2013b).

O cotejamento entre os fragmentos das edições de *Chico Bento* menino e *Chico Bento Moço*² não foi escolhido aleatoriamente, visto que pretendemos identificar e refletir se “falas” do personagem Chico Bento são realmente marcas do espaço rural, ou se, na prática, refletem transcrições do modo de falar de muitos brasileiros, independente do espaço geográfico a que se associam. Sendo assim, o estudo se justifica com vistas a desmistificar e/ou desconstruir a ideia de que certos usos linguísticos presentes na fala do personagem Chico Bento são destinados exclusivamente aos representantes de comunidades rurais, os chamados “caipiras”³ – termo que, paradoxalmente, surge no Estado de São Paulo, considerado um grande centro urbano do país.

A par dessas questões, buscamos lançar um novo olhar sobre essas minorias que são constantemente estigmatizadas no contexto da sociedade letrada onde nos inserimos. Para tanto, passaremos a sistematizar as discussões de Bortoni-Ricardo (2004, 2011) sobre os contínuos da urbanização, do letramento-oralidade e da monitoração estilística, bem como, sobre a importância desse instrumento teórico-metodológico para uma melhor compreensão da realidade sociolinguística do Brasil. Em seguida, analisaremos os dados extraídos de nosso *corpus*, tomando como pressuposto os contínuos rural-urbano e a monitoração estilística.

2 PARA COMPREENDER A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

Uma breve observação em gramáticas normativas, a exemplo de Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2011), Bechara (2009), entre outras, permite-nos evidenciar, assim como pontua Bortoni-Ricardo (2004), que a língua portuguesa ali apresentada é “descrita” numa perspectiva da chamada norma padrão, desconsiderando as variedades não padrão da língua, entre outros conceitos que estão na base da formulação de uma noção equivocada de “erro”. No entanto, ainda como pontua a autora acima referida, para entendermos a variação linguística no Brasil, e a língua por nós falada, será necessário reconhecer três linhas, ou melhor, três contínuos “imaginários”, que se constituem em um instrumento teórico-metodológico eficaz na análise da variação, a saber: o contínuo rural-urbano (ou urbanização), o contínuo de oralidade-letramento e o contínuo de monitoração estilística.

Assim, para uma melhor compreensão sobre a diversidade linguística no Brasil e, sobretudo, no que tange ao processo de formação das variedades rurais e urbanas, torna-se necessária uma reflexão acerca dos contínuos anteriormente citados, em especial o de urbanização, que Bortoni-Ricardo (2004) representa da seguinte forma:

¹ Na década de 1980, o Conselho Nacional de Cultura chegou a proibir a edição da revista em quadrinhos por considerar que o material incentivava as crianças a reproduzirem os “erros” cometidos pelo Chico Bento. Sobre essa questão, indicamos a leitura da matéria “O errado pode ser certo”, de Bianca Nascimento (2012), publicada na Revista Vía Legal.

² A partir do ano de 2013, ao lado das tradicionais revistas em quadrinhos de Chico Bento, um personagem criança e ligado ao espaço rural, Mauricio de Sousa passou a editar a revista *Chico Bento Moço*, estando o personagem já jovem e indo para a Universidade, o que o insere em um espaço urbano. No presente trabalho, estabelecemos a distinção entre essas duas faixas etárias do personagem Chico Bento (SOUZA, 2007, 2013a, 2013b) usando os termos “menino” e “jovem” e/ou “moço”. Assim, buscamos fazer um controle da distinção quanto à faixa etária, ao nível de escolaridade e à inserção no espaço rural/urbano do personagem, o que têm reflexos sobre as escolhas do autor quanto à suposta fala de Chico Bento.

³ Para um estudo mais aprofundado, indicamos a leitura do livro *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1976 [1920]), cuja referência completa se encontra ao final deste trabalho.

variedades rurais isoladas	área rurbana	variedades urbanas padronizadas
---------------------------------------	---------------------	--

Como descrito por Bortoni-Ricardo (2004, p. 51), em uma das pontas da linha ou do contínuo estão localizados os falares rurais mais isolados, tanto por questões geográficas, como também pela falta de meios de comunicação; na ponta oposta, estão situados os falares urbanos que, “[...] ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto de escrita, também chamado ortografia do padrão correto de pronúncia”.

No espaço entre esses dois polos, localiza-se a zona denominada *rurbana*, formada pelos migrantes de origem rural que preservaram traços de seus antecedentes culturais, principalmente dos usos linguísticos, e as comunidades do interior que residem em “[...] distritos ou núcleos semirrurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Prosseguindo, a autora salienta que, com essa metodologia do contínuo de urbanização, é possível analisar e/ou situar qualquer falante do português brasileiro em um ponto específico desse contínuo, levando em consideração a região de origem ou onde vive, mas lembrando sempre que nesse contínuo não há limites ou fronteiras rígidas que demarquem os falares rurais, rurbanos ou urbanos. Diante disso, torna-se viável uma análise funcional dos usos linguísticos “orais” de Chico Bento, classificando-os em traços descontínuos, caso sejam “descontinuados” nas zonas urbanas, e traços graduais, se porventura estiverem presentes na fala de todos os brasileiros, independentemente de viverem em espaços rurais e/ou urbanos.

Sobre essa questão, diz-se que os traços descontínuos materializam-se como “[...] típicos dos falares situados no pólo rural e [...] vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do pólo urbano” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53), tendo em vista que os falares rurais, quando submetidos às comunidades urbanas letradas, recebem uma avaliação negativa e desestabilizadora. Podemos dizer, a título de ilustração, que, na redução do ditongo decrescente [ey], como em ligeiro > “ligero” e carteiro > “cartero”, o sufixo “-eiro” quase sempre será pronunciado como “êro”, conferindo-lhe um caráter gradual, enquanto que o rotacismo, isto é, a troca do /l/ por /r/ de completa > “compreta”, tem uma descontinuidade, por ser uma variante estigmatizada na cultura urbana.

O contínuo de oralidade-letramento, por seu turno, também se relaciona com o da urbanização anteriormente delineado, visto ser perceptível que “[...] os domínios onde predominam as culturas de letramento estão situados na ponta da urbanização, enquanto na outra ponta só vamos encontrar domínios onde predomina a cultura de oralidade”, como pontua Bortoni-Ricardo (2004, p. 61).

No contínuo de urbanização, situamos os falantes de acordo com os seus antecedentes e atributos dentro da sua organização social e, no contínuo de oralidade-letramento, serão dispostos os eventos de comunicação. Conforme sejam mediados diretamente pela língua escrita, denominam-se *eventos de letramento*; caso não haja essa influência direta da língua escrita, serão designados como *eventos de oralidade*. Esse contínuo é ilustrado por Bortoni-Ricardo (2004) da seguinte forma:

eventos de oralidade	eventos de letramento
-----------------------------	------------------------------

Como no contínuo de urbanização, aqui também não há fronteiras rígidas entre os eventos de oralidade e letramento. Segundo a autora, as “[...] fronteiras são fluídas e há muitas sobreposições. Um evento de letramento, como uma aula, pode ser permeado de minieventos de oralidade” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62) e assim por diante. Embora reconheçamos a importância desse contínuo para a compreensão da realidade sociolinguística do Brasil, na análise dos dados não lançamos mão desse instrumento teórico-metodológico, haja vista a necessidade de maior refinamento da discussão a ser realizada em momento mais oportuno.

Por fim, o terceiro e último contínuo apresentado por Bortoni-Ricardo (2004) é o de monitoração estilística, no qual situamos desde as interações espontâneas do falante, realizadas com pouca preocupação quanto à forma da língua, até as que são previamente planejadas e que, portanto, exigem muita atenção e monitoramento nos usos linguísticos. Esquematicamente temos:



Nos contextos de mais monitoração estilística, o falante pode estar movido por três fatores específicos, quais sejam: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. Para Bortoni-Ricardo (2004), um mesmo interlocutor pode optar por um estilo mais monitorado em detrimento de um menos monitorado, em função do alinhamento que assume em relação ao tópico da conversa e ao próprio interlocutor.

Entretanto, na mudança de um estilo para outro, damos pistas, ou “*metamensagens*”, nos termos de Bortoni-Ricardo (2004, p. 63), sendo estas verbais ou não verbais, como alertas “[...] do tipo: ‘isso é uma brincadeira’, ‘estou falando sério’, ‘estou ralhando com você’. A variação ao longo do contínuo de monitoração estilística tem, portanto, uma função muito importante de situar a interação dentro de uma *moldura* ou *enquadre*”.

Haja vista os contínuos propostos por Bortoni-Ricardo (2004) e, também, a distribuição dos traços descontínuos e graduais ao longo do primeiro contínuo apresentado, enquanto instrumento de análise e distinção entre as variedades do português brasileiro, sobretudo para a melhor compreensão da diversidade linguística aqui existente, passaremos a refletir acerca de alguns aspectos fonético-fonológicos presentes na suposta fala de Chico Bento. Nesse ínterim, discutiremos até que ponto as ocorrências configuram-se como legítimas representações do dialeto caipira e, equivocadamente, situadas no ponto rural do contínuo da urbanização: a redução, ou monotongação, dos ditongos decrescentes [ow] e [ei], o apagamento do /R/ em coda silábica e a ditongação. Para tanto, as análises se pautam em dados oriundos de duas faixas etárias e dois níveis de escolarização do personagem Chico Bento, a priori, um representante do espaço rural quando criança e falante, portanto, do dialeto caipira.

3 TRAÇOS CONTÍNUOS E DESCONTÍNUOS NA FALA DE CHICO BENTO

Antes de iniciarmos as classificações quanto aos usos linguísticos de Chico Bento em contínuos e descontínuos, é importante dizer que, segundo Bagno⁴ (2011, p. 210), essas histórias “[...] não são uma representação fiel de nenhuma variedade linguística”, embora revelem traços que condizem com a realidade sociolinguística do Brasil, ao longo do contínuo de urbanização, como já citamos. Para o pesquisador, tanto nas revistas do Chico Bento quanto nas músicas de Adoniram Barbosa, Luís Gonzaga, e nos poemas de Patativa do Assaré,

[...] o que existe é uma ‘representação artística’ de uma variedade linguística imaginada pelo autor. Por isso, optei pela denominação de “pseudodialeto”, porque não é um dialeto verdadeiro, é um dialeto “falso”, “ fingido”, no sentido usado por Fernando Pessoa ao dizer que “o poeta é um fingidor”. É a recriação artística de uma representação imaginária que o autor tem do que seja a variedade linguística que ele tenta representar (BAGNO, 2011, p. 210).

Por mais que Bagno (2011, p. 212) conceba como um “falso dialeto” a variante linguística contida nas histórias de Chico Bento, e explique o porquê da nomenclatura, o autor reconhece e chega à conclusão, a partir de uma pesquisa, “[...] de que mais de 80% das falas do Chico e de sua turma não têm nada de ‘regional’, mas são simplesmente grafias não oficiais que representam, de fato, o modo de falar da grande maioria dos brasileiros”.

⁴ Entrevista publicada na *Revista In-Tradições*, realizada por Elisângela Liberatti e Michelle de Abreu Aio, cuja referência completa se encontra ao final.

Ante o exposto, surge a necessidade de se pensar sobre qual é a finalidade de representar e marcar negativamente, nos quadrinhos tradicionais de Chico Bento, expressões como: “iscola” < escola, “istante” < estante, “dimais” < demais, “carcumida” < carcomida, “ixiste” < existe, “di” < de, “qui” < que, “i” < e, “si” < se, tendo em vista que, na prática, essa variação é de caráter fonético, estando presente em muitos usos linguísticos do português brasileiro, independentemente da região em que o falante vive, ou até mesmo do *status social*, como estudos sob o escopo da sociolinguística têm apontado.

Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2004, p. 80), em “[...] quase todas as variedades do português brasileiro, as vogais /e/ e /o/, quando ocorrem em sílabas átonas, antes ou depois da sílaba tônica, são pronunciadas /i/ e /u/, respectivamente”. Certamente, os exemplos citados não passam de incoerências ortográficas da revista, pois, se Chico Bento fala “iscola” em detrimento de “escola”, e “carcumida” < carcomida”, não existe irregularidade nisto. Observa-se que se trata de uma questão de pronúncia, sendo assim explicável pelos estudos fonético-fonológicos e caracterizado, ao longo do contínuo de urbanização, como um traço gradual.

Prosseguindo em nosso exercício de reflexão, elencamos, no Quadro 1, outras variantes encontradas na edição de Chico Bento, história *Privilégios da Cidade* (SOUSA, 2007, p. 57-65), que tem como tema central o contraste entre a realidade da roça – sem saneamento básico, fornecimento de água encanada, gás embutido, energia etc. – vivenciada por Chico, e a vida que seu primo leva na cidade, com tecnologias e modernidades. Segue, portanto, uma tabela de classificação em traços graduais e descontínuos no português falado por Chico Bento menino, identificados na história supracitada:

Quadro 1: Classificação dos dados em graduais e descontínuos

Grupos	Dados	Traço	
		Gradual	Descontínuo
01	ficá, tomá, pescá, brincá, isquentá, guardá, andá, tê, fazê, lê, acendê	x	
02	otras, ropa, intera, riberão, pexe, chuvero, manera (s), geladera.	x	
03	deiz, veiz, gáis, nós	x	
04	os livro, as parede, as goiaba, umas labareda		x
05	iscola, istante, dimais, carcumida, ixiste, di, qui, i, si	x	
06	vredura, drento, drumi, percisa, frevê		x
07	arresorve/arresorvê (r)		x
08	craro, farta, arcança, vorta		x
09	coiê, teiado, mior		x

Tomando os dados apresentados no Quadro 1, faremos uma sistematização e discussão, visando a ratificar nossa classificação para as ocorrências e, concomitantemente, retomaremos alguns estudos sobre esses fenômenos no português brasileiro, tendo em vista que muitos desses usos associados aos falares “caipira” refletem, na prática, a diversidade linguística encontrada em toda a extensão territorial de nosso país.

3.1 APAGAMENTO DO /R/ EM CODA SILÁBICA, EM FINAL DE PALAVRAS

Como destacam Callou, Moraes e Leite (1998), o apagamento do /R/ em coda silábica, em final de palavra, não é um fenômeno novo, tendo em vista que, desde o início da formação do português brasileiro, se podia encontrar nos falares incultos essa ocorrência. No século XVI, por exemplo, Gil Vicente utilizava de tal processo em suas peças, para representar o linguajar dos escravos. Ao longo dos séculos, esse fenômeno se expandiu, sendo hoje, como revelam os estudos contemporâneos sobre a diversidade linguística do Brasil, uma característica comum na fala de muitos brasileiros, dos vários estratos sociais.

Em sua pesquisa quantitativa, com informantes do banco de dados do projeto Variação Linguística Urbana no Sul do País (VARSUL), Monarettto (2000) chega à conclusão de que o fenômeno do apagamento do /r/ pós-vocálico na coda silábica em final de palavra, na fala do Sul do Brasil, tem maior incidência nos infinitivos verbais do que nos não-verbais. Para finalizar, a autora diz que “[...] o apagamento do /r/ pós-vocálico na fala do Sul do Brasil é um processo que atua sobretudo em final de palavra” (MONARETTO, 2000, p. 283). Essa conclusão se fundamenta em dados extraídos de 36 entrevistas distribuídas por localidade (12 informantes para cada uma das três capitais do Sul), idade (36 informantes subdivididos em três faixas etárias), sexo (18 homens e 18 mulheres) e escolaridade (1º grau e 2º grau). Segundo Monarettto (2000), com os informantes mais jovens há uma maior frequência na queda do /r/, “[...] decaindo ao passar pelas duas outras faixas de informantes mais velhos, ou seja, evidencia-se um processo de mudança em progresso; há mais apagamento do r em Florianópolis do que nas outras cidades, evidenciando o estágio final do processo de enfraquecimento que a vibrante vem sofrendo nessa região.” (MONARETTO, 2000, p. 280).

Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2011, p. 71), no dialeto “[...] caipira, o apagamento do /r/ em posição final de palavras é produtivo tanto nos infinitivos verbais, quanto em nomes, apesar de ser mais frequente na primeira classe”. Em nosso levantamento sobre os usos de Chico Bento menino, notamos que há esse apagamento do /R/ em verbos no infinitivo, como exemplificado nos dados do grupo (01): “fícá” < ficar, “tomá” < tomar, “pescá” < pescar, “brincá” < brincar, “isquentá” < esquentar, “guardá” < guardar, “andá” < andar, “tê” < ter, “fazé” < fazer, “lê” < ler, “acendé” < acender. Considerando essa descrição, classificamos esses usos linguísticos como graduais, pois trabalhos como os de Callou, Moraes e Leite (1998) revelam que, nos contextos urbanos, até mesmo as pessoas escolarizadas e de espaços urbanos tendem a suprimir o /R/ em coda silábica, em final de palavra, não justificando assim sua associação ao contexto rural.

Diante disso, vemos que essa marcação nas representações das falas de Chico Bento menino acaba reforçando o preconceito linguístico, uma vez que as pessoas comuns, isto é, as que não têm o conhecimento das novas abordagens da sociolinguística, equivocadamente conferem a perda do /R/ somente ao falar caipira, aos habitantes de zonas rurais e não escolarizados. Contudo, como nos dizem Callou, Moraes e Leite (1998, p. 8), “[...] o apagamento do R final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social”.

Com relação à edição *Chico Bento Moço* (SOUZA, 2013a), volume um, que apresenta o personagem após a escolarização referente à Educação Básica (Ensinos Fundamental e Médio) e a caminho da universidade, observa-se que as formas verbais no infinitivo são escritas sem a queda do /R/, como, por exemplo: “ajudar”, “dizer”, “fazer”, “olhar”, “ser”, “ver” e “estudar”. Entretanto, se tal variação não é estritamente rural e tampouco relacionada ao grau de escolarização, como constatado anteriormente, ao analisarmos o quadrinho, surge o questionamento sobre as motivações dessa variação existir apenas nas representações de fala dos falantes rurais e não ser apresentada na fala do Chico Bento jovem, escolarizado e ainda residente da zona rural, embora esteja indo para a universidade.

Acreditamos que essa associação se relaciona com a possível interferência da escola, como parece sugerir o comportamento do personagem Chico Bento, que conquista o seu sonho de ir para a cidade estudar Agronomia, após ser classificado pelo vestibular. Interessante observar que, mesmo na edição de 2013, o primo de Chico Bento, Zé Lelé, continua com os mesmos usos linguísticos de quando criança, o que acaba por reafirmar a ideia equivocada das histórias tradicionais de Chico Bento de que a queda do /R/ só ocorre no falar “caipira”, como outros fenômenos de traços graduais que veremos no decorrer do presente trabalho.

Com base no que diz a revista *Chico Bento Moço*, vemos que Zé Lelé, com a idade de 18 anos, permanece tranquilo, companheiro, sossegado, e adora a vida no campo. Caracterizando-o sociolinguisticamente, podemos dizer que ele apresenta um nível de baixa escolaridade, pois, com a mudança do primo para a cidade grande, decide morar definitivamente no sítio e trabalhar na roça para ajudar o seu pai. Assim, por estar diretamente relacionado ao espaço rural, e sem influência da cultura de letramento, nota-se que a revista enfatiza os mesmos usos graduais e descontínuos de Chico Bento menino nas estruturas orais de Zé Lelé, perpetuando em mais um ciclo o preconceito linguístico.

3.2 SOBRE OS PROCESSOS DE MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO

Na estrutura silábica do português brasileiro, notamos a possibilidade de formação de sílaba com uma vogal e uma semivogal, constituindo assim o ditongo, que pode ser crescente ou decrescente. Conforme Hora (2007, p. 128), se o glide ou semivogal “[...]” ocupa a posição anterior à vogal, origina o que chamamos de ditongo crescente; se ocupa a posição posterior à vogal, temos o ditongo decrescente”. Tendo em vista essa diferenciação, discutiremos na presente subseção os processos de monotongação e ditongação, a fim de correlacioná-los aos dados contidos em (02) e (03) do Quadro 1 anterior.

De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 43), monotongação “[...] é o processo pelo qual o ditongo passa a ser produzido como uma única vogal. Nesse caso, há um apagamento da semivogal”, formando assim um monotongo. No português brasileiro, existe uma frequência em monotongar-se os ditongos “ai”, “ei” e “ou”, os dois primeiros quando diante dos fonemas /r/, /n/, /j/ e /x/, como em frei(r)a, quei(j)o, pei(x)e. “Já o ditongo [ow] monotonga-se em qualquer ambiente” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 43).

Em nosso *corpus*, identificamos que tal processo, de caráter gradual, é muito frequente nas falas de Chico Bento menino, como nos dados: “otras” < outras, “ropa” < roupa, “intera” < inteira, “riberão” < ribeirão, “pexe” < peixe, “chuvero” < chuveiro, “manera(s)” < maneira(s), “geladera” < geladeira. Percebemos ainda, nas ocorrências, a redução dos ditongos decrescentes [ey] e [ow], tornando-se, respectivamente, em vogais simples [e] e [o]. De acordo com Bisol (1999, p. 728), os “[...] ditongos decrescentes variáveis, amplamente analisados em dissertações e artigos, ei diante de /s, r/, e ou, sem distinção de contexto, mostram-se nos dados do NURC⁵ com o mesmo status variável”. Diante disso, podemos considerar equivocada a associação da monotongação presente na história de Chico Bento menino com o dialeto caipira. Essa associação fica evidente quando observamos que, em *Chico Bento Moço*, não identificamos esse fenômeno, como atestamos nas palavras retiradas da edição, a saber: terceiro, deixou, dinheiro, geladeira, bagunceira, goiabeira.

Sobre o processo de ditongação, Aragão (2000, p. 112) diz que tudo leva a crer que “[...] é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala”. Dessa forma, pode estar à mercê de todos os tipos de variações, sejam elas não linguísticas ou as que são “[...] ligadas ao contexto fonético imediato, anterior ou posterior, à velocidade de elocução, ou tamanho da palavra, por exemplo, às sociolinguísticas, especialmente ao nível ou registro de fala” (ARAGÃO, 2000, p. 112).

À luz dos critérios abordados por Aragão (2000) com relação à ditongação, observa-se que tais parâmetros podem ser correlacionados aos dados do grupo (03) que apresentamos no Quadro 1. Chegamos à conclusão de que as vogais orais em “dez”, “vez”, “gás” e “nós” ditongam-se na fala do Chico Bento menino: “deiz”, “veiz”, “gáis” e “nóis”. O contexto posterior que determina essa ditongação é dos fonemas /z/ e /s/; sendo palavras monossilábicas, tornam a variação ainda mais frequente, caso que também se aplica aos dissílabos.

Dessa forma, vemos que, embora o registro de fala de Chico Bento menino seja coloquial, informal, familiar, os fenômenos de monotongação e ditongação são traços graduais no português brasileiro, ocorrendo até mesmo com falantes escolarizados.

⁵ Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), desenvolvido em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Trata-se de uma referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa.

Contudo, tais variações não serão apresentadas nas edições de *Chico Bento Moço*, o que nos traz à tona, mais uma vez, o estigma que tentam sobrepor ao falar caipira, visto como incorreções em conformidade com o que está previsto nas gramáticas normativas, apesar de ser uma característica normal da língua e explicada pela sociolinguística.

3.3 APAGAMENTO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO, EM FINAL DE PALAVRA, E CONCORDÂNCIA DE NÚMERO

No português brasileiro, o /s/ pós-vocálico pode ter uma pronúncia variada, tanto pela região geográfica do falante quanto pelo contexto fonológico em que ocorre, ou seja, os sons que antecedem ou seguem um determinado fonema. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 87), no “[...] caso do /s/ pós-vocálico, o contexto que tem influência é o segmento seguinte. Isto é, se é vogal, consoante ou pausa e, no caso de ser consoante, se surda ou sonora”. Assim, o fonema /s/ pode ser representado graficamente de três maneiras: s, z e x – exemplificando, estrela, lápis, extra, rapaz, capaz, mês etc.

É sobre outro fenômeno relacionado ao /s/ pós-vocálico que refletiremos agora: a sua tendência à supressão. Para tratarmos deste assunto, faz-se necessário dizer, como salienta Ricardo-Bortoni (2004), que o /s/ pós-vocálico que é morfema de plural não é a mesma coisa que o /s/ presente em palavras monomorfêmicas, nas quais o /s/ não é marca plural, como: lápis, pires etc. Sobre o primeiro caso, a autora salienta que há uma forte tendência no português brasileiro em não se fazer a concordância nominal, algo que fica materializado nos dados do grupo (04): “os livro” < os livros, “as parede” < as paredes, “as goiaba” < as goiabas, “umas labareda” < umas labaredas.

Revendo esses exemplos, fica nítida a regra de concordância não redundante utilizada por Chico Bento menino, pois somente o primeiro elemento do sintagma foi flexionado. Ademais, esses usos não só acontecem no polo rural/rurbano. Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 89), essa “[...] regra de concordância nominal não redundante ocorre ao longo de todo o contínuo, nos estilos não monitorados, chegando, às vezes, até mesmo aos estilos monitorados”, vistos como representações “oficiais” da língua, e, portanto, falares de prestígio.

A fim de explorar melhor a questão, faz-se necessário expor a visão de Scherre (1997) sobre a concordância nominal de número no português brasileiro. Conforme a pesquisadora, a tradição gramatical prevê que “[...] na concordância dentro do sintagma nominal, colocam-se marcas explícitas de plural em todos os seus elementos flexionáveis quando o núcleo do sintagma for formalmente plural” (SCHERRE, 1997, p. 182). Entretanto, estudiosos têm mostrado que a concordância de número plural é de natureza variável, pois pode apresentar tanto marcas redundantes (variantes explícitas) quanto a perda das marcas redundantes (variantes zero), movidas por fatores linguísticos e não-linguísticos.

Scherre (1997) destaca que muitos dos pesquisadores que se dedicaram ao estudo da concordância nominal em português têm afirmado que há uma tendência no português falado pelos brasileiros a se utilizar a marca de plural no primeiro elemento do SN e, por uma questão de economia, tendem a suprimir nos demais elementos. Entretanto, por meio de uma análise minuciosa, a autora demonstrou que “[...] a posição linear que o elemento ocupa no SN, como uma variável isolada, não tem a força que se supunha ter. O que há é um jogo complexo de relação entre as classes gramaticais não-nucleares e as nucleares; e das classes nucleares em razão da posição no SN” (SCHERRE, 1997, p. 185).

Mediante isso, podemos dizer que a queda do /s/ pós-vocálico é um traço descontínuo, pois, apesar de ter incidências dessa redução na zona urbana, isso não pode ser generalizado, uma vez que, por se tratar de um fenômeno estigmatizado, diante de contextos formais, as pessoas escolarizadas e os falantes urbanos optam pelo monitoramento da fala. Nos dados analisados, apenas na fala de Chico Bento menino identificamos ocorrência dessa supressão.

3.4 ALGUNS ASPECTOS CARACTERÍSTICOS DO DIALETO CAIPIRA

Concluímos, anteriormente, que as variantes do português brasileiro encontradas na edição de Chico Bento menino representam traços graduais, embora a forma como aparecem na revista tendem a associá-las a um falar rural, caipira. Além desses dados que representam traços graduais, há outros processos fonológicos de traços descontínuos, como apresentamos no Quadro 1, que são característicos do dialeto das comunidades rurais, tendo em vista a condição de isolamento em que se encontram. Nos usos orais de Chico Bento menino, averiguamos os seguintes casos: metátese, prótese, rotacismo /l/ > /r/ e despalatalização do /ʎ/. Na presente seção, apresentamos uma breve análise desses fenômenos linguísticos observados no *corpus*.

Hora, Telles e Monaretto (2007, p. 184) destacam que o processo de metátese pode ser caracterizado como um “[...] reordenamento de segmentos dentro de uma mesma palavra”, isto é, ocorre uma inversão dos sons no interior do vocábulo sob certas condições, a exemplo de “tauba” < tábua, “amalero” < amarelo, “preda” < pedra etc. Segundo os autores, esse fenômeno é pouco estudado e, no português brasileiro, há uma escassez ainda maior de trabalhos, uma vez que a “[...] sua aparente irregularidade e assistematicidade, talvez, tenham contribuído para o pouco interesse” dos estudiosos acerca dessa questão (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 179).

Ainda de acordo com Hora, Telles e Monaretto (2007, p. 185), no latim falado, denominado *sermo usualis*, já se podia encontrar casos de metátese, e há registros, “[...] na passagem do latim para o português de transposição de segmentos, como as consoantes coronais /r, l, n, s/; de vogais e de glides; e de sílabas”, como nos respectivos exemplos: *semper* > *sempre*, *crepare* > *quebrar*, *sibilare* > *silvar*, *remussiare* > *resmungar*, *anhelitu* > *alento*; *ravia* > *raiva*, *primariu* > *primeiro*, *geneculu* > *geolho* > *joelho*, *enojar* > *enjoar*; *chantar* > *tanchar*. No português brasileiro, “[...] parece que o processo de transposição de sons está relacionado à escolaridade, principalmente, pois sua realização ocorre preferencialmente em informantes com poucos anos de escolarização” (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 188).

Para Bortoni-Ricardo (2011, p. 81), os casos de “[...] metátese do /r/ e, mais raramente, do /s/ são mais comuns no caipira”. Sobre essa questão, temos os exemplos nos dados do grupo (06): “*vredura*” < *verdura*, “*drento*” < *dentro*, “*percisa*” < *precisa*, “*drumi*” < *dormir*, “*frevé*” < *ferver*. Observa-se que o fonema /r/ alterou sua posição dentro da sílaba, e, nos dois últimos casos, houve ainda a supressão desse fonema no final do vocábulo, algo que é recorrente nas revistas tradicionais de Chico Bento menino, conforme já tratamos anteriormente. No entanto, na edição de *Chico Bento Moço*, tal fenômeno se restringirá aos usos linguísticos de Zé Lelé e dos habitantes da Vila Abobrinha, pois não encontraremos mais dados de fala de Chico Bento realizando a metátese, o que sugere que a escolarização teria atuado na mudança desse comportamento linguístico do personagem.

Com relação ao processo de prótese, que é caracterizado pelo acréscimo de um segmento sonoro no início da palavra, Bortoni-Ricardo (2011) diz que, no português não padrão de Portugal e do Brasil, é muito produtiva a inserção de um /a/ em termos iniciados por consoantes. Segundo a autora, no português brasileiro muitos dos casos de prótese são característicos do dialeto caipira, algo que é ratificado no grupo (07), do Quadro 1: “*arresorve/arresorvê(r)*”.

Para uma melhor compreensão, seguem os respectivos trechos de onde foram retiradas as ocorrências citadas anteriormente: (a) “Aqui, a gente arresorve a situação diotrasmanera!” e (b) “[...] Mais tem um jeito di si arresorvêmior!”. Notamos que, na primeira frase, há o acréscimo do fonema /a/ ao verbo “resolve”, no presente do indicativo, e o rotacismo do /l/ > /r/, fenômeno que será detalhado mais à frente. Na segunda construção, além desses dois processos, ocorre também o apagamento do /r/ no infinitivo verbal “resolver”.

Prosseguindo, atestamos também o rotacismo /l/ > /r/. Segundo Costa (2011), na evolução do latim vulgar para as línguas românicas, já se podiam encontrar em documentos, como o *Appendix Probi*, casos de rotacismo, que consiste na troca de um som lateral por um som vibrante como em: *flagellum* > *fragellum*. A autora ainda destaca que, no “[...] português brasileiro, a alternância entre as líquidas pode ocorrer em dois contextos silábicos: no ataque complexo, como, por exemplo, a realização de *brusa* ou *blusa*, ou na coda silábica, como, por exemplo, a realização de *pursa* ou *pulso*” (COSTA, 2011, p. 18).

É importante ressaltar que esse fenômeno linguístico tem sido objeto de muitos estudos. Castro (2006), baseada no *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas* e no *Atlas Linguístico do Paraná*, observou, nas cartas fonéticas de alguns itens lexicais dessas regiões, cinco variantes de uso acentuado do dialeto caipira – como descrito por Amaral (1976 [1920]) –, dentre estas o rotacismo. Os dados contidos nesses Atlas foram coletados na década de 1970, no caso mineiro, e na segunda metade da década de 1980, no caso paranaense, cujos informantes eram analfabetos ou com pouca escolaridade.

A partir do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas*, considerando o conjunto de itens lexicais ali contidos, como neblina, planeta, temporal e outras, a autora afirma que o rotacismo /l/ > /r/ – tepe e retroflexo –, de um modo geral, “[...] ocorrendo em maior índice no encontro consonantal que na codasílabica, foi atestado em praticamente todo o território mineiro (cf. CARTAS IV e V, 1.3.1. e 1.3.3., respectivamente)” (CASTRO, 2006, p. 150), sendo que, em grande parte das áreas onde não foram encontrados registros, a lacuna de dados não nos permite uma conclusão mais segura.

No tocante ao Atlas paranaense, Castro (2006, p. 245) aponta que “[...] o rotacismo, conforme o conjunto dos dados analisados, estende-se a todo o Paraná, com uso mais restrito a oeste, observando-se, todavia, a atuação do contexto lingüístico em dois aspectos [...]”: no encontro consonantal antes da vogal da sílaba, a ocorrência do processo é reduzido, caso resulte em uma sequência de sons de mesma natureza – “fror”, “crara”; e na posição pós-vocálica, em final de silábica, “[...] como se observa em *sol*, *girassol* e *anzol*, a troca da líquida nunca é predominante, e tem, em consequência, uma distribuição mais restrita”, quando no interior da sílaba, como em “[...] *calcanhar* e *alçapão*, o rotacismo é geral e predominante” (CASTRO, 2006, p. 22).

Nos estudos de Cox (2009, p. 79), na região cuiabana, o rotacismo se configura como um traço característico dessa localidade, por conta da intensidade. A autora revela que, em outras regiões do Brasil, tal fenômeno é associado ao contexto de ruralidade, analfabetismo e oralidade, “[...] é um traço estigmatizado e timbrado com a pecha de caipirismo, é um marcador social, por assim dizer”. Todavia, “[...] na região da Baixada Cuiabana, é um indicador linguístico, pois reúne, indistintamente, falantes das zonas rural e urbana, pouco ou muito escolarizados e letRADOS, e ocorre em contextos de interação mais ou menos formais” (COX, 2009, p. 79).

Em nosso levantamento, mais precisamente no grupo 08, encontramos a realização do rotacismo nos dois contextos silábicos: em final de sílaba, como em “farta” < falta, “arcança” < alcançar e “vorta” < volta, como também no encontro consonantal, “craro” < claro. Conforme vimos, essa variação entre as líquidas é um fenômeno antigo e que ainda perdura nos falaRES de comunidades mais isoladas, e em situações em que os indivíduos possuem um baixo nível de escolarização, com uma ressalva ao caso estudado por Cox (2009).

Ante o exposto, vemos que a “troca” de sons realizada por Chico Bento menino corresponde à norma de uso normal, pois segue a tendência natural da língua, visto que os falantes da Vila Abobrinha, com poucas exceções, conservaram formas antigas do português, hoje encaradas como “desvios” da língua padrão, mas que, em algum momento da história, erAM formAS usuais, consideradas legítimas, encontradas até mesmo em textos literários e dicionários, como bem salienta Costa (2011).

Nas revistas analisadas de *Chico Bento Moço* (SOUZA, 2013a; 2013b), o rotacismo e outros fenômenos descontínuos não serão marcas características da fala do personagem, pois Chico Bento procura ao máximo optar pelo estilo monitorado, mais planejado, mesmo em ambientes em que os interlocutores e o tópico da conversa sejam informais. Diante disso, surge a seguinte questão: como Chico Bento consegue, de forma tão rápida, fazer o uso da norma culta, uma vez que, ao longo de toda a sua trajetória, recebeu uma forte influência da cultura de oralidade, ainda que, na escola, fosse exposto à norma padrão?

Certamente, a sua inserção na universidade não lhe garante este domínio imediato da norma culta. Seria mais aceitável e coerente situar o personagem na área intermediária do contínuo de urbanização, isto é, no contexto *rurbano*, tendo em vista que carrega marcas da cultura caipira, mas que, paulatinamente, assimilaria a cultura de letramento. Portanto, trata-se de uma visão simplista, por parte da revista, com relação aos fenômenos da língua e sobre sua manifestação nos usos orais. Por fim, deteremos nossa atenção à vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/ ou despatalização.

Conforme Aragão (2009, p. 168), o “[...] fonema /ʎ/ é descrito fonética e fonologicamente como consoante oral, sonora, lateral, dorso-palatal e o fonema /ɲ/ como consoante vibrante, sonora, nasal, dorso-velar”. Ainda segunda a autora, esses fonemas “[...] ocorrem sempre em posição medial de sílaba medial ou final de palavras e, com raríssimas exceções, em posição inicial de alguns empréstimos espanhóis e no pronome de 3^a pessoa ‘lhe’” (ARAGÃO, 2009, p. 168).

Dando continuidade a essa questão, Aragão (2009, p. 168) diz que, em alguns contextos, seja por facilidade ou relaxamento de articulação, “[...] o /ʎ/ e o /ɲ/ podem perder o traço palatal, passando a ser articulados como alveolares /l/ e /n/, como iode /y/ ou sofrer apagamento, desaparecendo”. Chaves e Melo (2009, p. 85) afirmam que, na iotização, “[...] tem-se a produção [y] em palavras como pilha [piya] e trabalho [trabay]. No segundo caso, o do zero fonético, há realizações como a verificada para a palavra milho [mio], muito comuns nas populações não escolarizadas e, com mais frequência, não urbanas”.

Aragão (2009) ainda evidencia que há estudiosos que consideram a despalatalização como um fenômeno fonético, contudo, outros autores caracterizam como sendo um problema de influência africana, uma mudança ocorrida do latim para o português, ou ainda um fato que pode vir a ser caracterizado como fonológico, gerando, por sua vez, outro fonema e não apenas essa articulação diferente entre os fonemas /ʎ/ e /ɲ/. Os estudos da autora revelam que, no falar de Fortaleza e João Pessoa, há uma predominância quase que absoluta nos *corpora* estudados, de apagamento do “nh” quando antecedido da vogal “i” em sílaba nasal, como em “minha > mia” e tantos outros. Outro fator relevante é a permanência do /ʎ/ e /ɲ/ nas sílabas mediais e finais, como nos respectivos exemplos, “milho”, “melhora”, “escolinha”, “conheço”; iotização desses dois fonemas também em sílaba medial e final. Quando há o zero fonético do “nh”, esse também sofre iotização.

Revisitando o grupo 09 (Quadro 1) de nossa pesquisa, veremos a ocorrência da despalatalização e a consequente iotização em todos os casos, a saber: “teiado” < telhado, “coié” < colher, e “mior” < melhor. Considerando os dados, observamos que, na fala de Chico Bento menino, temos a despalatalização do /ʎ/ e também a produção do iode [y] na sílaba medial e final dos termos. Como exposto por Aragão (2009), fenômenos como esses podem ser encontrados em falares de muitos estados do Brasil, apesar disso não se trata apenas de uma variação diatópica, mas, sobretudo, de uma variação de caráter social.

Aguilera (1989, p. 177) verifica, a partir de alguns pressupostos teóricos, que a iotização no Brasil segue um caminho inverso do que ocorreu na Espanha e França, pois, diferentemente dos dois últimos, aqui o processo se consolidou como uma “[...] forma estigmatizada, sem prestígio social, própria de comunidades incultas, e afastadas dos centros urbanos”. Segundo a autora, na França, “[...] o ieísmo aparece, no século XVII, entre a pequena burguesia e se estende mais tarde para as províncias” e nas cidades da Espanha e, principalmente, suas “[...] capitais foram e são os focos de ieísmo, o mesmo ocorrendo nos países hispano-americanos, constituindo-se a iotização em modalidade cortesã e urbana, enquanto o /ll/ é sentido como tradicional, mas regional” (AGUILERA, 1989, p. 176-177).

Por ocasião da pesquisa de campo para a construção do *Atlas Linguístico do Paraná* e para o Esboço de um *Atlas Linguístico de Londrina*, Aguilera (1989) fez o levantamento de 18 itens lexicais com a presença gráfica do “lh”, em diferentes localidades do Paraná. Dentro os vocábulos estudados, a partir de 56 informantes da zona rural, ou seja, com baixo grau de escolaridade, a autora observou que, quando o /ʎ/ precedia a vogal “e”, como nos casos do grupo 09, ocorreu um

[...] alto índice de iotização para orelha-de-pau (52%) e arco-da-velha (68%), provavelmente por serem lexias compostas e por se tratar de vocábulos de uso mais restrito ao campo. No caso de lexia simples e de vocabulário comum a qualquer contexto sócio-cultural, como orelha, o índice de iotização ficou em torno de 25%. O índice de síncope da consoante palatal, para as lexias compostas, ficou em torno de 7% (AGUILERA, 1989, p. 177).

A partir dos dados dispostos e dos estudos sobre a despalatalização e consequente iotização, notamos que estamos diante de fenômenos complexos, e, por isso, não se tem uma explicação única para essas ocorrências. Entretanto, as incidências estão, quase sempre, relacionadas ao contexto rural, cujos falantes vivem longe dos polos urbanos, como Chico Bento menino, e com pouca ou quase nenhuma influência da escola. Nessas condições de vulnerabilidade social, há certa tendência natural do falante, como bem

salienta Aguilera (1989), em optar pelas emissões que conferem um menor trabalho dos órgãos fonadores, isto é, uma economia fisiológica, tendo em vista que a sua mensagem chega ao ouvinte de forma satisfatória, sem prejuízos no processo de comunicação.

4 MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA

Retomando o que diz Bortoni-Ricardo (2004), no contínuo de monitoramento estilístico, teremos dois polos que representam ambientes de maior ou menor monitoração, isto é: na interação do falante, cujo ambiente é informal, o seu diálogo será mais espontâneo, privilegiando um estilo menos monitorado; já em contextos formais, que exigem do falante uma maior atenção e planejamento, seu estilo será mais monitorado.

Relembrando a discussão proposta por Bortoni-Ricardo (2004) sobre o contínuo da monitoração estilística, precisamos considerar que o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa podem mover as atitudes linguísticas dos falantes, manifestadas em suas escolhas e atos de fala. Sendo assim, um mesmo interlocutor pode optar por um estilo mais ou menos monitorado a depender dos três fatores anteriormente mencionados.

Nesse sentido, podemos considerar que a monitoração estilística permite-nos observar a avaliação que os falantes fazem das estruturas da língua, na medida em que a opção por uma determinada forma em detrimento de outra está condicionada aos “modos de ver” a língua pelo falante. A monitoração estilística, nesse caso, está relacionada ao problema da avaliação linguística, como proposto pela teoria da variação e mudança linguística.

Com essas questões em mente, buscamos verificar a possibilidade de analisar o comportamento de Chico Bento quanto ao monitoramento estilístico. Para nossa surpresa, deparamo-nos com uma situação que nos permite observar as atitudes sociolinguísticas do personagem principal e, por consequência, a avaliação que faz em relação a determinados usos linguísticos. A seguir, reproduzimos, então, a situação extraída da revista *Chico Bento Moço*, volume 1, que tem por título *Um novo recomeço*:



Imagen 1: Monitoramento estilístico em *Chico Bento Moço*

Fonte: Sousa (2013a, p. 15)

Observamos, nesse trecho, que, ao estar em um contexto que exige uma menor monitoração (conversa informal com seu pai), Chico Bento, inicialmente, abre uma exceção e “escorrega” em sua fala, permitindo a utilização das expressões “Ô coisa boa, só!” e “Num tem coisa miior [...]”, assim como qualquer falante, pois o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa lhe permitem optar por um vocabulário mais informal e mais espontâneo. Entretanto, ao perceber seu uso menos monitorado e, consequentemente, compreendido como uma “incorrção” ao que prescreve a gramática normativa, Chico Bento prontamente se corrige, deixando transparecer o preconceito linguístico que o personagem carrega sobre a sua própria fala e, consequentemente, sua cultura marcadamente rural, caipira.

Diante disso, vemos que, mesmo num ambiente com menor monitoração, Chico Bento ainda se encontra num estado altamente monitorado, levando a crer que tais variantes são “erradas”. Sobre essa questão, vale ainda destacar que, no contínuo de monitoração, os falares não se dividem nessa dicotomia de “certo” e “errado”, mas sim em congruentes ou não ao ambiente no qual a conversa é estabelecida. No trecho aludido, essa questão é reforçada na fala do pai de Chico Bento: “Aqui, o caipirêis é permitido!”.

Se analisarmos esse discurso final do pai de Chico, vemos que a frase resume, de forma clara, a visão categórica da revista acerca das populações de oralidade, ou seja, o falar rural só é permitido na roça, quando estiver em família, isto é, com seus iguais. Na cidade, o

“caipirês” será condenado, tanto que, Marcelo Cassaro, um dos roteiristas da revista do *Chico Bento Moço*, em entrevista ao Jornal de Piracicaba⁶, no ano de 2013, chega à seguinte conclusão sobre o Chico Bento Moço: “Ele estudou e hoje fala português correto, mas ainda recorre a expressões caipiras em momentos de espanto ou indignação”. A noção de “certo” e “errado” mais uma vez vem à tona e os desvios só são “aceitos” em situações de tensão e conflito na história.

Nessa direção, podemos dizer que em *Chico Bento Moço* há, sem dúvidas, uma preocupação por parte da revista em caracterizar os usos do personagem Chico em um nível mais monitorado, optando quase sempre pela norma culta. Contudo, quando o seu interlocutor é alguém próximo, ou seja, em uma relação mais afetiva como a que mantém com os seus pais, vemos um “relaxamento” de Chico Bento com relação à norma prevista pela gramática normativa, atrelado a um constrangimento, justamente, pela ideia cristalizada de que a única língua legítima é a da cultura letrada e, então, qualquer outra forma, não oficial, será estigmatizada.

5 A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Considerando nossa análise, verificamos que muitos dos usos linguísticos apresentados nas revistas de *Chico Bento*, por seus respectivos personagens em conformidade com os respectivos perfis sociolinguísticos, não correspondem aos resultados sistematizados pelos diversos trabalhos contemporâneos sobre a variação dialetal no Brasil. É interessante dizer que, dos nove grupos analisados, quatro se caracterizam como traços graduais e podem ser considerados como usos urbanos, embora sejam apresentados como marcas de variedades linguísticas rurais. Quanto aos outros, apesar de serem considerados como traços descontínuos, discutimos, a partir de investigações de tempos e espaços diversos, sob uma ótica sociolinguística, porque variam e como isso vem ocorrendo no português brasileiro.

Certamente, os dados que foram apresentados, e suas respectivas análises, demonstram que há uma incoerência por parte da revista no tratamento da variação linguística quando associa traços graduais apenas ao contexto urbano e os traços descontínuos, marginalizados, não escolarizados, aos usos de falantes do contexto rural. Evidenciamos que muitos traços, como a monotongação, a ditongação e a queda do /R/ na posição de coda silábica, em final de palavras, são graduais no contínuo rural-urbano, não sendo marcas exclusivas do dialeto caipira.

Por fim, situar o personagem Chico Bento no contínuo de urbanização fez-nos refletir sobre o discurso que a gramática normativa sustenta sobre a língua ideal, legítima, ou seja, aquela que prioriza o linguajar “correto”. Nessa perspectiva, as estruturas que não seguem esse padrão carregam o estigma de língua desprestigiada e “estropiada”, sobretudo, materializada nas culturas de oralidade das comunidades rurais.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. O fonema /A/: realizações fonéticas, descrição e a sua comprovação na fala popular paranaense. *Revista Semina*, Revista Cultural e Científica da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, v. 10, n. 3, p. 173-178, 1989.
- AMARAL, A. *O dialeto Caipira*. 3. ed. São Paulo: HUMITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. [1920].
- ARAGÃO, M. do S. S. de. Ditongação e monotongação no falar de Fortaleza. *Revista Graphos*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 109-122, 2000.

⁶ Matéria escrita por Naiara Lima (2013).

ARAGÃO, M. do S. S. de. Os estudos fonético-fonológicos nos Estados da Paraíba e do Ceará. *Revista da Abralin*, Revista da Associação Brasileira de Linguística, Pará, v. 8, n. 1, p. 163-184, 2009.

BAGNO, M. Entrevista. In: LIBERATTI, E.; AIO, M. de A. Entrevista com o professor Marcos Bagno. *Revista In-Traduções*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 209-212, 2011.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VII. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 701-728.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade*: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna*: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. O apagamento R final no dialeto caipira: um estudo aparente em aparente e em tempo real. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 14, p. 1-9, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501998000300006&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 fev. 2017.

CASTRO, V. S. *A resistência de traços do dialeto caipira*: estudo com base em atlas lingüísticos regionais brasileiros. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) –Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CHAVES, L. M. do N.; MELO, F. E. S. de. A despalatalização de /Λ/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC). In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 13., 2009, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos do XIII CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, p. 84-98.

COSTA, L. T da. *Abordagem dinâmica do rotacismo*. 2011. 173f. Tese (Doutorado em Linguística) –Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

COX, M. I.P. Estudos linguísticos no/do mato Grosso: o falar cuiabano em evidência. *Periódico do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem*, Cuiabá, v. 15, n. 17, p. 75-90, 2009.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORA, D. da. A monotongação na produção escrita: reflexo da fala. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL EM COMUNICACIÓN SOCIAL, 10., 2007, Santiago de Cuba. *Actas I*. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, 2007. p. 127-131.

HORA, D.da; TELLES, S.; MONARETTO, V. N. O. Português brasileiro:
uma língua de metátese(?). *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 178-196, 2007.

LIMA, N. Chico Bento Moço com “sotaque” piracicabano. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba-SP, 21 ago. 2013. Cultural, p. C1.
Disponível em:
<http://www.esalq.usp.br/acom//clipping_semanal/2013/8agosto/17_a_23/files/assets/downloads/page0050.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2017.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, 2000.

NASCIMENTO, B. O “errado” pode ser o certo. *Revista Via Legal*, Brasília, ano 5, n.13, p. 10-11, 2012. Disponível em: <http://www.cjf.jus.br/cjf/comunicacao-social/informativos/revista-via-legal/ViaLegal_Ed13_web.pdf/view>. Acesso em: 11 fev. 2017.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Fonética e fonologia do português brasileiro*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SOUSA, M. de. Chico Bento em privilégios da cidade. In: _____. *Chico Bento*. São Paulo: Panini Comics, n.1, p. 57-65, 2007.

SOUSA, M. de. *Chico Bento Moço*: um novo começo. São Paulo: Panini Comics, n. 1, 2013a.

SOUSA, M. de. *Chico Bento Moço*: vida na república. São Paulo: Panini Comics, n. 2, 2013b.

SCHERRE, M. M. P. Concordância nominal e funcionalismo. *Alfa*, Araraquara, n. 41 (esp.), p. 181-206, 1997.

Recebido em 06/04/2017. Aceito em 20/06/2017.

VARIANTES DE CAMBALHOTA E DE BOLINHA DE GUDE DE CAPITAIS DO NORDESTE NOS DICIONÁRIOS ELETRÔNICOS HOUAISS E AURÉLIO: UMA ANÁLISE METALEXICOGRÁFICA A PARTIR DOS DADOS DO ALIB

VARIANTES DE CAMBALHOTA Y DE BOLINHA DE GUDE DE CAPITALES DEL NORDESTE
EN LOS DICIONARIOS ELECTRÓNICOS HOUAISS Y AURELIO: UN ANÁLISIS
METALEXICOGRÁFICA A PARTIR DE LOS DATOS DEL ALIB

THE VARIANTS OF CAMBALHOTA AND BOLINHA DE GUDE USED IN THE CAPITAL CITIES
OF THE NORTHEAST REGION IN HOUAISS AND AURÉLIO ELECTRONIC DICTIONARIES: A
METALEXICOGRAPHIC ANALYSIS FROM ALIB DATA

Rodrigo Alves Silva*

Universidade Federal do Piauí

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos**

Universidade Federal do Piauí

RESUMO: Este trabalho propõe-se a analisar as variantes de *cambalhota* e de *bolinha de gude* das capitais da região Nordeste, conforme descrito no *ALiB*, nos dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio. O objetivo geral é analisar, nos referidos dicionários, o tratamento dado aos regionalismos citados, contrapondo-os aos dados do *ALiB*. Para tanto, estabeleceu-se um confronto entre as informações trazidas nos três materiais, sobretudo quanto à localização geográfica, a fim de perceber convergências e divergências entre eles. Os dados apontam poucas convergências entre as informações trazidas no *ALiB* e nos dicionários. As informações

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Educação de Teresina - PI; professor substituto de Linguística na UFPI. E-mail: rodrigoalvessilva@hotmail.com.br.

** Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: marcelodosanjos@ufpi.edu.br.

encontradas nos dicionários, em sua maioria, divergem do *ALiB*. Com isso, nota-se a necessidade de atualização das obras lexicográficas no tratamento de regionalismos, utilizando como base as pesquisas dialetológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Regionalismos. Dicionário Houaiss. Dicionário Aurélio. *ALiB*.

RESUMEN: Este trabajo se propone analizar las variantes de *cambalhota* y de *bolinha de gude* de las capitales de la región Nordeste, en conformidad con lo descrito en el *ALiB*, en los diccionarios electrónicos Houaiss y Aurelio. El objetivo general es analizar, en los referidos diccionarios, el tratamiento hacia los regionalismos citados, contraponiéndose a los datos del *ALiB*. Por lo tanto, se estableció un enfrentamiento entre las informaciones traídas en los tres materiales, sobre todo referente a la localización geográfica, a fin de percibir convergencias y divergencias. Los datos apuntan pocas convergencias entre las informaciones traídas en el *ALiB* y en los diccionarios. Las informaciones encontradas en los diccionarios, en su mayoría, divergen del *ALiB*. Con todo, se fija la necesidad de actualización de las obras lexicográficas en el tratamiento de regionalismos, empleando como base las búsquedas dialectológicas.

PALABRAS CLAVE: Regionalismos. Diccionario Houaiss. Diccionario Aurelio. *ALiB*.

ABSTRACT: This work proposes to analyze the variants of *cambalhota* and *bolinha de gude* used in the capital cities of the Northeast region, as described in the *ALiB*, and the in the Houaiss and Aurélio electronic dictionaries. The general objective is to analyze, in the selected dictionaries, the treatment given to the mentioned regionalisms, as opposed to the *ALiB* data. In order to do so, a comparison among the information gathered in the three materials was established, especially with regard to geographic location, for the purpose of perceiving convergences and divergences. The data show little convergence between the information provided by the *ALiB* and the dictionaries. The information found in the dictionaries, for the most part of it, differs from the ones in *ALiB*. With this, it is possible to notice the need for an update in the lexicographic works concerning the approach used given to regionalisms, based on the dialectical researches.

KEYWORDS: Regionalism. Houaiss Dictionary. Aurélio Dictionary. *ALiB*

1 INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua reflete a diversidade cultural e social de uma comunidade de fala, pois assim como mudam e variam os costumes, as relações sociais e os valores humanos, a língua também sofre variações e mudanças. Dentre as ciências que se ocupam em investigar essas variações linguísticas estão a Sociolinguística e a Dialetologia.

Ainda que tenham o mesmo objeto de investigação, é possível estabelecer os limites entre as duas áreas, haja vista que a Dialetologia prioriza a localização geográfica de determinada variedade linguística, enquanto que a Sociolinguística, ainda que se preocupe também com o fator diatópico, interessa-se pela relação entre os fatos linguísticos e os fatos sociais, priorizando as relações sociolinguísticas. Nessa tarefa de aliar os usos da língua à geografia, a Dialetologia está intimamente relacionada à Geolinguística, pois esta, também chamada de Geografia linguística, é considerada o método da Dialetologia (CARDOSO, 2010).

As variedades linguísticas, identificadas a partir de pesquisas do âmbito da Dialetologia, também chamadas de regionalismos, podem ser registradas em dicionários, cujo papel é de repertoriar o léxico de uma língua e trazer informações sobre a natureza desse léxico. Ao registrar regionalismos, o dicionário pode informar, por exemplo, em que região do Brasil se fala de uma forma ou de outra ou onde se utiliza determinada variante lexical. No entanto, algumas informações sobre regionalismos presentes em dicionários não condizem com a realidade de fala, pois, muitas vezes, não se baseiam em pesquisas científicas (ISQUERDO, 2007). Por conta disso, autores como Isquierdo (2007) e Fajardo (1996-1997) afirmam que os lexicógrafos precisam se basear em dados de pesquisas dialetológicas para informar a natureza dos regionalismos.

Diante disso, este trabalho justifica-se pela necessidade de dicionarização de regionalismos, baseada em dados de pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, uma vez que pesquisas dessa natureza trazem dados mais seguros em relação à variação diatópica do léxico que podem servir de base para os lexicógrafos.

O *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)* é a mais recente publicação que descreve a realidade linguística do Brasil, registrando a diversidade fonética, semântico-lexical e morfossintática em forma de cartas linguísticas. Por isso, ele é um dos instrumentos que pode auxiliar o lexicógrafo no registro e na classificação de um regionalismo quanto à sua localização geográfica. Por isso mesmo, utiliza-se o *ALiB* como parâmetro na análise de dados desta pesquisa, mas reconhecendo que existem outras fontes citadas por Isquierdo (2007), como atlas regionais, vocabulários, glossários e pesquisas acadêmicas. Neste trabalho, elege-se como objeto de pesquisa dois dicionários gerais, o *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (doravante *DEH*) e o *Dicionário Eletrônico Aurélio da língua portuguesa* (doravante *DEA*).

O objetivo geral é analisar, nos referidos dicionários, o tratamento dado aos regionalismos *cambalhota* e suas variantes e *bolinha de gude* e suas variantes, contrapondo-os com os dados do *ALiB*. Os objetivos específicos são verificar se os dados sobre localização geográfica no *DEH* e no *DEA* são convergentes com ou divergentes dos dados do *ALiB* e, no caso das divergências, propor possibilidades de adequado tratamento.

Este trabalho se estrutura da seguinte maneira: primeiramente, apresenta-se a fundamentação teórica do trabalho, em que se discute o conceito de Lexicografia e Metalexicografia e a tipologia lexicográfica. Além disso, discorre-se sobre o problema da inserção de regionalismos em dicionários. Ainda na fundamentação teórica, faz-se uma exposição sobre o quadro teórico-metodológico da Dialetologia e como ela embasou a elaboração do *ALiB*. Posteriormente, mostra-se a metodologia adotada para esta pesquisa. Na seção ulterior, apresentam-se os dados, seguidos de discussões. Por fim, tecem-se algumas conclusões.

2 LEXICOGRAFIA E METALEXICOGRAFIA

Esta pesquisa insere-se no âmbito da Metalexicografia, definida como a ciência que se preocupa com o “estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, à crítica de dicionários, à pesquisa da história da lexicografia, à pesquisa do uso de dicionários [...] e ainda à tipologia” (WELKER, 2004, p. 11). A Lexicografia, por seu turno, “designa a ‘ciência’, ‘técnica’, ‘prática’ ou mesmo ‘arte’ de elaborar dicionários” (WELKER, 2004).

No que tange à tipologia lexicográfica, há várias propostas de classificação de dicionários, como a de Haensch (1982), de Biderman (1984) e de Welker (2004). Destaca-se a proposta desse último autor. Welker (2004) defende que a tipologia lexicográfica deve partir, primeiramente, da divisão entre obras de consulta em formato de livro e as computadorizadas, haja vista que, atualmente, os dicionários eletrônicos têm ganhado espaço no conjunto de produções lexicográficas. A segunda distinção seria quanto ao número de línguas, que são os monolíngues e os multilíngues, dos quais, certamente, os monolíngues são os mais produzidos. E, por fim, a terceira distinção seria entre dicionários gerais e dicionários especiais.

Para Welker (2004), apenas um tipo deve ser classificado como geral – aquele que se caracteriza por ser alfabetico, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando sobretudo os lexemas da língua comum. Os demais, portanto, são classificados como especiais – os históricos, os diacrônicos, os onomasiológicos etc. O autor ainda propõe uma divisão entre os dicionários gerais:

Nos gerais, devemos distinguir entre os seletivos, isto é, entre aqueles que registram os lexemas realmente em uso (como o DUP ou Borba 2004) e aqueles muito extensos, às vezes chamados de *tesouros*, que incluem numerosos lexemas e termos não empregados na língua comum, como *Aurélio*, *Michaelis*, e *Houaiss*, que, além de *tesouros*, podemos denominar *gerais extensos*. Embora a definição de *geral* se aplique aos dicionários para aprendizes, estes se destacam por dirigirem-se a um determinado público e por apresentarem certas características que os diferenciam dos “comuns”. (WELKER, 2004, p. 43, grifos do autor)

A distinção estabelecida pelo autor entre dicionário geral e especializado e entre dicionário geral seletivo e extenso é tomada, neste trabalho, como parâmetro de classificação. Por isso e conforme o fragmento acima, consideramos os dicionários objeto de estudo desta pesquisa, o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (*DEH*) e o *Dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa*

(DEA), como dicionários gerais, mais especificamente gerais extensos, por representarem hoje, juntamente com o dicionário *Michaelis*, os artefatos mais significativos da língua portuguesa.

Welker (2004) organiza sua proposta tipológica em forma de mapa conceitual, apresentado a seguir:

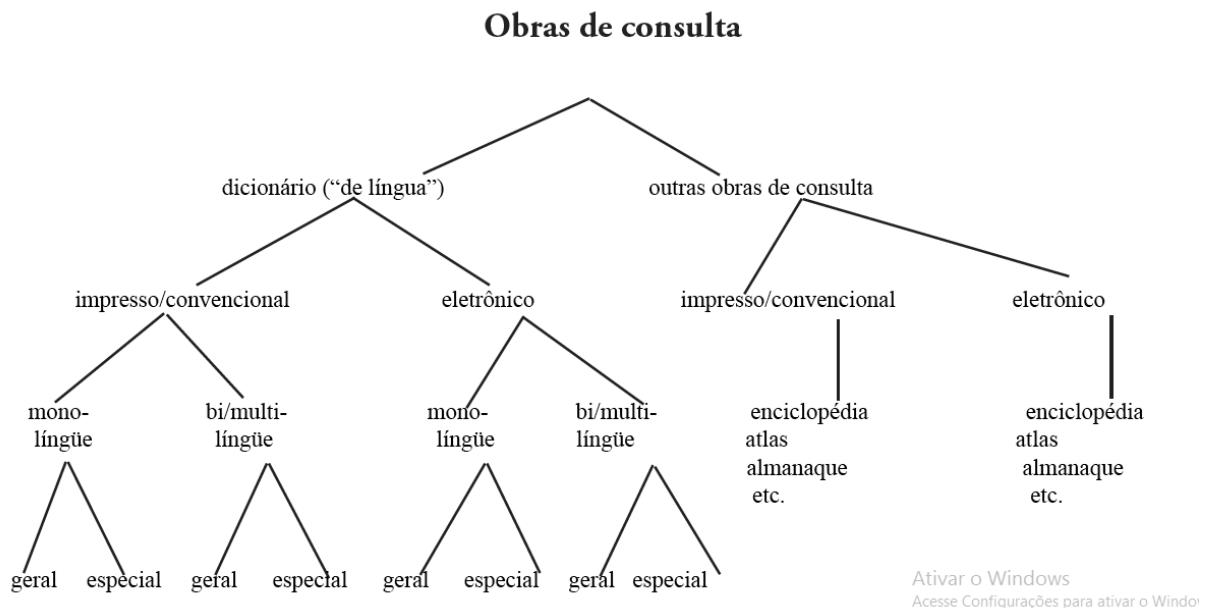


Figura 1: Tipologia lexicográfica segundo Welker (2004)

Fonte: Welker (2004, p. 44)

Diante do exposto sobre tipologia lexicográfica, foi possível classificar os dicionários em análise em dicionários gerais, uma vez que incluem em sua lista de palavras o léxico geral da língua portuguesa, incluindo terminologias, neologismos, estrangeirismos, regionalismos etc. No caso dos regionalismos, deve-se considerar que há problemas em seu tratamento, sobretudo quanto à imprecisão de informações geográficas. Assim, como afirma Isquierdo (2011), o dicionário não deve tratar os regionalismos de forma aleatória, mas, primeiramente, deve definir o que ele entende por regionalismo e ter o cuidado de não restringi-lo à determinada localização geográfica, quando, na verdade, seu uso pode ser mais amplo. Além disso, a autora cita as principais fontes que podem servir de base para os dicionários:

Em se tratando, por exemplo, dos regionalismos, além dos *corpora* de língua escrita, dados colhidos de atos reais de fala também são muito úteis para atestar o uso de uma unidade lexical. Assim, *glossários*, *vocabulários regionais* resultantes de pesquisas acadêmicas (dissertações, teses), produzidos nos programas de pós-graduação das diferentes regiões do Brasil, na(s) sincronia(s) contempladas pela obra, configuram-se como fontes fidedignas de regionalismos. De forma similar, os atlas linguísticos também não podem ser desconsiderados como fonte de dados. À medida que documentam a língua em uso num determinado tempo e espaço, e, em virtude da metodologia que orienta as pesquisas geolinguísticas, as cartas lexicais oferecem dados concretos acerca da distribuição diatópica de uma variante lexical, representando fonte segura para a identificação e a classificação de regionalismos (CARDOSO; CASTRO; ISQUERDO, 2011, p. 62)¹.

Conforme o fragmento acima, os atlas linguísticos, resultantes de pesquisas dialetológicas, podem contribuir para o adequado tratamento de regionalismos em dicionários, pois são elas que podem fornecer dados mais assertivos sobre a natureza dos regionalismos, como corrobora Isquierdo (2007, p. 199):

¹ Ainda que esta citação seja extraída de um texto de autoria de Cardoso, Castro e Isquierdo, cada uma das autoras escrevem em momentos diferentes, uma vez que o artigo, do qual fora tirada a citação, organiza-se em forma de entrevista. Sendo assim, este fragmento trata-se de uma ideia apenas de Isquierdo.

Nesse sentido, os atlas linguísticos são de grande valia, pois fornecem dados confiáveis acerca do grau de disseminação de uma variante lexical, o que é garantido pela metodologia que orienta pesquisas geolinguísticas, em especial o uso de um questionário de natureza onomasiológica utilizado na coleta dos dados e uma rede de pontos distribuída na área investigada – um município, um estado, uma região ou um país, dependendo da amplitude do atlas, ou seja, se de pequeno ou de grande domínio.

Reconhecendo a importância das pesquisas dialetológicas e geolinguísticas na descrição do português do Brasil, como também na possibilidade de orientação de lexicógrafos na classificação de regionalismos, e considerando que este trabalho se vale de dados dialetológicos também, faz-se, na seção seguinte, uma discussão a respeito do conceito da Dialetologia e da Geografia Linguística e como se deu a elaboração do ALiB.

3 A DIALETOLOGIA E OS ATLAS LINGUÍSTICOS

A Dialetologia é uma das ciências que objetiva estudar as variedades da língua, sobretudo diatópicas, numa perspectiva sincrônica. Mais especificamente, “a Dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15).

Por dar atenção à língua em uso, a Dialetologia tem se assemelhado à Sociolinguística, cujo objetivo também é, grosso modo, descrever as variedades linguísticas. No entanto, os limites entre as duas ciências estabelecem-se na medida em que, segundo Cardoso (2010), a Dialetologia prioriza a localização geográfica de determinada variedade linguística, enquanto que a Sociolinguística, ainda que se preocupe também com o fator diatópico, interessa-se pela relação entre os fatos linguísticos e os fatos sociais, priorizando as relações sociolinguísticas. Nessa tarefa de aliar os usos da língua à geografia, a Dialetologia está intimamente relacionada à Geolinguística, pois esta, também chamada de Geografia linguística, é considerada o método da Dialetologia (CARDOSO, 2010).

Os estudos diaetais, ainda que tenham como foco a variação diatópica, têm se preocupado também com outros fatores sociais – idade, gênero, escolaridade, profissão –, principalmente à hora da seleção de informantes. Esses “veios sociolinguísticos”, como denomina Cardoso (2010), aproxima a Dialetologia da Sociolinguística, pois, como afirma a autora:

A dialetologia e especificamente os estudos geolinguísticos deixam de apresentar-se numa visão dominante diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social. Isso vem mostrar, ainda, que a uniformidade diatópica pode sofrer desdobramentos e, tal como acontece com a célula humana, é possível de dividir-se, sem, contudo, perder a sua inteireza e a sua integridade. (CARDOSO, 2010, p. 61-62)

Segundo Cardoso (2010), uma pesquisa de cunho dialetológico realiza-se a partir de três aspectos: a rede de pontos, os informantes e os questionários. A rede de pontos é a área geográfica a ser investigada. Essa área pode ser uma única localidade, um estado, uma região, um país ou um continente. A determinação da localidade depende dos objetivos da pesquisa.

Além disso, como afirma a autora, a escolha de uma rede de pontos não deve pautar-se apenas no princípio do isolamento, antiguidade e pouco desenvolvimento, como se fazia no começo dos estudos dialetológicos, mas deve incluir também localidades com altos índices de desenvolvimento, urbanização e densidade demográfica, para que seja possível refletir sobre as novas configurações do mundo moderno (CARDOSO, 2010).

Mesmo com a seleção de localidades mais urbanas e com uma pluralidade de falantes, como são as capitais do Brasil, as pesquisas levam em conta critérios de seleção de informantes, para que os dados sejam mais precisos. Para essa seleção, é necessário definir o número de informantes, a identificação deles (naturalidade, vinculações familiares, inserção social) e suas características sociais (idade, gênero e escolaridade).

Segundo Cardoso (2010), para a Dialetologia, um único informante de uma determinada localidade já é suficiente para que a informação seja validada, pois, com essa informação, já pode-se afirmar qual uso se faz na área investigada. Devido ao pequeno número de informantes selecionados, várias críticas são feitas ao método geolinguístico. No entanto, como afirma Cardoso (2010), o objetivo da Dialetologia não é afirmar se tal uso linguístico caracteriza-se como variação estável ou mudança em curso, tampouco quantificar seu uso, estabelecendo percentuais de ocorrência, mas sim afirmar que “num dado lugar, registra-se tal fato, recolhido em tais circunstâncias” (CARDOSO, 2010, p. 92).

Quanto ao perfil dos informantes, Cardoso (2010) afirma que sua seleção deve atender aos objetivos da pesquisa, que pode ser voltada especificamente para a diversidade diatópica ou conjugada a outros fatores sociais. Sendo assim, fatores como idade, sexo, profissão e nível de escolaridade são levados em conta nessa seleção.

O questionário é o principal instrumento de coleta de dados. Ele organiza-se a partir do tipo de dado a ser recolhido – fonético-fonológico, semântico-lexical ou morfossintático etc. Para tanto, Cardoso (2010, p. 98) adverte que “[...] é de suma importância a aplicação prévia, um teste preliminar, antecedendo a realização da pesquisa, para verificar-se a eficácia do questionário e a pertinência da formulação das perguntas que o integram”.

4 O PROJETO ALiB

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) insere-se no quadro metodológico da Geolinguística. O objetivo foi investigar as realizações linguísticas em redes de pontos, espalhadas nos 26 estados do Brasil, por meio de questionários. Para tanto, foram aplicados diferentes tipos de questionários: questionário fonético-fonológico (QFF), questionário semântico-lexical (QSL), questionário morfossintático (QMS), questões de pragmática (QP), questões metalingüísticas (QM) e aplicação de textos para leitura. Tendo em vista que o foco deste trabalho são regionalismos no nível lexical, destaca-se, entre os tipos de questionários citados, o questionário semântico-lexical (QSL).

Ele é constituído de 202 questões divididas em quatorze áreas semânticas: Acidentes geográficos; Fenômenos atmosféricos; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Fauna; Corpo humano; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Religião e crenças; Jogos e diversões infantis; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário e acessórios; Vida urbana. As questões são de caráter onomasiológico, ou seja, partem do significado para a unidade lexical. Assim, a pergunta podia solicitar uma denominação, por meio de descrições, ou levava o informante a completar uma sentença feita pelo inquiridor. O *Atlas* foi publicado em 2014, em dois volumes, dos quais o primeiro contém informações teórico-metodológicas, e o segundo, as cartas linguísticas. As cartas apresentam parte dos resultados do projeto, pois trazem apenas os dados das capitais, exceto Palmas e Brasília.

Dos quatorze campos semânticos que constituem o questionário semântico-lexical, apenas oito deles foram contemplados nas cartas linguísticas do Volume 2. Desses oito, optou-se, neste trabalho, por analisar as variantes lexicais no campo semântico *Jogos e diversões infantis*, especificamente as variantes de *cambalhota* e *bolinha de gude*. A escolha desse campo semântico se deu pelo fato de ele ser o campo de maior representatividade no atlas e pela grande produtividade quanto às variantes lexicais.

4.1 PERFIL DOS INFORMANTES

Quanto ao perfil dos informantes, foi estabelecido, pelo Projeto ALiB, não só critério diatópico, mas também as variáveis sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Ao total, foram 1.100 informantes, sendo 550 homens e 550 mulheres. Desse número de informantes, foram selecionados dois do sexo masculino e dois do sexo feminino em cada localidade no interior dos estados. Já nas capitais, cujos resultados estão presentes no volume 2, foram oitos informantes, sendo quatro mulheres e quatro homens.

Quanto à variável idade, o Projeto ALiB estabeleceu duas faixas: jovens, de 18 a 30 anos, e mais velhos, de 50 a 65. Em algumas situações, afirma Mota (2014), devido à dificuldade de se encontrar informantes dentro desses limites de idade, foi necessário

admitir informantes fora dessa faixa etária. O grupo entre 30 a 50 foi excluído por razões operacionais: “para não aumentar demasiadamente o número de informantes, dificultando a tarefa que já se apresentava bastante onerosa” (MOTA, 2014, p. 91). Resolveu-se também não eleger informantes que fosse da mesma família, ou que fosse de bairros muito distintos economicamente, para que não houvesse interpretação de casos de variação social.

Em se tratando do grau de escolaridade, foram selecionados dois grupos: os não universitários e os universitários. No primeiro grupo, foram incluídos os que tinham até o Ensino Fundamental completo, dando preferência, entretanto, aos que não o tinham completado e, em alguns casos, admitiu-se os que tinham o segundo grau incompleto. No segundo grupo, foram incluídos os que tinham concluído a graduação ou aqueles que já tinham feito uma pós-graduação. Eventualmente, foram admitidos estudantes que estavam em fase de conclusão do curso de graduação. No entanto, foram evitados profissionais de Letras, Comunicação e outros cursos que trabalham com a linguagem (MOTA, 2014, p. 92).

4.2 O CAMPO SEMÂNTICO JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

A denominação *Jogos e diversões infantis*, proposta pelo ALiB, abrange, ao mesmo tempo, jogos, brinquedos e brincadeiras. Assim, o ALiB não faz distinção entre os três, considerando todos numa mesma classificação. Por isso, Ribeiro (2012), que pesquisou a respeito do mesmo campo semântico, optou por distinguir os dados em dois grupos: 1) *brincadeiras e jogos tradicionais*, incluindo *cambalhota, cabra-cega e amarelinha*; e 2) *brinquedos*, incluindo *bolinha de gude, estilingue e brinquedo de empinar (com e sem varetas)*.

Em estudos sobre ludologia, a distinção entre jogos, brinquedos e brincadeira também é um pouco conflituosa. No entanto, Kishimoto (2008) estabelece a seguinte distinção: o jogo se caracteriza pela existência de regras explícitas ou implícitas que ordenam e conduzem a brincadeira; o brinquedo se caracteriza pela ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização de objetos; e a brincadeira seria “a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica” (KISHIMOTO, 2008, p. 21). Ainda segundo a autora, as brincadeiras fazem parte da cultura de um povo e, geralmente, são repassadas às gerações pela transmissão oral, e vão assumindo novos valores com o decorrer do tempo.

Neste trabalho, reconhece-se a distinção entre jogo, brincadeira e brinquedo e que, portanto, os regionalismos selecionados para análise do campo semântico *Jogos e diversões infantis* se subdividem nessas três categorias. Essa distinção, no entanto, não incide, diretamente, na análise dos dados, pois nela não se leva em conta esse critério de classificação.

Diante do que se expôs nesta seção, é possível afirmar que os estudos dialetológicos tem realizado grandes feitos quanto à descrição da língua portuguesa no Brasil, sobretudo com o Projeto ALiB. Com essa pesquisa de grande envergadura, somada aos atlas regionais anteriormente publicados, foi possível desvendar as variedades diatópicas do país. No entanto, ainda que se tome o ALiB como parâmetro para a análise dos dicionários neste trabalho, é necessário ressaltar que o atlas não é tido como verdade absoluta e como aquele que deve ser a única base para os lexicógrafos quanto aos regionalismos, mas se reconhece sim a contribuição que o ALiB pode dar para a atualização dos dicionários.

Na seção seguinte, apresenta-se a metodologia utilizada para a realização deste trabalho.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza como *corpus* o *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa (DEH)*, o *Dicionário Eletrônico Aurélio da língua portuguesa (DEA)* e o *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. A escolha desses dicionários deve-se à importância que eles têm em meio às obras lexicográficas, pois estão entre os maiores dicionários gerais de língua portuguesa, haja vista que ambos possuem mais de 100.000 verbetes (WELKER, 2004). A preferência pela versão eletrônica justifica-se pela facilidade e celeridade na consulta. O *ALiB* também constitui o *corpus* por ser considerado hoje, dentre as obras dialetológicas, a que melhor descreve, em nível nacional, a variação linguística do Brasil, por meio de cartas linguísticas. Portanto, é a fonte mais segura de descrição da variação diatópica no Brasil.

Elegeram-se, como objeto de pesquisa, os regionalismos *cambalhota* e *bolinha de gude* e suas variantes, que estão presente nas capitais da região Nordeste, conforme descrito no *ALiB*. Algumas variantes que aparecem no Nordeste têm ocorrência também em outras regiões, mesmo assim foram consideradas. A escolha desses dois regionalismos deve-se à grande produtividade deles em relação aos outros regionalismos do campo semântico *Jogos e diversões infantis* trazidos no *ALiB*. E a escolha da região Nordeste justifica-se por ela ser a que possui o maior número de estados e capitais no Brasil.

No que concerne aos procedimentos de pesquisa, foram obedecidas as seguintes etapas metodológicas: 1) levantamento das variantes lexicais, trazidas no *ALiB*, dos regionalismos *cambalhota* e *bola de gude*; 2) consulta das variantes lexicais selecionadas no *DEH* e no *DEA*, a fim de perceber como estão registradas as variantes e o que se diz sobre elas, sobretudo quanto à localização geográfica; 3) comparação entre as informações dadas no *ALiB* e nos dicionários; 4) elaboração de quadros para a organização dos dados comparados, classificando-os como convergentes ou divergentes. Com isso, passa-se a discutir os dados expostos na seção seguinte.

6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

O primeiro regionalismo a ser analisado é *cambalhota*. Para tanto, apresenta-se, a seguir, um quadro comparativo, no qual há as variantes lexicais, as informações dadas no *ALiB*, no *DEH* e no *DEA*, respectivamente, bem como o resultado do confronto entre os dados. Tal quadro baseia-se no modelo utilizado em trabalho análogo a este (SILVA, 2016), no qual se analisam também regionalismos. Para compreensão da leitura do quadro, deve-se considerar que: na primeira coluna, apresentam-se as variantes registradas no *ALiB*; na segunda coluna, estão os dados encontrados no *ALiB* sobre a localização geográfica; na terceira coluna, tem-se os dados do *DEH* – quando a variante não é dicionarizada, indica-se *Variante não registrada*; quando a variante é registrada, porém, não há indicação de localização geográfica ou acepção que remeta à brincadeira infantil, indica-se *Não há*. Na quarta coluna, encontram-se os dados concernentes ao *DEA*. E por fim, na quinta coluna, apresentam-se os resultados do confronto entre as informações do *ALiB* e dos dicionários, classificando como convergente ou divergente. Ressalta-se também que, nos verbetes em que se encontrou mais de uma acepção e/ou rubrica, foram consideradas apenas as marcações geográficas da acepção que se refere à brincadeira infantil ou, no caso do *DEH*, os que têm rubrica de *ludologia*.

Quadro 1: Variantes de *cambalhota*

Regionalismos	Dados do <i>ALiB</i>	Marcação no <i>DEH</i>	Marcação no <i>DEA</i>	Confronto entre os materiais
Cambalhota	Todas as capitais do Brasil	Não há	Não há	-
Bunda-canastra	Nordeste, exceto em São Luís, Aracaju e Salvador	<i>Variante não registrada</i>	<i>Variante não registrada</i>	-
Carambela	Norte (Macapá e Belém); Nordeste (São Luís e Teresina)	<i>Variante não registrada</i>	<i>Variante não registrada</i>	-

Cabriola	Nordeste (Salvador)	Não há	Não há	-
Cambona	Nordeste (Maceió)	Não há	Não há	-
Cambota	Todas as capitais do Centro-Oeste; no Sul (Curitiba e Porto Alegre); Sudeste (São Paulo); Nordeste (Fortaleza).	Brasil	Brasileirismo	Divergente
Cangapé	Norte (Rio Branco); Nordeste (Fortaleza).	1. Brasil Maranhão/ Alagoas	Maranhão a Alagoas	Divergente
Carambola	Todas as capitais do Norte; Nordeste (Teresina)	Não há	Não há	-
Maria-escambona	Nordeste (Aracaju)	Variante não registrada	Variante não registrada	-
Mortal	Norte (Boa Vista); Nordeste (São Luís); Sudeste (Belo Horizonte)	Não há	Não há	-
Pirueta	Norte (Macapá); Nordeste (São Luís); Sul (Curitiba); Centro-Oeste (Campo Grande)	Não há	Não há	-
Aú	Nordeste (Salvador)	Brasil	Brasileirismo	Divergente

Fonte: elaboração dos autores com base no *DEH*, no *DEA* e no *ALiB*

Observa-se, a partir do quadro, que o *ALiB* apresenta 12 variantes lexicais para *cambalhota* (incluindo este). A variante *cambalhota* é a que mais ocorre entre todas. Ela aparece em todas as capitais do Brasil, com maior expressividade em Vitória, Rio de Janeiro e Florianópolis, onde corresponde com 100% das ocorrências. Entre as capitais do Nordeste, as que mais registram uso dessa variante é Fortaleza e Salvador. Ainda que os dicionários *Houaiss* e *Aurélio* registrem essa variante, não há menção à sua localização geográfica. Caso houvesse, o ideal seria que fosse registrado como *brasileirismo*, uma vez que trata-se de uma variante que ocorre em todo o país.

A variante *bunda-canastra*, segundo o *ALiB*, ocorre apenas no Nordeste, com exceção das capitais São Luís, Aracaju e Salvador. Trata-se, pois, de um regionalismo específico das capitais Maceió, Fortaleza, João Pessoa, Recife, Teresina e Natal. Quanto à marcação nos dicionários, observa-se que nenhum deles registra tal variante. O mesmo ocorre com a variante *carambela*, que também não está registrada nos dicionários. Esta ocorre em duas capitais do Norte (Macapá e Belém) e em duas do Nordeste (São Luís e Teresina).

A variante *cabriola* é uma das menos recorrentes: tem registro apenas na capital Salvador, no Nordeste. Mesmo com baixa recorrência, essa variante está registrada nos dois dicionários, no entanto, não possui indicação de localização geográfica. O mesmo acontece com a variante *cambona*, a qual ocorre em apenas uma capital do Nordeste (Maceió). No *DEH*, há quatro entradas diferentes para *cambona* (homônimos), mas nenhuma delas se refere a uma brincadeira infantil, como também não há nenhuma indicação de localização geográfica. No *DEA*, há três entradas para *cambona* e a primeira delas se refere à brincadeira infantil. No entanto, não há marcação geográfica. No caso dessas duas variantes – *cabriola* e *cambona* –, em que não há marcação geográfica,

seria possível classificá-los, a partir do que os dados do *ALiB* indicam, como regionalismos de Salvador e de Maceió, respectivamente.

Quanto à variante *cambota*, observa-se, como mostra o quadro, que ela ocorre em todas as capitais da região Centro-Oeste, em Curitiba e Porto Alegre, no Sul; em São Paulo, no Sudeste; e em Fortaleza, no Nordeste. Sendo assim, essa variante ocorre em apenas quatro regiões do Brasil. O *DEH* classifica tal variante como *brasileirismo*, utilizando a rubrica Brasil, assim como o *DEA*, que utiliza a rubrica *brasileirismo*. No *DEH*, há duas entradas para *cambota*, a segunda é a que se refere à brincadeira infantil, e classifica-a como ‘uso informal’. Já no *DEA*, há três verbetes para *cambota*. O segundo verbete é o que se refere à brincadeira e é indicado com a rubrica Fam. (familiar). Analisando, pois, as indicações geográficas dos três materiais – *ALiB*, *DEH* e *DEA* –, é possível afirmar que eles são divergentes, uma vez que o *ALiB* mostra que a variante é utilizada em apenas quatro regiões. Além disso, os dois dicionários apresentam rubricas diferentes para o mesmo verbete (o *DEH* utiliza ‘uso informal’ e o *DEA* utiliza ‘Fam.’).

No caso da variante *cangapé*, nota-se, segundo o *ALiB*, que ela é pouco recorrente, pois há registros apenas em uma capital do Norte (Rio Branco) e em uma do Nordeste (Fortaleza). O *DEH* traz duas acepções para o verbete *cangapé*. As duas têm a ver com uma brincadeira, mas, na acepção 1, refere-se a um “pontapé na panturrilha para fazer o adversário cair durante a luta”, e, na acepção 2, refere-se a um “pontapé aplicado dentro da água, em uma espécie de jogo de capoeira”. Para a primeira acepção, indica-se a localização ‘Brasil’ e, para a segunda, ‘Maranhão e Alagoas’. O *DEA* também apresenta duas acepções, referente à brincadeira infantil, sendo a primeira marcada como *brasileirismo* e a segunda como variante ocorrente do Maranhão a Alagoas. Percebe-se, comparando os dois dicionários, que as informações que eles trazem são diferentes, pois o *DEH* apresenta como sendo ocorrente no Maranhão e em Alagoas, já o *DEA* parece abranger outras localidades, pois apresenta do Maranhão a Alagoas. Os dois dicionários também divergem do *ALiB*.

A variante *carambola* está presente em todas as capitais do Norte e em apenas uma capital do Nordeste – Teresina. O *DEH* não dá indicação de localização geográfica. No *DEA* a variante é registrada, mas não há acepção que se refira à brincadeira infantil, quanto menos localização geográfica. A variante *maria-escambona* ocorre somente no Nordeste, na capital Aracaju, e não está registrada em nenhum dos dicionários analisados.

Quanto à variante *mortal*, nota-se que ela ocorre em três regiões do Brasil: Norte (Boa Vista), Nordeste (São Luís) e Sudeste (Belo Horizonte). Nos dicionários *DEH* e *DEA*, há registro da variante, mas não há acepção que remeta à brincadeira infantil. A variante *pirueta* também ocorre em várias regiões: no Norte (Macapá), no Nordeste (São Luís), no Sul (Curitiba) e no Centro-Oeste (Campo Grande). No entanto, não há marcação de localização geográfica nos dois dicionários.

A última variante é *aú*. Segundo o *ALiB*, essa variante ocorre apenas na capital Salvador, na região Nordeste. Trata-se, pois, de um regionalismo específico de Salvador, uma vez que não ocorre em outras capitais. No entanto, os dois dicionários analisados registram essa variante com a rubrica de *brasileirismo*, estando, pois, divergente dos dados dialetológicos.

Observa-se, com essa análise, que das doze variantes, três não estão dicionarizadas nos dois dos maiores dicionários de língua portuguesa. Além disso, seis das nove variantes registradas não têm qualquer marcação de localização geográfica. Outras nem mesmo possuem acepções referentes à brincadeira infantil. Das três variantes que possuem localização geográfica nos dois dicionários, apenas uma contém informações convergentes aos dados do *ALiB*. Isso mostra a necessidade de atualização desses materiais, tanto no registro de variantes, quanto na inserção de acepção que remeta ao campo semântico *Jogos e diversões infantis* e de marcação de localização geográfica.

A seguir, apresenta-se o segundo quadro que contém as variantes de *bolinha de gude* (incluindo esta), como também os dados dos três materiais em análise. As mesmas informações dadas sobre o Quadro 1 serve para este:

Quadro 2: Variantes de *bolinha de gude*

Regionalismos	Dados do ALiB	Marcação no DEH	Marcação no DEA	Confronto entre os materiais
Bola de gude	Norte (Manaus); Nordeste (todas as capitais); Sudeste (Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo); Sul (todas as capitais); Centro-Oeste (todas as capitais)	Brasil	Brasileirismo	Convergente
Bolinha de gude	Norte (Manaus); Nordeste (São Luís, Teresina, Recife e Maceió); Sudeste (todas as capitais); Sul (Florianópolis e Porto Alegre); Centro-Oeste (Goiânia e Campo Grande)	Brasil	Variante não registrada	Convergente (para o DEH)
Bila	Nordeste (Fortaleza e João Pessoa)	Variante não registrada	Ceará	Divergente
Peteca	Norte (todas as capitais e 100% em todas elas, exceto em Manaus); Nordeste (São Luís e Teresina)	Pará	Pará	Divergente
Biloca	Nordeste (Natal); Centro-Oeste (Goiânia)	Goiás	Goiás	Divergente
Bola de fona	Nordeste (João Pessoa)	Não há	Brasileirismo	Divergente
Bolinha de vidro	Nordeste (Natal); Sudeste (Vitória, Belo Horizonte e São Paulo); Sul (Florianópolis); Centro-Oeste (Goiânia)	Variante não registrada	Brasileirismo	Divergente (para o DEA)
Cabeçulinha	Nordeste (Fortaleza)	Variante não registrada	Brasileirismo	Divergente (para o DEA)
Marraio	Nordeste (Aracaju)	Não há	Brasileirismo	Divergência (para o DEA)
Ximbra	Nordeste (Maceió)	Alagoas	Alagoas	Convergente

Fonte: elaboração própria, com base nos dados do ALiB, do DEH e do DEA

A partir dos dados acima, observa-se que há dez variantes para *bolinha de gude*. A primeira delas é *bola de gude*, a qual, segundo o *ALiB*, é a mais recorrente e aparece em todas as regiões do Brasil, na maioria das capitais. No *DEH*, a variante ‘bola de gude’ não aparece como cabeça de verbete. Ela é encontrada dentro do verbete *bola*, entre as locuções formadas por esta palavra, e é registrada com a marca de Brasil. No *DEA*, não há uma entrada para *bola de gude*. No entanto, encontra-se essa variante na acepção 2 do verbete *bolinha*: “jogo com bola de gude”, onde há rubrica de brasileirismo. Nos verbetes *bola* e *gude*, não há indicação para a variante em questão, mas *gude* é definido como “bolinhas de vidro, etc., usadas nesse jogo”. Comparando as informações dos três materiais, observa-se convergência entre eles, pois a variante em questão ocorre em todo o território brasileiro, como aponta o *ALiB*, o *DEH* e o *DEA*.

Quanto à variante *bolinha de gude*, o *ALiB* informa que tal variante ocorre também em todas as regiões do Brasil, em algumas capitais. Sendo assim, é uma variante que tem expressividade em todo o território brasileiro. Em consonância com essas informações, o *DEH* classifica a variante como sendo um brasileirismo. Importante ressaltar que, neste dicionário, não há entrada para a variante “*bolinha de gude*”, mas sim para “*bolinha*”. Na acepção 5 do verbete *bolinha*, há uma remissão para *bolinha de gude* e também a indicação de regionalismo Brasil. No *DEA*, não há entrada para *bolinha de gude*, mas sim “*bolinha*”. No entanto, não há uma acepção que apresente a forma *bolinha de gude*, logo essa variante não está registrada no dicionário.

A variante *bila* ocorre apenas no Nordeste, segundo o *ALiB*, mais especificamente nas capitais Fortaleza e João Pessoa. Nesse caso, tem-se mais um regionalismo que pode ser considerado exclusivo de duas capitais do Nordeste. O *DEH* não registra tal variante, mas o *DEA* a registra, indicando que se trata de um regionalismo do Ceará. Como se vê, o *DEA* aproxima-se dos dados dialetológicos, no entanto, precisa incluir também o estado da Paraíba (ou mesmo a capital João Pessoa), com base nos dados do *ALiB*.

A variante *peteca* ocorre em todas as capitais do Norte, com ocorrência de 100% em quase todas elas, com exceção de Manaus. Ocorre também em São Luís e em Teresina, no Nordeste. Essa variante não aparece nas outras regiões e predomina na região Norte. Segundo as informações do *DEH* e do *DEA*, a variante *peteca* ocorre apenas no Pará. No entanto, como se percebe pelos dados do *ALiB*, o uso de tal variante é recorrente em outros estados. Dessa forma, os dados dos três materiais são divergentes e os dicionários precisam atualizar a informação geográfica, incluindo as outras capitais do Norte, bem como as do Nordeste – São Luís e Teresina.

Outra divergência de informações ocorre com a variante *biloca*. Segundo os dados do *ALiB*, seu uso é recorrente em apenas duas capitais: Natal, no Nordeste, e Goiânia, no Centro-Oeste. Os dicionários *DEH* e *DEA* trazem a mesma localização geográfica para a variante – Goiás. As informações dos dicionários parecem se aproximar dos dados dialetológicos, embora seja necessário acrescentar ainda a capital Natal, que também registra usos da variante *biloca*. Por isso, é possível observar a divergência existente entre as informações dos três materiais.

Quanto à variante *bola de fona*, o *ALiB* registra uso apenas na capital João Pessoa, no Nordeste. Nesse caso, tem-se, pois, um regionalismo específico de João Pessoa, pois só ocorre nessa capital. O *DEH* não contém a palavra-entrada *bola de fona*, mas sim *fona*. Há três entradas para essa variante. É a primeira entrada que tem sentido próximo ao de *bolinha de gude*. No entanto, não há indicação de localização geográfica. No *DEA* também não há a palavra entrada *bola de fona*, e sim *fona*. Há quatro entradas para essa variante, sendo que a quarta refere-se a uma brincadeira, na qual há a marcação de brasileirismo. Nota-se que essa informação diverge dos dados dialetológicos, uma vez que a variante *bola de fona* ocorre, segundo o *ALiB*, apenas em uma capital do Nordeste, portanto o ideal seria que o dicionário a registrasse como regionalismo da capital João Pessoa e não de uso geral.

A variante *bolinha de vidro* ocorre em quatro regiões, a saber: Nordeste (Natal); Sudeste (Vitória, Belo Horizonte e São Paulo); Sul (Florianópolis); Centro-Oeste (Goiânia). Há, pois, pouca representatividade entre as capitais, no entanto, está presente em quase todas as regiões. O *DEA* a registra como brasileirismo, no entanto, devido à ausência dessa variante na região Norte, é comprometedor classificá-la como brasileirismo, uma vez que, como os dados apontam, seu uso está ainda restrito a determinadas capitais. Ainda no *DEA*, a variante bolinha de vidro não aparece como cabeça do verbete, mas como uma das acepções da definição de *gude*: “bolinhas de vidro, etc., usadas nesse jogo”. Já no *DEH* não há registro dessa variante de nenhuma forma.

Outro regionalismo analisado foi *cabeçulinha*, o qual é utilizado, segundo o *ALiB*, apenas em Fortaleza, no Nordeste. Tem-se, pois, outro caso de regionalismo que pode ser considerado específico de Fortaleza. O *DEH* não registra essa variante. O *DEA*, por seu turno, inclui a variante *cabeçulinha* como palavra-entrada, no entanto com uma grafia diferenciada: *cabiçulinha*. Observa-se, então, a existência de variantes ortográficas, mas que não são indicadas nem no *ALiB* nem no *DEA*. Apesar de registrar a variante, o *DEA* diverge dos dados dialetológicos, pois classifica *cabiçulinha* como um brasileirismo, sendo que, segundo o *ALiB*, trata-se de um regionalismo presente em uma capital do Nordeste: Fortaleza.

Outras duas variantes que também podem ser consideradas específicas de capitais do Nordeste, segundo o *ALiB*, é *marraio* e *ximbra*. A primeira ocorre apenas em Aracaju e não está registrada no *DEH*. O *DEA* registra esse regionalismo, mas o classifica como brasileirismo, divergindo, pois, dos dados dialetológicos. A segunda, que é utilizada apenas em Maceió, segundo o *ALiB*, está registrada nos dois dicionários e ambos informam que tal variante ocorre em Alagoas, estando pois convergentes com os dados dialetológicos.

Com a análise das variantes de *bolinha de gude*, nota-se, mais uma vez, o distanciamento entre os dados do *ALiB* e as informações nas obras lexicográficas. Das dez variantes analisadas, três não são registradas no *DEH* e uma não aparece *DEA*. Todas as variantes de *bolinha de gude*, registradas nos dicionários e listadas no Quadro 2, têm acepção referente à brincadeira infantil, diferentemente das variantes de *cambalhota* listadas no Quadro 1, entre as quais houve casos de falta dessa acepção. Na comparação entre os três materiais, apenas quatro variantes apresentam dados convergentes. Isso evidencia, mais uma vez, a necessidade de atualização dos dicionários no registro das variantes que não aparecem nas obras e na atualização dos dados geográficos.

7 CONCLUSÃO

Este trabalho discutiu o tratamento dado às variantes de *cambalhota* e de *bolinha de gude* nos dicionários eletrônicos Aurélio e Houaiss. Para embasar a análise, discutiu-se a respeito da variação linguística do português, a constituição histórica da língua portuguesa no Brasil, como também o conceito de regionalismo e brasileirismo.

A análise dos dados demonstrou que os dicionários *DEH* e *DEA* apresentam problemas na classificação de regionalismos. Em alguns deles, a indicação da localização geográfica está em desacordo com o que mostram os dados do *ALiB*. Além disso, algumas variantes também não se encontram registradas, as quais, muitas vezes, como mostra o *ALiB*, são bastante difundidas no país. Outro problema encontrado foi a falta de indicação geográfica em alguns verbetes, como também a falta de uma acepção que remeta à brincadeira infantil. Esses casos apontam para a necessidade de um tratamento mais adequado para os regionalismos, como discutido anteriormente, acrescentando, se possível, as informações trazidas pelo *ALiB*.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. do S. S. de. O Atlas Linguístico do Brasil no quadro da geolinguística brasileira. In: CARDOSO, S. A. M. da S. et al. *Atlas linguístico do Brasil*: introdução. v. 1. Londrina: EDUEL, 2014. p. 31-36.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *Alfa*, São Paulo, p. 1-26, 1984.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____ et al. *Atlas linguístico do Brasil: cartas linguísticas*. v. 2. Londrina: Eduel, 2014.

_____; CASTRO, Y. P. de; ISQUERDO, A. N. Quais os critérios que deveriam orientar os lexicógrafos na inserção de lusitanismos, africanismos e regionalismos em dicionários gerais? In: XATARA, C. et al.(Org.). *Dicionários na teoria e na prática: como e para que são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 57-62.

FAJARDO, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la lexicografía española. *Revista de Lexicografía*. v.3, p. 31-57, 1996-1997.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Editora Positivo, 2010.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas. In: _____; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madri: Editorial Gredos, 1982. p. 95-187.

HOUAIS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: _____; ALVES, I. M. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. v. 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 193-208.

_____. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. *Alfa*, Araraquara, v.50, n.2, p. 9-24, 2006.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: _____(Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 13-43.

MOTA, J. A. Percursos metodológicos: questionários e informantes. In: CARDOSO, S. A. et al. *Atlas linguístico do Brasil: introdução*. v. 1. Londrina: EDUEL, 2014. p. 79-93.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

RIBEIRO, S. S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*. 2012. 752f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SILVA, R. A. Marcas diatópicas das variantes de cabra-cega e amarelinha: o que dizem os dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio e o ALiB?. *PERcursos Linguísticos*, v. 6, n. 13, 2016, p. 90-105. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/14106/10275>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

WELKER, H. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

Recebido em 29/12/2016. Aceito em 24/08/2017.

TEXTO E IDEOLOGIA: A ANÁLISE DE DISCURSO TEXTUALMENTE ORIENTADA

TEXTO E IDEOLOGÍA: EL ANÁLISIS DE DISCURSO TEXTUALMENTE ORIENTADA

TEXT AND IDEOLOGY: TEXT-ORIENTED DISCOURSE ANALYSIS

Maria Eduarda Gonçalves Peixoto*

Ruberval Ferreira**

Universidade Estadual do Ceará

RESUMO: Este artigo tem o propósito de contribuir para a compreensão da conexão entre texto e ideologia, articulada pela análise de discurso textualmente orientada (ADTO). Com base nas reflexões de Fairclough (1989, 2001, 2003) e Fairclough e Chouliaraki (1999), apresenta-se, inicialmente, a ontologia do social de que a ADTO lança mão para fundamentar sua concepção de vida social como sistema aberto e textualmente mediado; depois, explana-se o percurso cronológico-narrativo de desenvolvimento das principais teorias críticas da ideologia, em virtude das quais a ADTO organiza os pressupostos que sustentam o uso particular que realiza do termo; por fim, pontuam-se os principais aspectos da conexão entre texto e ideologia, oferecendo um enquadre conceitual que pode contribuir para o domínio do tema de acordo com abordagem crítica de análise de discurso.

PLAVRAS-CHAVE: Texto. Ideología. Análise de Discurso.

RESUMEN: Este artículo tiene el propósito de contribuir a la comprensión de la conexión entre el texto e ideología articulada por el análisis de discurso textualmente orientado (ADTO). Con base en las reflexiones de Fairclough (1989, 2001, 2003) y Fairclough y Chouliaraki (1999), se presenta, inicialmente, la ontología de lo social de que ADTO lanza mano para fundamentar su concepción de vida social como sistema abierto y textualmente mediado; después, se explora el recorrido cronológico-narrativo de desarrollo de las principales teorías críticas de la ideología, en virtud de las cuales la ADTO organiza los presupuestos que sostienen el uso particular que realiza del término; por último, se puntualizan los principales aspectos de la conexión entre el texto y la ideología, ofreciendo un marco conceptual que puede contribuir al dominio del tema de acuerdo con un enfoque crítico de análisis de discurso.

PALABRAS CLAVE: Texto. Ideología. Análisis de Discurso.

* Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: mariaeduardagp@gmail.com.

** Professor-pesquisador do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: ruber.ferreira@uece.br.

ABSTRACT: The article aims to contribute to the understanding of the connection between text and ideology articulated by the text-oriented analysis of discourse (ADTO). Based on the reflections of Fairclough (1989, 2001, 2003) and Fairclough and Chouliaraki (1999), the debate presents the social ontology that ADTO uses to base its conception of social life as an open system and textually mediated; the article then explains the chronological-narrative development of the main critical theories of ideology, by virtue of which ADTO organizes the assumptions that underpin the particular use it makes of the term. Finally, the discussion presents the main aspects of the connection between text and ideology, offering a conceptual framework that can contribute to the domain of the theme according to a critical discourse analysis approach.

KEYWORDS: Text. Ideology. Discourse Analysis.

1 INTRODUÇÃO

No interior do campo de investigação da Análise de Discurso Crítica (ADC), a Teoria Crítica do Discurso (TCD) empreende uma abordagem científica da linguagem, situada em práticas sociais, que se particulariza por articular a análise linguística detalhada de textos e o estudo de fenômenos associados a transformações econômicas e culturais na contemporaneidade (FAIRCLOUGH, 2002; GIDDENS, 1991; HARVEY, 2000). De um lado, é comum encontrar análises linguísticas, vinculadas a diferentes tradições disciplinares, que não destacam em suas pesquisas problemáticas reais da sociedade; de outro lado, é ainda frequente ver investigações das ciências sociológicas secundarizarem o fato de a linguagem ser parte irredutível da vida social. Um caminho possível de contribuição dos estudos linguísticos para a reflexão crítica de mudanças na sociedade é, então, fornecido pela análise de discurso textualmente orientada (ADTO), que sugere atenção aos textos como elementos de mediação da realidade social com foco específico sobre seus efeitos.

Resultado de um rico diálogo entre a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1976, 1994; HALLIDAY; HASAN, 1989) e a Linguística Crítica (FOWLER; KRESS, 1979) a ADTO define o texto como unidade do discurso e da comunicação, que se integra funcionalmente ao sistema aberto da vida social e representa relações de luta e conflito na sociedade (WODAK, 2001), ao mesmo tempo em que age sobre ela através de processos de transformação. Parte-se do princípio de que o vínculo entre textos e mudanças sociais pressupõe não apenas a relação dialética entre linguagem e realidade - em que textos, como parte de eventos sociais, materializam transformações e geram efeitos estruturais nas ordens de discurso - mas também a luta ideológica contra formas de poder e exploração na sociedade moderna posterior (GIDDENS, 1991).

Nessa perspectiva, torna-se cada vez mais evidente que um dos mais preocupantes efeitos sociais de textos é a ideologia. A compreensão da ideologia como efeito social de textos é o mote, portanto, da ADTO, que se reconhece como uma forma de crítica ideológica (FAIRCLOUGH, 2001). A ADTO está fundamentalmente ocupada em explorar a conexão entre recursos linguísticos utilizados em textos reais e mecanismos simbólicos de poder: "a análise linguística deveria ser uma poderosa ferramenta para o estudo dos processos ideológicos que medeiam as relações de poder e controle" (FOWLER; KRESS, 1979, p. 186). Portanto, o destaque que a ADTO conquista entre as demais abordagens de análise do discurso justifica-se pelo seu esforço em situar a relação entre texto e ideologia no epítome de sua atividade crítica de investigação.

Mediante esse quadro geral, este artigo tem o objetivo de favorecer a compreensão da conexão entre texto e ideologia mobilizada pela ADTO, com base nas reflexões de Fairclough (1989, 2001, 2003) e Fairclough e Chouliaraki (1999). Para dar conta dessa pauta, o debate organiza-se em três momentos. Inicialmente, apresenta-se a ontologia do social de que a ADTO lança mão para fundamentar sua concepção de vida social como sistema aberto e textualmente mediado. Em seguida, explana-se o percurso de desenvolvimento das principais teorias da ideologia, dentro da tradução marxista, em virtude das quais a ADTO organiza os pressupostos que sustentam o uso do termo na área. Por fim, pontuam-se os principais aspectos da relação entre texto e ideologia, a fim de fornecer um quadro conceitual útil para melhor compreensão do tema dentro da abordagem crítica de análise de discurso.

2 A VIDA SOCIAL COMO SISTEMA ABERTO E TEXTUALMENTE MEDIADO

A ADTO parte do princípio de que a vida social é um sistema aberto (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). A realidade social não deve ser concebida pelo pensamento científico como uma entidade imutável, dotada de uma positividade ou literalidade última, nem como totalidade que é imediatamente observável e inteiramente acessível. As propriedades que tornam a sociedade possível objeto de conhecimento pressupõem, desde já, “ação humana e mutabilidade” (RAMALHO, 2008, p. 02). Assim, para pensar a sociedade, a ADTO apropria-se da epistemologia do Realismo Crítico, que desenha uma ontologia estratificada do mundo. O mundo é racionalizado como sendo estratificado, isto é, “estruturado, diferenciado e mutável” (BHASKAR; CALLINICOS, 2007, p. 98). Dado que o mundo não corresponde ao “espectro de nossos sentidos, sendo idêntico àquilo que experimentamos” (SAYER, 2000, p. 09), nossa capacidade de empiria não consegue esgotar o que existe ou o que poderia existir.

Bhaskar e Callinicos (2007, p. 98) descrevem o sistema aberto da vida social como operado em distintos domínios ontológicos, quais sejam, *o real*, *o actual* e *o empírico*, e em diversos estratos e subestratos organizacionais, como o físico, o químico, o biológico e o semiótico. O domínio do *real* ou potencial abrange tudo o que é possível, considerando a natureza (ao mesmo tempo, de possibilidades e de constrangimentos) das estruturas que compõem a tessitura da realidade social. Segundo Sayer (2000, p. 09), o *real* consiste no que quer que exista, natural ou social, “independentemente de ser um objeto empírico para nós e de termos uma compreensão adequada de sua natureza”. O domínio do *actual* ou realizado, por sua vez, engloba o que acontece, através da realização dos poderes e seus efeitos causais. Como esclarece Sayer (2000, p. 10), *o actual* refere-se ao que acontece “[...] se e quando estes poderes são ativados”, situando-se entre a instância social mais abstrata (a estrutura) e a instância social mais concreta e particular (a ação). O domínio do *empírico*, por fim, diz respeito ao que conhecemos, àquilo do real e do *actual* que é experienciado efetivamente pelos sujeitos.

Os três domínios funcionam simultaneamente a partir de *mecanismos gerativos*. Tais mecanismos consistem em poderes causais, não em relações teleológicas estabelecidas por um tipo de lei determinista e mecânica ou por uma regularidade necessária, como um julgamento apressado acerca da expressão “causa” pode supor. A realidade social é tida como governada por mecanismos operacionais, que são os poderes gerativos, de modo que as dimensões e os níveis da vida (social e natural, em sua interseção) têm estruturas particulares. Essas estruturas geram efeitos de forma complexa, criativa e imprevisível, através de seus mecanismos particulares de funcionamento. Para Bhaskar (1989, p. 34), influenciado pela tradição crítica marxista, a sociedade deve ser considerada, em seu modo de organização estratificada, a partir da ideia de *transformação*, que se dá por meio de efeitos de mudança através do tempo. Para o autor, há uma relação causalmente interdependente ou dual entre estruturas e práticas sociais: a sociedade é, ao mesmo tempo, condição material e resultado continuamente reproduzido da agência humana.

Inspirado nos princípios do Realismo Crítico, Fairclough (1999, 2003) delimita a ontologia da vida social por meio dos conceitos de *estrutura*, *conjuntura*, *prática* e *evento*.

A *estrutura social* consiste nas condições históricas de fundação ou instituição da vida social, compondo-se pela totalidade de redes altamente complexas de práticas. A *conjuntura* faz referência a uma configuração específica da rede de práticas que constitui a estrutura, podendo ser mais ou menos complexa, a depender do número e do alcance das práticas que relaciona em determinado momento histórico. A *prática social*, conceito formulado a partir das reflexões de Harvey (1996) e de Laclau e Mouffe (1987), diz respeito aos modos habituais, relacionados a condições espaço-temporais específicas, em que os sujeitos “[...] aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agirem em conjunto no mundo” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21). Toda prática estabelece uma relação de internalização de elementos e de articulação de momentos: os *elementos* são as diferenças que não são articuladas discursivamente; uma vez trazidos à prática, tornam-se *momentos* dela, isto é, posições diferenciais que são articuladas no interior de uma prática, da qual o discurso faz parte. O *evento*, por fim, é uma atualização de possibilidades estruturais, um acontecimento particular, situado social e historicamente, que envolve sujeitos atuando uns sobre os outros e sobre o mundo em contextos específicos.

Como podemos observar, a mediação entre estruturas e eventos não é, de forma alguma, predeterminada ou necessária, mas altamente complexa, dinâmica e dialética, uma vez que é constituída por “[...] redes interligadas de práticas sociais de diversos tipos

[...]" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24). A estrutura social (a economia, por exemplo) define relativamente as possibilidades de realizações na prática social (como práticas de ensino), que, por sua vez, restringe o evento (a aula). Em contrapartida, ao atuarem e decidirem nos eventos que acontecem, os sujeitos podem, em um movimento dialético, rearticularem práticas e, com o tempo e sob determinados efeitos, transformarem estruturas sociais. Paralelamente a esta disposição da realidade social em termos de *estrutura, prática e evento*, há as instâncias *linguagem, discurso e texto*, referentes à organização semiótica da sociedade.

A estrutura social está para a linguagem, incluindo aqui a concepção de língua, à medida que se configura em termos de possibilidades, trata-se de uma totalidade impossível de ser objetivada e alcançada plenamente. Fairclough e Chouliaraki (1999) concebem o estudo da vida social contemporânea e sua mudança segundo a natureza e o papel da linguagem no novo capitalismo. A expressão contempla o que muitos estudiosos têm diagnosticado como "globalização", "pós-modernidade", "modernidade tardia", "sociedade da informação", "economia de conhecimento" e "cultura do consumo", servindo para fazer referência à ideia geral de um conjunto de reestruturações radicais pelas quais o capitalismo moderno mantém a sua continuidade fundamental nos dias atuais (JESSOP, 2000).

Uma vez que a estrutura configura-se a partir de redes de práticas, encontramos, na instância do discurso, a prática discursiva, que opera em termos de entidades organizacionais intermediárias, às quais são definidas por Foucault como ordens de discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1992). Ordens de discurso não são categorias puramente linguísticas, mas intermediárias entre o linguístico e o não-linguístico, entre o discursivo e o não-discursivo. Uma ordem de discurso é uma rede de práticas sociais compreendida quanto ao seu aspecto semiótico ou linguístico. Os elementos das ordens de discurso funcionam e se diferenciam como *discursos, gêneros e estilos*.

Quando chegamos à instância semiótica do texto, definido como elementos de eventos sociais, o discurso corresponde a *modos de representar*, o gênero refere-se a *modos de agir* e o estilo diz respeito a *maneiras de identificar*:

Podemos distinguir diferentes gêneros como diferentes maneiras de (inter)agir discursivamente – entrevista é um gênero, por exemplo. Em segundo lugar, o discurso figura nas representações que sempre são partes de práticas sociais – representações do mundo material, de outras práticas sociais, representações reflexivas de práticas em questão. A representação é claramente substância discursiva e, podemos distinguir diferentes discursos, que podem representar a mesma área do mundo de diferentes perspectivas ou posições. [...] Em terceiro lugar e finalmente, discurso figura conjuntamente com expressões corporais ao constituir modos particulares de ser, identidades sociais ou pessoas particulares. Chamarei o aspecto discursivo desse item de estilo. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 26)

Situados, então, no nível do texto, definido amplamente como "qualquer exemplo de linguagem em uso", a análise textual permite realizarmos dois movimentos simultâneos. De um lado, conectando o evento social concreto à conjuntura mais ampla, examinam-se os gêneros, os discursos e os estilos articulados no texto. De outro lado, interligando o evento social aos traços e às estratégias linguísticas mobilizadas, investigam-se os processos de ação, representação e identificação em textos diversos. Com atenção, pode-se notar que a instância do texto, como parte do evento social, integra-se à conjuntura social, ao mesmo tempo em que articula recursos linguísticos de significação, compondo, assim, um tipo de mediação das sociedades contemporâneas. A ADTO apropria-se do conceito de mediação de Silverstone (1999) para fazer referência ao movimento dinâmico da significação na realidade social, isto é, o movimento "de uma prática social a outra, de um evento a outro, de um texto a outro". Essa movimentação na produção, distribuição e interpretação dos sentidos na vida em sociedade é operacionalizada através de textos, ou melhor, de redes de textos, que podem assumir uma característica bastante regular e sistemática ou ocorrer de modo imprevisível, a depender de contextos e práticas sociais.

Sendo a vida social textualmente mediada, a ADTO reivindica um tipo de análise de discurso que está preocupada com a relação constitutiva entre textos e mudanças sociais: a "[...] análise de discurso crítica está relacionada à continuidade e à transformação em um aspecto mais abstrato, em um nível mais estrutural, como acontece em textos em particular" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 19). Esta preocupação justifica-se pelo fato de os textos terem efeitos causais, atuando em processos de transformação social. Textos têm efeitos causais a longo, médio e curto prazos, isto é, eles podem mudar pessoas e suas identidades, crenças e valores diversos, ações,

relações e práticas sociais e, inclusive, o mundo material, uma vez que frequentemente estão presentes em situações de guerras, transformações nas áreas da saúde, da política e da educação, mudanças arquitetônicas em cidades e tipos de intervenção em áreas naturais.

Entre os efeitos causais que os textos provocam, a ideologia passou a ocupar lugar de interesse central para os estudos críticos da linguagem (EAGLETON, 1991; LARRAIN, 1979; THOMPSON, 1984; VAN DIJK, 1998). Uma das principais características da ideologia é a sua eficácia nas interações comunicativas. Como efeito de textos, vincula-se simultaneamente aos três significados do discurso: as ideologias são representações de aspectos do mundo (e, assim, têm forma em discursos), que criam ou mantêm relações de poder, podendo ser legitimadas em modos de agir (e, portanto, em gêneros que regulam práticas) e inculcadas nas identidades de sujeitos sociais (e, logo, em estilos). Precisamente neste ponto, a ADTO diferencia-se de outras análises de discurso que, como ela, propõem-se críticas, pois situa no epítome de sua investigação a conexão entre texto e ideologia: “Ao dizer que as ideologias são representações que podem ser concebidas a fim de contribuir para relações sociais de poder e de dominação, eu estou sugerindo que a análise textual precisa ser tratada, quanto a esse respeito, dentro de uma análise social que considera os corpos dos textos nos termos de seus efeitos sobre relações de poder.”(FAIRCLOUGH, 2003, p. 9).

Em vista desta preocupação, a seguir, apresentamos as bases epistemológicas da concepção particular de ideologia articulada no interior da ADTO, à luz do percurso cronológico-narrativo de desenvolvimento do conceito.

3 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDEOLOGIA NA ADTO

Na história longa e sinuosa de desenvolvimento das teorias da ideologia, comumente classificam-se as abordagens entre negativas e neutras (THOMPSON, 1995), isto é, entre reflexões que consideram a ideologia como modalidade de poder e perspectivas que a concebem como conjunto de crenças, valores e posicionamentos sem vínculo necessário com questões de controle e assimetria social. Nesse contexto, a ADTO, influenciada pelas contribuições do marxismo do século XX, compartilha da visão negativa de ideologia, à medida que se interessa pelo discurso nos processos de mudança e luta na vida social contemporânea.

Dada a particularidade de situar-se na interseção entre os campos da análise linguística detalhada e da teoria social crítica, a ADTO articula uma concepção própria de ideologia, adequada ao objetivo de examinar textos em termos de seus efeitos sobre relações de poder. Para isso, baseia-se em três referenciais teóricos do pensamento crítico, a saber: L. Althusser, M. Pêcheux e J. B. Thompson, os quais fornecem as bases epistemológicas para o seu debate sobre a relação entre ideologia, poder e discurso. A seguir, apresentamos cada um desses referenciais, destacando especificamente as suas principais contribuições para a formulação da crítica da ideologia na ADTO.

3.1 L. ALTHUSSER: OS APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO E A INTERPELAÇÃO DO SUJEITO

Para os autores do materialismo histórico, K. Marx e F. Engels, as ideologias não correspondem à realidade, embora a elas se refiram efetivamente, por isso devem ser interpretadas e ter seus processos de produção descobertos, para que se enxergue, enfim, a verdade real do mundo mascarada pela representação imaginária. Esta seria a tarefa da crítica por excelência. Dada essa função, Althusser refuta a visão de ideologia como falsa consciência da realidade em um ponto nodal. Para o autor, a ideologia define-se não apenas como modalidade de poder, mas também como dimensão organicamente constituinte das estruturas sociais: “[...] as sociedades humanas segregam a ideologia como o elemento e a atmosfera mesma indispensável à sua respiração, à sua vida histórica” (ALTHUSSER, 1985, p. 239).

A primeira lição que extraímos dessa definição é que - enquanto para Marx, nós criamos representações alienadas de nossas reais condições de existência, porque tais condições (de trabalho) são alienantes -, para Althusser, o que fazemos não é representar tais

condições de existência, mas a nossa relação com elas: não são as suas condições reais de existência, seu mundo real que os homens representam na ideologia, “[...] o que nela é representado é, antes de mais nada, a sua relação com as condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1985, p. 127). A fronteira entre o real e o imaginário, considerada por Marx uma linha definidora do modo de operação da ideologia pela falsa consciência da realidade, é seriamente rompida por Althusser (1985), com o advento da concepção de prática. Prática, segundo o filósofo, é todo processo de transformação de uma matéria-prima em produto através do trabalho humano realizado por determinados meios de produção.

É nesse sentido que a ideologia é compreendida como um nível do modo de produção da sociedade. Presumindo que toda realidade social se constitui a partir de modos de produção dominantes e que, portanto, é o processo mesmo de produção que movimenta as forças produtivas, decorre que a formação da sociedade, ao mesmo tempo em que produz (e para produzir), deve reproduzir as suas condições de produção. Isto não é outra coisa senão o funcionamento mesmo da ideologia. As práticas de (re)produção consistem na materialidade da ideologia (ideologia é prática), uma vez que toda prática existe através de e sob uma ideologia.

Quem garante a reprodução das relações de produção, sob formas contraditórias e sobredeterminadas, são os aparelhos ideológicos de estado (AIE). Os AIE referem-se a um certo número de realidades que “[...] se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1970, p. 115), tais como o aparelho ideológico religioso e o familiar, entre outros. Os AIE distinguem-se dos aparelhos repressivos de estado, uma vez que estes últimos operam geralmente pela violência (visível, física e objetiva) em domínios da vida pública, enquanto os AIE operam pela ideologia, predominantemente, em domínios da vida privada. Diz-se “predominantemente” porque, como bem ressalva o filósofo, os AIE também funcionam pela repressão, disfarçada ou simbólica.

O ponto de contato entre ambos os tipos de aparelhos é que os repressivos asseguram a atuação dos ideológicos. Trazendo a noção de prática para pensar essa questão, fica claro, pois, que a unidade dos diferentes aparelhos ideológicos é mantida pelas ideologias dominantes (isto é, ideologias das classes dominantes), pois elas compõem a área de interação, sempre tensa e contraditória, entre os aparelhos repressivos e os aparelhos ideológicos, bem como entre os distintos aparelhos ideológicos. Esta é a materialidade da ideologia na formação simbólica e sobredeterminada das sociedades: só existe em aparelhos e em suas práticas regidas por rituais determinados¹ e tem como mecanismo de realização o processo discursivo de interpelação (o próprio processo de sujeição), que, em última instância, serve à reprodução das relações de poder da vida social, ao produzir as evidências do sujeito e do sentido.

Os AIE prescrevem “[...] práticas materiais reguladas por um ritual material, práticas que existem nos atos materiais de um sujeito [...]” (ALTHUSSER, 1985, p. 92). Nesses termos, Althusser argumenta, a partir da referência à psicanálise lacaniana, que a ideologia opera por uma estrutura de dupla relação especular, posto que “[...] toda ideologia existe pelo sujeito e para o sujeito” (ALTHUSSER, 1985, p. 209). Maneira de dizer que o sujeito é, a um só tempo, o sujeito da ação e o sujeito sujeitado ao Sujeito, ao Outro (que é uma ideologia) como composto por redes de valores e crenças que o interpela cotidianamente: “[...] toda a ideologia tem um *centro*, o Sujeito Absoluto ocupa o lugar único do centro e interpela, à sua volta, a infinidade dos indivíduos como sujeitos, em uma dupla relação especular” (ALTHUSSER, 1976, p. 118).

A constituição dos sujeitos dá-se, assim, pelos processos simultâneos e necessários de reconhecimento e de desconhecimento. Quando o indivíduo se reconhece como sujeito em e por um discurso - há o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, bem como entre os próprios sujeitos, e há o reconhecimento do sujeito por si mesmo -, ele desconhece a sua submissão ao Sujeito, isto é, reconhece-se apenas sob a condição do desconhecimento de sua submissão, sob a condição de que “se os sujeitos reconhecerem o que são e se conduzirem de acordo, tudo irá bem” (ALTHUSSER, 1976, p. 119). A função principal da interpelação é, portanto, a de “[...] conduzir sua auto-sujeição [a do sujeito] ao sistema dominante e, por essa via, assegurar a reprodução social em seu conjunto” (LACLAU, 1979, p. 106).

¹ Por isso, Althusser (1985) prefere falar em teoria da ideologia em geral, em oposição a uma teoria das ideologias particulares, porque aquela está interessada em discutir o mecanismo geral ou universal pelo qual qualquer ideologia opera, isto é, a partir da reprodução das relações materiais de produção.

As reflexões de Althusser forneceram, como se vê, princípios gerais para a ADTO compreender a existência material da ideologia nas práticas das instituições, o que abriu caminho para se poder pensar a “materialidade da ideologia em práticas discursivas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 116), bem como o seu modo de funcionamento na vida social, quanto à constituição estratificada da sociedade, sua organização assimétrica pelo novo capitalismo, e ao processo de interpelação de sujeitos. No entanto, somente com o trabalho posterior de M. Pêcheux, a ADTO encontra os principais recursos para investigar o lugar propriamente dito da linguagem na sociedade (ALTHUSSER; BALIBAR, 1970) e definir discurso em termos de natureza ideológica do uso linguístico (FAIRCLOUGH, 2001).

3.2 M. PÊCHEUX: PRÁTICA DISCURSIVA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Uma das principais contribuições do pensador para o debate da ADTO reside no avanço que o autor realiza quanto à teoria althusseriana dos aparelhos de controle e da interpelação dos sujeitos. Esse avanço consiste em “[...] desenvolver a ideia de que a linguagem é uma forma material de ideologia fundamentalmente importante” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 52).

Na década de 70, quando M. Pêcheux, em parceria com o linguista C. Fuchs, aprimora a chamada Análise Automática do Discurso (AAD), à procura de melhor acordar a relação entre os estudos linguísticos e a teoria do discurso e de realizar algumas alterações no quadro epistemológico geral de sua teoria, a AAD avança na tarefa crítica: o interesse maior é o modo como os textos significam, em clara oposição ao objetivo da análise de conteúdo, que era o de saber o que os textos querem significar. Em outras palavras, trata-se de compreender que uma análise de discurso deve se orientar para mostrar os efeitos da luta ideológica na realização da linguagem e, de modo inverso, a existência de materialidade linguística no funcionamento da ideologia (FAIRCLOUGH, 2001; COURTINE, 1981).

Nessa direção, Pêcheux articula três regiões do conhecimento científico, que servem para sustentar o seu empreendimento quanto a questões centrais de sua crítica. Primeiro, o referencial teórico-conceitual do materialismo histórico, que serve à ontologia crítica da sociedade de que Pêcheux lança mão para pensar a formação social e a sua transformação. Segundo, o referencial da linguística estruturalista, que serve como teoria de análise dos mecanismos de sintaxe e de enunciação. Terceiro, a teoria do discurso, que serve como referencial conceitual para a compreensão da determinação histórica dos processos de significação.

Resgatando o ponto de vista de L. Althusser acerca da materialidade da ideologia, Pêcheux tem o propósito de desenvolver uma explicação acerca das condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção segundo uma teoria materialista do discurso. O autor comprehende que a materialidade ideológica do discurso é movida sobre a materialidade econômica. Isso significa dizer que o funcionamento da instância ideológica é determinado pela instância econômica, uma vez que a ideologia aparece “[...] como uma das condições (não-econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 165).

Entendendo que tal mecanismo de reprodução opera por processos de interpelação assegurados por AIE, Pêcheux (1996) explica que, em determinados momentos da história, a contínua reprodução das relações de classe é rompida, quando as classes se apresentam em uma situação marcada por graves confrontos políticos e ideológicos dentro dos AIE. Daí a necessidade de se pensar em formações ideológicas (FI) em sua relação com formações discursivas (FD). Uma FI é um conjunto complexo de atitudes e de representações “que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classe* em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166, grifo dos autores). Assim, as FI são compostas por formações discursivas (FD), instâncias sociais e culturais que determinam, em distintos contextos, “[...] o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995, p. 160, grifo do autor).

Segundo Pêcheux (1996, p. 168), o ponto da exterioridade relativa de uma formação ideológica em relação a uma formação discursiva se traduz dentro da formação discursiva, pois “[...] ela designa o efeito necessário de elementos ideológicos não-discursivos (representações, imagens ligadas a práticas etc.) numa determinada formação discursiva”. A formação ideológica caracteriza, portanto, o aspecto da luta no interior dos aparelhos de controle, pois diz respeito à articulação de elementos e forças

em confronto na conjuntura ideológica característica de uma formação social em determinado momento (PÊCHEUX; FUCHS, 1997). Nesses termos, o processo de reprodução/transformação deve ser encarado a partir da ideia de que qualquer forma de produção/transformação baseada na luta de classes é intrinsecamente contraditória. Não se pode falar em aspectos que contribuem exclusivamente para a reprodução ou exclusivamente para a transformação, dado que a luta de classes atravessa os AIE.

Isso significa que não há uma correspondência de um para um entre ideologias e classes (no sentido de que cada classe teria sua própria ideologia) e que os AIE não são a realização ou a expressão de uma ideologia dominante (isto é, ideologia de uma classe dominante) ou de uma ideologia em geral (um tipo de *zeitgeist* imposto *a priori*). Os AIE são, antes, local e meio de realização da dominação: “[...] é através da instauração dos Aparelhos Ideológicos de Estado, em que essa ideologia [a ideologia da classe dominante] é realizada e se realiza, que ela se torna a dominante” (PÊCHEUX, 1996, p. 144). Portanto, os AIE compõem, de modo simultâneo e contraditório, o lugar e as condições ideológicas da reprodução e da transformação das relações de produção na sociedade.

Nesses termos, faz-se útil pensar a ideologia quanto a formações ideológicas, que se dão regionalmente em distintos domínios (como escola, religião, família), definidos fundamentalmente por relações de desigualdade e de subordinação, envolvendo não apenas os objetos ideológicos, mas também os seus modos de uso, isto é, suas práticas. As relações de desigualdade e subordinação entre as diferentes regiões dos AIE constituem, pois, a luta ideológica de classes, de tal modo que a transformação das relações de produção só é possível no interior mesmo do complexo em que consistem tais aparelhos, quando se impõem novas relações de desigualdade e subordinação.

Sendo a ideologia, em síntese, a relação entre humanos organizados socialmente, no sentido específico de não ser um fenômeno natural ou essencial, o ideológico é eterno, tal como o inconsciente, porque, como este, opera pela ocultação de sua própria existência. Esse mecanismo comum entre o ideológico e o inconsciente, que se dá na formação do sujeito por interpelação, gera, como coloca Pêcheux, as chamadas verdades evidentes. Este é o efeito último da ideologia, a evidência, tanto na produção do sentido, quanto na constituição do sujeito. Aqui, o processo de interpelação tem como esteio o esquecimento, que, de modo geral, refere-se ao “[...] processo pelo qual uma sequência discursiva concreta produzida, ou reconhecida como sendo um sentido para um sujeito, se apaga, ele próprio, aos olhos do sujeito” (PÊCHEUX, 169). Nessa perspectiva, o assujeitamento é efeito da ideologia, à medida que os processos discursivos não têm sua origem no sujeito, mas se realizam nele.

Embora Pêcheux tenha sido importante inspiração para a ADTO quanto ao esforço de casar uma teoria marxista do discurso com um método de análise linguística de *corpus*, há um aspecto em sua teoria que se afasta, relativamente, do interesse da crítica da ideologia e só será resgatado, mais tarde, por J. B. Thompson. Para este autor, há um elemento importante que, tendo estado na base da concepção marxista de ideologia, perdeu-se na literatura mais recente da teoria social e política, sendo, pois, necessário recuperá-lo: este elemento é o critério de “sustentação das relações de dominação” (THOMPSON, 1995, p. 76). É nessa direção que a ADTO reivindica, através do trabalho do sociólogo britânico, que a questão ideológica deva ser encarada por meio de uma abordagem genuinamente crítica, isto é, que dê ênfase a relações e práticas sociais em que o sentido é investido em termos de assimetrias de poder, domínio e exploração.

3.3 J. B. THOMPSON: PODER, IDEOLOGIA E FORMAS SIMBÓLICAS

A ideologia é “[...] o sentido a serviço do poder [...]” (THOMPSON, 1995, p. 16). Através dela, formas simbólicas tornam-se um “espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (THOMPSON, 1995, p. 79). Assim, para Thompson, as formas simbólicas tornam-se ideológicas apenas quando, em determinados contornos históricos e contingenciais, são mobilizadas em discursos para estabelecer e sustentar relações de dominação e controle.

Já aqui podemos notar que Thompson redescreve a perspectiva marxista de ideologia segundo a forma particular com que o autor reconstrói os pressupostos referentes à associação entre transformação cultural e sociedade industrial moderna, as formas culturais da sociedade moderna: “[...] o desenvolvimento de um conjunto de instituições relacionadas com a produção e com a distribuição massivas de bens simbólicos [...]” (THOMPSON, 1995, p. 113). Para o autor, houve nas últimas décadas um uso generalizado e neutralizado do termo ideologia, que nos fez pensar o conceito relacionado a doutrinas políticas específicas, a regimes políticos isolados ou a determinados sistemas simbólicos. Trata-se de um engano, como argumenta Thompson (1995), que desvia nossa atenção para a verdadeira natureza e papel da ideologia: há variadas maneiras pelas quais as formas simbólicas são utilizadas para estabelecer e sustentar relações de poder em diversos contextos.

O termo ideologia, assim, não deve ser empregado como um conjunto de valores e crenças que submete indivíduos à ordem social, porque o modo como formas simbólicas servem ao poder é muito mais complexo e dinâmico. O que deve ser objeto de preocupação da crítica é, para Thompson (1995, p. 124), examinar “[...] as maneiras como as pessoas localizadas diferencialmente na ordem social respondem e dão sentido a formas simbólicas específicas” e, consequentemente, como essas formas simbólicas, analisadas dentro dos contextos de produção, consumo e compreensão, “servem (ou não servem) para estabelecer ou sustentar relações de dominação”.

Há, nessa direção, três aspectos importantes para a recuperação do emprego da ideologia pela teoria social e política. Primeiro, ao enfatizar as relações de poder, o autor rompe com a tese clássica da luta de classes como antagonismo estruturante da sociedade. A preocupação, agora, é mostrar que há outras formas de desigualdade e de exploração a que as ideologias servem, como tensões de gênero e de etnia. Segundo, ao chamar a atenção para as formas simbólicas, o sociólogo evidencia que elas não são representações ou reflexos da realidade, mas elementos constitutivos dela, engajados nos processos de criação e de reprodução de relações e de práticas sociais diversas. Há, ainda, um terceiro aspecto, que fornece tanto um horizonte teórico, pelo qual se comprehende a ideologia, quanto uma orientação metodológico-analítica, que sugere examiná-la a partir dos seus modos de operação reiterados nas interações ou quase-interações (THOMPSON, 1995, p. 81).

Quanto a este último aspecto, pode-se falar de mecanismos e estratégias predominantemente empregados nas produções simbólico-discursivas da vida social: i) a legitimação, realizada por meio de estratégias de racionalização, de universalização e de narrativização; ii) a dissimulação, cujas estratégias são a eufemização, o deslocamento e o tropo; iii) a unificação, que consiste na simbolização de coletividades sociais; iv) a fragmentação, possibilitada por recursos de diferença e de expurgo do inimigo, que criam fronteiras entre grupos sociais; e v) a reificação, como modo de naturalizar ou universalizar situações e acontecimentos.

Esse percurso de desenvolvimento de visões críticas ou negativas de ideologia, em sua cada vez mais estreita relação com o discurso – tal como revela uma das máximas do Círculo de Bakhtin, segundo a qual o signo linguístico é a realidade material por excelência da criação ideológica, uma vez que consiste na arena onde se dão lutas de classe – serve de base epistemológica para a articulação de uma crítica da ideologia na ADTO, que se sustenta sobre as seguintes premissas:

- i) A ideologia representa aspectos do mundo que contribuem para o estabelecimento, a manutenção e a mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração;
- ii) tendo a ideologia existência material nas práticas das instituições, as práticas discursivas podem ser investigadas como materiais de ideologia;
- iii) a ideologia opera através da interpelação dos sujeitos, de modo tal que se deve compreender a ideologia e a formação dos sujeitos como principais efeitos do discurso;
- iv) os aparelhos ideológicos de estado não são apenas lugar da luta de classe, mas também seu marco delimitador, o que implica dizer que tais aparelhos, ao apontarem para a luta no discurso e subjacente a ele, devem ser foco de uma análise de discurso crítica;

Uma vez apresentadas as bases epistemológicas das concepções de texto e de ideologia articuladas na ADTO, cabe-nos, a seguir, explanar mais amiúde os principais aspectos da conexão.

4 A CONEXÃO ENTRE TEXTO E IDEOLOGIA: PRINCIPAIS ASPECTOS

A ADTO tem um objetivo de investigação bastante específico, que consiste em analisar textos com foco sobre seus efeitos sociais. Tais efeitos são gerados pela produção de sentidos (FAIRCLOUGH, 1999). Assim, uma análise de discurso orientada ideologicamente pretende examinar textos de modo a lançar luz sobre o processo de produção de significados representacionais, identificacionais e acionais. Nessa direção, esta seção explana um conjunto de concepções, princípios e categorias que, apresentando o modo como a ADTO concebe a conexão entre texto e ideologia, procura fornecer um quadro conceitual útil para as pesquisas em torno do tema.

i) O sentido a serviço do poder

Para ADTO, a ideologia não é parte constitutiva da realidade social ou, tal como afirma Althusser, uma espécie de cimento social universal. Na ADTO, o conceito de ideologia é fundamentalmente negativo, isto é, relaciona-se aos modos como os sentidos servem para produzir ou manter relações desiguais de poder e controle, à maneira como Thompson (1995) tem refletido. Os processos ideológicos “são representações de aspectos do mundo que podem ser apresentados para estabelecer e manter relações de poder, de dominação e de exploração” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 218). Segundo Fairclough (1989, p. 84), a ideologia está “[...] essencialmente vinculada a relações de poder”, uma vez que se institui como senso comum e tem o objetivo de criar ou sustentar tipos de assimetrias e dominação na vida social.

Dessa concepção negativa geral, Fairclough (2001, p. 121) especifica que a ideologia existe somente “[...] nas sociedades caracterizadas por relações de dominação, com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante”. Os processos ideológicos são concebidos enquanto representações da realidade que são textualmente edificadas em várias dimensões das “formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Está pressuposto, aqui, o que podemos chamar de fetichismo linguístico. Em outras palavras, diz-se que os usos linguísticos obliteram a complexa rede de produção dos sentidos², do mesmo modo que as trocas ocultam o processo de produção da mercadoria. Nessa direção, a ADTO parte de uma concepção de ideologia que é tanto um tipo de vivência espontânea, que só pode ser rompida a partir do esforço intelectual-científico da reflexão, quanto forma simbólica de distorção da realidade como efeito social de textos, contra a qual a crítica deve agir em um movimento de fora para dentro, revelando os processos linguísticos reais de produção textual de determinados sentidos.

ii) Ideologia como parte da estratégia de hegemonia

A forma crítica ou negativa de ideologia da ADTO orienta-se, pois, por uma noção de poder em termos de hegemonia (GRAMSCI, 1971; LACLAU; MOUFFE, 1987), o que define poder como um tipo de aliança ou liderança relativamente estável entre forças diversas. Notemos que há um vínculo estreito entre hegemonia, poder e ideologia: o poder consiste na instauração de uma hegemonia, que, por sua vez, só é possível pela difusão de uma visão ou representação de mundo particular, isto é, uma ideologia, como sendo universal. A ADTO lança mão do conceito de hegemonia com base no modo como se apropria relativamente das reflexões de Gramsci e de Laclau e Mouffe (1987), considerando suas distinções conceituais e a distância histórica e intelectual entre os pensadores.

Na tradição clássica marxista, Gramsci faz-se útil à crítica da ideologia articulada na ADTO por desenvolver uma concepção de hegemonia em termos de “organização do consentimento” (BARRETT, 1996, p. 238); isto é, o processo pelo qual formas

² A respeito da relação entre fetichismo, mercadoria e linguagem, sugerimos as seguintes leituras: Jacques Rancière, em *L'inconscient esthétique* (Galilée, 2001); Slavoj Zizek, em *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético* (Boitempo, 2013); e Vladimir Safatle, em *Cinismo e Faléncia da Crítica* (Boitempo, 2008).

subordinadas de consciência são constituídas sem recurso à violência e à coerção. Fairclough (2001) comprehende que é essa nova estratégia de domínio, controle e exploração, “sem violência e coerção”, o modo mesmo de operação da ideologia. Assim, o investimento ideológico de textos é parte da estratégia discursiva de hegemonia e universalização: “a busca pela hegemonia é uma questão de procurar universalizar sentidos particulares no trabalho de atingir e manter dominação, e isto é um trabalho ideológico”.

Uma das principais referências do pensamento pós-marxista, a reflexão de Laclau e Mouffe (1987), é trazida à ADTO em razão de algumas contribuições fundamentais, entre elas a da concepção de hegemonia, diretamente vinculada à lógica relacional do discurso. Partindo do princípio de que a sociedade não deve ser concebida como unificada por um princípio endógeno ou por um *fiat soberano*, pois é, desde já, simbólica e sobredeterminada, os autores concebem a hegemonia como a lógica da própria articulação do social, sempre contingente e precária. Assim, a hegemonia se dá pela relação entre o universal e o particular (BUTLER; LACLAU; ZIZEK, 2000), ou melhor, pelo modo como uma particularidade passa a representar ou ocupar a função de universalidade: “como identidades, interesses e representações particulares investem-se de certas condições para se auto-aclamarem universais”. Esse investimento nos modos de representação, identificação e ação para alcançar domínio e controle é a própria ideologia.

iii) A contradição no interior dos aparelhos ideológicos de estado (AIE)

Como parte estratégica da hegemonia, o que garante ou assegura o funcionamento da ideologia são os aparelhos ideológicos de estado (AIE), tal como fora afirmado por Althusser e posteriormente por Pêcheux. No entanto, a ADTO apropria-se da concepção de AIE, reconstituindo-a quanto a um aspecto importante. Sendo os AIE, ao mesmo tempo, lugar da luta de classe, bem como outras lutas, e marco delimitador dos embates sociais, seu modo de operação, portanto, indica as lutas no discurso e subjacentes a ele. O modo de operação dos AIE é discursivo e evidencia a luta e a contradição em seu interior: “[...] quando são encontradas práticas discursivas contrastantes em um domínio particular ou instituição, há probabilidade de que parte desse contraste seja ideológico” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Nesse ponto específico, o da contradição dos AIE, a ADTO problematiza na teoria althusseriana a atenção secundária dada aos embates dentro dos aparelhos de controle, argumentando que nela há “[...] marginalização da luta, da contradição e da transformação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117). Dado que o foco da abordagem crítica de análise de discurso recai sobre questões de mudança social, a crítica da ideologia de que lança mão não deve compactuar com uma visão unilateral ou determinista que prioriza a reprodução de uma ideologia dominante. Ao contrário, uma análise de discurso crítica deve estar mais interessada na luta ideológica no interior das práticas institucionais do que na reprodução das ideologias de classes dominantes. Por isso, a ADTO concebe a característica de “crítica” ao tipo de análise de discurso que seja orientada ideologicamente.

iv) Interpelação de sujeitos, posições e agência

Entre as premissas que sustentam o conceito de ideologia na ADTO, uma das principais asserções afirma que a ideologia interpela os sujeitos, o que conduz à concepção de que um dos mais significativos efeitos ideológicos que os linguistas ignoram no discurso, segundo Althusser (1971, p. 161), é a constituição discursiva dos sujeitos mediante de processos de interpelação. A sujeição tem caráter discursivo, à medida que os sujeitos sociais “são constituídos em relação a formações discursivas particulares e seus sentidos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 53).

Embora a reflexão althusseriana tenha avançado no tema da ideologia ao trazer à baila a ideia de que a construção de sujeitos opera ideologicamente e através de mecanismos interrelativos, a ADTO adverte que há na teoria de Althusser uma tendência de ênfase no fenômeno do assujeitamento, em detrimento do poder de transformação e de resistência dos agentes sociais. Na contramão dessa perspectiva, Pêcheux traz uma importante contribuição para o tema quando explana a natureza heterogênea e contraditória das formações discursivas. A concepção foucaultiana de formação discursiva, tal como reapropriada por Pêcheux, implica a ideia de interdiscursividade, isto é, os discursos que circulam e se conectam num determinado espaço institucional estão diretamente

vinculados à luta ideológica e à contradição dentro dos AIE. Tal como formula Courtine (1981, p. 24), o interdiscurso consiste em um processo de “constante reestruturação”, o que significa dizer que toda formação discursiva é “fundamentalmente instável”.

Nessa direção, Fairclough (2003, p. 160) acrescenta à teoria pecheuxtiana que os sujeitos “[...] não são apenas preposicionados na forma como eles participam de eventos sociais e de textos, eles também são agentes sociais”. Para a ADTO, ainda não é suficiente a afirmação de Pêcheux de que os processos discursivos de constituição de sujeitos são contraditórios e heterogêneos. Para o linguista, é preciso evidenciar que os sujeitos, para muito além de efeitos determinados ideologicamente, podem contestar e, com o tempo e em virtude de inúmeras variáveis, transformar estruturas sociais através da mudança nas práticas, que são irreversivelmente paradoxais. Assim como a formação discursiva, é contraditória também a constituição discursiva dos sujeitos, pois “uma pessoa que opera num quadro institucional único e num único conjunto de práticas é interpelada de várias posições e puxada em direções diferentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

v) O lugar da luta ideológica nas práticas discursivas

A ADTO está atenta, prioritariamente, à dialética entre o discurso e os outros momentos das práticas sociais particulares que investiga, compreendendo o processo de internalização e de articulação, sobretudo, como estratégias de (lutas pelo) poder. Questões de poder não se ligam apenas às práticas particulares, elas estão vinculadas também às instâncias do discurso e da conjuntura social, de maneira que a análise da ideologia contempla as relações entre o momento do discurso de diferentes práticas e as distintas ordens de discurso.

No processo de mediação, configurado entre a estrutura social/linguagem, em escala macrodiscursiva, e o evento social/texto, em escala microdiscursiva, as práticas discursivas são lugar de produção de ideologias. Fairclough observa que as práticas discursivas, que envolvem os processos de produção, de distribuição e de consumo de textos, são formas materiais de ideologia (FAIRCLOUGH, 2001, p. 116). Como efeito de textos, a ideologia atua nos três significados do discurso: em discursos, nos modos de representar aspectos da realidade; em gêneros, nas formas pelas quais (inter)ações são realizadas; e em estilos, nas maneiras de inculcar determinados valores, crenças e comportamentos nas identidades dos sujeitos sociais.

Porém, atentemos para este fato: se as práticas discursivas são lugar de construção e manifestação de ideologias, então elas também são o espaço de desconstrução dos produtos ideológicos, dada a natureza heterogênea e contraditória das próprias formações discursivas. Observemos, então, que, ao evidenciar a construção de ideologias no domínio das práticas discursivas, Fairclough (2001, p. 117) está chamando atenção para o fato de que é no interior dessas práticas que a luta ideológica opera como uma de suas dimensões constitutivas. Com tal ênfase, a ADTO não está preocupada com a reprodução de ideologias dominantes, nem com o movimento quase unilateral da estrutura em direção aos eventos. Em vez de focar sobre relações de estabilidade e regularidade nos processos discursivos, ela prefere pensar esses processos em sua relação com a questão da mudança social e da luta pela hegemonia de formas de poder.

vi) Análise de discurso, texto e ideologia

Como já vimos, a ideologia pode ser associada “com discursos (como representações), com gêneros (como encenações) e com estilos (como inculcações)”. Em virtude de a ideologia ser construída e ter materialidade nas práticas discursivas, que regulam formas de vida e sistemas de valores e crenças no cotidiano das pessoas, uma característica definidora do fenômeno é a sua invisibilidade, pois ela é “[...] mais efetiva quando sua ação é menos visível [...]” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 85). Isso significa dizer que sua eficácia é diretamente proporcional à naturalização de determinados sentidos. Pelo caráter relativamente estável, automático e (quase) invisível da ideologia, a análise textual crítica caracteriza-se em razão i) do interesse em investigar os processos de significação potencialmente ideológicos; ii) da realização de um tipo de análise textual que transcendia o nível do texto; iii) do grau de dificuldade em identificar e examinar os sentidos implícitos construídos em textos particulares.

No primeiro caso, é importante destacar que a análise de discurso crítica não deve partir de assunções predeterminadas a respeito do caráter ideológico de um texto, “[...] antecipando tipos de apropriação ou rejeição com respeito a representações ideológicas” (RAMALHO, 2008, p. 57). Somente uma análise detalhada do *corpus* pode ajudar a indicar se determinada produção de significados atua ou não em favor da reprodução de relações de poder assimétricas.

No segundo caso, a análise detalhada de texto só pode alegar a existência de uma determinada suposição ideológica a partir do trabalho de explication e de interpretação que vincule o argumento a “outras proposições e crenças relacionadas” e que se baseie em uma análise científica e social complexa, que transcenda o texto em si, procurando realizar vínculos com outros textos e discursos. Como defende Fairclough, não se pode ater-se somente à análise textual, “identificando suposições, e decidindo somente pelas evidências textuais, as quais seriam ideológicas”.

Por fim, no terceiro caso, vale ressaltar que identificar e examinar as evidências textuais dos efeitos ideológicos envolve o trabalho atento sobre pressuposições, implicaturas e outros tipos de sentidos implícitos. Esses fenômenos linguístico-textuais são, assim, de significância particular para a análise ideológica: “pode-se arguir que as relações de poder são melhores servidas por sentidos que são largamente tomados como dados”. A ideologia opera a partir de textos quando atua sobre sentidos compartilhados e tomados como dados, fatos e verdades, intervindo assim sobre os campos comuns da comunicação na vida social, quanto a crenças, valores, comportamentos e juízos morais.

Com relação à terceira característica da análise ideológica, faz-se pertinente observar como a ideologia opera nos modos de representação, por exemplo, quanto à forma pela qual aspectos da realidade são apresentados e significados. Associados à hegemonia, os textos podem ser investidos ideologicamente para supor uma realidade como inquestionável e inevitável. Nos modos de ação, a ideologia atua na estruturação de gêneros como atividades da interação humana realizadas em práticas sociais, intervindo sobre a indução, a reprodução e o fortalecimento de hábitos. A ideologia pode, assim, contribuir para sustentar certa conjuntura hegemonic de práticas e atividades sociais que implicam questões de desigualdade, domínio e exploração. Já nos modos de identificação, a ideologia pode se apresentar nas formas de comprometimentos, julgamentos e diferenciação, sendo potencialmente útil para manter relações assimétricas de poder.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito da discussão empreendida neste artigo foi favorecer a compreensão da conexão entre texto e ideologia formulada pela ADTO. Para isso, inicialmente, colocamos à mesa os principais pressupostos da ontologia social de que a disciplina em foco se vale para fundamentar a episteme construída em torno da concepção de vida social como sistema aberto e mediado textualmente. Em seguida, apresentamos o caminho de desenvolvimento da concepção negativa de ideologia que influenciou o modo como ADTO apropriou-se particularmente do termo em sua proposta de abordagem crítica. Por fim, discutimos os principais aspectos da conexão entre texto e ideologia, à procura de lançar luz sobre pontos importantes que merecem destaque numa análise de discurso crítica. A seguir, realizamos uma síntese comentada sobre a seleção desses pontos:

- A ADTO motiva-se pelo esforço de promover uma contribuição para a pesquisa social crítica, fornecendo recursos para análise linguística detalhada da dimensão discursiva de práticas sociais (dado que a linguagem é parte irredutível da realidade social) com foco sobre os textos e seus efeitos (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).
- Compreende-se texto como qualquer exemplo da linguagem em uso no interior de alguma prática social (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; HASAN, 1976, 1989; HASAN, 1996; MARTIN, 1992; VAN LEEUWEN 1993, 1995, 1996); é uma unidade do discurso e da comunicação que representa relações de luta e conflito (WODAK, 2001); pode envolver a linguagem verbal e, ainda, muitos outros recursos semióticos de significação.
- A ADTO é uma forma de crítica ideológica, em que se comprehende ideologia como sentido a serviço do poder (THOMPSON, 1995): “ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

- A realidade social está configurada, na ADTO, em *estruturas, práticas e eventos*, cuja organização semiótica dá-se em termos de *linguagem, discurso e texto* respectivamente. A dimensão discursiva das práticas (*discurso, gênero e estilo*) opera, no nível do texto, em processos de significação *representacional, acional e identificacional*, que podem ser investidos ideologicamente.
- A ideologia ocorre em formas materiais, as práticas discursivas, e funciona pela interpelação das pessoas em sujeitos e pela fixação de suas posições na estrutura social (ALTHUSSER, 1970; PÊCHEUX, 1996). Porém, mediante a contradição das formações discursivas, os sujeitos não devem ser considerados meros efeitos da ideologia, pois possuem “capacidade de agirem como agentes e mesmo de transformarem, eles próprios, as bases da sujeição” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 56).
- Há um vínculo mutuamente constitutivo entre texto, hegemonia, poder e ideologia: o poder consiste na instauração de uma hegemonia, que, por sua vez, dá-se pela difusão, naturalização e universalização de ideologias, isto é, representações de aspectos do mundo particulares, que são constituídas através de significações mediadas textualmente.
- Os aparelhos ideológicos de estado (AIE) são concebidos como lugar de lutas sociais (ALTHUSSER, 1970), como a luta de classes, mas eles também são marco delimitador delas. Assim, a análise de discurso crítica não foca os aparelhos de controle em vista da reprodução determinante de ideologias de classes dominantes, mas das contradições e transformações envolvidas no interior dos AIE.

REFERÉNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado*: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- _____. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Lisboa: Presença, 1970.
- _____. *Positions*. Paris: Editions Sociales, 1976.
- BALIBAR, E.; ALTHUSSER, L. *Reading capital*. Librairie François Maspero: Paris, 1968.
- BARRET, M. Ideologia, política e hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. In: ZIZEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 235-264.
- BHASKAR, R. *The possibility of naturalismo*: a philosophical critique of the contemporary human sciences. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1989.
- BHASKAR, R.; CALLINICOS, A. Marxism and critical realism: a debate. *Journal of Critical Realism*, v. 1, n. 2, p. 89-114, 2007.
- BUTLER, J.; LACLAU, E.; ZIZEK, S. *Contingency, hegemony, universality*: contemporary dialogues on the left. London: Verso, 2000.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*: rethinking critical discourse in analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COURTINE, J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours: à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, année 15, n. 62, p. 09-128, junho 1981.
- EAGLETON, T. *Ideology*: an introduction. London: Verso, 1991.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

_____. *Discurso e mudança social*. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Language and power*. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N.; JESSOP, B.; SAYER, A. Critical realism and semiosis. *Journal of critical realism*, v. 5, n. 1, p. 2-10, 2002.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FOWLER, R.; KRESS, G. Critical linguistics. In: FOWLER, R. et al. *Language and control*. London, Boston e Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979, p.185-213.

GIDDENS, A. *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*. Cambridge: Polity Press, 1991.

GRAMSCI, A. *Selections from the Prison Notebooks*. London: Lawrence & Wishart, 1971.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____. *Halliday: system and function in language*. In: KRESS, G. (Org.). Oxford: Oxford University Press, 1976. p.52-72.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. A. U. Sobral e M. S. Gonçalves. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LACLAU, E. *Política e ideología na teoria marxista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LARRAÍN, J. *The concept of ideology*. Athens: University of Georgia Press, 1979.

MARTIN, J. R. Analysing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (Org.). *Genre and institutions*. London: Continuum, 1997. p.3-39.

PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p.143-152.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p.163-251.

RAMALHO, V. Discurso e ideologia na propaganda de medicamentos: um estudo crítico sobre mudanças sociais e discursivas. 2008. 193f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2008.

SAYER, A. *Realism and social science*. London: Sage, 2000.

SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VAN DIJK, T. A. *Ideology: A multidisciplinary approach*. London: Sage Publications, 1998.

VAN LEEUWEN, T. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Org.). *Texts and practices*. London; New York: Routledge, 1996. p.32-69.

WODAK, R. What CDA is about: a summary of its history, important concepts and its development. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Org.). *Methods of critical discourse analysis*. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 2001. p.1-14.

Recebido em 20/07/2017. Aceito em 02/09/2017.

“NÃO PENSE EM CRISE, TRABALHE”: O JOGO DA HISTÓRIA NA TRAMA DA LÍNGUA

“NO PIENSE EN CRISIS, TRABAJE”:
EL JUEGO DE LA HISTORIA EN LA TRAMA DE LA LENGUA

“DON’T THINK ABOUT THE CRISIS, WORK”: THE ROLE OF HISTORY IN THE PLOT OF
LANGUAGE

Dantielli Assumpção Garcia*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Lucília Maria Abrahão e Sousa**

Universidade de São Paulo

RESUMO: Neste trabalho, da perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa, mobilizando as noções de efeito metafórico (PÊCHEUX, 1997 [1969]) e de modalidade de identificação (PÊCHEUX, 2009 [1988]), analisaremos o pronunciamento do presidente interino Michel Temer, proferido na posse dos novos ministros ao governo provisório em virtude do afastamento da presidente Dilma Rousseff, e os deslocamentos do enunciado “Não pense em crise, trabalhe”, dito por Michel Temer, que circularam em diferentes postagens nas redes sociais. Mostraremos como o efeito metafórico funciona nessas postagens, produzindo furos na suposta legitimidade presidencial, uma contraidentificação dos sujeitos ao discurso que os interpela, criando, assim, espaços de resistência a um discurso de dominação e segregação dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Temer. Modalidade de identificação. Efeito metafórico. Crise. Trabalho.

RESUMEN: En este trabajo, desde la perspectiva teórica del análisis del discurso de línea francesa, movilizando las nociones de efecto metafórico (PÊCHEUX, 1997 [1969]) y de modalidad de identificación (PÊCHEUX, 2009 [1988]), analizaremos el discurso del presidente interino Michel Temer, pronunciado durante la ceremonia de investidura de los nuevos ministros del gobierno provisional en virtud de la separación de la presidenta Dilma Rousseff, y los desplazamientos del enunciado “No piense en crisis, trabaje”, dicho por Michel Temer, que circularon en diferentes mensajes de las redes sociales. Enseñaremos cómo el efecto

* Pós-Doutora pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP). Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Pós-Doutora pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PNPD/CAPES). Pesquisadora do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Docente na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: dantielligarcia@gmail.com.

** Livre-Docente em Ciências da Informação e da Documentação. Professora do Curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, ambos da FFCLRP/USP. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCAR. Coordenadora do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). E-mail: luciliamasousa@gmail.com.

metafórico funciona en esos mensajes, afectando la presunta legitimidad presidencial, una contraidentificación de los sujetos al discurso que los interpela, creando, así, espacios de resistencia a un discurso de dominación y segregación de los sujetos.

PALABRAS CLAVE: Michel Temer. Modalidad de identificación. Efecto metafórico. Crisis. Trabajo.

ABSTRACT: In this work, based on the theoretical perspective of French Discourse Analysis and mobilizing notions such as metaphorical effect (PÊCHEUX, 1997 [1969]) and identification modality (PÊCHEUX, 2009 [1988]), we analyze the speech of the interim president Michel Temer, given the swearing-in of new ministers due to the dismissal of president Dilma Rousseff. We also examine the displacements of the enunciation “Don’t think about the crisis, work,” uttered by Michel Temer, which circulated in different posts. We present how the metaphoric effect works in such posts, producing inconsistencies in the supposed presidential legitimacy, a counter-identification of the subjects with the discourse addressed to them, thus creating spaces of resistance to a discourse of domination and segregation of the subjects.

KEYWORDS: Michel Temer. Identification modality. Metaphoric effect. Crisis. Work.

“Nesse aspecto, ele [Foucault] sem dúvida tinha razão em afirmar que talvez o século viesse a ser deleuziano um dia, porque talvez um dia o século viesse a se parecer com o pesadelo imaginado por Deleuze: o estabelecimento de um fascismo ordinário, não o fascismo histórico de Mussolini e Hitler – o qual tão bem soubera mobilizar o desejo das massas – mas antes e acima de tudo ‘o fascismo que está em todos nós, que assombra nossos espíritos e condutas diárias, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e nos explora’ ”. (Elisabeth Roudinesco, *Filósofos na Tormenta*, 2007).

1 O DIZER E O QUANTO DELE SE FAZ TROÇA NA LÍNGUA

Neste texto, da perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa, trabalharemos com algumas sequências do pronunciamento de Michel Temer dirigido à nação brasileira no momento em que anuncia, de sua posição de presidente interino em virtude do afastamento da presidente Dilma Rousseff por causa do processo de impeachment em 2016, a posse dos novos ministros no Palácio do Planalto. O discurso¹ de Temer, por meio do enunciado “*Não pense em crise, trabalhe*”, interpela os sujeitos (cidadãos brasileiros), mas esses se contraidentificam e produzem outros dizeres que passam a circular nas redes sociais. Indagamos: quais os efeitos estão em jogo quando um enunciado assim irrompe no primeiro depoimento do representante do Executivo em um conturbado momento da vida política nacional? O que representa a circulação de um imperativo que abole a reflexão sobre tal momento? Como se constrói um imaginário sobre o trabalho que dispensa do humano o que lhe é próprio, pensar? O que da boca de sujeito na posição de presidente inscreve-se como crise e saída para ela? De que trabalho estamos falando afinal e o quanto tudo isso silencia outros sentidos sobre o político?

Inferimos que na produção, circulação e reformulação desse enunciado oficial, o efeito metafórico funciona, o humor cava seus furos na sua suposta legitimidade e o poético produz efeitos inesperados em jogo, promovendo substituições que não cessam de se desdobrar. Diante desses enunciados que passam a circular no ciberespaço, colocamos aqui o nosso desejo de produzir também uma compreensão sobre esse momento histórico da sociedade brasileira, atravessando a cortina de fumaça das relações de poder, em cuja tessitura o jogo da história se enlaça com a língua. Assim, neste trabalho, nossos objetivos são: discutir teórica e analiticamente as modalidades discursivas de funcionamento subjetivo, elaboradas por Michel Pêcheux ([1988] 2009), além da noção de efeito metafórico, que sustentam o pronunciamento de Temer e as postagens dele nascidas e deslizadas.

¹ Quando utilizarmos a estrutura “discurso de Michel Temer”, estamos compreendendo discurso não tomado como no campo da política enquanto pronunciamento, mas discursivamente, enquanto efeito de sentidos entre interlocutores, em que, no funcionamento da linguagem, se coloca em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história. Ao dirigir-se à Nação, o presidente interino coloca-se em uma relação com os cidadãos brasileiros e faz ranger o motor da história que atualiza sentidos sobre governar, sobre o processo de impeachment, sobre crise, sobre trabalho. Nessa relação presidente interino-cidadãos, efeitos de sentidos outros surgem e ecoam na sociedade brasileira. São esses efeitos que intentamos flagrar neste texto ao analisarmos o discurso de Michel Temer na posse de seus ministros.

2 SUJEITO, METÁFORA E MODALIDADES DE IDENTIFICAÇÃO NO DISCURSO

Toda prática discursiva, como adverte Pêcheux (2009 [1988], p. 197), está inscrita no “[...] complexo contraditório-desigual-sobredeterminado” das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas; isso significa dizer que as formações discursivas mantêm entre si “relações de determinação dissimétricas”, constituindo-se como o “[...] lugar de trabalho de reconfiguração que constitui, segundo o caso, um trabalho de recobrimento-reprodução-reinscrição ou um trabalho politicamente e/ou cientificamente produtivo” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 197, grifos do autor). A prática discursiva faz funcionar o efeito do complexo das formações discursivas na forma-sujeito, uma vez que não existe prática sem sujeito. Contudo, segundo Pêcheux (2009 [1988], p. 198), não se trata de dizer que uma prática discursiva seja “[...] a prática de sujeitos (no sentido dos atos, ações, atividades de um sujeito)”, mas sim de constatar que todo sujeito é constitutivamente “[...] colocado como autor de e responsável por seus atos (por suas ‘condutas’ e por suas ‘palavras’) em cada prática em que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas (e, em particular, das formações discursivas) no qual ele é interpelado em ‘sujeito responsável’” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 198).

A ideologia interpela o indivíduo em sujeito de seu discurso, submetendo-o à língua, significando e significando-se pelo simbólico na história. Como colocam Pêcheux e Fuchs (1997 [1969] p. 162),

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeito (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistemas de evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas.

O paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência forma-se em torno da interpretação de que “[...] a Ideologia interpela os indivíduos em sujeito” (ALTHUSSER, 1985 [1970]) que tem sempre “[...] um efeito retroativo que faz com que o indivíduo seja sempre-já-sujeito”, pois “[...] o sujeito é desde sempre um indivíduo interpelado em sujeito” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 141). A interpelação ocorre de “[...] tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas.” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997 [1969], p. 166).

Pêcheux (2009, p. 198-199), retomando um estudo de Paul Henry, ressalta que a interpelação supõe necessariamente:

[...] um *desdobramento*, constitutivo do sujeito do discurso, de forma que *um dos termos* representa o “locutor”, ou aquele a que se habituou chamar o “sujeito da enunciação”, na medida em que lhe é “atribuído o encargo pelos conteúdos colocados – portanto, o sujeito que “toma posição”, com total conhecimento de causa, total responsabilidade, total liberdade etc. – e o outro termo representa “o chamado sujeito universal, sujeito da ciência ou do que se pretende como tal” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 198, grifos do autor).

Discutindo a relação do sujeito da enunciação com o sujeito universal, de forma a articular as “tomadas de posição” do sujeito no processo de assujeitamento, Pêcheux (2009 [1988]) apresenta três modalidades de funcionamento subjetivo. A *primeira modalidade* consiste em uma superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a:

[...] “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “*livremente consentido*”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito (em outros termos: o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos “em plena liberdade”) (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 199, grifos do autor).

Já a *segunda modalidade* caracteriza o discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o *sujeito da enunciação* “se volta” contra o *sujeito universal* por meio de uma “tomada de posição” que consiste, dessa vez,

[...] em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) com respeito ao que o “*sujeito universal*” lhe “dá a pensar”: luta contra a evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno [...] Em suma, o sujeito, o “mau sujeito”, se *contra-identifica* com a formação discursiva que lhe é imposta pelo “interdiscurso” como determinação exterior de sua interioridade subjetiva, o que produz as formas filosóficas e políticas do *discurso-contra* (isto é, *contradiscurso*), que constitui o ponto central do humanismo (antinatureza, contranatureza etc.) sob suas diversas formas teóricas e políticas, reformistas e esquerdista. (PÈCHEUX, 2009 [1988], p. 199-200, grifos do autor).

Por fim, a *terceira modalidade* subjetiva e discursiva, que toma forma de uma *desidentificação*, ou seja, de uma “*tomada de posição não subjetiva*” que inclui “[...] um trabalho (transformação-deslocamento) da *forma-sujeito* e não sua pura e simples *anulação*” (PÈCHEUX, 2009 [1988], p. 202, grifos do autor). A terceira modalidade se diferencia das duas anteriores na medida em que as modalidades de identificação e contraidentificação são reguladas pela identificação à formação discursiva dominante, a qual regula a evidência do sentido, ainda que a “*tomada de posição*” seja de aceitação ou de rejeição. É importante destacar que, para pensar as voltas do sujeito no discurso, o teórico da AD francesa estabelece as formas de o sujeito jogar e se relacionar com o dizer do outro já inscrito na história e com a oficialidade dos dizeres considerados compactos e oficiais. A cada movimento de identificação, são estabelecidas palavras de aliança (sempre deslocada) com e a partir da FD dominante; a cada gesto de ruptura e de recusa dos efeitos tidos como legitimados, o sujeito ocupa a brecha (constante em todo dizer) de se separar, desidentificar-se, fazer um corte nos efeitos em curso e produzir aí um outro modo de significar-se. Para refletirmos sobre essa movência nas modalidades subjetivas e discursivas, analisaremos a seguir o discurso do presidente interino do Brasil. No dia 12 de maio de 2016, Michel Temer nomeia novos ministros para seu governo provisório e profere o seguinte pronunciamento:

Nós não podemos mais falar em crise. Trabalharemos. Aliás, há pouco tempo, eu passava por um posto de gasolina na Castelo Branco e o sujeito botou uma placa lá. “Não fale em crise, trabalhe”. Eu quero ver até se eu consigo espalhar essa frase em 10, 20 milhões de outdoors por todo o Brasil, porque isso cria também um clima de harmonia, de interesse, de... de... otimismo, não é verdade? Então... não vamos falar em crise, vamos trabalhar. O novo lema, não é um lema de hoje. Nossa lema é ordem e progresso. (TVUOL, 2016)

Destacamos o uso do “nós” como marca de um funcionamento do imperativo, que opera a estranha ordenança de uma palavra de ordem para o momento, palavra essa que seria válida, necessária e única para todos igualmente. Pela pesquisa de Zoppi-Fontana (1997), sabemos o quanto o “nós” inscreve um efeito imaginário, bastante efetivo diga-se de passagem, de construir uma coletividade, melhor dizendo, um efeito de simetria e inclusão de todos sob a guarda de uma mesma unidade. Cria-se, pelo efeito ideológico de evidência, um imaginário aniquilamento das diferenças e uma pretensa equivalência de posições, cuja operação silenciaria qualquer desigualdade, discordância ou contradição entre os sujeitos. No caso, o dispositivo do “nós” tranquiliza as disparidades. Da posição de presidente interino, enuncia-se o que pode e não pode ser dito: “nós não podemos mais falar em crise”; assim, temos o jogo das cisões sustentadas pela história produzindo seus efeitos na língua. Se não podemos mais, é porque já falamos muito, o que produz a equação de que a entrada do vice ao cargo de maior mandatário da nação inscreve-se como calamento da crise, como desfecho da crise, como resolução mágica das tensões da crise, como fim da crise. Há, de certo modo, uma imputação de responsabilidade de sair da crise ao cidadão, já que, como proposta governamental, o não falar em crise e o trabalho do cidadão contribuiriam para a criação de uma outra situação política/econômica (?) no Brasil. Nessa sequência discursiva, Temer aponta a autoria desse enunciado e instala um argumento de autoridade advindo do cotidiano, da sabedoria popular e dos dizeres que circulam na ordem da vida: uma placa (Imagem 1) de um posto de gasolina na Castelo Branco.



Imagen 1: Placa do posto de gasolina

Fonte: Tomazela (2016)

Esse posto de gasolina foi lacrado em 2011 por vender combustíveis adulterados e seu dono está preso por tentativa de homicídio, além de ter respondido a processo por receptação e venda de combustível roubado (TOMAZELA, 2016). Ao trazer como memória a frase colocada no posto, a fala de Temer também faz com que circule esse discurso da criminalidade e o sentido de trabalhar passa a funcionar ligado a um dizer sobre roubo, adulteração, assassinato. Seria esse o trabalho para sair da crise? Seria esse o trabalho do cidadão? Ou dos representantes da nação, uma vez que uma parte dos ministros nomeados está envolvida com a operação Lava Jato e outros tantos são acusados de diferentes crimes? Observamos aqui como o deslizamento de sentidos opera o imprevisível na ordem da língua, efeitos que nunca são mensurados ou controlados pelo sujeito. No recorte acima, a letra manuscrita faz falar o efeito de um recado marcado por reticências (não fale da crise, fale de crimes?) e por um nome próprio “Doninha” (um diminutivo feminino?), cujo endereçamento é dado aos que passam pelo local (os que andam pela estrada afora?). A precariedade da placa marca condições de produção bastante circunstanciadas, um posto de gasolina que não tem aparência de modernidade, e que foge à regra das grandes cadeias (inter)nacionais e às leis de controle de qualidade do que é vendido. Ao tomar tal dizer como argumento de citação, o sujeito-presidente o desloca, silencia as condições materiais onde circulou e o faz deslizar para outro campo.

“Eu quero ver até se eu consigo espalhar essa frase em 10, 20 milhões de outdoors por todo o Brasil”, em depoimento oficial, faz deslocar o dizer da placa de estrada para outra esfera de circulação, na qual as palavras já ditas rodopiam em uma roda viva de outros efeitos agora endereçados a todos os brasileiros. Afinal são “milhões de outdoors por todo país”, o que implica a mobilização do dispositivo publicitário para colocar no espaço público tal enunciado, empreitada que o sujeito-presidente considera necessária espalhar. Vejamos a fotografia abaixo, que encerra uma justaposição de duas cenas, a do chão da vida e a do dizer impresso no outdoor.



Imagen 2: *Não pense em crise, trabalhe!*

Fonte: Miatelo (2016)

Indagamos: estaria o trabalho desvinculado da reflexão e do ato de pensar, também e inclusive sobre crise? Como se combinam em contradição o efeito de uma negativa e depois de uma ordem exclamativa? Não pensar seria o mesmo que eliminar? Inferimos que o sujeito-presidente instala uma restrição ordenativa – não pensar “em crise” –, o que corresponde a silenciar sobre ela e, no limite, eliminá-la do pensamento e da linguagem. É curioso que isso corresponderia ainda a apagar toda a conjuntura econômica e política a partir da qual o próprio presidente chegou ao poder, os acordos necessários com parlamentares, as discordâncias em relação à presidenta Dilma e o preço pago das alianças políticas. Crise nos remete de imediato ao econômico, sentido literal e mais recorrente nos discursos oficiais, no entanto, crise aqui se abre e desdobra-se polissemicamente em crise política, crise ética, crise de identidade, crise internacional. Ao invés de tomá-las em pensamento (e em ações políticas de mobilização e resistência, eis um dos medos), o ideal é trabalhar. A ordem é “trabalhe”.

É curioso que tal assertiva comparece nesse discurso em um momento no qual o desemprego arreganha seus dentes de chumbo, cresce e ameaça trabalhadores, o que marca um modo de o sujeito-presidente também silenciar tais efeitos. É como se dissesse: emprego há, o trabalhador que faça sua parte de arregaçar as mangas e colocar-se em prontidão para o exercício das tarefas. A imagem do trabalhador braçal, assentando cimento no chão, estabelece uma relação de ressonância com o imperativo em jogo. A primeira modalidade de funcionamento subjetivo, como mostramos, tratar-se-ia do sujeito que adere à ideologia dominante explicitada no discurso de Michel Temer. Essa aderência à ideologia dominante seria análoga à submissão do sujeito ao Sujeito, isto é, na primeira modalidade, o “bom sujeito” se identifica com a formação discursiva à qual se encontra assujeitado. Teríamos aqui o sujeito que se identifica com a formulação “Não pense em crise, trabalhe”.

Nas postagens que circularam nas redes sociais, o sujeito, interpelado pelo discurso de Michel Temer, não adere e nem se identifica com os sentidos que o enunciado ecoa/evoca. O sujeito, ou melhor, o “mau sujeito”, pelo funcionamento subjetivo da segunda modalidade, revolta-se, questiona, contesta as evidências ideológicas da formação discursiva à qual ele se encontra assujeitado. É a partir dessa contraidentificação que o “mau sujeito” passará a produzir outros enunciados, torcendo os efeitos de trabalho para outros campos semânticos – “Não pense em crise, lute contra o golpe”, “Não pense em crise, me beije” –, que, pelo funcionamento metafórico, fazem ranger e furar os sentidos produzidos pela ideologia dominante.

Já a terceira modalidade subjetiva funcionaria não como um recuo frente às evidências da ideologia dominante, mas como um modo de desidentificar-se dessas evidências com base em uma integração de conhecimentos objetivos e práticas políticas transformadoras. Como ressalta Zandwais (2003, paginação irregular), Pêcheux, indo contra a concepção de que a prática de desidentificação corresponderia à anulação da forma-sujeito, isto é, a anulação de uma formação ideológica, e, no limite, o prenúncio do fim das ideologias,

Caracteriza o processo de desidentificação, ancorado no próprio campo da prática política, como um trabalho de desarranjo-rearranjo da forma-sujeito, onde a ideologia, em uma perspectiva metafórica funciona contra e sobre si mesma, para dar sustentação a uma prática nova, em virtude de os saberes que compreende uma determinada forma-sujeito não respondem mais à necessidade de constituição dos interesses, dos objetivos antagônicos que permeiam o modo de produção/reprodução/transformação das relações de produção.

Retomando o processo de resistência-revolta-revolução discorrido por Pêcheux no texto “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, Beck e Esteves (2012, p. 152) questionam:

Não estaria cada um destes “momentos” do processo associado as três modalidades respectivamente? Ou seja, o bom sujeito mantém-se identificado ao Sujeito, mas também resiste a Ele; o mau sujeito se contra-identifica ao Sujeito e, por isso mesmo, se revolta contra Ele, e o feio sujeito se desidentificaria e, por conseguinte, teria condições de subverter suas coordenadas ideológicas, de revolucionar as relações de força.

Nas postagens, é possível observar o funcionamento subjetivo da primeira e da segunda modalidades. Não há nas postagens uma desidentificação, uma vez que não há uma subversão das coordenadas ideológicas, mas sim a retomada do discurso/ideologia dominante para fazer frente a eles para produzir movimentos de resistência e revolta. A revolução ainda não ocorre, pois não há

ruptura/extinção das relações de força entre as classes antagônicas (classe dominante x classe dominada; patrões x operários; presidente interino x cidadãos); tais efeitos de resistência e revolta inscrevem-se no discurso por um processo metafórico, em que a substituição de uma palavra por outra produz a emergência de dizeres contraidentificados com o discurso de Michel Temer. Em síntese, a substituição de uma palavra por outra coloca em erupção o inesperado imbricamento da história na trama da língua.



Imagen 3: Não pense em crise, lute contra o golpe

Fonte: Oliveira (2016)



cidadão médio
@manotelli

Seguir

Pronto, arrumei para vocês.

Imagen 4: Não pense em golpe se eleja

Fonte: Manotelli (2016)



Imagen 5: *Não pense em crise, me beije.*

Fonte: Campos (2016)

Pêcheux (1997 [1969], p. 96) define o *efeito metafórico* como: “[...] o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre *x* e *y* é constitutivo do ‘sentido’ designado por *x* e *y*; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos naturais, por oposição aos códigos e às línguas artificiais, em que o sentido é fixado de antemão”.

Na Análise de Discurso francesa, a metáfora, vista como uma transferência, funcionando no deslizamento entre formações discursivas, é constitutiva do processo de constituição dos sentidos e dos sujeitos, estando o processo de produção dos sentidos sujeito ao deslize, “[...] havendo sempre um ‘outro’ possível que o constitui” (ORLANDI, 2002, p. 79). Como ressalta Mariani (2007, p. 67), “Ora, está em jogo aí tanto a possibilidade de se usar uma palavra ou outra, em função de relações de similitude (sinonímia), quanto a possibilidade de, nesse processo de substituição contextual de uma palavra por outra, chegar-se a um termo bastante distanciado do primeiro, mas que guarda, com esse primeiro termo uma memória de sentido”.

É esse outro possível que constitui os sentidos que emergem das postagens que passam a circular no dispositivo eletrônico a partir de um deslizamento de “Não pense em crise, trabalhe”. Temos, nas postagens, vários deslizamentos de sentido, dentre os quais destacamos:

(1) Não pense em crise, trabalhe.



Não pense em crise, lute contra o golpe.

(2) Não pense em crise, trabalhe.



Não pense em golpe, se eleja.

(3) Não pense em crise, trabalhe.



Não pense em crise, me beije.

A formulação “Não pense em crise, trabalhe” tem seus efeitos metaforizados e deslocados, substituídos e torcidos por um jogo que passa pelo humor, pelo chiste, pelo joke (GADET; PÉCHEUX, 2004 [1981]) e pelos vários modos de dizer sobre a crise e o trabalho. Essas substituições contextuais inscrevem os enunciados em outras regiões de sentido imprevisíveis e improváveis para o discurso de Michel Temer. Os enunciados (1) e (2), contraidentificando-se com o discurso de Temer, dizem sobre a questão do impeachment da presidente Dilma Rousseff ser ou não um golpe. Afirmando tratar-se de um golpe, interpelam os sujeitos para que esses militem e “lutem contra o golpe”. No enunciado (2), outro deslocamento. O “trabalhe” é substituído por “eleja”, mostrando como o presidente interino e seus ministros acabaram por chegar ao poder sem o voto direto do cidadão e que interpelam pelo discurso do trabalho e por um dizer da não-crise.

O enunciado (3) joga também com a questão da crise. Podemos dizer que temos nesse *outdoor* tanto a questão da crise política, quanto à questão da crise amorosa, crise no relacionamento, ambas podendo ser resolvidas com um gesto de amor: “me beije”. Rompendo com um discurso do ódio, fortemente em circulação na atualidade, formula um discurso do afeto. Por um funcionamento da memória, rememora-se o também o tão famoso beijo do final da Segunda Guerra Mundial:



Imagen 6: Beijo final da Segunda Guerra Mundial

Fonte: Eisenstaedt (1945)

Essa fotografia foi tirada por Alfred Eisenstaedt para a Revista Life. Há alguns trabalhos que salientam como esse beijo roubado, que marca o final da Segunda Guerra Mundial, sustenta um discurso da violência de gênero e romantiza um caso de abuso. Isso mostra que, muitas vezes, o gesto de beijar está carregado não de afeto, mas de violência, de silenciamento do outro, de imposição, à força, de diferentes quereres. Transpondo para o campo da política, o enunciado “Não pense em crise, me beije” desloca-se, metaforicamente, para “Não pense em crise, me violenta, me abuse”. O enunciado inscreve, ao trazer para a memória um exemplo de abuso, a força violenta de um processo de impeachment e de um silenciamento do voto de 54 milhões de brasileiros (seria o beijo calando o desejo de milhões de cidadãos?). Ademais, faz ecoar e reverberar sentidos em torno de uma violência de gênero em que uma sociedade machista violenta não só uma presidenta legitimamente eleita ao fingir beijá-la, mas todas as mulheres brasileiras ao compor os ministérios somente com homens e sem nenhuma presença feminina.

Além disso, esse enunciado faz também ecoar na memória o beijo de traição de Judas no ano 30 d.C:



Imagen 7: Beijo de Judas, Quadro de Giotto di Bondone

Fonte: Di Bondone (1304-1306)

Para que os guardas romanos soubessem quem eles tinham que prender, combinaram com Judas, o apóstolo traidor, de dar um beijo em Jesus para saber quem ele era. A partir desse ato, o missionário é preso, torturado e morto em virtude de suas pregações e do auxílio aos mais necessitados. Rememorando esse fato, o enunciado (3), por um efeito metafórico e pelo funcionamento da memória, desloca o “Não pense em crise, me beije” para “Não pense em crise, me traia”. Algo que aparece em muitos discursos sobre a traição de Michel Temer ao governo Dilma, o qual o ajudou a se reeleger, mas o qual ele trai para atender não mais aos interesses dos 54 milhões de brasileiros que votaram em Dilma/Temer. Ademais, por meio dessa traição de Temer houve a entrega de Dilma a seus algozes e um início de muitas lutas para que o processo de impeachment não se concretizasse.

Os enunciados (1) e (2) refletem sobre as condições mais atuais do Brasil e a questão política, diferentemente das duas postagens seguintes:



Imagen 8: Não pense em crise...

Fonte: O GOVERNO... (2016)



Imagen 8: *Não pense em crise...*

Fonte: O GOVERNO... (2016)

Nessas duas postagens, não temos a substituição de uma palavra por outra, porém, o efeito metafórico se dá pelo uso das imagens de um quadro de Debret (“O regresso de um proprietário”) e do portão do campo de concentração/exterminio de Auschwitz com a inscrição “O trabalho liberta”. Ambas as postagens fazem falar o trabalho forçado (escravo) que existiu tanto no Brasil do século XVI ao XIX, como na Polônia, no contexto da Alemanha nazista; em ambos os contextos, também havia certa interdição ao pensar a respeito das condições de vida e trabalho, o que convocava os trabalhadores a apenas fazer uso de sua força física. O trabalho passa a significar rememorando acontecimentos cruéis à humanidade, ambos envolvendo a força e o extermínio. Vistos como propriedades e/ou inimigos, o trabalho nesses espaços não libertava, mas significava sim a morte de negros, ciganos da etnia Romani, homossexuais, alemães de ideologia comunista ou social-democrata, judeus. Nesse extermínio pelo trabalho escravo/forçado, um dizer de hegemonia da sociedade e dos sujeitos. Ao funcionar pela memória a esses dois eventos da história da humanidade (o nazismo e a escravidão), o dizer “Não pense em crise, trabalhe” faz circular um dizer da segregação em que, talvez, só o homem branco, heterossexual, de direta possa “não pensar em crise”, pois seus “escravos”, suas “propriedades”, na relação patrão/operário, trabalharão, até o nível da exaustão, para o funcionamento e a sustentação de uma sociedade desigual.

3 PARA CONCLUIR...

As postagens que circularam no ciberespaço a partir do discurso de Michel Temer resistem a se filiarem a um discurso de dominação e segregação dos sujeitos, contraidentificando-se com o “Não pense em crise, trabalhe”. Pelo funcionamento metafórico, buscam inscrever os discursos em outras regiões de sentido em que dizeres sobre a dominação, a escravidão, o extermínio e a traição são (re)ditos, deslocados e fazem ranger as relações tão tensas entre o patrão e o proletariado, entre o presidente interino e os cidadãos que não se identificam com esse governo, entre os que têm direito a falar da crise e os que precisam apenas trabalhar. Fazem, ainda, roçar de modo tenso e inesperado os dizeres oficiais e tidos como legitimados, tornando-os matéria de seu próprio desmanche, deslocando-os de acordo com o movimento da história na trama da língua.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. [1970].
- BECK, M.; SCHERER, A.E. As modalidades discursivas de funcionamento subjetivo e legado marxista-lenista. *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 169-183, jul./dez. 2008.
- CAMPOS, J. Imagem publicada em 2016. Disponível em: <<https://twitter.com/juliancampos>>. Acesso em 21 mai. 2016.
- DI BONDONE, G. *Beijo de Judas* [Quadro de 1304-1306]. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/508414245414914847/>>. Acesso em: 21 mai. 2016.
- EISENSTAEDT, A. Imagem publicada em 1945. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/a-polemica-sobre-o-famoso-beijo-no-fim-da-segunda-guerra>>. Acesso em: 21 mai. 2016.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*: o discurso na história da Linguística. Campinas: Pontes, 2004. [1981].
- MANOTELLI. Imagem publicada em 2016. Disponível em: <<https://twitter.com/manotelli>>. Acesso em 21 mai. 2016.
- MARIANI, B. Silêncio e metáfora, algo para se pensar. *Revista Trama*, Marechal Rondon, v. 3, n. 55, p. 55-71, 2007.
- MIATELO, M. Frase de Michel Temer ganha outdoors na Capital. *Diário Digital*, 13 maio 2016, Disponível em: <<http://www.diariodigital.com.br/politica/frase-de-michel-temer-ganha-outdoors-na-capital/144471/>>. Acesso em: 21 mai. 2016.
- O GOVERNO Temer. Roda da Cidadania [blog], 15 maio 2016. Disponível em: <<https://rodadecidadania.wordpress.com/2016/05/15/633/>>. Acesso em: 21 mai. 2016.
- OLIVEIRA, E. Imagem publicada em 2016. Disponível em: <<https://twitter.com/EdmilsonOlivei8>>. Acesso em: 21 mai. 2016.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. *Interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GABET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. [1969]. p.61-161.
- _____. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 2009. [1988].
- _____; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva. In: GABET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p.163-251.

TVUOL. "Não fale em crise, trabalhe. Queria espalhar essa frase", diz Temer.2016. Disponível em: <<https://tvuol.uol.com.br/video/nao-fale-em-crise-trabalhe-queria-espalhar-essa-frase-diz-temer-04024E9B3060D8C15326?cmpid=fb-uolnot>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

TOMAZELA, J. M. Posto que inspirou discurso de Temer vendia combustível adulterado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 maio 2016. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral/posto-que-inspirou-discurso-de-temer-vendia-combustivel-adulterado,10000051567>>. Acesso em: 21 maio 2016.

ZANDWAIS, A. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 1., 2003, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <<http://www.analisedodisco. ufrgs.br/anaisdosead/sead1.html>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

ZOPPI-FONTANA, M. G. *Cidadãos modernos*: discurso e representação. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

Recebido em 30/05/2016. Aceito em 31/08/2016.

VERBOS DICENDI NA NOTÍCIA: PONTOS DE UM CONTINUUM ARGUMENTATIVO NA CONSTRUÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE

**VERBOS DICENDI EN LA NOTICIA: PUNTOS DE UN CONTINUUM ARGUMENTATIVO EN
LA CONSTRUCCIÓN DE LA INTERTEXTUALIDAD**

**VERBA DICENDI IN THE NEWS: POINTS OF AN ARGUMENTATIVE CONTINUUM IN THE
CONSTRUCTION OF INTERTEXTUALITY**

Alcione Tereza Corbari*

Quézia Cavalheiro M. Ramos**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: Este artigo versa sobre a intertextualidade explícita e tem como objetivo investigar como os verbos *dicendi*, responsáveis por introduzir o discurso de outrem, contribuem para construir uma linha argumentativa na notícia. Propõe-se uma análise comparativa de duas notícias a partir do paradigma interpretativo-qualitativo. Toma-se como *corpus* duas notícias que abordam um mesmo acontecimento, publicadas em dois veículos midiáticos. Partindo da base teórica que considera a argumentação como característica inerente ao uso da linguagem, observou-se que os verbos *dicendi* são empregados num *continuum* argumentativo, que vai de uma posição menos marcada para uma posição mais marcada argumentativamente, e retratam estratégias que direcionam a interpretação do leitor a respeito dos fatos noticiados e mesmo a respeito do veículo que publica a notícia.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação. Intertextualidade. Notícia. Verbos *dicendi*.

RESUMEN: Este artículo versa sobre la intertextualidad explícita y tiene como objetivo investigar cómo los verbos dicendi, responsables de introducir el discurso de otro, contribuyen a construir una línea argumentativa en la noticia. Se propone un análisis comparativo de dos noticias a partir del paradigma interpretativo-cualitativo. Se toma como corpus dos noticias que abordan un mismo acontecimiento, publicadas en dos vehículos mediáticos. A partir de la base teórica que considera la argumentación como característica inherente al uso del lenguaje, se observó que los verbos dicendi se emplean en un continuum argumentativo, que va de una posición menos marcada hacia una posición más marcada argumentativamente, y retratan estrategias que orientan la interpretación del lector acerca de los hechos informados e incluso acerca del vehículo que publica la noticia.

PALABRAS CLAVE: Argumentación. Intertextualidad. Noticias. Verbos dicendi.

* Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE/campus de Cascavel. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: alcione_corbari@hotmail.com.

** Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Aluna da Especialização em Língua Inglesa, do Núcleo de Educação a distância da UNIOESTE. E-mail: queziacavalheiro06@hotmail.com.

ABSTRACT: This paper aims to investigate how *verba dicendi*, responsible for introducing the discourse of others, contribute to construct an argumentative line in news. A comparative analysis of two news considering an interpretative-qualitative paradigm is proposed. The analysis is based on two news that report the same event, published in two media vehicles. This study considers argumentation is inherent to language. Based on this theoretical interpretation, we observed the *verba dicendi* are used in an argumentative continuum, on a scale that goes from the least marked verb to the most marked in terms of argumentativity. They represent strategies that direct the interpretation of the reader on the reported facts or even on the media vehicle itself.

KEYWORDS: Argumentation. Intertextuality. News. *Verba dicendi*.

1 INTRODUÇÃO

A intertextualidade *lato sensu* diz respeito a uma condição de existência do próprio discurso, que pode se aproximar do que se denomina interdiscursividade, ou heterogeneidade constitutiva (KOCH, 2013). Considerando essa noção, um texto nunca é caracterizado como inédito, pois aquilo que enunciamos tem origem em enunciados anteriores (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004). Tal característica é inerente aos diversos gêneros textuais que emergem de diferentes esferas sociais. Mesmo um novo gênero textual que nasce de uma demanda de determinado contexto sócio-histórico de interação tem sua origem marcada por relações intertextuais com gêneros, textos e discursos que sustentam seu surgimento. No interior dessas relações mais amplas entre textos e discursos, há também movimentos linguísticos de construção de redes intertextuais em sentido estrito, quando a referência a outros textos é feita de forma explícita, processo discursivo que é foco deste artigo.

Nossa proposta incide em apresentar uma discussão a respeito de língua e argumentação considerando o gênero notícia. Mais especificamente, atentamo-nos a observar como os verbos *dicendi*, responsáveis por introduzir o discurso de outrem, contribuem para construir uma linha argumentativa no texto. Tendo a intertextualidade explícita como uma de suas características constitutivas, a notícia é comumente construída com fragmentos de discursos citados, os quais constituem recorte de entrevistas ou de outras formas de enunciação anteriores, que são trazidos para a tessitura textual pelo produtor do texto a sua maneira ou conformados à intenção das empresas jornalísticas.

Propõe-se a análise de um *corpus* constituído por duas notícias que têm como tema comum o confronto entre a Polícia Militar Ambiental do Paraná e os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, em Quedas do Iguaçu, no sudoeste do Paraná, sucedido em abril de 2016. A pesquisa orienta-se pelo paradigma interpretativo-qualitativo e considera a abordagem comparativa, tendo em conta o interesse em observar como os verbos *dicendi* colaboram para a construção da linha argumentativa nos dois textos que constituem o *corpus*.

Por considerar que a linguagem está dotada de intencionalidade e que se caracteriza pela argumentatividade (KOCH, 2011), partimos do pressuposto de que, embora determinados gêneros textuais, como exemplo a notícia, sejam comumente apresentados como sendo imparciais, incorporar certos expedientes linguísticos ao texto pode provocar efeito persuasivo no leitor e deixar pistas da forma como o produtor se relaciona com o que enuncia (DITTRICH, 2010; MARCUSCHI, 2007; NASCIMENTO, 2009). Em outros termos, partimos do entendimento de que “[...] não há texto neutro, objetivo, imparcial: os índices de subjetividade se introjetam no discurso, permitindo que se capte a sua orientação argumentativa” (KOCH, 2003, p. 65, grifos da autora), e, ainda, que tal subjetividade se faz visível pelos elementos selecionados para compor o texto, que assumem importante papel no processo de construção de sentidos.

Quanto à organização deste texto, primeiramente, apresentamos reflexões teóricas acerca de conceitos basilares que orientam a pesquisa, como linguagem, língua, texto e outros relacionados a estes. Na sequência, abordamos a noção de argumentatividade na língua e a pretensa imparcialidade do jornalismo informativo, focando nossa atenção no gênero notícia. Após essa estruturação teórica, focalizamos a noção de intertextualidade, analisando o papel dos verbos *dicendi* como introdutores do discurso citado. Em seguida, fazemos algumas considerações sobre o gênero e o contexto de circulação dos textos que constituem o *corpus* de análise, o

qual é apresentado e analisado na seção subsequente. Por fim, apresentamos as considerações finais, propondo reflexões que relacionam a fundamentação teórica e os resultados advindos da análise empreendida.

2 LINGUAGEM, LÍNGUA E TEXTO: CONCEITOS BASILARES

Fundamentadas na perspectiva sociointeracionista, compreendemos a linguagem como um conjunto de atividades e uma forma de ação entre sujeitos marcada por questões sociais, históricas, culturais e ideológicas. Tal visão rechaça o entendimento de língua como um sistema autônomo e a interpretação reducionista que a classifica como um mero veículo de informações (MARCUSCHI, 2008). Essa orientação teórica considera que a língua está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, e estas, às estruturas sociais, e retrata uma forma de propalar as condições sócio-históricas e o entorno sociocultural dos sujeitos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004).

A língua, então, é entendida como um instrumento de ação, dotado de intencionalidade, por meio do qual são disseminadas ideologias, o que se realiza com base em elementos linguísticos presentes na superfície textual e em sua forma de organização (KOCH, 2009). Na mesma linha teórica, Marcuschi (2008) descreve a língua como um sistema de práticas com o qual os interlocutores agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, conceito que supera a noção de língua como mero veículo de informação.

Nessa perspectiva, o texto é entendido como uma complexa prática sociocultural, que envolve processos, operações e estratégias que são postos em ação em situações concretas de interação:

[...] o texto é considerado como manifestação verbal, constituída de elementos linguísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interlocutores não apenas a produção de sentidos, como a fundear a própria interação como prática sociocultural (KOCH, 2013, p. 31).

Para Koch (2009), os interlocutores são estrategistas que compõem o “jogo da linguagem” e mobilizam estratégias visando à produção de sentidos. Segundo a autora, desse jogo fazem parte três peças fundamentais: i. o produtor/planejador, que, tendo em mente a intenção que movimenta a interação, busca na língua os recursos de organização textual de maneira a orientar o interlocutor para a construção dos sentidos; ii. o texto, cujo sentido só se complementa no leitor, mas que estabelece os limites quanto às leituras possíveis, tendo em conta as estratégias linguísticas movimentadas pelo produtor; iii. o leitor/ouvinte, que, com base nas sinalizações que o texto oferece e mobilizando o contexto que sustenta sua interpretação, procede à construção de sentidos.

Essas três peças são movimentadas por um projeto de dizer em conformidade com práticas socioculturais e linguísticas vivenciadas pelos interlocutores, guiadas por um projeto de dizer. Movido por intenções, “[...] o produtor escolhe o que dizer e a forma de fazê-lo para alcançar seus objetivos, estabelecendo o papel que toma na interação e, ao mesmo tempo, o papel que atribui a seu interlocutor” (CORBARI, 2013, p. 13).

O texto apresenta-se, então, como o resultado de uma complexa atividade verbal em que indivíduos socialmente atuantes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza (KOCH, 2013). Nesse sentido, a fim de permitir a depreensão de conteúdos semânticos e garantir a interação de acordo com as práticas socioculturais compartilhadas e com as intenções em jogo, o produtor seleciona e ordena os elementos linguísticos (KOCH, 2013).

Analizado a partir dessa perspectiva teórica, o texto, qualquer que seja o gênero em que se materializa, é tomado como uma prática social dotada de intencionalidade, a qual pode ser depreendida pelas escolhas linguísticas expressas na superfície textual. A discussão em torno da argumentatividade intrínseca ao uso da língua e o debate sobre a imparcialidade da notícia, categorizada como gênero representativo do jornalismo informativo, são tópicos da próxima seção.

3 NEUTRALIDADE: UM CONSTRUCTO DISCURSIVO EM REVISÃO

Tomar a língua como uma atividade sociointerativa, que envolve intenções dadas em determinados contextos sociais, significa assumir a linguagem como uma “[...] forma de ação, *ação sobre o mundo dotada de intencionalidade*, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (KOCH, 2011, p. 15, grifo da autora). Essa interpretação está embasada na teoria ducrotiana, que considera que a argumentação é característica intrínseca à língua, nesta inscrita (DUCROT, 1987; ASCOMBRE; DUCROT, 1976), embora a orientação argumentativa (ASCOMBRE; DUCROT, 1976) possa estar mais ou menos explicitada no texto, a depender dos objetivos envolvidos em sua produção.

Nessa linha teórica, a argumentação é concebida como parte constitutiva da língua:

[...] o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (KOCH, 2011, p. 17, grifos da autora).

Koch (2011) observa que é por intermédio daquilo que enunciamos que, de alguma forma, objetivamos influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que o nosso interlocutor compartilhe de algumas de nossas opiniões. As intenções envolvidas na produção do texto podem ser identificadas tendo por base o contexto interativo envolvido e as marcas linguísticas, e alguns recursos da língua ganham destaque na estratégia de orientar o interlocutor em direção a certo tipo de conclusão em detimentos de outras (ASCOMBRE; DUCROT, 1976).

As nuances argumentativas reveladas na superfície textual evidenciam o posicionamento do produtor e o seu engajamento ou afastamento com o que enuncia, reafirmando a presença da subjetividade na construção do discurso (PAULIUKONIS, 2003). Nessa perspectiva, considera-se que o produtor incorpora ao texto uma série de escolhas, principalmente no que tange ao léxico e às estruturas linguísticas, com a pretensão de, por meio da composição textual, compartilhar e validar suas percepções em relação aos fatos do mundo.

A explicitação das intenções envolvidas na interação pode se dar de forma mais ou menos evidente, considerando, entre outras questões, se o gênero escolhido para sustentar a interação enquadra-se ou não na categoria dos textos tradicionalmente denominados como argumentativos, que envolvem o conceito de argumentação *stricto sensu* (KOCH; FÁVERO, 1987). Textos que se distanciam desse perfil, como grande parte daqueles produzidos na esfera científica e aqueles enquadados no jornalismo informativo, são recorrentemente apresentados como textos imparciais, interpretação que não encontra amparo na perspectiva teórica que embasa esta pesquisa.

Conforme Koch (2003, p. 65, grifos da autora), essa pretensa neutralidade é, em si, uma escolha marcada por intenções:

A pretensa neutralidade de alguns discursos (o científico, o didático, entre outros) é apenas uma máscara, uma forma de *representação* (teatral): o locutor se representa no texto “como se fosse neutro”, “como se” não tivesse engajado, comprometido, “como se” não estivesse tentando orientar o outro para determinadas conclusões, no sentido de obter dele determinados comportamentos e reações.

Na esfera jornalística, o paradigma que divide o jornalismo em ‘opinião’ e ‘informação’ remonta ao início do século XVII, quando Samuel Buckley, diretor do jornal inglês *The Daily Courant*, introduziu no jornalismo o conceito da objetividade, tornando-se o primeiro jornalista a preocupar-se com o relato preciso dos fatos, tratando as notícias como notícias, sem comentários (CHAPARRO, 1998).

Melo (1985, 1985, p.32, grifos do autor) observa que “[...] historicamente a diferenciação entre as categorias *jornalismo informativo* e *jornalismo opinativo* emerge da necessidade sociopolítica de distinguir os fatos (news/stories) das suas versões (comments), ou seja, delimitar os textos que continham opiniões explícitas”.

O autor explica que essa categorização articula-se em função da seguinte diferença: os gêneros informativos são construídos com o objetivo de divulgar informações, a fim de que o interlocutor saiba o que se passa; os gêneros opinativos desempenham, por sua vez, a função de opinar, isto é, de comentar as informações divulgadas, com o propósito de que o leitor saiba o que se pensa sobre o que se passa (MELO, 2003).

Nascimento (2009) observa que a pretensa objetividade ou imparcialidade jornalística retrata uma estratégia textual tendo em conta dois objetivos centrais: isentar o produtor/veículo de comunicação da responsabilidade pelo dito e angariar a aceitação da notícia pelo público leitor.

Para Chaparro (2003), não é possível criar no jornalismo espaços exclusivos ou excludentes para a opinião e a informação. Segundo o autor, tal impossibilidade estaria ligada tanto à dimensão do conhecimento quanto ao plano dos mecanismos da linguagem, o que podemos exemplificar com as escolhas do produtor do texto em relação aos verbos *dicendi* usados para introduzir a fala de outrem na notícia. Na próxima seção, passamos a focalizar esse aspecto linguístico. Antes, porém, discorremos acerca da intertextualidade e do discurso citado.

4 VERBOS DICENDI: A INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA NO DISCURSO CITADO

Antes de aprofundarmos a noção de intertextualidade, cabe fazer um apanhado geral sobre a relação entre intertextualidade e polifonia. Segundo Koch (2013), embora esses dois conceitos estejam relacionados, não há uma coincidência total entre eles. A autora aponta que

[...] o conceito de polifonia recobre o de intertextualidade, isto é, todo caso de intertextualidade é um caso de polifonia, não sendo, porém, verdadeira a recíproca: há casos de polifonia que não podem ser vistos como manifestações de intertextualidade. [...] Do ponto de vista da construção dos sentidos, todo texto é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora concordantes, ora dissonantes, o que faz com que se caracterize o fenômeno da linguagem humana, como bem mostrou Bakhtin (1929), como essencialmente dialógico e, portanto, polifônico (KOCH, 2013, p. 57).

Como entende a autora, entre intertextualidade e polifonia existe uma relação de inclusão, em que a polifonia engloba todos os casos de intertextualidade. Ademais, tanto um conceito como o outro estão intimamente relacionados com a “[...] argumentatividade inerente aos jogos de linguagem” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 83). Considerando que o conceito de polifonia apresenta-se um tanto quanto movediço, a depender da orientação teórica a partir da qual é explicado, e que as teorias consultadas amparam o entendimento de que expedientes linguísticos como os verbos *dicendi* marcam a intertextualidade explícita, optamos por nos guiar, neste trabalho, pela noção de intertextualidade, focalizando seu sentido restrito.

Koch (2013) observa que, *lato sensu*, a intertextualidade configura uma condição de existência do próprio discurso, que pode se aproximar do que se denomina interdiscursividade, ou heterogeneidade constitutiva. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) explicam

que a relação entre um texto e outro(s) não ocorre somente entre enunciados isolados, mas entre modelos abstratos de produção de textos/discursos. As autoras abordam, ainda, as estratégias de manipulação de intertextualidade genérica e tipológica. Ao discorrer sobre intertextualidade intergenérica, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) pontuam que a existência de gêneros do discurso é determinada pelas práticas sociais de que participamos. A intertextualidade tipológica, por sua vez, decorre do fato de se poder depreender, entre determinadas sequências ou tipos textuais – narrativas, descriptivas, expositivas etc. –, um conjunto de características comuns, em termos de estruturação, seleção lexical, uso de tempos verbais, advérbios e outros elementos déiticos.

A intertextualidade explícita, por sua vez, ocorre quando no próprio texto se faz menção à fonte do intertexto e, ainda, quando um texto é citado e atribuído a outro enunciador, isto é, “[...] quando é reportado como tendo sido dito por outro ou por outros generalizados [...]” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 28). É esse tipo de intertextualidade que interessa ao estudo aqui proposto, uma vez que focalizamos uma estratégia linguística que remete à operação do discurso citado.

Tal operação, segundo Bakhtin/Volochínov (2004), retrata o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. Segundo essa perspectiva, Maingueneau (2001) também entende que o discurso relatado¹ constitui uma enunciação sobre outra enunciação, contexto em que são postos em relação “[...] dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante” (MAINGUENEAU, 2001, p. 139).

Os discursos citados são incorporados a diferentes gêneros textuais, como é o caso da notícia. Maingueneau (1996) explica que esses discursos, para assim serem entendidos, devem ser introduzidos de maneira que se reconheça um descompasso entre discurso citante e fragmento citado. Um dos recursos para sinalizar o discurso citado e incorporá-lo ao texto é a utilização dos verbos *dicendi*, intromotores do discurso direto e indireto.

Para Maingueneau (1996), o discurso relatado no estilo indireto é mais limitativo, porque exige um verbo *dicendi* regendo uma subordinada objetiva. À vista disso, considera-se uma dupla função para tal verbo sinalizador de uma subordinada: “Indica que há uma enunciação e, como tal, contém de algum modo um verbo “dizer”; especifica semanticamente essa enunciação em diferentes registros. *Responder*, por exemplo, situa relativamente a uma fala anterior, enquanto *murmurar* dá uma informação sobre o nível sonoro” (MAINGUENEAU, 1996, p. 112, grifos do autor).

Travaglia (2007, p. 164) observa que a presença desse tipo de verbo no texto pode

- a) introduzir falas, permitindo que se descrevam entonações, tons, altura de voz etc., da fala, que não podem ser reproduzidos na língua escrita (sussurrar; sibilar; gritar; pedir num gemido; chamar desesperado, feliz, ansioso, calmamente etc.); b) dizer o tipo de fala que se produz (perguntar, responder, redarguir etc.); c) instituir perspectivas em que se deve tomar a fala (segredar, instilar, acalmar etc.).

Neves (2000) apresenta os verbos de elocução divididos em dois grandes grupos: os verbos de dizer (ou verbos *dicendi*, que são verbos de elocução propriamente ditos) e os verbos que não necessariamente indicam atos de fala. Pertencem, ao primeiro grupo, os verbos

FALAR e *DIZER*, básicos, porque neutros, e uma série de outros verbos cujo significado traz, somando ao dizer básico, informações sobre o modo de realização do enunciado (*GRITAR, BERRAR, EXCLAMAR, SUSSURRAR, COCHICHAR*, etc.), à qual podem acrescer-se ainda noções sobre a cronologia discursiva (*RETRUCAR, REPETIR, COMPLETAR, EMENDAR, ARREMATAR, TORNAR*, etc.) (NEVES, 2000, p. 48, grifos da autora).

O segundo grupo é constituído por verbos que introduzem o discurso, mas não obrigatoriamente indicam atos de fala e se subdivide em dois subgrupos: os verbos que instrumentalizam o que se diz e os que circunstanciam o que se diz. Neves (2000) explica que

¹ Os termos ‘discurso citado’ e ‘discurso relatado’ são tomados indistintamente por Maingueneau (2001) e Koch (2013), assim como se faz neste trabalho.

verbos como *acalmar, ameaçar, consolar, desiludir, garantir* demarcam ações realizadas com o uso de um instrumento (por tal razão “instrumentalizam o dizer”), podendo consistir, eventualmente, em um dizer. Por outra parte, verbos como *rir, chorar, espantar-se, suspirar* etc. expressam uma ação que pode se realizar simultaneamente ao dizer, indicando circunstâncias que caracterizam o ato de fala (NEVES, 2000). A autora destaca, ainda, que

Entre os verbos de dizer há muitos que apresentam lexicalizado o modo que caracteriza esse dizer. São verbos como *QUEIXAR-SE, COMENTAR, CONFIDENCIAR, OBSERVAR, PROTESTAR, EXPLICAR, AVISAR, INFORMAR, RESPONDER, SUGERIR*, etc., que podem ser parafraseados por *dizer uma queixa, dizer um comentário, dizer uma confidência, dizer uma observação, dizer um protesto, dizer uma explicação, dizer um aviso, dizer uma informação, dizer uma resposta, dizer uma sugestão*, e assim por diante (NEVES, 2000, p. 48-49, grifos da autora).

Tratando de verbos *dicendi* introdutores de discurso indireto, Maingueneau (1996) distingue em duas classes as informações veiculadas por tais expedientes linguísticos: “[...] de um lado, aquelas que têm valor descritivo (*repetir, anunciar, etc.*) e, de outro, as que implicam um julgamento de valor do enunciador quanto ao caráter bom/mau ou verdadeiro/falso do enunciado citado (*reprovar, ousar, afirmar, etc.*)” (MAINGUENEAU, 1996, p. 112, grifos do autor).

A utilização dos verbos *dicendi* é, de acordo com Nascimento (2009), um recurso bastante significativo no que tange à construção argumentativa do texto. O autor observa que a seleção de tais verbos e o modo como estão organizados no interior do enunciado podem indicar a forma como o produtor se manifesta frente aos outros discursos e como os interpreta: “[...] as estruturas linguísticas e discursivas significam, e os usuários da língua têm consciência disso, uma vez que realizam escolhas de acordo com suas intenções” (NASCIMENTO, 2009, p. 104).

A fim de compreender o funcionamento dos verbos *dicendi* na notícia jornalística, Nascimento (2009) os classifica em não modalizadores e modalizadores. Os verbos não modalizadores são, segundo o autor, aqueles que, por natureza, apresentam o discurso de outrem sem deixar marcas ou avaliação daquele que o apresenta. Os verbos *dizer, falar, perguntar, responder e concluir* são exemplos do primeiro grupo. Os verbos denominados modalizadores, por sua vez, são aqueles que, além de apresentar o discurso de outrem, assinalam uma avaliação, modalização ou direção desse discurso por parte daquele que o apresenta, como são exemplos os verbos *acusar, afirmar, protestar e declarar*. O autor acrescenta, ainda, que os verbos *dicendi* modalizadores podem ser tanto epistêmicos como avaliativos, e aponta que, tendo natureza epistêmica, tais verbos veiculam um grau de certeza sobre o discurso de outrem, por parte do produtor. Os verbos *dicendi* modalizadores avaliativos, por sua vez, emitem um juízo de valor a respeito do discurso de outrem, indicando como este deve ser lido.

Na perspectiva de Nascimento (2009), o emprego do discurso direto, com aspas, pode, muitas vezes, reproduzir o discurso de outros locutores, poupar de responsabilidade o enunciador e gerando uma imagem de distanciamento. O autor avalia, ainda, que alguns verbos, como *dizer e completar*, podem assinalar o não comprometimento do produtor da notícia com o que foi dito no discurso relatado, isentando-o de responsabilidade. Tais estratégias são, na análise do autor, recursos utilizados pretensiosamente pelo produtor do texto para tentar manter o caráter informativo e a pretensa objetividade atribuídos à notícia.

Tendo já demarcado o amparo teórico desta pesquisa, passamos, na próxima seção, às considerações em torno do *corpus* da pesquisa para, depois, apresentar sua análise.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO E O CONTEXTO DE CIRCULAÇÃO DOS TEXTOS SOB ANÁLISE

Cabe-nos tecer algumas considerações sobre as especificidades da esfera em que se realiza o gênero textual notícia, posto que este constitui *corpus* deste estudo. Como aponta Marcuschi (2005), os gêneros textuais operam em “[...] certos contextos, como formas

de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual” (MARCUSCHI, 2005, p. 10).

A esfera jornalística, como um campo que abarca gêneros textuais disseminadores de informações e opiniões, assume papel importante na construção de uma imagem do mundo. Seu objeto está constituído no horizonte de diferentes acontecimentos, fatos, conhecimentos e opiniões da atualidade, fundamentados no interesse público (RODRIGUES, 2001).

Entre os gêneros textuais recorrentes nessa esfera está a notícia, definida por Melo (1985) como “[...] o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social [...]” (MELO, 1985, p. 49). Em consonância a tal definição, Lage (1982) explica que a notícia é o relato de uma série de fatos originados de um fato mais importante. De acordo com as definições de Rabaça e Barbosa (1987), a notícia é o conteúdo do relato jornalístico. É, ainda,

O assunto focalizado jornalisticamente e divulgado pelos veículos informativos para atingir o público em geral. Neste sentido, diz-se que tal fato é *notícia* ou que tal pessoa é *notícia* quando o público tem interesse em receber informações sobre esse fato ou essa pessoa, *pelos meios de comunicação de massa* (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p. 418, grifos dos autores).

Nas investigações realizadas para esta pesquisa, utilizamos como *corpus* notícias publicadas na edição *online* do jornal *Gazeta do Povo* e na página *web* do *PT no Senado*. Antes de proceder à análise, entendemos ser pertinente abordar algumas questões em torno do perfil desses dois veículos de comunicação.

O jornal *Gazeta do Povo* é parte integrante do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM). Gaiotto (2006), ancorado nos estudos do Instituto de Pesquisas Marplan/EGM (2004), assinala que a *Gazeta do Povo* alcançou uma credibilidade que fez com que o periódico liderasse as vendas no estado do Paraná, posicionando-se entre os grandes jornais em circulação no país. Oliveira Filha (2004) observa que “[...] a *Gazeta do Povo* consolidou sua participação no mercado editorial de Curitiba, desenvolvendo um jornalismo com características notadamente locais e de prestação de serviços” (OLIVEIRA FILHA, 2004, p. 90).

O jornal defende seguir uma linha de independência e imparcialidade e se projeta como um veículo conhecido por realizar publicações em defesa dos interesses do Paraná (OLIVEIRA FILHA, 2004, p. 90). Contudo, Lemos e Oliveira Filha (2013) argumentam que o jornal seria mais adequadamente chamado de *Gazeta da Elite*, por “[...] revelar a relação de compadrio que sempre existiu entre os donos do jornal e a camada mais privilegiada da sociedade curitibana [...]” (LEMOS; OLIVEIRA FILHA, 2013).

A página *web* do *PT no Senado*, conforme o próprio nome deixa entrever, é organizada e mantida pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Trata-se de um espaço de publicações de textos cujos temas, em geral, têm como motivo acontecimentos nacionais, em especial aqueles que apresentam relação com a política brasileira. As publicações predominantes são notícias e artigos, gêneros textuais que, em geral, são descritos pela esfera jornalística como tendo o objetivo de relatar um acontecimento com objetividade (NASCIMENTO, 2009).

O Partido dos Trabalhadores (PT), o mais expoente partido de esquerda do Brasil, tem como um dos discursos fundamentais a promoção de mudanças em prol dos trabalhadores da cidade e do campo, apoiando organizações como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

As considerações postas nesta seção permitem observar que os veículos de comunicação que constituem fontes de coleta do *corpus* desta pesquisa apresentam posicionamentos ideológicos distintos. Ademais, observa-se que, enquanto a página *web* do *PT no Senado*² publica textos com uma orientação ideológica bastante demarcada, o jornal *Gazeta do Povo* prefere reforçar o discurso da imparcialidade. Tomando por base as reflexões de Lage (1982), podemos dizer que os dois veículos de comunicação, independente de sua forma e organização, estabelecem vínculos com grandes forças econômicas e sociais, configurando-se como centros de difusão ideológica, organizados segundo a estrutura de poder.

6 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS: A FUNÇÃO ARGUMENTATIVA DOS VERBOS *DICENDI*

Antes de proceder à análise, apresentamos as duas notícias que integram o *corpus* da pesquisa, que foram digitadas para facilitar a referência às linhas do texto. Os verbos que são objeto de estudo estão destacados com negrito.

Quadro 1: Notícia 1, publicada no jornal *Gazeta do Povo*³

1	Confronto entre MST e policiais em Quedas do Iguaçu deixa dois mortos
2	
3	Dois trabalhadores sem-terra morreram e ao menos seis ficaram feridos após entrarem em
4	confronto com a Polícia Militar, na tarde desta quinta-feira (7), na cidade de Quedas do Iguaçu,
5	região Oeste do Paraná.
6	Os dois lados têm versões diferentes para o conflito. Em nota, a Secretaria de Estado da
7	Segurança Pública (Sesp) afirmou que os policiais foram vítima de uma emboscada e que eles
8	foram ao local para tentar ajudar a combater um incêndio. O MST nega e diz que a polícia foi ao
9	assentamento para tentar retirar o grupo, que ocupa, desde julho de 2014, as terras da Araupel,
10	empresa de reflorestamento. Um líder do MST disse que os membros do movimento é que foram
11	as “vítimas de emboscada”.
12	Após a troca de tiros, o MST fugiu, segundo a polícia, que diz ter apreendido uma pistola e
13	uma espingarda. A Polícia Civil já abriu um inquérito para apurar os fatos e disse que enviou
14	equipes para o local para resgatar as vítimas – inclusive um helicóptero para remover os feridos.
15	“Além disso, foram destacados policiais militares e civis para a região com o objetivo de reforçar a
16	segurança – uma vez que há uma briga judicial envolvendo o MST e a empresa Araupel”, diz a
17	nota.
18	Os sem-terra afirmam que mais de 20 pessoas ficaram feridas. Também por meio de nota, eles
19	dizem que foram surpreendidos por um grupo de jagunços, seguranças da empresa Araupel e
20	também da Polícia Militar.
21	O MST argumenta que o local pertence ao Estado. A Justiça Federal, de fato, declarou nulo o
22	título de propriedade da empresa, em maio do ano passado.
	Da Redação, com Luiz Carlos da Cruz, especial para a <i>Gazeta do Povo</i> , Katia Brembatti e Folhapress, 07/04/2016, 17h23min
	Disponível em: < http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/confronto-entre-mst-e-policiais-em-quedas-do-iguacu-deixa-dois-mortos-3100lw98u6y2g03gj81w6xf2s >. Acesso em: 10 abr. 2016.

Fonte: Cruz (2016)

Quadro 2: Notícia 2, publicada na página *web* *PT no Senado*

² As informações encontradas a respeito da página *web* *do PT no Senado* são escassas. A página tampouco disponibiliza um endereço eletrônico para que se possa entrar em contato com os seus organizadores. Ainda com a ajuda de um buscador da internet, poucas informações foram encontradas acerca de tal veículo midiático.

³ Além do texto aqui apresentado, a notícia publicada conta com um subtítulo (*Batalha judicial*) em que se contextualiza o leitor a respeito da disputa das terras da Araupel. Na sequência, na mesma página, apresenta-se outro texto relacionado ao tema (“*Situação no local é tensa; era uma bomba-relógio*”, *diz assessor fundiário*), assinado por Katia Bembrati. O recorte que fizemos considera a intenção de manter um paralelo entre os dois textos no que tange a seu conteúdo semântico, tendo como foco a notícia do acontecimento em si.

	1 Emboscada a acampamento do MST no Paraná deixa dois mortos e vários feridos
2	
3	Uma ação da Polícia Militar Ambiental do Paraná em um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) deixou ao menos duas pessoas mortas em Quedas do Iguaçu, no sudoeste do Paraná. Além disso, a Polícia Militar (PM) reconhece que seis pessoas ficaram feridas, mas o MST afirma que 22 integrantes do movimento foram atingidos por disparos de arma de fogo. O confronto ocorreu nesta quinta-feira (7), numa área conhecida como acampamento Tomás Balduíno.
4	
5	Apesar das poucas informações disponíveis sobre a situação no local, representantes dos acampados denunciam que o que ocorreu foi uma verdadeira emboscada. Seguranças e jagunços ligados à empresa Araupel, dona da área onde estão os trabalhadores rurais, teriam contado com a ajuda da Polícia Militar para agir em área que não é parte do acampamento, mas ainda assim, dentro do território ocupado.
6	
7	Ainda sem acesso a detalhes sobre o ocorrido, a senadora Gleisi Hoffmann (PT-PR) solicitou a sua equipe no Paraná que acompanhasse o caso. Ela não se mostrou surpresa com a truculência das autoridades policiais paranaenses. Afinal, lembra a senadora, “a violência no Paraná, no trato com os movimentos sociais, tem sido uma constante”. Ela citou a agressividade com que o governador tucano Beto Richa agiu contra os professores em greve, no ano passado.
8	
9	A dimensão da violência contra famílias de sem-terra, no entanto, chocou a parlamentar. “Não há nada que justifique morte de trabalhadores rurais em um acampamento e essa é mais uma página muito triste de nossa história”, declarou Gleisi, que fez questão de demonstrar sua solidariedade às famílias.
10	
11	A versão da Secretaria Estadual de Segurança Pública (Sesp), divulgada pela imprensa local, é de que a equipe da Ronda Tática Motorizada (Rotam) estaria em uma área chamada Fazendinha verificando um foco de incêndio. Ao se deslocar para o local, os policiais teriam sido interceptados “por mais de 20” integrantes do MST. Os líderes sem-terra, porém, refutam essa versão, afirmando que foram os trabalhadores as vítimas de uma emboscada.
12	
13	Da redação, 7 de abril de 2016, 21h52min
14	Disponível em: < http://www.ptnosenado.org.br/site/noticias/ultimas/item/49328-emboscada-a-acampamento-do-mst-no-parana-deixa-dois-mortos-e-varios-feridos >. Acesso em: 10 abr. 2016.

Fonte: Chassot e Rocha (2016)

Considerando nosso objetivo de analisar como os verbos *dicendi* contribuem para construir uma linha argumentativa na notícia, fazemos, inicialmente, algumas considerações sobre a perspectiva de cada notícia, embora não caiba neste artigo um arrazoado mais detalhado desta questão, que, sozinha, já ocuparia o espaço de um artigo. Assim, fazemos uma análise geral com algumas exemplificações.

Tomadas em comparação, vê-se uma diferença substancial na explicitação da linha argumentativa nas duas matérias. A notícia publicada na *Gazeta do Povo* preza por uma linguagem que responde a sua intenção de se fazer parecer neutra. Assim, recorre a estruturas e expedientes linguísticos que podem passar, pelo menos a um leitor menos atento, a ideia de que tal veículo de fato responde à propaganda de um veículo imparcial que faz sobre si mesma. Além das escolhas linguísticas em si, citamos o fato de, no segundo parágrafo, ter sido citado que os dois lados envolvidos apresentam versões diferentes para o conflito e ter sido dado, no decorrer do texto, espaço equilibrado, no que tange à extensão do texto, para que ambos se pronunciassem.

No entanto, um leitor mais atento é capaz de perceber que há uma tendência do jornal em culpabilizar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e salvaguardar a Polícia Militar (PM). Sem pretender esgotar essa questão, citamos algumas estratégias que nos levam a tal interpretação:

- a) O título traz o sintagma “Confronto entre MST e policiais em Quedas do Iguaçu”, em que o substantivo que ocupa o núcleo do sintagma (‘confronto’), em si, não pende a balança para um dos lados do embate, mas a ordem em que são apresentados os elementos

que complementam esse substantivo ('entre MST e policiais') explicita que os responsáveis por iniciar o embate é o MST. Tal leitura é reiterada no primeiro parágrafo do texto, quando se diz de forma explícita que os mortos e os feridos são resultado de uma ação de confronto iniciada pelos integrantes do MST: 'após entrarem em confronto com a Polícia Militar' (linhas 3-4). Nesse caso, a PM é posta como alvo do ataque, e o MST, como o agente que desencadeou o conflito.

b) Explicita-se no texto que tanto a PM quanto o MST emitiram nota sobre o ocorrido. Embora ambas as notas tenham sido referenciadas na notícia, apenas aquela publicada pela PM ganha espaço para uma reprodução *ipsis litteris*, a partir do recurso das aspas (3º parágrafo). Já a nota do MST é reproduzida por meio de paráfrase, o que pode ser lido como uma estratégia de distanciamento do discurso citado, enquanto a citação direta parece expressar uma posição respeitosa frete à fala citada, conforme analisa Maingueneau (2001).

c) O termo 'emboscada' aparece duas vezes no segundo parágrafo do texto, sendo relacionado ora à fala da PM, ora à do MST, e apenas no último caso é apresentada com aspas. Ao se dar voz à PM, diz-se: "Em nota, a Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp) afirmou que os policiais foram vítima de uma **emboscada** e que eles foram ao local para tentar ajudar a combater um incêndio" (linhas 6-8). Ao se dar voz ao MST, tem-se: "Um líder do MST disse que os membros do movimento é que foram as 'vítimas de emboscada'" (linhas 10-11). Se as aspas, nesse caso, têm por função retomar o discurso da PM e reinterpretá-lo, também dão margem a uma leitura que aponta que, nesse segundo caso, o jornal pretendeu distanciar-se do que foi enunciado – e inclusive direciona para certo tom de ironia na apresentação do contradiscorso.

d) A forma como se escolheu enunciar a fala da PM no terceiro parágrafo também é significativa. Se, nos casos das falas atribuídas ao MST, tem-se a topicalização da oração que traz o verbo *dicendi*, deixando explícito que se trata da interpretação de uma das partes entrevistadas antes mesmo de se apresenta o conteúdo proposicional, no terceiro parágrafo, ao introduzir a fala da PM, dá-se primeiro a interpretação para, depois, apresentar a oração que traz o verbo *dicendi*: "Após a troca de tiros, o MST fugiu, segundo a polícia". A topicalização do conteúdo proposicional em relação à expressão que anuncia tratar-se da interpretação de um dos envolvidos contribui para que o leitor tome como verdade o que é posto no conteúdo da mensagem.

Vale observar que há também no texto, de forma menos recorrentes, estratégias que parecem dar espaço aos argumentos do MST, como ocorre no último parágrafo da notícia. Nesse caso, tem-se uma confirmação, por parte do jornal, do argumento trazido pelo MST, o que é reforçado pela expressão modalizadora 'de fato': "A Justiça Federal, **de fato**, declarou nulo o título de propriedade da empresa, em maio do ano passado" (linhas 21-22). Porém, entendemos que tais estratégias expressam a tentativa do jornal de se fazer parecer neutro, uma vez que são mais evidentes as estratégias que apontam adesão à perspectiva da PM, ainda que tal adesão se dê de forma velada.

A notícia publicada pelo PT Senado, por sua vez, é bastante marcada no que tange à explicitação da linha argumentativa assumida. Também aqui vamos trazer alguns elementos que exemplificam nossa análise:

a) Dá-se espaço diferenciado às vozes ligadas ao MST e à PM. Enquanto a versão desta aparece apenas em dois momentos da notícia (no primeiro e no último parágrafo), a fala do MST ou da Senadora Gleisi Hoffmann -PT, que apoia o Movimento, é preponderante no texto.

b) O título já apresenta a linha argumentativa do texto, ao incorporar a interpretação de que o evento tratou-se de uma "emboscada a acampamento do MST", o que é reforçado logo no primeiro parágrafo, onde se diz que "uma ação da Polícia Militar do Paraná" (linha 3) resultou em duas pessoas mortas. Ou seja, apresenta-se o MST como vítima e a PM como algoz. Ainda no primeiro parágrafo, acolhe-se a versão da PM sobre o número de feridos, que é refutada na sequência, quando se apresenta oração introduzida pela conjunção 'mas': "Além disso, a Polícia Militar (PM) reconhece que seis pessoas ficaram feridas, mas o MST afirma que 22 integrantes do movimento foram atingidos por disparos de arma de fogo" (linhas 5-7). Nesse caso, a contra-argumentação fica bastante evidente, bem como o argumento ao qual o produtor do texto se alinha.

c) A escolha do léxico também é bastante marcada no *continuum argumentativo*. São exemplos disso os sintagmas nominais usados em referência ao MST: ‘acampamento do MST’, ‘os acampados’, ‘os trabalhadores’, ‘movimentos sociais’, ‘famílias de sem-terra’, ‘trabalhadores rurais’. Também observamos o uso o adjetivo em ‘uma *verdadeira* emboscada’, responsável pela criação discursiva de uma “verdade” em torno de uma interpretação do evento.

d) No segundo parágrafo, no excerto “Seguranças e jagunços ligados à empresa Araupel, dona da área onde estão os trabalhadores rurais, teriam contado com a ajuda da Polícia Militar para agir em área que não é parte do acampamento, mas ainda assim, dentro do território ocupado” (linhas 10-13), temos uma modalização no uso do verbo no futuro do pretérito em ‘teriam’, estratégia prototípica da notícia da qual o produtor lança mão para não se engajar com o conteúdo do enunciado, e, portanto, não se responsabilizar pelo dito. No entanto, a forma como o sujeito da oração é apresentado pauta-se no pressuposto de sua existência, o que indica a orientação argumentativa assumida no texto.

Os exemplos aqui trazidos são apenas algumas das estratégias linguísticas a que o produtor recorre para traçar a linha argumentativa do texto, mas que servem como exemplos representativos do conjunto de estratégias viabilizadas no texto. Uma análise mais detalhada daria conta de apresentar muitos outros recursos dados na superfície textual que fazem ecoar as condições sócio-históricas envolvidas na produção do texto. Passamos, então, à observação dos elementos que são foco deste trabalho, considerando a intertextualidade explícita.

Antes, fazemos algumas ressalvas que explicitam encaminhamentos metodológicos adotados. Observam-se nesses dois textos estratégias discursivas diversas. Sem desconsiderar a importância de um estudo que analise todas as marcas de intertextualidade, nesta pesquisa optamos por fazer um recorte metodológico tendo em foco os verbos *dicendi*, conforme já explicitado. Assim, ficam de fora da análise estratégias que não estão dentro desse escopo, como se pode exemplificar com o uso do sintagma nominal no recorte abaixo:

(1) A versão da Secretaria Estadual de Segurança Pública (**Sesp**), divulgada pela imprensa local, é de que a equipe da Ronda Tática Motorizada (Rotam) estaria em uma área chamada Fazendinha verificando um foco de incêndio (Notícia 2, linhas 24-26).

Também não consideramos verbos que, embora tenham característica de verbo *dicendi*, no ambiente linguístico em que ocorrem não remetem a um discurso citado que tenha como universo de referência os acontecimentos que são foco da notícia, como se observa neste recorte:

(2) A Justiça Federal, de fato, **declarou** nulo o título de propriedade da empresa, em maio do ano passado (Notícia 1, linhas 21-22).

Embora estratégias como as postas em (1) e (2) mostrem-se produtivas na análise da linha argumentativa traçada no texto, expedientes linguísticos dessa natureza não são considerados neste trabalho por destoar dos verbos que constituem o foco de análise em termos de estrutura linguística ou função que assumem nos textos. Tendo sido explicitadas essas escolhas metodológicas, passamos à análise dos verbos destacados nas Notícias 1 e 2.

No que tange às estratégias de intertextualidade envolvendo o verbo *dicendi*, observa-se que tais expedientes linguísticos acompanham tanto o discurso direto quanto o indireto, sendo esta última forma de apresentação do discurso de outrem a estratégia mais recorrente em ambos os textos.

Embora a opção por discurso direto ou indireto não seja pauta deste trabalho, vale a pena aqui fazer uma breve consideração a respeito dessas duas formas de apresentar o discurso do outro. Para Maingueneau (2001), a opção pelo discurso direto revela a intenção de passar ao leitor a ideia de que se está relatando palavras realmente proferidas, o que contribui para marcar a objetividade do texto e distanciar o produtor do conteúdo citado, além de esse recurso poder ser usado também para expressar uma posição respeitosa frente à fala citada. Ao contrário, ao optar pelo discurso indireto, a fala de outrem pode ser inserida no texto de diferentes

maneiras, uma vez que o discurso é remodelado, o que provoca um maior engajamento do produtor da notícia com o discurso citado (MAINGUENEAU, 1996).

De qualquer maneira, ambas as estratégias são, em geral, acompanhadas por um verbo *dicendi*, escolhido a partir da perspectiva do produtor da notícia, o que direciona a forma como a fala do outro deve ser interpretada.

Considerando esse expediente linguístico, observamos no *corpus* sob análise que os diferentes verbos *dicendi* empregados nas notícias apontam para uma graduação argumentativa, partindo de elementos argumentativamente menos marcados para elementos que explicitam percepções subjetivas em relação ao fato referenciado no texto, consoante ao que apontam estudos consultados (NASCIMENTO, 2009; NEVES, 2000). Tendo em conta esse perfil dos verbos, optamos por discorrer, na análise de cada notícia, primeiramente a respeito dos verbos menos marcados argumentativamente, seguindo a linha desse *continuum* argumentativo até chegar aos verbos que indicam juízo de valor e apresentam teor argumentativo mais demarcado.

6.1 OS VERBOS *DICENDI* NA NOTÍCIA 1, PUBLICADA NO JORNAL GAZETA DO POVO

A Notícia 1 apresenta 10 verbos *dicendi*. O verbo menos marcado argumentativamente é o *dizer*, usado 6 vezes (nas linhas 8, 10, 12, 13, 16 e 19) no texto. Trazemos o recorte abaixo para exemplificar o uso desse recurso:

(3) “Além disso, foram destacados policiais militares e civis para a região com o objetivo de reforçar a segurança – uma vez que há uma briga judicial envolvendo o MST e a empresa Araupel”, **diz** a nota (Notícia 1, linhas 15-17).

Segundo Neves (2000), o verbo em análise pertence ao grupo dos verbos de elocução propriamente ditos, configurando-se como um verbo básico. Tendo um perfil neutro, não indica um ato de fala e tampouco explicita juízo de valor sobre o discurso de outrem. Também considerando essa característica, Nascimento (2009) enquadra o verbo *dizer* no grupo de verbos não modalizadores, isto é, os que apresentam o discurso de outrem sem deixar marcas de avaliação.

No caso específico do recorte (3), o uso das aspas contribui para o processo de projeção da responsabilidade pelo dito para fora do enunciado, o que é reforçado pelo emprego do verbo *dicendi*. Além disso, conforme Gaiotto (2006), o próprio uso do discurso direto demonstra certa fidelidade intencional por parte do produtor, uma vez que o discurso de outrem pode representar no texto um argumento favorável ao posicionamento defendido, ainda que essa defesa se dê de forma velada, como ocorre comumente no gênero notícia.

Outro elemento empregado com baixo teor argumentativo, considerando esse processo de engajamento e distanciamento do conteúdo apresentado, é o verbo *afirmar*, que aparece duas vezes na Notícia 1 (nas linhas 7 e 18), conforme exemplificado abaixo:

(4) Em nota, a Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp) **afirmou** que os policiais foram vítima de uma emboscada e que eles foram ao local para tentar ajudar a combater um incêndio (Notícia 1, linhas 6-8).

O verbo *afirmar* apresenta nuances de sentido que o diferencia do *dizer* e do *falar*, por exemplo. Embora tal expediente linguístico também não deixe transparecer no texto uma explícita avaliação sobre o discurso citado, *afirmar* parece estar mais próximo do sentido de asseveração do que *dizer*. Além de lançar os responsáveis pelo enunciado citado a uma posição social de autoridade no que tange ao universo de referência da notícia, o uso desse verbo parece ser mais enfático do que *dizer* em relação à intenção de consolidar argumentos.

Percorrendo o *continuum* que vai de verbos menos marcados argumentativamente para verbos mais marcados, observa-se uma ocorrência do verbo *negar*, empregado uma vez no texto:

(5) O MST **nega** e diz que a polícia foi ao assentamento para tentar retirar o grupo, que ocupa, desde julho de 2014, as terras da Araupel, empresa de reflorestamento (Notícia 1, linhas 8-10).

O produtor da notícia recorre ao verbo *negar* para introduzir o discurso indireto do MST, apontando para um contradiscurso, tendo em conta a declaração da Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp), citada no período anterior. Esse verbo aponta o modo como o MST se posiciona diante do discurso da SESP, havendo o diálogo entre as vozes que aparecem no interior do texto, que polemizam a partir de posições sociais e ideológicas diferentes (BARROS, 1999), revelando a arena de embates ideológicos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004) que constitui a situação enunciativa relacionada ao texto.

Por fim, cita-se o uso do verbo *argumentar*, que consideramos ser o verbo *dicendi* da Notícia 1 mais carregado no que tange a seu teor argumentativo:

(6) O MST **argumenta** que o local pertence ao Estado (Notícia 1, linha 21).

O uso desse verbo estabelece que, entre as vozes presentes ao longo do texto, nas recorrências de intertextualidade explícita, há um diálogo orientado por argumentos, que, pelo conhecimento de todo o conteúdo, diferenciam-se e, novamente, polemizam no texto. O verbo em questão dá indícios de que existe uma discussão no interior do texto entre os discursos citados trazidos pelo produtor. Tendo conhecimento de tal diálogo entre as vozes, notamos que o produtor, por meio do verbo *argumentar*, deixa pistas para que o leitor tome consciência desse entrecruzamento de vozes e a existência de diferentes perspectivas sobre o assunto abordado, o que não se daria de forma tão evidente se o produtor escolhesse um verbo como *observar*, por exemplo.

6.2 OS VERBOS *DICENDI* NA NOTÍCIA 2, PUBLICADA NA PÁGINA WEB PT NO SENADO

Considerando o *continuum* que parte de verbos menos marcados argumentativamente para mais marcados argumentativamente, observa-se, inicialmente, a ocorrência dos verbos *afirmar*, que aparece duas vezes no texto (linhas 6 e 28). Vejamos um exemplo desse uso:

(7) Além disso, a Polícia Militar (PM) reconhece que seis pessoas ficaram feridas, mas o MST **afirma** que 22 integrantes do movimento foram atingidos por disparos de arma de fogo (Notícia 2, linhas 5-7).

O emprego do verbo *afirmar* ocorre para referenciar o discurso do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra – MST. Conforme citado na análise do Texto 1, esse verbo também se caracteriza por não apresentar uma avaliação explícita do discurso de outrem, embora pareça ter uma força argumentativa mais expressiva do que é observado no uso do verbo *dizer*. Ainda assim, é tomado como um verbo mais neutro em relação a outros verbos *dicendi* mais demarcados no que tange à explicitação da argumentação.

Ainda considerando verbos pouco marcados argumentativamente, verificou-se uma ocorrência do verbo *declarar*:

(8) “Não há nada que justifique morte de trabalhadores rurais em um acampamento e essa é mais uma página muito triste de nossa história”, **declarou** Gleisi, que fez questão de demonstrar sua solidariedade às famílias (Notícia 2, linhas 21-23).

Embora também seja enquadrado na categoria dos verbos *dicendi* não modalizadores (NASCIMENTO, 2009), observa-se que esse verbo apresenta uma força argumentativa mais demarcada do que os verbos *dizer* ou *afirmar*, porque, além de acarretar o sentido de ‘pronunciar’ ou ‘fazer conhecer um fato’, imprime ao discurso citado um teor de voz de autoridade, uma vez que aponta o posicionamento da senadora a respeito do acontecimento relatado, colocando-a na posição de quem tem autoridade para fazer uma declaração sobre o assunto em pauta, guiando a forma como o leitor deve interpretar o discurso citado.

Outro verbo integrado no *continuum* argumentativo é o verbo *citar*, que também tem uma única ocorrência na Notícia 2:

(9) Ela **citou** a agressividade com que o governador tucano Beto Richa agiu contra os professores em greve, no ano passado (Notícia 2, linhas 17-19).

Observa-se que, embora esse verbo esteja mais próximo da transcrição do que da asseveração, ele é utilizado no texto com o propósito de apresentar provas que confirmem a direção argumentativa proposta pelo produtor. Ao apresentar o ponto de vista da senadora Gleisi Hoffmann, é trazido para o texto um discurso alheio para ilustrar o fato que está sendo relatado. Nesse sentido, o teor argumentativo do texto acaba reforçado também por esse verbo *dicendi*.

O verbo *lembrar* também aparece uma única vez no texto:

(10) Afinal, **lembra** a senadora, “a violência no Paraná, no trato com os movimentos sociais, tem sido uma constante” (Notícia 2, linhas 16-17).

Embora não tenha um tom argumentativo bem demarcado, observa-se que também esse verbo dito mais ‘neutro’ contribui para a linha argumentativa do texto. Assinalar o discurso de outrem com o verbo *lembrar* pressupõe que se está advertindo ou trazendo à memória algo que já foi dito e que está sendo reafirmado como verdade. A orientação da forma como o discurso citado deve ser interpretado pelo leitor seria outra se, nesse contexto, tivesse sido empregado, por exemplo, o verbo *conjecturar*, que apagaria a pressuposição da verdade demarcada no verbo *lembrar*.

Seguindo o *continuum* argumentativo, tem-se o verbo *reconhecer*, também com uma única ocorrência na Notícia 2:

(11) Além disso, a Polícia Militar (PM) **reconhece** que seis pessoas ficaram feridas, mas o MST afirma que 22 integrantes do movimento foram atingidos por disparos de arma de fogo (Notícia 2, linhas 5-7).

O emprego do verbo destacado dá conta de que a Polícia Militar, que tem a prerrogativa de ser o discurso oficial sobre o conflito, afirma como verdadeiro o fato de o confronto ter resultado em pessoas feridas, muito embora tal reconhecimento não esteja alinhado ao que afirma o MST. O verbo *reconhecer* é responsável por trazer para o texto um discurso que aponta a PM como um órgão que se posiciona favoravelmente aos latifundiários na demanda pela terra. O mesmo verbo não caberia, por exemplo, no encadeamento introduzido pelo operador argumentativo *mas* nesse mesmo período, em que o MST é sujeito, já que o verbo *reconhecer*, nesse contexto, traz consigo um quê de não querer dizer, mas de ter a obrigação de dizer.

Já em uma posição mais adiantada no *continuum* argumentativo encontra-se o verbo *refutar*, também com uma única ocorrência na Notícia 2:

(12) Os líderes sem-terra, porém, **refutam** essa versão, afirmando que foram os trabalhadores as vítimas de uma emboscada (Notícia 2, linhas 27-29).

O verbo *refutar* carrega um tom argumentativo mais demarcado do que os outros verbos analisados na Notícia 2 por trazer ao texto um contradiscorso, como o faz o verbo *negar*, dado na Notícia 1, embora pareça mais enfático do que este no que tange à ação argumentativa de contra-argumentação. Mas, de igual maneira, há a presença de duas vozes que dialogam e polemizam no texto, como assinala Barros (1999), e, ainda, a presença do enunciador que reporta essa polêmica.

Por fim, cita-se o verbo *denunciar*, com uma única ocorrência na Notícia 2:

(11) Apesar das poucas informações disponíveis sobre a situação no local, representantes dos acampados **denunciam** que o que ocorreu foi uma verdadeira emboscada (Notícia 2, linhas 9-10).

O verbo é utilizado para apresentar a fala dos representantes dos acampados do MST. Com esse recurso, assinala sobre o discurso de outrem um ato ilocutório, por enunciar que os entrevistados fazem uma denúncia a respeito do acontecimento relatado,

revelando ou talvez criando uma intenção comunicativa ao discurso daqueles que concederam a entrevista. Tecendo uma análise aproximada da apresentada por Neves (2000) em relação aos verbos *ameaçar*, *garantir* e *acalmar*, pode-se dizer que o verbo *denunciar* instrumentaliza o dizer, uma vez que demarca a ação, com o uso de um instrumento, que pode consistir, eventualmente, em um dizer.

6.3 OS VERBOS *DICENDI* NA CONSTRUÇÃO DA LINHA ARGUMENTATIVA DO TEXTO: ANÁLISE COMPARATIVA DAS DUAS NOTÍCIAS

No Quadro 3, trazemos um esquema em que se apresentam as ocorrências dos verbos *dicendi* em cada uma das notícias. Na coluna à direita, a reta indica a escala argumentativa do verbo menos marcado ao mais marcado argumentativamente.

Quadro 3: Os verbos *dicendi* nas duas notícias analisadas

Continuum argumentativo	Verbos <i>dicendi</i> na Notícia 1	Número de ocorrência
+ argument. ↑ - argument.	<i>argumentar</i>	1
	<i>negar</i>	1
	<i>afirmar</i>	2
	<i>dizer</i>	6
TOTAL	4 VERBOS	10 OCORRÊNCIAS
Continuum argumentativo	Verbos <i>dicendi</i> na Notícia 2	Número de ocorrência
+ argument. ↑ - argument.	<i>denunciar</i>	1
	<i>refutar</i>	1
	<i>reconhecer</i>	1
	<i>lembrar</i>	1
	<i>citar</i>	1
	<i>declarar</i>	1
	<i>afirmar</i>	2
TOTAL	7 VERBOS	8 OCORRÊNCIAS

Fonte: Elaboração das autoras

As Notícias 1 e 2 apresentam, respectivamente, dez e oito ocorrências de verbos *dicendi*. Entretanto, enquanto a Notícia 1 recorre a quatro verbos *dicendi* na introdução do discurso de outrem – *argumentar*, *negar*, *afirmar* e *dizer* –, enquanto a Notícia 2 apresenta sete verbos na incorporação do intertexto – *denunciar*, *refutar*, *reconhecer*, *lembrar*, *citar*, *declarar* e *afirmar*. Esse dado já encaminha para uma interpretação da Notícia 1 como sendo mais cautelosa no uso de tais expedientes linguísticos; esse uso comedido, por sua vez, dá margem à interpretação de que há nesse texto maior preocupação de apresentar-se como uma construção não-subjetiva, mais neutra e imparcial do que se observa na Notícia 2.

Essa interpretação ganha força quando se observa que seis das dez ocorrências de verbos *dicendi* na Notícia 1 são preenchidas pelo verbo *dizer*, o verbo que ocupa a posição de menos argumentativamente marcado na escala proposta, enquanto na Notícia 2 o verbo menos marcado argumentativamente é o verbo *afirmar*, que consideramos ter um teor argumentativo um pouco mais expressivo do que o *dizer*, e aparece introduzindo o discurso citado apenas duas vezes. Vale observar também o fato de a Notícia 2 não recorrer ao verbo *dizer*, que é o mais neutro na categoria dos verbos *dicendi*. Tais características revelam que a Notícia 2 parte de um ponto já mais avançado no *continuum* argumentativo na comparação com a Notícia 1.

Observa-se que as duas notícias estão equilibradas quanto ao uso de verbo mais marcado argumentativamente: pode-se dizer que *argumentar* (Notícia 1) está próximo de *denunciar* (Notícia 2) no que tange ao grau de argumentação. Também se pode dizer que os verbos *negar* (Notícia 1) e *refutar* (Notícia 2) estão próximos quanto aos sentidos mobilizados, embora *refutar* pareça mais enfático na explicitação do contradiscurso. Tais verbos reafirmam a polifonia presente no interior do texto e o diálogo entre as vozes apresentadas, reassegurando o texto como um ponto de intersecção de diálogos, em que se cruzam vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas (BARROS, 1999).

Mas, ainda se considerarmos que os dois verbos que estão no topo de cada reta ocupam o mesmo ponto do *continuum* argumentativo, é preciso observar que, daí em diante, descendo a escala até o verbo menos argumentativo, há na Notícia 2 uma graduação mais alongada do que aquela observada na Notícia 1, dado o fato de, nesta, o *continuum* não estar preenchido por diferentes verbos *dicendi*, conforme observação já posta acima. A quantidade de pontos nessa escala também reforça a interpretação de que a Notícia 1 pretende se apresentar como mais neutra e imparcial do que a Notícia 2.

Essa análise leva à observação de que, comparada à Notícia 2, a Notícia 1 preocupa-se mais em esconder a perspectiva subjetiva envolvida na incorporação do discurso de outrem, propondo uma interação mais cautelosa com o intertexto e minimizando as marcas que sinalizam juízo de valor, num jogo que tem em vista a preservação da imagem do veículo que a publica como uma agência de notícia imparcial e a manutenção da pretensa objetividade jornalística.

Ainda assim, não se pode dizer que as escolhas apresentadas na Notícia 1 estão livres de argumentação. Ao operar movimentos de distanciamento no que diz respeito ao discurso de outrem, sem explicitar juízo de valor sobre o discurso alheio, o produtor está fazendo escolhas que são argumentativamente guiadas. Conforme aponta autores consultados (KOCH, 2003; NASCIMENTO, 2009; CHAPARRO, 2003), a apresentação de um discurso como se fosse neutro retrata uma estratégia que visa a orientar a leitura do interlocutor para determinadas conclusões, dinâmica que envolve a criação de uma imagem da *Gazeta do Povo* como uma empresa jornalística independente e imparcial. A criação e manutenção desse *ethos*, por si só, já se configura como um argumento que direciona a leitura.

Assim, observamos que o uso dos verbos *dicendi* na Notícia 1 contribui para reforçar a linha argumentativa traçada no texto na medida em que avigoram a autoimagem do jornal como um veículo “independente” e “imparcial” (OLIVEIRA FILHA, 2004). Os verbos mais neutros, ou não modalizados (NASCIMENTO, 2009), são trazidos para o texto de forma a responder a uma intenção, ainda que tal intenção seja justamente criar e preservar a aparência de neutralidade. Atenuando as marcas da argumentatividade, o jornal acaba impondo, indiretamente, um determinado ponto de vista, que é apresentado como uma verdade, uma vez que o gênero notícia está atrelado à noção de objetividade e veridicidade. Nessa análise, os verbos *dicendi* escolhidos reforçam a intenção do jornal de responder aos anseios da elite paranaense, conforme apontam Lemos e Oliveira Filha (2013).

Já a Notícia 2, conforme explicitado acima, não faz uso do verbo menos marcado argumentativamente (*dizer*, bastante recorrente no outro texto) e apresenta um maior número de verbos *dicendi* do que a Notícia 1, alongando a linha que desenha a escala entre o verbo mais e menos marcado argumentativamente. Com isso, ocorre uma maior exposição da perspectiva subjetiva da linguagem, explicitando adesão à versão apresentada pelo MST. Considerando a situação sociodiscursiva que envolve a produção e a publicação da notícia, que está atrelada a um partido político, é esperada a construção de um *ethos* que implique comprometimento com determinadas causas e contestação de outras, tendo em vista que a posição ideológica é, nesse caso, publicamente assumida.

Em ambas as notícias, os verbos *dicendi* somam-se a outros recursos linguísticos para conformar o texto às intenções dos veículos que as publicam. Ou seja, os expedientes em análise retratam estratégias linguísticas que contribuem para configurar o texto como um instrumento de difusão ideológica que se conforma à estrutura de poder a que se vincula, conforme analisa Lage (1982).

7 AINDA ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O CONTINUUM ARGUMENTATIVO

Considerando que nossa análise foi balizada pela ideia de um *continuum* argumentativo, numa escala que vai do verbo *dicendi* menos marcado para o verbo mais marcado argumentativamente, entendemos necessário apresentar duas reflexões sobre essa questão.

Em primeiro lugar, vale observar que defender a existência de um *continuum* argumentativo não equivale a dizer que o uso de elementos menos argumentativos prescinde de argumentação, como argumentamos na análise apresentada. Tomar por base a perspectiva de que não existe texto neutro e de que a argumentação está inscrita na língua, conforme defendem os autores citados neste trabalho (KOCH, 2011; DUCROT, 1987; ASCOMBRE; DUCROT, 1976), significa entender que todo e qualquer expediente linguístico e toda e qualquer estrutura linguística colaboram para a construção da linha argumentativa do texto.

Todavia, na análise comparativa de diferentes verbos *dicendi*, observa-se que eles deixam mais ou menos explícita a linha argumentativa do texto. Assim, o verbo *dizer*, por exemplo, distancia-se consideravelmente do verbo *denunciar* no que tange à orientação da leitura proposta pelo produtor em relação à fala incorporada no texto, o que nos levou à consideração de tal *continuum* argumentativo.

A segunda questão para a qual chamamos a atenção em relação à análise proposta diz respeito à impossibilidade de estabelecer limites precisos nessa graduação. Se, por um lado, fica bastante evidente que há uma distância considerável quando se põem em comparação verbos como os citados no parágrafo anterior, *dizer* e *denunciar*, lançando-os a dois extremos nessa graduação, os vários pontos nesse *continuum* não é de fácil delimitação. Por exemplo, é bem mais tênue a linha que separa *dizer* e *afirmar*; e, quando se toma para análise verbos um pouco mais apartados no que tange à sua constituição semântica, como *lembrar* e *citar*, por exemplo, não é fácil decidir qual explicita mais ou menos a perspectiva subjetiva do produtor do texto na leitura que faz dos fatos noticiados, mesmo considerando o cotexto e o contexto em que tais verbos são usados.

Nesse sentido, a proposta feita só pode ser admitida considerando que esta pesquisa apresenta-se como um estudo fundamentado no paradigma interpretativo-qualitativo, já que este assume que os significados são resultados de um processo interpretativo promovido pelo pesquisador. A alocação dos verbos na escala argumentativa deve ser considerada uma proposição que não se pretende definitiva, mesmo porque parece que uma delimitação fixa no interior desse *continuum* não é nem possível nem necessária, pelo menos para o tipo de análise que propomos neste trabalho.

O que nos parece mais importante é chamar a atenção para a existência de um perfil argumentativo dos verbos *dicendi*, cuja análise possa apoiar a ideia de que a forma como o discurso do outro é apresentado no texto, mesmo que seja na forma de discurso direto, revela intenções e contribui para estabelecer uma linha argumentativa do texto, bem como para mantê-la e reforçá-la.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das teorias que comprehendem que a argumentação é intrínseca à linguagem, entendemos que um texto, mesmo os não pertencentes à categoria dos textos argumentativos *stricto sensu* (KOCH; FÁVERO, 1987), é sempre produzido com determinada pretensão, conquanto nem sempre as intenções argumentativas sejam explicitadas (KOCH, 2011). Embora se preze pela pretensa objetividade do gênero textual notícia, há no texto elementos da língua que indicam os sentidos pretendidos pelo produtor. Conforme pontua Dittrich (2010), ao se fazer uso da língua, não há como eximir-se de maiores responsabilidades em relação ao que

foi dito, apagando-se enquanto responsável pela enunciação, pois a argumentação, e consequente engajamento do produtor com o que é dito, é inerente ao uso da língua.

A análise proposta reafirma a produção textual como uma atividade verbal que envolve indivíduos que atuam socialmente e orientam suas escolhas linguísticas para alcançar determinado fim social, guiados, também, pelas condições de produção (KOCH, 2013).

Na notícia, o recurso à intertextualidade explícita por meio de discurso citado constitui, em si, uma estratégia que explicita argumentação no texto. Conforme observa Maingueneau (2001), no discurso citado, a enunciação é reconstruída pelo sujeito que a relata, mesmo no caso do discurso direto, uma vez que não há como comparar uma ocorrência de fala efetiva (como a entonação, os gestos e as reações daquele que concede entrevista oral, por exemplo) com o recorte apresentado pelo produtor da notícia, que, estrategista que é, dá ao intertexto um enfoque subjetivo. Para além disso, é preciso observar que, mesmo antes de escolher a maneira como a fala de outrem será incorporada ao texto, são feitas escolhas sobre as fontes a serem consultadas e, após, sobre os trechos que serão trazidos ao conhecimento do leitor. Nesse processo, a fala de outrem, tirada de seu contexto original, é emoldurada e ressignificada, o que implica uma reconstrução subjetiva desse discurso, que tem por objetivo guiar o leitor de modo que este compreenda os acontecimentos relatados tal como são apresentados no texto.

Nesse sentido, reforçamos a interpretação de Chaparro (2003) de que categorizar os gêneros jornalísticos como opinativos ou informativos constitui-se uma impossibilidade quando se considera o plano dos mecanismos linguísticos.

REFERÊNCIAS

- ASCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. L'argumentation dans la langue. *Langages*, 10e année, n. 42, p. 5-27, 1976.
- BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 31-38.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 1-10.
- CHAPARRO, M. C. Opinião x informação, uma fraude teórica? *Mural PjBr – jornalismo brasileiro*, 24 jul. 2003. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/manchetes_009.htm>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- _____. *Sotaques d'aquém e d'álém mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Santarém (Portugal): Jortejo Edições, 1998.
- CHASSOT, G.; ROCHA, C. Emboscada a acampamento do MST no Paraná deixa dois mortos e vários feridos. *PT no Senado*, Brasília, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.ptnosenado.org.br/site/noticias/ultimas/item/49328-emboscada-a-acampamento-do-mst-no-parana-deixa-dois-mortos-e-varios-feridos>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- CORBARI, A. T. *Elementos modalizadores como estratégia de negociação em textos opinativos produzidos por alunos de Ensino Médio*. 2013. 200f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.
- CRUZ, L. C. Confronto entre MST e policiais em Quedas do Iguaçu deixa dois mortos. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/confronto-entre-mst-e-policiais-em-quedas-do-iguacu-deixa-dois-mortos-3100lw98u6y2g03gj81w6xf2s>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

DITTRICH, I. J. Retórica do discurso jornalístico: modalização e subjetividade na reportagem impressa. In: SELLA, A. F. (Org.). *Percorrendo estudos linguísticos e práticas escolares*. Cascavel: Edunioeste, 2010. p. 95-110.

GAIOTTO, P. A. *A formulação do editorial da gazeta do povo: o discurso relatado na construção da opinião*. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/pagaiotto.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *Argumentação e linguagem*. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Ajustando a lupa. In: _____. *Desvendando os segredos do texto*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 11-73.

_____. *A inter-ação pela Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____; FÁVERO, L. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.

LAGE, N. *Ideologia e técnica da notícia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

LEMOS, J; OLIVEIRA FILHA, E. A. Jornalismo de ideologia: uma análise do posicionamento do jornal Gazeta do Povo na abordagem do projeto Tudo Aqui Paraná. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013. Manaus. *Anais...* 2013, p. 1-13. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1319-1.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

MAINQUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução: Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Elementos da linguística para o texto literário*. Tradução: Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.19-36.

_____. A ação dos verbos introdutores de opinião. In: _____. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.146-168.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, J. M. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

_____. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

NASCIMENTO, E. P. *Jogando com as vozes do outro: argumentação na notícia jornalística*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA FILHA, E. A. de. Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”. *Unibrasil*, 2004, p.86-101. Disponível em: <<http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/view/19/19>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

PAULIUKONIS, M. A. L. Progressão textual e modalização. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, série 7, n.7, 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno07-17.html>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática S. A., 1987.

RODRIGUES, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. São Paulo, 2001. 347f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def_teses.html>. Acesso em: 27 jun. 2016.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática: ensino plural*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Recebido em 30/08/2017. Aceito em 06/11/2017.

O DICIONÁRIO E O IMAGINÁRIO DO VERBETE *GOLPE*

EL DICCIONARIO Y EL IMAGINARIO DE LA ENTRADA *GOLPE*

THE DICTIONARY AND THE IMAGINARY BEHIND THE TERM *GOLPE*

Maria Sirleidy de Lima Cordeiro*

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: Este estudo pretende apresentar uma discussão teórica e analítica sobre os processos de significação do verbete *golpe* dentro de um recorte da história lexicográfica, a fim de compreender os sentidos (des)estabilizados nos dicionários dos séculos XVIII, XIX e XX. Para fundamentá-lo, adotamos o dispositivo teórico-analítico da História das Ideias Linguísticas e da Análise do Discurso de linha francesa. A articulação dessas perspectivas apresenta-se de modo interessante e significativo para discutir os sentidos do verbete *golpe*, uma vez que uma palavra tem memória e história cujos sentidos evocam um saber e um imaginário sobre a língua. Com este estudo, concluímos que, ao fazer parte da língua imaginária, o dicionário, na história das práticas lexicais, desestabiliza os sentidos e ainda marca confrontos e alianças que, por vezes, são esquecidos ou retomados e transformados em discursos que afetam a historicidade desse verbete numa temporalidade própria para a lexicografia.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia. História das Ideias Linguísticas. Golpe.

RESUMEN: Este estudio presenta una discusión de los procesos de significación de la entrada *golpe* dentro de un recorte de la historia lexicográfica, con el fin de comprender los significados estabilizados, o desestabilizados, en los diccionarios de los siglos XVIII, XIX y XX. Para apoyar este estudio, hemos adoptado el dispositivo teórico y analítico de la historia de las ideas lingüísticas y el Análisis del Discurso de orientación francesa. La articulación de estas perspectivas se presenta significativa para discutir la definición de la entrada *golpe*, una vez que entendemos que una palabra tiene memoria e historia cuyos sentidos evocan un conocimiento y un imaginario sobre la lengua. Concluye que el diccionario, al estabilizar los sentidos de la entrada golpe, no deja la lengua estable e ilesa; por el contrario, observamos una lengua imaginaria atravesada por movimientos de resistencia y contradicciones que evocan otros discursos que se encuentran en su materialidad.

PALABRAS-CLAVE: Lexicografía. Historia de las Ideas Lingüísticas. Golpe.

* Doutoranda em Letras, na área de Linguística, pelo PPGL da UFPE, participa do grupo de estudos NELFE. Realizou Doutorado Sanduíche em Portugal pela Universidade Católica Portuguesa (UCP). E-mail: sirleidy_lima@hotmail.com.

ABSTRACT: This study intends to present a theoretical and analytical discussion about the processes of signification involving the word *golpe* (coup) in a lexicographic history perspective in order to understand the (de)stabilized senses in the XVIII, XIX and XX century dictionaries. For this study, we articulated perspectives from the fields of History of Linguistic Ideas and French Discourse Analysis, in order to discuss the senses of the word *golpe*, understanding that a word has a memory and a history whose meanings evoke a knowledge and an imaginary about a language. With this study, we conclude by becoming part of the imaginary language, the dictionary, in the history of lexical practices, destabilizes the senses and marks confrontations and alliances that are forgotten or sometimes recovered and transmuted into discourses that affect the lexicographic historicity and temporality of this word: coup.

KEYWORDS: Lexicography. History of Linguistic Ideas. Coup.

1 INTRODUÇÃO

Discorrer acerca do imaginário do verbete *golpe* é compreender que “[...] quando uma palavra significa é porque ela tem uma textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a prevê de realidade significativa” (ORLANDI, 2004, p. 52). É sob essa perspectiva que este estudo pretende apresentar uma discussão teórica e analítica sobre os processos de significação do verbete *golpe* em alguns dicionários do século XVIII, XIX e XX.

O estudo é fundamentado no arcabouço teórico-analítico da História das Ideias Linguísticas (HIL) no Brasil e articulada com a Análise de Discurso (AD). Nessa articulação teórica encontram-se estudos desenvolvidos por Orlandi (1990, 2002, 2004), Pêcheux (1988), Silva (1996) e por Nunes (1992, 1996, 2002, 2006, 2008b) para compreender, dentro de um recorte da história lexicográfica, a importância dos instrumentos linguísticos na sua relação imaginária com o saber linguístico, com a sociedade e a história, sem descartar o político e o ideológico.

Assim, partimos do pressuposto de que o dicionário se configura como um objeto discursivo (NUNES, 1996). Nessa perspectiva, o dicionário apresenta processos de significação que produzem efeitos na produção do saber linguístico, bem como é atravessado por saberes sobre a língua, os quais marcam momentos importantes que evocam a história e a memória, desestabilizando e estabilizando sentidos.

Investigar o verbete *golpe* nos dicionários é interessante porque o Brasil atravessou/atravessa momentos de instabilidade política que marcam a história e a memória do país; dentre eles, podemos destacar o golpe¹ de 1964. Esse acontecimento ocorrido no século XX originou o interesse de analisar os processos de significação do verbete *golpe* nos séculos XVIII ao XX pelo dispositivo teórico-metodológico da AD e da HIL, para observar os deslizamentos, os acréscimos/apagamentos de sentidos deste verbete nos dicionários, como também ressaltar a relevância que a linguagem possui na relação com a sociedade e a história.

Então, em face dessas proposições, pretendemos investigar o processo de significação do verbete *golpe* nos dicionários, traçando um percurso histórico e discursivo, uma vez que “[...] os dicionários, como lugares de escuta e de escrita da sociedade, constituem memórias da língua nacional, organizadas por meio de diferentes filiações sócio históricas” (NUNES, 2008b, p. 371).

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTICULAÇÃO ENTRE A HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL E A ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) constitui-se como um campo epistemológico consistente para os estudos linguísticos e ocupa um lugar muito importante para os estudos da História das Ideias Linguísticas (HIL) no Brasil, uma vez que, conforme

¹ O Golpe de 64 foi um movimento orquestrado pelas forças militares que culminou com a derrubada do presidente João Goulart, eleito democraticamente pelo povo através do voto direto, quando este se encontra em viagem à China Comunista, fundamentado e justificado no combate à expansão comunista no país. Essa trama acarretou em um novo parêntese na frágil democracia brasileira, culminando em vinte e quatro longos anos de uma ditadura militar, um dos capítulos mais tristes e sombrios da história política e social do Brasil, conforme salienta Toledo (2014).

Nunes (2008a), essa articulação aponta para a necessidade de se pensar sobre o modo como são realizadas as leituras dos dicionários e de considerar a “história das leituras” e a “história do sujeito-leitor”, conforme salienta Orlandi (1988) no livro *Discurso e Leitura*. Nessa perspectiva, a AD como um modo de leitura, sustentado por um dispositivo teórico e analítico que considera a historicidade dos sujeitos e dos sentidos, traz contribuições para os estudos da HIL (NUNES, 2008a).

Desse modo, é na articulação entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise do Discurso que este estudo pretende discutir a definição do verbete *golpe*, pois compreendemos que uma palavra tem memória e história cujos sentidos estabilizados no dicionário não obedecem ao acaso; pelo contrário, marcam as condições de produção e representam imaginariamente o saber sobre a língua. Conforme Nunes (2008a, p. 111),

[...] há então uma produtividade específica quando a AD se posiciona no entremeio com a HIL. Podemos dizer que esse modo de fazer história da ciência tem consequências para a leitura e mesmo para a produção de arquivos relativos às ciências da linguagem. Isso inclui tanto os trabalhos de análise dos textos de arquivo, dos gestos de leitura que deles se depreendem, quanto a proposição de novas formas de escrita do arquivo, sensíveis à historicidade dos sentidos, à pluralidade dos domínios das ciências da linguagem, à espacialidade e à temporalidade do conhecimento, às formas de autoria, aos funcionamentos institucionais, aos acontecimentos, enfim, a tudo aquilo que comprehende as condições de produção dos discursos.

Nessa perspectiva, a articulação entre a HIL e a AD mostra-se relevante visto que os estudos sobre os instrumentos linguísticos se distanciam da concepção de uma ciência positivista cujos objetos de investigação – como, por exemplo, os dicionários –, são analisados sob uma ótica homogênea e acabada; e passam a ser considerados como objetos discursivos atravessados pela relação com a sociedade e a história. Além disso, por entendermos que o dicionário é materialidade discursiva e ideológica – perspectiva teórica postulada pela AD² – não ignoramos o político, isto é, a resistência, os movimentos e as relações de força no processo de significação e estabilização de um verbete no dicionário.

Seguindo essa articulação, é possível compreender e ler o dicionário como discurso, analisando o funcionamento discursivo de um verbete – a organização dos enunciados fragmentados do dicionário em um discurso histórico, as formas discursivas – e observando os processos de significação – as repetições, os deslizamentos de sentidos, as definições (NUNES, 1996). Assim, dicionarizar um verbete é uma ação com confrontos e movimentos que afetam o político, o ideológico e a historicidade dos sentidos do verbete dicionarizado e, consequentemente, a língua.

Para Nunes (1996), o dicionário é um espaço de memória atravessado por alianças ou confrontos na história das práticas lexicais que no decorrer do tempo é esquecido, transformado e atualizado. Ao imbricar os relatos dos dicionários com a memória, faz-se necessária a relação entre o interdiscurso (o já-dito) com o intradiscursivo (o que se está dizendo) (ORLANDI, 2001), pois essa relação salienta “[...] o conjunto dos fenômenos de ‘co-referência’ que garantem aquilo que se pode chamar o ‘fio do discurso’, enquanto discurso de um sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p. 166). Assim, compreendemos que o dicionário se configura como muito mais do que uma obra com regras estáticas de definições e sentidos da língua, e constitui-se como um objeto discursivo.

Por conseguinte, o dicionário causa efeitos na produção de saber linguístico, bem como é atravessado por saberes sobre a língua, os quais marcam momentos importantes da história, desestabilizando e estabilizando sentidos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO E ANALÍTICO DO ESTUDO

A metodologia utilizada é baseada na abordagem qualitativa. Como já afirmamos, está fundamentada sob o arcabouço teórico-metodológico da História das Ideias Linguísticas no Brasil e articulada com a Análise de Discurso.

² Trataremos adiante o modo como a HIL comprehende e trabalha o dicionário.

Nessa articulação teórica, encontram-se estudos desenvolvidos por Eni Orlandi (1990, 2002, 2004) – para compreender a emergência de um saber metalinguístico, por exemplo – e por José Horta Nunes (2002, 2006, 2008b) – para compreender a importância dos instrumentos linguísticos, como gramáticas e dicionários, na sua relação constitutiva com a sociedade e a história. Vale salientar que neste trabalho estamos analisando os dicionários.

A constituição do recorte discursivo para análise é um aspecto muito importante, uma vez que não se dá de modo estanque, linear nem completo; dá-se a partir de alternâncias de momentos entre a superfície linguística e os processos discursivos, isto é, em movimentos analíticos contínuos a partir dos questionamentos e inquietações que são feitos sobre os fatos discursivos (NUNES, 1992). Desse modo, o procedimento de análise buscou encontrar os processos de significação do verbete *golpe* dentro de um recorte da história lexicográfica do Brasil.

O trabalho está organizado a partir da coleta de sete dicionários dos séculos XVIII, XIX e XX. A seleção dos dicionários, descritos abaixo, justifica-se como procedimento teórico-metodológico relevante para a realização desse estudo, uma vez que tais dicionários marcam momentos significativos para a elaboração de uma história da lexicografia brasileira, a partir de uma perspectiva discursiva (NUNES, 1996). Vejamos:

- (1) o dicionário de Raphael Bluteau, o *Vocabulario Portuguez e Latino*, de 1712-1728, é um dicionário bilíngue (Português-Latim), no entanto, é o primeiro dicionário de Língua Portuguesa que apresenta as definições em português (NUNES, 1996).
- (2) o *Dicionário da Língua Portuguesa*, datado em 1789, foi elaborado por Antonio de Moraes Silva, a partir do *Dicionário Latino-lusitano* de Bluteau. Tal dicionário introduz discursivamente a tradição europeia no Brasil, apresentando as definições em português, e inaugura um novo viés para a lexicografia brasileira (NUNES, 1996). Conforme Nunes (1996), Moraes Silva obteve muitas edições de dicionários por todo o século XIX e também algumas edições no século XX. Para este estudo, além do primeiro dicionário de 1789, vamos observar um do século XIX, o dicionário intitulado de *Dicionário da Língua Portuguesa*, de 1813, e o do século XX, o dicionário intitulado de *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de 1945. Vale salientar que esse último dicionário é de autoria de Moraes Silva, mas tem a colaboração de Augusto Moreno, Cardoso Junior e José Pedro Machado;
- (3) o dicionário *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* de Laudelino Freire, do século XX – de 1939-1944 – conforme Nunes (2008, p. 360), “[...] é um dos um dos primeiros dicionários gerais brasileiros. Nele a distância entre uma elite letrada, os “homens de letras”, e as camadas populares, é fortemente explicitada”;
- (4) o dicionário de Adalberto Prado e Silva, *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado*, de 1962, e o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de 1975, são dois dos mais representativos dicionários gerais brasileiros desse último momento (NUNES, 2008).

É sob esse recorte que este trabalho discute o funcionamento discursivo do verbete *golpe*, considerando os aspectos linguísticos e históricos, bem como apresenta os processos de significação desse verbete em alguns dicionários dos séculos XVIII, XIX e XX.

4 DICIONÁRIOS COMO OBJETOS DISCURSIVOS

Ao falar do imaginário do verbete *golpe* nos dicionários no século XVIII XIX e XX, levamos em conta a passagem da lexicografia portuguesa à lexicografia brasileira. De acordo com Nunes (1996, p. 20), “[...] a lexicografia brasileira aparece com o movimento de expansão das nações europeias, a partir da exploração e colonização do Novo Mundo”. Desse modo, o saber linguístico brasileiro apresenta uma forte filiação ao saber linguístico europeu, explicitando entrecruzamentos, repetições, continuidades e deslizamentos de sentidos. Essa produção de saberes relaciona-se com o processo que Auroux (2009) chama de gramatização das línguas.

Conforme Auroux (2009, p. 65), “Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever e instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Nessa

perspectiva, o dicionário configura-se como uma tecnologia de gramatização da língua no qual são criadas condições instrumentais para a língua. Isso significa dizer que a língua não é um instrumento, a língua ganha um instrumento que oferece o pensar sobre a língua, para observar as definições estabilizadas e compreendê-las levando-se em conta o modo como as definições produzem sentidos em certas conjunturas, relacionadas à história e às condições de produção.

Nunes (2008b, p. 356) afirma que “[...] para o estudo das condições de produção dos dicionários tem sido muito produtivo o conceito de hiperlíngua, de Sylvain Auroux”. Auroux (1997, p. 19) assevera que,

[...] a hiperlíngua designa um espaço/tempo estruturado pelos seguintes elementos: (i) diferentes indivíduos têm entre si relações de comunicação; (ii) tais relações se efetuam sobre a base de competências linguísticas, isto é, de aptidões atestadas por sua realização; (iii) as competências linguísticas individuais não são as mesmas; (iv) os indivíduos podem ter acesso (direto ou indireto) a instrumentos linguísticos, com os quais têm uma relação imaginária; (v) esses indivíduos mantêm atividades sociais; (vi) as relações de comunicação têm lugar em ambientes determinados.

Sobre o conceito de hiperlíngua, Nunes (2008b, p. 356) acrescenta que “[...] diz respeito não à língua de forma abstrata, mas sim, ao espaço-tempo onde se encontram os sujeitos falantes e onde se inserem também os instrumentos lingüísticos, que transformam as relações que esses falantes entretêm com a língua”. Desse modo, a hiperlíngua relaciona os dicionários à ideia de língua imaginária, o que permite, em um período de tempo, uma certa estabilidade nos sentidos dos verbetes dos dicionários.

A noção de língua imaginária surge em contraponto à ideia de língua fluída. Orlandi (1990, p. 75) postula que “[...] língua fluída – língua-movimento, mudança contínua – pode ser observada quando se focaliza a história dos processos discursivos que constituem as formas de sentido da linguagem no seu contexto”; já a língua imaginária é aquela que os analistas fixam com suas sistematizações, fundados nos estudos linguísticos gramaticais e não-contextualizados. Nessa perspectiva, outra noção muito importante para esta discussão e para os dicionários como objetos discursivos é a noção de imaginário. Orlandi (1994) salienta a importância e a especificidade do imaginário na AD, a autora afirma que

[...] não existe relação direta entre a linguagem e o mundo. A relação não é direta mas funciona como se fosse, por causa do imaginário. Ou, como diz Sercovich (1977), a dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade. Daí seu efeito de evidência, sua ilusão referencial. Por outro lado, a transformação do signo em imagem resulta justamente da perda do seu significado, do seu apagamento enquanto unidade cultural ou histórica, o que produz sua “transparência”. Dito de outra forma, se se tira a história, a palavra vira imagem pura. Essa relação com a história mostra a eficácia do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas (ORLANDI, 1994, p.57).

Assim, o dicionário encontra-se mais próximo da noção de língua imaginária e da relação da linguagem com a história uma vez que é fixada na história e apresenta nomenclaturas e definições produzidas por e para sujeitos em certas circunstâncias (ORLANDI, 1994; NUNES, 2008b). Vale salientar que embora o aparecimento dos dicionários contribua para a ideia de homogeneidade das línguas nacionais, ele não deixa ilegas as práticas linguísticas humanas, nem procura compreendê-las em sua transparência, mas na relação com os discursos que as constituem (NUNES, 2008b, 2008a; AUROUX, 2009). O modo como o dicionário estabiliza os sentidos afeta as práticas discursivas e produz efeitos tanto sobre a produção do conhecimento como sobre a maneira de compreender o mundo. Portanto, os dicionários apresentam um acontecimento discursivo situado na história que exibe alguns sentidos e que, no entanto, silencia vários outros.

Com respeito à leitura discursiva do dicionário, Auroux (2009) afirma que os dicionários são instrumentos linguísticos que materializam o saber metalinguístico, uma vez são vistos como um objeto discursivo que historiciza um dizer que remete aos conceitos discursivos – articulados pela HIL e AD – e introduz marcas ideológicas e de tensões políticas linguísticas.

Portanto, os movimentos de atribuir uma significação, de deslizamentos e acréscimos/apagamentos de sentidos marcam os processos de significação de um verbete, ajudam a “[...] ver o dicionário como parte da relação com a sociedade e a história” (NUNES,

2008b, p.110). Como assevera Orlandi (2001, p. 8), “[...] transforma esses instrumentos em objetos vivos, partes de um processo em que os sujeitos se constituem em suas relações e tomam parte na construção histórica das formações sociais com suas instituições, e sua ordem cotidiana”.

Do ponto de vista da constituição do dicionário há marcações léxico-sintáticas que permitem relacionar o dicionário com o discurso da gramática, salienta Nunes (1996). Vejamos, no Quadro 1, essa marcação no verbete golpe:

Quadro 1: Marcações léxico-sintáticas

Século XVIII	Vocabulario portuguez e latino Raphael Bluteau (1712-1728)	GOLPE.	Dicionário da Língua Portuguesa Antonio de Moraes Silva (1789)	GOLPE, s.m.				
Século XIX	Dicionário da Língua Portuguesa Antonio de Moraes Silva (1813)				GOLPE, s.m.			
Século XX	Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Laudelino Freire (1939 -1944)	Grande Dicionário da Língua Portuguesa Antonio de Moraes Silva (1945)	Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado Adalberto Prado e Silva (1962)	Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975)				
	GOLPE, s.m. B. lat. <i>colpus</i> .	GOLPE. s.m. (do b. lat. <i>colpu-</i>).	Golpe, s.m. (gr. <i>Kolaphos</i> , pelo l. v.).	Golpe. [Do gr. <i>Kólaphos</i> , ‘bofetada’, pelo lat. <i>colophu</i> .] S.m.				

Fonte: Produzido pela autora

Pelo que podemos evidenciar, no século XVIII – no dicionário de Raphael Bluteau (1712-1728) – não aparece nenhuma marcação léxico-sintática; já no dicionário de Moraes Silva (1789) – que, por sua vez, é o primeiro monolíngue e se baseia no dicionário de Bluteau – aparece a indicação da categoria gramatical e de gênero (*s.m.* substantivo masculino), enfatizando que o verbete *golpe* é um substantivo masculino. No século XIX, o dicionário de Moraes Silva (1813) permanece com a mesma marcação da categoria gramatical e de gênero (*s.m.*) do verbete *golpe*.

No século XX, além da indicação da categoria gramatical (*s.m.*), há outros acréscimos, como as marcações sobre a etimologia do verbete *golpe*. O *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire (1939 -1944), apresenta a indicação léxico-sintática (*s.m.*), situa o verbete no Brasil, com a letra *B*, e enfatiza a origem do verbete em latim, com *lat. colpus*.

No *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva (1945), há as mesmas marcações do dicionário de Laudelino Freire (1939 -1944), com a diferença que a marcação etimológica do latim é *colpu-*. No *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado*, de Adalberto Prado e Silva (1962), o verbete *golpe* é apresentado com a categoria gramatical *s.m.*, a marcação da origem grega *gr. Kolaphos, pelo l. v.*. No *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975), há a indicação da origem grega e o sentido em português *gr. Kólaphos, ‘bofetada’*, e a origem do latim³ *colophu*, além da categoria gramatical (*s.m.*).

³ Vale ressaltar que a escrita do verbete *golpe* na origem do latim apresenta as duas grafias: *Colophu* e *colpus*, sendo *colpus* filiada ao latim vulgar.

Desse modo, vemos que há repetições, exceto no dicionário de Bluteau, quanto à mesma filiação da categoria gramatical, substantivo masculino (*s.m.*), bem como é introduzida a origem etimológica, do latim e do grego, no verbete *golpe* nos dicionários do século XX. Assim, a relação do dicionário com o discurso da gramática é evidenciada, pois as indicações léxico-sintáticas enfatizam essa relação, instauram “[...] um modo de enunciar que se está no interior de um dicionário de língua e tudo o que vem nos verbetes se relaciona com a significação na língua portuguesa”, conforme salienta Nunes (1996, p. 193).

Por conseguinte, ainda é preciso dizer que a marcação da categoria gramatical, nos dicionários analisados, funciona como uma espécie de instrumento para ensinar e indicar os padrões normativos da língua, produzindo um efeito imaginário de conhecimento linguístico sobre a língua, atravessado por discursos que evocam a historicidade e os aspectos constitutivos dos sentidos.

5 ANALISANDO OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DO VERBETE GOLPE

Como já afirmamos, nossas análises do verbete *golpe* afastam-se da perspectiva positivista e conteudista, em que o dicionário é visto sob uma ótica de complementariedade na instrumentação e descrição da língua. Destoando dessa perspectiva normativa, assumimos o dicionário como um objeto discursivo marcado pelo político, pelo ideológico e, também, atravessado por vários discursos que evocam uma história e memória (NUNES, 1996, 2008a; ORLANDI, 2001).

No dicionário, encontramos os sentidos estabilizados que remetem às condições de produção e à memória, isto é, a significação de um verbete sinaliza uma dimensão histórica (SILVA, 1996). Assim, o dicionário é capaz de apresentar enunciados definidores que estabilizam e evocam o imaginário do verbete golpe. Vejamos algumas definições⁴ na Figura 1:

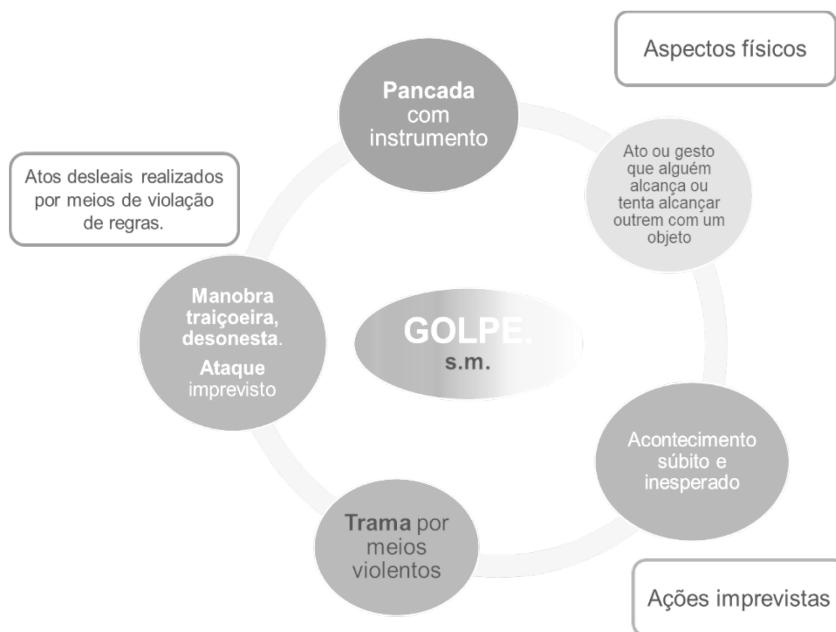


Figura 1: Imaginário do verbete *Golpe* nos dicionários XVIII, XIX e XX.

Fonte: Elaboração nossa a partir dos dicionários analisados

⁴ Vale salientar, porém, que essas definições foram as que mais se destacaram diante diversos enunciados, visto que fomos estabelecendo interpretações, (re)agrupando enunciados e construindo relações parafrácticas no decorrer do recorte discursivo do verbete *golpe* nos dicionários. Desse modo, o verbete *golpe* foi estabilizando esses sentidos, apresentados na figura, que permeiam as produções lexicográficas do século XVIII, XIX e XX e remetem a sentidos que conseguimos relacionar com a história do saber linguístico.

A partir da Figura 1, vemos que o dicionário, enquanto tecnologia de gramatização, indica a categoria grammatical (*s.m.*), definições que apresentam repetições, deslocamentos de sentido e traz uma caminhada histórica no processo de significação do verbete golpe. Por isso tal verbete está sempre em **movimento** e atravessado ideologicamente.

Notemos que no imaginário do verbete *golpe* os sentidos estabilizados, de modo geral, são:

- | | | |
|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ Pancada com instrumento ➤ Ato ou gesto que alguém alcança ou tenta alcançar outrem com um objeto | | <p><i>Golpe</i> relaciona-se com os aspectos físicos/ao corpo</p> |
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ Acontecimento súbito e inesperado | | <p><i>Golpe</i> relaciona-se a ações imprevistas</p> |
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ Trama por meios violentos ➤ Manobra traiçoeira, desonesta. ➤ Ataque imprevisto | | <p><i>Golpe</i> relaciona-se a atos desleais realizados por meios de violação de regras</p> |

O verbete *golpe*, no processo de significação, atravessa diversos tipos de discursos, que marcam e transformam os sentidos estabilizados de um conhecimento linguístico e, reciprocamente, marcam e transformam a memória e a história. Desse modo, faz-se necessário convocar a afirmação de Nunes (1996, p. 29),

[...] o discurso lexicográfico, seja qual forem os domínios de uso das palavras, é "instituído" e "informado" pelo discurso social e histórico, o que conduz a dois pontos essenciais: o problema da circularidade e o da heterogeneidade das definições. Está em jogo aí a questão da recepção, do reconhecimento do discurso pelo leitor diante da polifonia discursiva e também o problema das incoerências das definições lexicográficas, marcado pela articulação dos discursos, pela invasão de um discurso por um outro. Enfim, pela historicidade constitutiva dos sentidos.

Nessa perspectiva, vamos observar, no Quadro 2, a definição do verbete golpe no século XVIII nos dicionários *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau (1712-1728), e no *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1789). Nunes (1996) afirma que a relação entre esses dois dicionários é interessante pois os enunciados e a reformulações dos discursos salientam uma variação, a partir da rede de substituições, de paráfrases e de sinônimas.

Quadro 2: Verbete *golpe* século XVIII

SÉCULO XVIII

Vocabulario portuguez e latino de Raphael Bluteau (1712-1728)

Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva (1789)

GOLPE. Pancada. *IEtus, us. Mafc. Clc. Plaga, & Fem. Virgil. Vid. Pancada.* Algumas vezes se usa de percussus, us. Malsc. & de Percussio, onis. Fem.

Desta opinião nascem os diferentes modos de se mostrar anojado, como são os golpes, que se dão nos peitos, nas pernas, na cabeça, &c. Ex *bac opinione front illa varia genera lugendi, peEtoris, faminu, capitus percussions*. O que tem tido hum golpe na cabeça. *IEtus caput.* Cefar. Em lugar de *secundu capu, ou capite.* Golpe do tambor, quando se bate. *Tympani pulsatio, onis.* Fem. Tito Livio diz *Pulfatio Fcutorum.* A acção de dar golpes nos escudos. Os misterios dolorosos nos Golpes do tympano. Vierira, Tom. 5.198. Deu três golpes à porta. *Ostium ter pulsavit.* Golpe. Copia. Quantidade. Hum bom golpe de dinheiro. *Inges pecúnia, & Fem.* Cic. Hum golpe de vinho. *Parum vini,* Façafe a massa com huma oitava de farinha & hum Golpe de vinho. Arte da cozinha, pag. 24. Sahio de dentro do templo hum Golpe de agoa, tão copioso. Mon. Lusitan. Tom. 2. i. col. 2.

Hum grande Golpe de cavalaria. Guerra do Alemrejo. 17. *Valida manus equitum.* Ex Tacito, Cesare. Golpe. Infurtunio. Desgraça. *Vid.* Nos seus lugares. Senti este golpe. *Hoc percussus sum. Id.* Golpe. Ferida. *Vid.* No seu lugar. De golpe. Juntamente. Na mesma hora. No mesmo tempo. Todas estas mesmas cousas me vicraõ de golpe. *Hac omnia simul, ou uns, ou pariter, ou eodem tempore mihi obtigerwit.* Para me oprimir as desgraças me vem de hum golpe. *Mihi ad malum malā res plurima fe agglutinant.* Plaut. O adagio Portuguez diz, Quem deita agoa na garrafa de golpe, mais derrama do que colhe. De golpe. Subitamente. *Repente. Subito.* Os, que fobem de Golpe a grandes lugares. Marinho, Apologet. Discurlos, 140. Golpes no vestido. São huns cortes ao comprido com ordem, & proporção. *Oblonga, ordinata in veste inicisura, arum.* Fem. *Plur.*

GOLPE, s.m. *pancada*, ou ferida de corpo impelido, ou atirado. § **Copia, quantidade** v. g., hum bom golpe de pedraria, *Amaral 7;*, hum bom golpe de dinheiro, de vinho, de água. *M. Conq.* § -- de cavalaria, ou infantaria de gente. B. i. § Ajuntou hum golpe dos seus,, *Castan.* 3. f. 218. § f. *Infortunio, desgraça* v. g. por morte. § Talho, que se fazia por ornato nos **vestidos** antigos, tinhão por baixo vivos, ou estofo de còr diversa do d peça. § **De golpe**, adv. A hum tempo; de repente v. do Arceb. i. 5. De hum golpe, de *huma vez* v. g., por de hum golpe gente no muro inimigo assalto,, *Castan.* L. 3. F. 214 § Golpe de mestre, rasgo, lance, acção de homem, que sabe bem daquilo a que se refere o golpe.

Fonte: Vocabulario Portuguez e Latino, de Raphael Bluteau (1712-1728)

Em relação ao dicionário de Bluteau (1712-1728), a definição de golpe apresenta muitos termos e expressões linguísticas em latim, pois esse dicionário é bilíngue (Português-Latim). A definição também é mais extensa, se comparada à definição de Moraes Silva (1789). Notemos que, além da definição, há trechos para exemplificar o que foi explicitado, como por exemplo:

De golpe. Juntamente. Na mesma hora. No mesmo tempo. [...] ← Definição

Para me oprimir as desgraças me vem de hum golpe. ← Exemplo

Desse modo, o dicionário de Bluteau apresenta possibilidades de sentidos e de situações de uso do verbete *golpe*.

No que se refere ao dicionário de Moraes Silva, a definição de *golpe* é mais compacta, visto que ele não exibe as expressões em latim nem exemplos de uso do verbete. Todavia, há algumas repetições de algumas definições, a saber: “§ *Pancada*. § *Copia, quantidade*. § *Infortunio, desgraça*” (e outras que estão sublinhadas acima).

Vale ressaltar que, embora as definições se repitam, elas acarretam deslizamentos de sentido, pois há movimentos parafrásticos e polissêmicos.

GOLPE. Pancada. *I Etus, us. Mafc. Clc. Plaga, & Fem. Virgil. Vid. Pancada.* Algumas vezes se usa de percussus, us. Malsc. & de Percussio, onis. Fem. Desta opinião nascem os diferentes modos de se mostrar anojado, como são os golpes, que se dão nos peitos, nas pernas, na cabeça. (BLUTEAU, 1712-1728)

GOLPE, s.m. pancada, ou ferida de corpo impelido, ou atirado. (MORAES SILVA, 1789)

Isso significa dizer que enquanto no dicionário de Moraes Silva algumas definições repetem-se, como por exemplo: “GOLPE, pancada”; parafraseando e retomando os espaços do dizer de Bluteau, o autor (re)formula esses dizeres e apresenta deslizamentos e acréscimos/apagamentos de sentidos. Orlandi (2001, p. 36) explica que, ao fazer uma paráfrase, provocamos deslizamentos de sentido, pois a simples repetição e a (re)formulação do mesmo dizer apresenta deslocamentos de sentidos que apontam para o âmbito da polissemia. Nessa perspectiva, a definição do verbete é construída no movimento entre a paráfrase e a polissemia, uma vez que essas noções estão inter-relacionadas e atuam nos processos de significação.

A partir do século XIX, a lexicografia brasileira apresenta um movimento importante na elaboração de dicionários. É preciso lembrar que houve acréscimos dos “vocabulários de brasileirismos” nos monolingues português e, ao mesmo tempo, acontece a gramatização das línguas indígenas e do português do Brasil, conforme assevera Nunes (1996). Assim, o dicionário de Moraes Silva, publicado em 1813, evoca sentidos e memórias produzidas em determinadas condições de produção. Vejamos, abaixo, a definição de golpe no dicionário do século XIX, no Quadro 3.

Quadro 3: Verbete *golpe* século XIX

SÉCULO XIX
Dicionário da Língua Portuguesa de Antonio de Moraes Silva (1813)
<p>GOLPE, s.m. Pancada, ou ferida de corpo impelido, ou atirado. §. Copia, quantidade: v. g. um bom golpe de pedraria. Amaral, 7. hum bom golpe de dinheiro, de vinho, de agua. M. Conq. § - de cavalaria, ou infantaria, de gente. B. i. Ajuntou hum golpe dos seus. Castan. 3. f. 218. Vir de golpe; muitos, e de sobresalto. <i>Ined.</i> 2. 307. §. “Os batéis tornavão por outro golpe de gente” B. i. 8. 5. §. De golpe: de repente, rapidamente. “os dias minguão de golpe”. B. 3. 5. Infortunio, desgraça: v. g. por morte. § Talho, que se fazia por ornato nos vestidos antigos; tinhão por baixo vivos, ou estofo de còr diversa do da peça. §. De golpe, adv. a um tempo, de repente. V. <i>do Arceb.</i> i. 5. De um golpe; de huma vez: v. g. pôr de hum golpe gente no muro inimigo assaltado. <i>Castan</i> L. 3. f. 214. §. <i>Golpe de mestre</i>: rasgo, lance, acção de homem, que sabe bem daquilo a que se refere o golpe.</p>

Fonte: Elaboração nossa a partir dos dicionários

No dicionário de Moraes Silva (1813), vemos que há reformas e acréscimos na definição do verbete *golpe*, em comparação ao publicado em 1789. O autor acrescenta:

Vir de golpe; muitos, e de sobresalto. *Ined.* 2. 307. §. “Os batéis tornavão por outro golpe de gente” B. i. 8. 5.
§. De golpe: de repente, rapidamente. “os dias minguão de golpe”.

Notemos que houve uma ampliação de sentido na definição de golpe, ao colocar: “Vir de golpe; muitos, e de sobresalto. §. De golpe: de repente, rapidamente”, acrescentando a ideia de ações imprevistas e, ainda, exibe exemplos apresentando explicitações de uso sobre o sentido, a saber: “Os batéis tornavão por outro golpe de gente” B. i. 8. e §. “os dias minguão de golpe”.

Desse modo, compreendemos que o processo de significação é marcado por movimentos de acréscimos, deslizes de sentidos, exemplificações de situações de uso e, também, por estabilizações que constroem o imaginário do verbete *golpe*.

Vejamos, abaixo, as definições⁵ de golpe nos dicionários do século XX, no Quadro 4.

Quadro 4: Verbete *golpe* século XX

SÉCULO XX

Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Laudelino Freire 1939 -1944	Grande Dicionário da Língua Portuguesa Antonio de Moraes Silva 1945	Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado Adalberto Prado e Silva 1962	Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira 1975
<p>GOLPE, s.m. B. lat. <i>colpus</i>. Pancada com instrumento cortante ou contundente. 2. Ferimento, fenda, ferida ou brecha feita com instrumento cortante ou contundente. 3. Acontecimento funesto inesperado; infortúnio, desgraça. 4. Crise 7. Disposição decisiva que se toma em qualquer negócio.</p> <p>GOLPE DE ESTADO, s.m. Ato violento a que um governo recorre para sustentar o poder ou evitar alguma tentativa contra o estado. 2. Trama pela qual um ou mais indivíduos por meios violentos derribam o governo estabelecido para construir um novo.</p> <p>GOLPE DE LANÇA. GOLPE DE MÃO. GOLPE DE MAR. GOLPE DE MESTRE. GOLPE DE MORTE. GOLPE DE PRÊTO. GOLPE DE SANGUE. GOLPE DE VISTA</p>	<p>GOLPE s.m. (do b. lat. <i>colpu-</i>). Pancada com objeto desfechado ou caído: <um golpe de espada>; Fig. Sucesso infeliz, dor moral, infortúnio, lances, crimes, revés: <a morte do pai foi um golpe terrível>; Fig. Ataque criminoso e cruel; ironia, sarcasmo, insulto: <Sabereis entender onde se há de dar o golpe, ter de vossa mão sapateiro de arte, buscar propósitos para pregoardes que andais custoso...>, Jorge Ferreira Vasconcelos, <i>Eufrosina</i> I, 1. <i>De golpe</i>, de repente, subitamente. Obs. É preciso cuidado com o emprego desta palavra, que dá origem a muitos galicismos. Assim: evita-se <i>golpe de vento</i>, dizendo rajada ou lufada; <i>golpe de Sol</i>, dizendo raçada (de Sol) ou insolâo; <i>golpe de mestre</i>, dizendo <i>lanço de mão de mestre</i>; <i>golpe de teatro</i> dizendo <i>lance ou relancear de olhos</i>, <i>relance</i>, <i>vista de olhos</i>; etc.</p>	<p>Golpe, s.m. (gr. <i>Kolaphos</i>, pelo l. v.). 1. Ferimento ou pancada com instrumento cortante ou contundente. 2. Corte, incisão. 3. Desgraça, infortúnio. 4. Ímpeto, chôfre. 5. Crise. 10. <i>Gir.</i> Manobra traíçoeira.</p> <p><i>G. de estado</i>, Dir.: medida extraordinária pela qual o chefe do governo de um país altera ou tenta alterar, violentamente, as suas instituições políticas, para tornar-se ditador, quase sempre com o apoio das forças armadas. <i>G. de mão</i>, Gal.: tentativa ousada e rapidamente executada; expedição, ataque imprevisto. Fig. Ataque criminoso e cruel; ironia, sarcasmo, insulto: <Sabereis entender onde se há de dar o golpe, ter de vossa mão sapateiro de arte, buscar propósitos para pregoardes que andais custoso...>, Jorge Ferreira Vasconcelos, <i>Eufrosina</i> I, 1.</p>	<p>Golpe. [Do gr. <i>Kólaphos</i>, ‘bofetada’, pelo lat. <i>colophu.</i>] S.m. 1. Movimento pelo qual um corpo se choca se com outro; pancada: <i>Deu violentos golpes na mesa</i>. 4. Ato ou gesto pelo qual alguém alcança ou tenta alcançar outrem com um objeto, uma arma branca etc.: <i>Deu-lhe um golpe com o chicote</i>; <i>Levou um golpe de sabre</i>; <i>Recebeu um golpe mortal com o facão</i>. 5. Ação súbita e inesperada: <i>golpe de audácia</i>. 6. Acontecimento súbito e inesperado: <i>golpe de sorte</i>. 10. Ímpeto, impulsivo. Golpe de Estado. Subversão da ordem constitucional. De golpe. De repente; de súbito, de chôfre; repentinamente, subitamente: “ergueu-se de golpe, deu duas voltas e atirou-se à cama chorando...” (Machado de Assis, <i>Quincas Borba</i>, p. 73).</p>

Fonte: Elaboração nossa a partir dos dicionários

⁵ Estas definições de golpe nos dicionários do século XX foram elaborações nossas, a partir dos dicionários: (1) Grande Dicionário da Língua Portuguesa, de Antonio de Moraes Silva, de 1945; (2) Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire, de 1939-1944; (3) Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado, de Adalberto Prado e Silva, de 1962, e (4) Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira de 1975.

De modo geral, o que podemos observar é que a marcação léxico-sintática é a mesma (*s.m.*), porém apresenta variações no que diz respeito à origem etimológica: latim e grego.

Além disso, vemos exemplos de situações de uso aliados ao sentido apresentado:

GOLPE. Ataque criminoso e cruel; ironia, sarcasmo, insolto:

Definição

- < foram golpes cruéis os do sarcasmo de Camilo>; <Sabereis entender onde se há de dar o golpe, ter de vossa mão sapateiro de arte, buscar propósitos pera pregoardes que andais custoso...>, Jorge Ferreira Vasconcelos, Eufrosina I, 1, 16..
(MORAES SILVA, 1945).

Exemplo

GOLPE. Ato ou gesto pelo qual alguém alcança ou tenta alcançar outrem com um objeto, uma arma branca etc.:

Definição

- Deu-lhe um golpe com o chicote; Levou um golpe de sabre; Recebeu um golpe mortal com o facão.
(FERREIRA, 1975).

As exemplificações estão presentes apenas nos dicionários de Moraes Silva (1945), e no de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975). É necessário observar que, no dicionário de Moraes Silva (1945), os exemplos são retirados de obras literárias portuguesas, evocando uma filiação ainda de Portugal e há citações explícitas das referências: “Eufrosina, Jorge Ferreira Vasconcelos”; já no dicionário de Ferreira (1975), os exemplos parecem expor situações de uso que funcionam como representativas de uma linguagem praticada no Brasil, corroborando a afirmação de Nunes (2008).

No que se refere aos sentidos, vemos que são atos que remetem aos aspectos físicos, a saber: “Ato ou gesto pelo qual alguém alcança ou tenta alcançar outrem com um objeto”. Também relacionam-se à ações desleais, exemplo: “Ataque criminoso e cruel e Manobra traiçoeira”. Assim, na tensão dos complexos movimentos de deslizes, repetições, exemplificações e atualizações de sentido vai-se produzindo uma materialidade discursiva que atravessa ideologicamente os processos de significação do verbete *golpe*.

Ao mencionar a tensão dos complexos movimentos no processo de significação do verbete *golpe*, é importante destacar o dicionário de Laudelino Freire, intitulado de *O Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, que foi publicado em 1939-1944, pela editora A Noite. Esse dicionário acrescenta à definição de golpe um sentido que marca seu processo de significação, como também evoca historicamente uma memória do Brasil. Vejamos:

GOLPE DE ESTADO, s.m. Ato violento a que um governo recorre para sustentar o poder ou evitar alguma tentativa contra o estado. || 2. Trama pela qual um ou mais indivíduos por meios violentos derribam o governo estabelecido para construir um novo.

Esse acréscimo pode ser explicado devido ao período de sua publicação (1939-1944). Nesta época, o Brasil caracterizou-se pelo regime político denominado por Estado Novo (1937-1945), dirigido por Getúlio Vargas. Esse período ficou marcado pelo fato de que em 1937 estavam previstas eleições presidenciais, mas, em decorrência da denúncia de Vargas sobre a existência de um plano comunista (Plano Cohen), as eleições não aconteceram. Então, aproveitando-se da existência desse plano, da instabilidade política

que o Brasil passava e com o apoio dos militares, Vargas determinou o fechamento do Congresso Nacional e impôs uma nova constituição, realizando um **golpe de Estado** e instituindo o Estado Novo.

Desse modo, compreendemos que a introdução do sentido: *golpe* de Estado está ligado às condições de produção do dicionário e à memória histórica e política do Brasil nessa época. Assim, além de ampliar a definição de *golpe*, o dicionário de Laudelino Freire produz saberes que vão implicar nas redes de significação das memórias lexicográfica e histórica.

É relevante lembrar que a partir da introdução de *golpe de Estado* realizada por Laudelino Freire, os dicionários de Adalberto Prado e Silva (1962) e de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975) também incluíram ao verbete *golpe*, a definição de golpe de estado em seus dicionários. Contudo, com outras definições, vejamos:

G. de Estado, Dir.: medida extraordinária pela qual o chefe do governo de um país altera ou tenta alterar, violentamente, as suas instituições políticas, para tornar-se ditador, quase sempre com o apoio das forças armadas (PRADO E SILVA, 1962).

Golpe de Estado. Subversão da ordem constitucional (FERREIRA, 1975).

Desse modo, o verbete *golpe*, sobretudo do ponto de vista de uma lexicografia discursiva, estabiliza os sentidos que não devem ser esquecidos, no que se refere à materialidade discursiva, a saber: pancada com instrumento, a trama por meios violentos, a manobra traíçoeira, desonesta, a subversão da ordem constitucional do Estado, o ataque imprevisto – e remete às diferenças e contradições dos acontecimentos na sociedade.

É com essas significações, portanto, que vai se constituindo o imaginário do verbete *golpe*. Não de maneira direta nem linear com as coisas do mundo; pelo contrário, os sentidos surgem no movimento da história e na tensão entre o político e o ideológico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, compreendemos que o dicionário apresenta a ideia de uma língua imaginária que, por sua vez, remete às condições de produções e à memória. Além disso, vimos que esse imaginário, ao estabilizar sentidos do verbete *golpe*, não deixa a língua estável. Pelo contrário, deparamo-nos com uma língua imaginária atravessada por movimentos de resistência, de retomadas de acontecimentos políticos e históricos do Brasil e de contradições que evocam discursos outros que a constituem em sua materialidade.

O verbete *golpe*, no processo de significação, apresentou: (1) indicação da categoria gramatical (*s.m.*), exceto no de Bluteau (1712-1728), que não faz essa marcação; (2) exemplificações de situações de uso do verbete *golpe* nos dicionários: *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728), de Bluteau, *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1813), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1945), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975); (3) repetições de palavras e de situações de uso; (4) acréscimos e apagamentos de sentidos; (5) paráfrases, reformulando dizeres de outros dicionários; e (6) deslizamentos de sentidos.

É preciso ressaltar que a paráphrase, os apagamentos e os deslizamentos de sentido situam e marcam ideologicamente pontos de tensão e de movimento nos dicionários, uma vez que, na perspectiva teórico-analítica da AD e da HIL, as noções de paráphrase e polissemia estão articuladas. Desse modo, a definição do verbete *golpe* parece estar se repetindo e dizendo a mesma coisa, mas, ao analisarmos recorrendo aos confrontos e movimentos que afetam o político, o ideológico e a historicidade dos sentidos, vemos que a significação está em transformação, atravessada por discursos outros.

Faz-se necessário salientar também que a reflexão, ora apresentada, está longe de esgotar o tema proposto devido à complexidade e à multiplicidade de dicionários que envolvem o verbete golpe nos séculos XVIII, XIX e XX, por isso fizemos o recorte discursivo explicitado na metodologia.

Ressalte-se, ainda, o indicativo de que mais estudos devem ser realizados para discutir e analisar o imaginário do verbete golpe na história lexicográfica. Todavia, esperamos que nossas reflexões, ainda que em caráter preliminar, possam trazer explicitações dos processos de significação do verbete golpe nos dicionários analisados.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- _____. A hiperlíngua e a externalidade da referência. In: ORLANDI, E. (Org.). *Gestos de leitura. Da História no Discurso*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 245-255.
- BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez e latino*. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- FERREIRA, A. B de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FREIRE, L. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Noite, 1944.
- NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas: Pontes, 2006.
- _____. *Discurso e instrumentos linguísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários*. 1996. 269 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1996.
- _____. *A construção dos leitores nos discursos dos viajantes e missionários*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, Campinas, 1992.
- _____. Dicionarização no Brasil: condições e processos. In: PETTER, M. (Org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/Campinas: Pontes, 2002. p.99-119.
- _____. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107-124, 2008a.
- _____. Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngües no Brasil. In: LIMA, I. S; CARMO, L. do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008b. p. 353-374.
- ORLANDI, E. P. *Terra à vista – discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: Cortez, 1990.
- _____. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Revista Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, p. 52-59. jan./mar. 1994.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4.ed. Campinas: Pontes, 2004.
- _____. (Org.). *História das ideias linguísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001.

ORLANDI, E. P. *Língua e conhecimento linguístico*. São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

SILVA, A. P.e. *Novo dicionário brasileiro Melhoramentos ilustrado*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

SILVA, A. de M. *Diccionario da lingua portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

_____. *Diccionario da lingua portuguesa*. composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, Lisboa, 1789.

_____. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1945.

SILVA, M. V. da. O dicionário e o processo de identificação do sujeito analfabeto. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Org.). *Língua e cidadania: o Português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1996. 151-162.

TOLEDO, C. N. A democracia populista golpeada. In: TOLEDO, C. N. (Org.). *1964: visões críticas do golpe*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 39-57.

Recebido em 26/04/2017. Aceito em 11/07/2017.

POLÍTICAS DE TRADUÇÃO: UM TEMA DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS?

POLÍTICAS DE TRADUCCIÓN: ¿UN TEMA DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS?

TRANSLATION POLICIES: A THEME OF LINGUISTIC POLICIES?

Silvana Aguiar dos Santos*

Universidade Federal de Santa Catarina

Camila Francisco**

Universidade do Vale do Itajaí

RESUMO: Neste ensaio, parte-se do pressuposto de que a falta de articulação entre políticas de tradução e políticas linguísticas torna invisíveis algumas iniciativas realizadas em nosso país. A proposta é apresentar e dialogar de forma sucinta com diferentes elementos que atravessam os processos tradutórios e interpretativos e que constituem temas de interesse das políticas de tradução. Para essa reflexão, recuperam-se as contribuições de Baker (2006a, 2006b), Tymoczko (2007) e Panda (2013), as quais apresentam reflexões sobre a tradução e a interpretação, o papel que elas desempenham e as políticas adotadas por diversos governos. A partir deste debate, sugerimos um diálogo articulado entre políticas de tradução e políticas linguísticas. Consideramos que esta conexão pode ser um caminho para compreender que toda ação em torno da língua, seja ela econômica, social, cultural ou linguística, gera efeitos de cunho tradutório.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas de tradução. Políticas linguísticas. Tradução-interpretação.

RESUMEN: Este ensayo parte de la premisa de que la falta de articulación entre políticas de traducción y políticas lingüísticas que no dan visibilidad a algunas iniciativas realizadas en nuestro país. La propuesta es presentar y dialogar de forma sucinta con diferentes elementos que atraviesan los procesos de traducción e interpretativos y que constituyen temas de interés de las políticas de traducción. Para esta reflexión, se recuperan las contribuciones de Baker (2006a, 2006b), Tymoczko (2007) y Panda (2013), las cuales presentan reflexiones acerca de la traducción y la interpretación, el papel que desempeñan y las políticas adoptadas por diversos gobiernos. A partir de este debate, sugerimos un diálogo articulado entre políticas de traducción y políticas lingüísticas. Consideramos que esta conexión puede ser un camino para comprender que toda acción que involucra la lengua, sea económica, social, cultural o lingüística, genera efectos en la traducción.

PALABRAS CLAVE: Políticas de traducción. Políticas lingüísticas. Traducción-interpretación.

ABSTRACT: In this essay, it is assumed the lack of articulation between translation policies and linguistic policies makes some initiatives conducted in our country invisible. The purpose of this essay is to present and briefly dialogue with different elements that traverse translation and interpretative processes and which constitute topics of interest for translation policies. For this

* Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará e Professora no Departamento de Língua de Sinais Brasileira – DLSB da Universidade Federal de Santa Catarina. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads. Membro do Grupo de Pesquisa Políticas Linguísticas Críticas. E-mail: s.santos@ufsc.br.

** Bacharel em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização (em andamento) pelo Instituto Federal Catarinense - IFC na linha Processos Educativos e Inclusão. Tradutora e Intérprete de Libras-Português da Universidade do Vale do Itajaí - Univali. E-mail: camilallufsc@gmail.com.

reflection, the contributions of Baker (2006a, 2006b), Tymoczko (2007) and Panda (2013) are presented, with discussions on translation and interpretation, their roles and the policies adopted by different governments. From this debate, an articulated dialogue between translation policies and language policies is suggested. We consider this connection can be a pathway to understand that any action around the language, whether economic, social, cultural or linguistic, generates translation effects

KEYWORDS: Translation policies. Linguistic policies. Translation-interpretation.

1 INTRODUÇÃO

Neste ensaio, realizamos uma reflexão pautada na conexão entre o campo das políticas de tradução e das políticas linguísticas¹. No âmbito internacional, o campo das políticas de tradução emerge com frequência nos discursos e nas produções acadêmicas aliado ao campo dos Estudos da Tradução. Na Universidade do Cairo, por exemplo, há um programa de mestrado sobre políticas de tradução cuja visão fundamenta-se em estabelecer uma perspectiva cultural a partir das realidades das universidades egípcias. Ou seja, o programa compromete-se a discutir e colocar em cena as demandas dos tradutores e do público envolvido diretamente com a tradução naquele país.

Um exemplo disso é o enfoque dado às editoras, pois elas lidam diretamente com os projetos de tradução lançados no mercado, o que pode impactar na circulação de determinadas obras em detrimento de outras. Essas escolhas das editoras sobre o quê, como e em que lugar as traduções irão circular não são isentas de influências sociais, econômicas, políticas e culturais. Quando um programa de pós-graduação se propõe a ampliar as pesquisas e os debates sobre tradução, considerando o processo de traduzir e o produto final, isto é, a tradução propriamente dita para além do âmbito acadêmico, as mudanças podem ser várias.

Uma delas refere-se à forma de conceber o ato tradutorio como uma “atividade consciente” do papel que o tradutor desempenha em um determinado projeto de tradução. Ou seja, é importante que esse profissional não encare a operação textual ou interpretativa (nos casos de interpretação simultânea ou consecutiva) por si só, mas considere que esses materiais e comunidades envolvidas carregam consigo aspectos culturais e políticos cruciais para uma nação. Desta forma, o ato de traduzir ou interpretar está diretamente articulado com questões sociais, econômicas, culturais, entre outras.

A relação de aspectos culturais e traduções, por exemplo, tem sido investigada com maior intensidade no âmbito acadêmico a partir de diferentes perspectivas. Uma dessas perspectivas é a da diversidade cultural e de sua celebração por meio das traduções, meio que permite atravessar rios e oceanos para promover línguas, culturas e povos. Outro ponto de vista sobre tradução e aspectos culturais coloca em jogo a noção de diferença, de singularidade para cada prática a ser traduzida, questão central para Bhabha (2005, p. 230):

Na irrequieta pulsão de tradução cultural, lugares híbridos de sentido abrem uma clivagem na linguagem da cultura que sugere que a semelhança do símbolo, ao atravessar os locais culturais, não deve obscurecer o fato de que a repetição do signo é, em cada prática social e específica, ao mesmo tempo diferente e diferencial. [...] a “estrangeiridade” da língua é o núcleo do intraduzível que vai além da transferência do conteúdo entre textos ou práticas culturais.

Assim como afirma o autor, cabe ao tradutor (acrescentamos também ao intérprete) perceber-se nesse movimento de fluidez, de constante movimento, de deslocamento, de ocupar o *entre-lugar* tão presente nas fronteiras culturais. Ou seja, espera-se do profissional, nos casos da tradução cultural, um grau de intervenção bastante acentuado, inclusive ciente de que suas escolhas lexicais, terminológicas e culturais podem afetar os processos de visibilização ou de apagamento de certos povos. As expectativas, o grau de intervenção e a liberdade de que os tradutores podem desfrutar, especialmente em textos literários, nem sempre são concedidos a outros tipos de textos. Por exemplo, ao considerar textos jurídicos, o grau de intervenção criativo, as estratégias empregadas e as escolhas adotadas pelo tradutor seguem a rigidez dos sistemas legais.

¹ Agradecemos as contribuições das professoras Cristine Görski Severo e Aline Nunes de Sousa pelos comentários críticos, discussões e trocas de ideias que auxiliaram na construção deste material, assim como, as traduções realizadas do inglês-português por Elisângela Liberati e as traduções do espanhol por Noemi Teles de Melo.

O fato de existir essa austeridade exacerbada com os textos que pertencem ao contexto jurídico, e que por consequência afetam o processo de tradução, não quer dizer que em alguns setores do Judiciário, e até mesmo em âmbito policial, não tenham emergido situações que levaram a discussões e debates sobre as questões culturais. Um exemplo disso pode ser observado na crise migratória em diversas partes do mundo, especialmente na Europa. É difícil pensar que um intérprete, quando solicitado a prestar seus serviços no tribunal ao se deparar com imigrantes de culturas muito distantes, não enfrente tensões socioculturais e linguísticas que podem afetar o processo de interpretação, seja ele simultâneo, intermitente ou consecutivo.

É evidente que a atividade de interpretação diferencia-se da atividade de tradução, pois, ao interpretar em contextos comunitários, o encontro face a face e o discurso em caráter de diálogo são características constituintes da interpretação em contextos públicos, tema já abordado nos Estudos da Interpretação por alguns autores como Wadensjö (1998), Pöchhacker (2004), Rodrigues (2010), Queiroz (2011), Jesus (2013). As razões apresentadas até o momento explicitam que o termo “políticas de tradução” engloba uma série de assuntos relevantes a serem discutidos e investigados não só no contexto acadêmico, mas também junto às entidades de classe e demais órgãos representativos dos tradutores. Essas reflexões realizadas até o momento deveriam ser elemento central dos currículos de formação de tradutores e de intérpretes, das pesquisas desenvolvidas junto aos programas de pós-graduação e das políticas linguísticas. Essa empreitada poderia ser um caminho viável para implementar ações governamentais mais incisivas em nosso país sobre políticas de tradução. Tendo feito esta introdução, apresentamos, na próxima seção, considerações iniciais sobre as políticas de tradução.

2 POLÍTICAS DE TRADUÇÃO: O USO DOS TERMOS “TRADUÇÃO E POLÍTICA” E “POLÍTICAS DE TRADUÇÃO”

Ao recuperarmos o mapa fundacional dos Estudos da Tradução proposto por Holmes (1972), nota-se que a subárea de políticas de tradução foi contemplada pelo autor. O aspecto prático da atuação dos tradutores, esclarecimentos à sociedade em geral acerca do papel do tradutor, as funções a desempenhar, a defesa de rigorosas e extensas pesquisas sobre a eficácia da tradução como método de ensino de línguas estrangeiras são tópicos descritos por James Holmes para conceituar a área de políticas de tradução.

As subáreas de tradução e política e de políticas de tradução são registradas no mapa proposto pela editora St. Jerome. É possível verificar a existência e a distinção dessas subáreas, o que até então não havia ocorrido nos demais mapeamentos nos Estudos da Tradução. Pode-se observar a expansão dos elementos que caracterizam cada um desses termos, assim como as ações que são tomadas a favor ou contra nessas subáreas.

Com base nesses mapas, ressaltamos que o termo “tradução e política” estaria associado às questões que interessam ao tradutor e à tradução propriamente dita, compreendendo desde o ensino de línguas para tradutores até o assessoramento sobre a função do profissional da tradução. Outra circunstância que exemplificaria o termo “tradução e política” são elementos que constituem contextos políticos marcados por situações de conflito. Um exemplo que ilustra essa questão são os tradutores ou intérpretes que realizam seus trabalhos em meio a fronteiras, zonas de guerra, conflitos étnicos e religiosos.

Tais espaços são marcados por tensões e negociações culturais, linguísticas e religiosas, que, de algum modo, afetam as escolhas tradutorias, além de colocar em risco a vida de tradutores e de intérpretes. Nessas situações que abrangem a atuação do tradutor e do intérprete em zonas de risco, a ideologia de um país ou povo pode sobressair-se de forma bastante radical, deixando marcas acentuadas no texto, no processo de tradução ou de interpretação e, por consequência, na vida profissional daqueles que trabalham nessa empreitada.

Todas essas questões interessam à subárea Tradução e Política, mas são pouco exploradas nas pesquisas acadêmicas desenvolvidas junto aos Estudos da Tradução ou Estudos da Interpretação. Uma das pesquisadoras que recuperou esse tema foi Nascimento (2016), que discute a invisibilidade do intérprete a partir da representação de Abed no livro *Notas sobre Gaza*:

O papel do intérprete, tradutor, guia ou “faz tudo”, é muitas vezes omitido em zonas de conflito. Dificilmente se vê a representação de tradutores, intérpretes e linguistas em matérias jornalísticas. No entanto, para conseguir transmitir uma notícia, coletar dados, documentos e entrevistar testemunhas, é fundamental contar com a companhia de um intérprete local em contextos de guerra. Com o propósito de melhor exemplificar a importância de mediador linguístico e cultural, um dos muitos papéis que o intérprete assume, escolheu-se o livro *Notas sobre Gaza*, de Joe Sacco, trabalho relevante nas esferas jornalística, literária e linguística, que traz diversos elementos do ofício de tradutores e intérpretes. A reconstrução de memórias, lembranças e eventos da guerra são coladas e remendadas com a ajuda de Abed, o intérprete de Sacco em sua segunda visita à Gaza (NASCIMENTO, 2016, p. 201).

É inegável que a atuação do intérprete em espaços marcados por guerra ou zonas de conflito carrega consigo traços que estão atrelados às questões políticas. Considerando esse contexto, os tradutores e os intérpretes são duplamente esquecidos e marginalizados no que tange à falta de reconhecimento profissional. Primeiramente, são invisíveis para a esfera jornalística, espaço que se utiliza cotidianamente dos serviços de tradução e de interpretação para cobertura das notícias internacionais e dos conflitos em diversas partes do mundo, segundo Nascimento (2016). Em segundo lugar, os tradutores, nesses espaços de tensão, são marginalizados, expostos a violências física e psicológica e ainda hostilizados pelas comunidades das quais são provenientes. Ou seja, Nascimento (2016) ressalta que essas comunidades não legitimam a atuação desses profissionais por considerarem que são traidores de uma nação. A questão da traição e da falta de valorização são temas abordados em várias pesquisas filiadas aos Estudos da Tradução. Entre esses estudos, podemos citar o trabalho de Nascimento (2016, p.207):

A questão de invisibilidade do tradutor é bastante latente nos Estudos da Tradução e também na esfera jornalística. Entrevistas, dados e fatos raramente são destacados como traduzidos em jornais. No meio televisivo, nota-se a presença da tradução por meio de voice-over e legendas. Porém, quando uma matéria está sendo feita juntamente com um intérprete, a menção a ele ou ao fato de que se trata de uma tradução não aparece.

Há uma linha muito tênue entre visibilidade e invisibilidade. Ao mesmo tempo que a invisibilidade do tradutor e do intérprete é fato em alguns países, em determinadas regiões conflituosas são registrados casos nos quais esses profissionais atuam como agentes ou ainda ativistas da tradução. Esse assunto é bastante discutido por Mona Baker em *Translation and Activism* (2006), em português “Tradução e Ativismo”, e em *Translation and Conflict* (2006), em português “Tradução e Conflito”, e por Tymoczko (2007) no livro *Enlarging translation, empowering translators*, em português ” Expandido a tradução, empoderando tradutores”. Novamente, os termos “tradução e política” emergem de forma nítida nesses contextos de conflitos culturais, ideológicos e linguísticos, ou ainda, no caso do Brasil, por exemplo, conflitos agrários² e de corrupção³. Todos eles marcados por tensões e negociações.

Baker (2006a, 2006b) e Tymoczko (2007) afirmam que os tradutores e os intérpretes lidam diretamente com os aspectos ideológicos, as arenas de conflitos, as questões de dominação e resistência, além dos movimentos políticos que se entrelaçam na atuação do profissional da tradução. Todos esses elementos unem forças para que o empoderamento dos tradutores e intérpretes se torne visível e reconhecido no meio em que atuam profissionalmente. Os elementos discutidos até o momento podem oferecer pistas para melhor compreender os assuntos que constituem a subárea de Tradução e Política conforme apresentado no mapeamento da St. Jerome.

Ainda que tenhamos registro dos termos “tradução e política” e “políticas de tradução” nos mapeamentos de Holmes (1972) e da editora St. Jerome, pesquisas que investigam essas subáreas ou, de algum modo, se afiliam a elas, são incipientes quando tratamos do campo dos Estudos da Tradução. Meylaerts (2010) ressalta, por exemplo, a ausência do termo “políticas de tradução” em várias obras publicadas no campo dos Estudos da Tradução, tais como Munday (2009), Pöchhacker (2004), Pym (2010), Venuti (2000) e a enciclopédia na área de tradução de Baker e Saldanha (2008). De algum modo, todos esses autores poderiam articular os temas

² No Brasil, o conflito agrário tem ganhado destaque na mídia internacional, especialmente, pelos altos índices dos casos de violência ocorridos nos estados do Pará e de Rondônia nos últimos anos.

³ Outro exemplo tem sido os casos de corrupção que assolam o país, em especial aqueles investigados pela Operação Lava-Jato. Nessa operação, algumas empresas multinacionais estão envolvidas no caso, o que denota a investigação de alguns países e, por consequência, a necessidade de tradução.

tratados nas obras como parte de uma política da tradução, afinal os contextos de interpretação, a história da interpretação, a profissionalização, os campos de pesquisa e as diferentes abordagens teóricas são temáticas passíveis de articulação à subárea Políticas de Tradução.

Cabe ressaltar que não somente os termos “tradução e política” e “políticas de tradução” foram registrados no campo dos Estudos da Tradução. Embora Meylaerts (2010) tenha destacado a falta do termo “políticas de tradução” nas principais obras da área dos Estudos da Tradução, Schäffner (2007) apresenta e discute o termo “política e tradução”. A autora aborda a natureza complexa do discurso da tradução, os processos de produção e recepção dos textos, a universalidade dos discursos políticos e suas consequências para a comunicação intercultural, em especial, a tradução. Por fim, Schäffner (2007) resgata os principais conceitos e autores dos Estudos da Tradução que abordaram, ao longo dos anos, questões como língua e poder, aspectos pragmáticos e a forma como são traduzidos, relação entre política e escolhas tradutórias e assim por diante.

Outro aspecto importante discutido no texto de Christina Schäffner é a predominância de alguns idiomas em detrimento de outros. Por exemplo, a autora menciona quais línguas e em quais direções (texto-fonte e texto-alvo) ocorre certa predominância de um idioma. Schäffner (2007) refere-se ao fato de o inglês ser considerado língua franca e ao poder dos Estados Unidos, alertando para as implicações políticas desse fato. Além disso, a autora discute, por exemplo, a tradução e a interpretação como atividades cotidianas em países multilíngues e cita o caso de vários países africanos. É evidente que a tradução nesses contextos não está livre de tensões, haja vista, por exemplo, o caso da Nigéria. De acordo com a autora,

A tradução e a interpretação ocorrem praticamente todos os dias em países bilíngues ou multilíngues, embora esse fenômeno ainda não tenha sido objeto de pesquisas substanciais. Feinauer (2004), por exemplo, comentou sobre iniciativas governamentais para traduzir textos de serviços de saúde para uma variedade de línguas étnicas na África do Sul. Em contraste com tais desenvolvimentos encorajadores, Kofoworola e Okoh (2005) explicam que as diversas visões de mundo e tradições culturais na Nigéria apresentam enormes problemas para a tradução. Conflitos políticos e desconfiança entre grupos étnicos são barreiras às atividades de tradução (SCHÄFFNER, 2007, p. 1394).

Em conformidade com as afirmações apresentadas por Schäffner (2007), observa-se que o termo “política e tradução” também se relaciona, de alguma forma, com iniciativas governamentais, já que a autora explicita a tradução de textos na área de saúde como uma alternativa para incluir a população do Sul da África pertencente a diferentes grupos étnicos. Nessa perspectiva, temos uma aproximação das ideias defendidas por Schäffner (2007) e Meylaerts (2010), na medida em que as autoras argumentam sobre a tradução como elemento das ações governamentais.

Meylaerts (2010), ao discutir sobre política de tradução, ressalta que, de forma restrita, o termo “política” poderia se referir à condução dos assuntos públicos e políticos administrados por um governo. Por outro lado, a autora destaca que, se examinarmos a concepção mais ampla de política, observamos que ela não está atrelada somente ao governo ou a agências governamentais, mas também a contextos institucionais, organizações internacionais como a União Europeia e a Organização das Nações Unidas, entre outras instituições.

Meylaerts (2010) nos mostra que o termo “política de tradução” é um guarda-chuva que abriga uma série de assuntos a serem dialogados e pesquisados, tais como: a formação de tradutores, as condições de produção e de recepção dos textos, a circulação das traduções por meio das editoras, o mercado de trabalho, as ideologias e estratégias adotadas no processo tradutório (que podem dar visibilidade ou não a determinada cultura), assim como os textos escolhidos para serem traduzidos e aqueles que ficam marginalizados perante os sistemas culturais.

Todos esses temas se constituem como centrais para as políticas de tradução e estão fortemente respaldados na interface dos Estudos

⁴ Translation and interpreting occur practically on a daily basis in bilingual or multilingual countries, although this phenomenon has not yet seen substantive research. Feinauer (2004), for example, commented on government initiatives to translate health care texts into a variety of ethnic languages in South Africa. In contrast to such encouraging developments, Kofoworola and Okoh (2005) explain that the many different worldviews and cultural traditions in Nigeria pose huge problems for translation. Political conflicts and mistrust between ethnic groups are barriers to translation activities (SCHÄFFNER, 2007, p. 139).

da Tradução com áreas como a Sociologia, a Antropologia, a Educação, os Direitos Humanos, a Filosofia, as Letras, a Linguística e a Literatura. Diante dessas possíveis articulações com diversas áreas, é esperado, evidentemente, que os diálogos sejam construídos a partir de diferentes perspectivas, o que afeta a implementação das políticas de tradução. Por exemplo, as ações governamentais criam e determinam um viés de políticas de tradução a serem adotadas pelas comunidades.

Por outro lado, as comunidades usuárias dos serviços de tradução e de interpretação podem oferecer pistas distintas sobre a construção de políticas de tradução e exigir ações voltadas para suas demandas, ou podem ocorrer conflitos entre as próprias comunidades, já que nem todas são contempladas pelas ações governamentais e assim por diante. Em contrapartida, o meio acadêmico pode elencar diferentes elementos para o desenho de políticas de tradução a partir de suas demandas, as quais se distinguem das demandas dos usuários dos serviços de tradução e de interpretação, das comunidades envolvidas, das ações governamentais e dos tradutores e intérpretes que atuam no mercado de trabalho.

Cada um desses grupos mencionados acena para diferentes reivindicações propícias à criação de políticas de tradução e, dependendo do país, podem se aproximar em maior ou menor grau de acordo com os interesses das partes. Embora as demandas sejam diferentes, não quer dizer que não possam estar interligadas de algum modo, caso seja uma decisão política e estratégica em prol de um determinado objetivo.

Decisões tomadas pelo Estado afetam o mercado de trabalho para tradutores e intérpretes. Em alguns casos, esses profissionais estão coagidos a trabalhar perante protocolos que proíbem um assunto, um tema ou uma escolha vocabular em determinados textos. Panda (2013) chama atenção para as forças ideológicas, podendo ser religiosas, políticas e socioculturais, que atuam por trás da tradução. O autor apresenta uma série de exemplos que mostram a atuação do Estado e o poder como “agentes” que exercem forças coercitivas sobre a tradução.

Determinados tipos de textos podem ter sua tradução proibida em função do teor informacional que carregam consigo, como aponta Panda: “O medo de divulgação de informações privadas ou pessoais de uma pessoa no poder pode causar uma proibição de qualquer mídia que comunique tais informações. Esse medo pode ser impulsionado por perda política e autoral por parte do partido no poder” (PANDA, 2013, p. 4)⁵. Apesar do controle estatal, quando há políticas linguísticas que oficializam ou reconhecem legalmente determinado idioma, a tradução pode colaborar para a expansão dessa língua. Em parte, essa linha de raciocínio é ratificada por Panda (2013). O autor exemplifica o caso da Índia, das políticas linguísticas e das políticas de tradução nos contextos multilíngues:

Mas a Índia como país é tão heterogênea que dificilmente poderíamos imaginar que a fórmula das três línguas fosse um sucesso. Pessoas de muitos estados usam duas línguas - uma a oficial e outra sua própria língua materna, como, por exemplo, em Bihar (o hindi é a língua oficial e o maithili é a língua mãe da maioria das pessoas em Bihar). Houve uma divisão linguística dos estados indianos que deu poder ao respectivo governo do estado para promover e empoderar suas línguas, para que assim sejam liberados fundos para o desenvolvimento de materiais na língua - e a tradução é uma maneira fácil de concretizar esse objetivo. (PANDA, 2013, p. 6)⁶

Do mesmo modo que a tradução pode colaborar para a promoção e expansão das línguas reconhecidas legalmente pelo governo, torna-se fundamental uma postura crítica diante desse fato. É relevante considerarmos que algumas línguas foram reconhecidas, ao passo que outras, por inúmeras razões, deixaram de ser oficializadas, permanecendo invisíveis e à margem da sociedade. Esse fato tem desdobramentos importantes que merecem ser destacados. Uma tradução não ocorre de forma isolada em uma cultura. A seleção dos textos a serem traduzidos, os materiais que foram subsidiados financeiramente pelo governo revelam a intencionalidade

⁵ “The fear of disclosure of private or personal information of a man in power may cause a ban on any media that communicates it. This fear might be driven by a political and authorial loss on the part of the party in power” (PANDA, 2013, p 4).

⁶ But India as a country is so heterogeneous that we could hardly imagine of realizing the three language formula a success. People of many states use two languages - one the official and the other their own mother-tongue, as for example in Bihar (Hindi as the official language and Maithili is the mother-tongue of most of the people in Bihar). There has been a division of Indian states linguistically which has given power to the respective state government to promote and empower their languages for which they release funds for developing materials in the language - and translation is an easy way of getting this objective concretized (PANDA, 2013, p.6).

e a escolha de um determinado grupo social. Logo, tais entidades estatais têm um poder arrojado perante a sociedade. Estão localizadas em determinada época, em certa região geográfica e com fins específicos que afetam as obras que serão traduzidas. Assim, essas variáveis podem comprometer tanto o processo de tradução quanto o produto final, isto é, a tradução em si. Como resultado, há um impacto na forma como essas traduções serão acolhidas pelo público alvo.

Na maioria das vezes, os textos escolhidos para tradução são aqueles considerados canônicos pela sociedade, tais como obras-primas, textos de maior prestígio e status social. Por outro lado, os textos não canônicos poderiam ser todos aqueles que ficam à margem dessa primeira categorização, isto é, literatura traduzida, panfletos, folhetins e outras publicações. Esse processo de seleção de alguns textos em detrimento de outros coloca em evidência as relações de poder existentes entre as culturas e comunidades étnicas que definem o que deve estar no centro e o que deve ficar na periferia do polissistema literário. Carvalho (2005, p. 30) afirma que Even-Zohar concebe as relações de poder entre “[...] os elementos dos sistemas através das imagens de centro e periferia, sendo o centro o lugar ocupado por aqueles que detêm maior poder dentro de um sistema e a periferia a região ocupada por elementos menos dominantes ou hegemônicos [...]”.

É interessante observar que os conceitos de centro e periferia não necessariamente estão envolvidos com o desenvolvimento econômico dos países, mas emergem a partir da posição que ocupam nos sistemas socioculturais. Em alguns casos, o papel da tradução e da interpretação pode estar diretamente implicado com o direito internacional e com minorias linguísticas. É o caso de Núñez (2014), que investigou a tradução para minorias linguísticas com foco nas políticas de tradução no Reino Unido.

Em um primeiro momento, Núñez (2014) apresenta os conceitos de Estado, Línguas Oficiais e Minorias Linguísticas, argumentando a favor dos direitos linguísticos (a quem deve e como devem ser concedidos esses direitos), questionando se o debate sobre direitos linguísticos considera ou não a tradução. A perspectiva de direitos linguísticos adotada no texto de Núñez (2014) é a do direito internacional e, por isso, o autor ressalta a tradução como uma obrigação na garantia desses direitos.

Em um segundo momento, Núñez (2014) apresenta e discute o background linguístico no Reino Unido, detalhando as línguas oficiais e as minorias linguísticas de cada um de seus países. O autor explica como a tradução é encarada no Reino Unido e analisa como os governos locais estabeleceram diálogos promovendo ou não as políticas tradutórias. Núñez (2014) finaliza sua tese mostrando como ocorre a tradução nas esferas médicas e jurídicas no Reino Unido e propõe a tradução como meio de integração e acesso das minorias linguísticas:

A fim de permitir que aqueles posicionados como minorias linguísticas se integrem como parte da sociedade, vários níveis de acesso, participação e até mesmo reconhecimento têm de ser negociados. Em suma, dependendo de fatores contextuais, a tradução pode ser um importante meio para se alcançar maior inclusão ou integração de minorias linguísticas. E isso é tudo o que eu realmente queria dizer. (NÚÑEZ, 2014, p. 334)⁷

O argumento defendido por Núñez (2014) concebe a tradução como um meio para alcançar maior inclusão ou integração de minorias linguísticas, dialogando, também, com políticas de tradução que foram reconhecidas a partir de lutas das comunidades locais. Ou seja, trata-se de considerar não somente os direitos linguísticos pautados no âmbito do direito internacional, mas também as comunidades consideradas minorias linguísticas que resistem e lutam pela garantia de leis sobre línguas.

Até o momento, apresentamos uma contextualização sobre o uso dos termos “tradução e política” e “política de tradução”. Além disso, exemplificamos algumas situações em que o processo tradutório ou de interpretação é afetado por aspectos ideológicos, culturais, religiosos, zonas de conflito, entre outros, a fim de indagar como esses elementos são discutidos no Brasil. Por isso, na próxima seção, colocamos em questão algumas iniciativas sobre políticas de tradução e a conexão com políticas linguísticas em nosso país.

⁷ In order to allow those positioned as linguistic minorities to integrate as part of the whole of society, varying levels of access, participation, and even recognition have to be negotiated. In short, depending on contextual factors, translation can be an important means to achieve greater inclusion or integration of linguistic minorities. And that is all I really wanted to say (NÚÑEZ, 2014, p. 334).

3 POLÍTICAS DE TRADUÇÃO: ALGUMAS INICIATIVAS NO BRASIL

No Brasil, o termo “política de tradução” tem sido utilizado de forma genérica, às vezes, para designar leis que tratam de determinada língua e mencionam a tradução ou a interpretação, como no caso das línguas de sinais, ou ainda para designar procedimentos e estratégias adotados na tradução de obras que abordam temas como estudos de gênero, colonialismo, tradução cultural, tradução literária entre outros. Aliás, algumas iniciativas recentes no Brasil buscam aproximar o campo das políticas linguísticas às políticas de tradução. Um exemplo disso pode ser observado na descrição do grupo de pesquisa *Políticas Linguísticas Críticas*, registrado na Universidade Federal de São Carlos, que agrega pesquisas sobre políticas de tradução.

A relação entre políticas linguísticas e políticas de tradução também é alvo de discussão nas comunidades que lutam pelo reconhecimento oficial de suas línguas e enfrentam resistências governamentais ou de diferentes grupos étnicos. Nesse contexto, as políticas de tradução podem ser consideradas como obrigação do Estado no provimento de serviços de tradução e interpretação para comunidades consideradas minorias linguísticas. É o caso das línguas de sinais, em especial, a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Santos e Zandamela (2016) mostraram que os movimentos políticos em torno das línguas de sinais (Libras e LSM - Língua de Sinais de Moçambique), a favor de seu reconhecimento como direito das comunidades surdas, afetaram diretamente as decisões sobre a tradução e a interpretação de línguas de sinais, tanto no Brasil quanto em Moçambique. O percurso desses movimentos políticos e de reconhecimento linguístico-cultural das línguas de sinais, na maioria das vezes, desdobrou-se em:

- i. leis e resoluções que normatizam princípios linguístico-educacionais (como a língua deve ser nomeada, como deve ser ensinada, para quem e por quem deve ser ensinada, quais os lugares que deve ser ensinada);
- ii. normativa e perfis de tradução e interpretação (a definição do profissional da tradução e da interpretação, a formação de tradutores e intérpretes, a definição de lugares de atuação para esses profissionais, normas e códigos de conduta);
- iii. em recomendações ao poder público em relação ao uso e à difusão da Libras.

Em relação ao Brasil, esses elementos comentados anteriormente podem ser exemplificados com o caso da lei de Libras 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e do decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), que contribuíram com o desdobramento de uma série de políticas linguísticas voltadas à oferta de cursos de graduação para a formação de professores de língua de sinais ou formação de tradutores e intérpretes, além de contribuir com o incentivo das pesquisas sobre línguas de sinais nos níveis de mestrado e doutorado e com a ampliação de vagas para professores e tradutores-intérpretes nas universidades federais e privadas. Ou seja, todas essas decisões em torno da língua não se restringem apenas à língua em si, mas estendem-se também para as decisões em torno da tradução e da interpretação.

A mobilização das comunidades surdas a favor do reconhecimento da Libras é um caso típico que exemplifica a articulação entre políticas linguísticas e políticas de tradução. Como resultado disso, temos o aumento da indústria da língua e a expansão de novos mercados de trabalho para professores, tradutores e intérpretes etc. No entanto, essas conexões entre políticas linguísticas e políticas de tradução não devem ser tomadas de forma ingênua. Os conceitos de centro e periferia, tal como Even-Zohar os discute, e, além disso, o controle estatal, constituem-se como aspectos que merecem atenção. *Políticas linguísticas e políticas de tradução não se resumem às leis* (grifos nossos).

Quando há essa crença disseminada pelas diferentes entidades, sejam elas governamentais ou não, o risco de cair em uma emboscada é certeiro. Essa armadilha se alimenta da ideia equivocada de que bastariam as leis para institucionalizar a conquista de direitos, quando na verdade a lei proporciona um grau de letargia pouco explorado e debatido no meio acadêmico. Com isso, não estamos desmerecendo o importante papel desempenhado pelas leis, apenas alertamos para as implicações oriundas desse reconhecimento, que precisa constantemente ser revisado e reconfigurado conforme as demandas das comunidades linguísticas.

Outro risco proveniente do reconhecimento legal das línguas é a invisibilidade dos movimentos que continuam a resistência ao controle estatal e apresentam possíveis alternativas, as quais, na maioria das vezes, não são incorporadas aos documentos legais. Em virtude disso, alguns problemas podem ser observados com relação ao exercício profissional, por exemplo, de tradutores e intérpretes de Libras-Português. Se, por um lado, no decreto 5.626/2005, há recomendação para que a formação dos tradutores e

intérpretes de Libras-Português seja em nível superior, por outro lado, a lei 12.319/2010, que reconhece e regulamenta a profissão do tradutor e intérprete desse par linguístico, delibera que o nível de formação seja o ensino médio. Esse descompasso legal traz consigo sérios problemas para o exercício profissional dos tradutores e intérpretes e tem sido alvo de constantes críticas por parte das entidades representativas e pelo meio acadêmico.

Ademais, as relações de poder estão nitidamente intrincadas nas concepções e nos métodos que constituem as leis e resoluções. Por outro lado, considerando que políticas linguísticas não se reduzem às diretrizes legais, e levando em conta a falta de conexão entre políticas linguísticas e políticas de tradução, a ausência de um planejamento sistematizado e definidor de políticas de tradução para os tradutores e os intérpretes de Libras-Português é uma constante. É fundamental estar ciente que, ao mesmo tempo em que o governo e as comunidades que lutam por visibilidade e reconhecimento podem eleger determinadas línguas e ações a serem promovidas, outros idiomas acabam se tornando marginalizadas no âmbito social.

O ponto mencionado no parágrafo anterior também foi defendido por Panda (2013). O autor explica que nem sempre línguas de tradição oral são traduzidas na Índia, o que gera exclusão aos falantes dessas línguas. Segundo Panda (2013), banir ou acolher determinada língua é um ato que possui motivação política. Seja como uma política linguística que emerge das comunidades ou como uma obrigação legal, as políticas de tradução ocupam um papel central nas sociedades. O papel da tradução, os meios e os modos de produção e circulação, além da profissionalização dos tradutores e intérpretes para que estejam atentos a essas questões são alguns elementos que podem contribuir para elucidar o termo “políticas de tradução”.

Por fim, é primordial que o elo entre políticas linguísticas e políticas de tradução tenha maior visibilidade em nosso país, pois os benefícios dessa conexão podem auxiliar ambos os campos. Não é recomendável que as políticas de tradução estejam desconectadas das políticas linguísticas, pois, em qualquer país, as decisões tomadas a respeito das línguas podem promover ou não as ações em torno da tradução. No Brasil, um exemplo que ilustra esse caso é o da Libras, pois as ações governamentais e a luta das comunidades surdas a favor do reconhecimento legal dessa língua propiciaram uma série de desdobramentos não somente para as comunidades surdas, mas também para os tradutores e os intérpretes de Libras-Português, influenciando, em especial, a formação desses profissionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução ou a interpretação é um meio que pode ser utilizado para facilitar o acesso das comunidades consideradas minorias linguísticas às diferentes esferas sociais. No entanto, pouco tem sido investigado no meio acadêmico brasileiro sobre as conexões entre os campos de Políticas Linguísticas e Estudos da Tradução, especialmente, em relação à subárea políticas de tradução. Um panorama dessa falta de conexão pode ser observado nos espaços acadêmicos que hospedam essas discussões. Normalmente, as políticas linguísticas estão localizadas em Programas de Pós-Graduação em Linguística, e os Estudos da Tradução, em Programas de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Por esse motivo, apresentamos neste ensaio um debate inicial sobre os termos “tradução e política” e “políticas de tradução”, a fim de identificar alguns elementos importantes que perpassam a constituição dos dois termos. Em um segundo momento, resgatamos algumas iniciativas que podem ser tomadas como ponto de partida ao defendermos a conexão entre políticas linguísticas e políticas de tradução. Para ilustrar algumas dessas questões acionamos o caso da Libras, que explicita claramente políticas linguísticas voltadas à língua, às comunidades surdas e aos tradutores e intérpretes.

Por fim, acreditamos que este debate pode interessar pesquisadores em políticas linguísticas e políticas de tradução, assim como tradutores e intérpretes que lidam cotidianamente com desafios linguísticos, culturais e tradutórios. Se as forças dos diferentes envolvidos nesse processo de conexão forem somadas, a tendência é que novos caminhos passem a ser planejados, sistematizados e implementados nas políticas linguísticas das diversas comunidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H.K. *O local da cultura*. Tradução: Myrian Ávila et al. 3. reimpressão/2005. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BAKER, M.; SALDANHA, G. (Org.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/ New York: Routledge, 2008.
- _____. *Translation and conflict: a narrative account*. London: Routledge, 2006a.
- _____. Translation and activism: emerging patterns of narrative community. *The Massachusetts Review*, v. 47, n. 3, p. 462-484, 2006b.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005, nº 246, ano CXLII, Seção 1, p. 28-30.
- _____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002, nº 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.
- _____. Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. *Diário Oficial da União*, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 2 set. 2010. Nº 169, ano CXXXIX, Seção 1, p. 43.
- CARVALHO, C. A. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- HOLMES, J. S. The name and nature of translation studies [1972]. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2000. p.172-185.
- JESUS, R. B. *A interpretação médica para surdos: a atuação de intérpretes de LIBRAS/Português em contextos da saúde*. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/105420>> Acesso em: 05 maio 2017.
- MEYLAERTS, R. Translation policy. In: GAMBIER, Y., van DOORSLAER, L. *Handbook of translation studies online* (Ed.). Holanda: John Benjamins Publishing Company, 2010. p.163-168, 2010. Disponível em: <<http://www.benjamins.com/online/hts>>. Acesso em: 5 jun. 2016.
- MUNDAY, J. (Ed.). *The Routledge companion to translation studies*. London: Routledge, 2009.
- NASCIMENTO, G. CTN. A (in) visibilidade do intérprete: a representação de Abed em Notas sobre Gaza. *Tradterm*, São Paulo. v. 27, p. 201-216, 2016.
- NÚÑEZ, G. G. *Translating for linguistic minorities: translation policy in the United Kingdom*. 2014. 409f. Doctoral Thesis (PhD in Translation and Intercultural Studies) – Department of English and German Studies, Universitat Rovira i Virgili. Tarragona, Spain, 2014.

PANDA, A. K. Politics and translation. *The Criterion An International Journal in English*, v. IV, issue II, 2013. p.1-7.

PÖCHHACKER, F. *Introducing interpreting studies*. London: Routledge, 2004.

PYM, A. *Exploring translation studies*. London and New York: Routledge, 2010.

QUEIROZ, M. *Interpretação médica no Brasil*. 2011. 134f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: Desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA, 2., 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://www.congressotools.com.br/anais/anais2010/Carlos%20Henrique%20Rodrigues.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2017.

SANTOS, S. A. dos; ZANDAMELA, N. G. R. Políticas linguísticas e tradução-interpretação de línguas de sinais: aproximações entre Brasil e Moçambique. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 101-123, dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n2p101>>. Acesso em: 12 maio 2017.

SCHÄFFNER, C. Politics and translation. In: KUHIWCZAK, P.; LITTAU, K. (Ed.) *A companion to translation studies - topics in translation*. Clevedon: Multilingual Matters, 2007. p.134-147

TYMOCKO, M. *Enlarging translation, empowering translators*. Manchester: St. Jerome, 2007.

VENUTI, L. *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000.

WADENSJÖ, C. Community Interpreting. In: BAKER, M. (Org.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1998. p.33-37.

Recebido em 19/05/2017. Aceito em 07/09/2017.

TRANSLATION POLICIES: A THEME OF LINGUISTIC POLICIES?

POLÍTICAS DE TRADUÇÃO: UM TEMA DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS?

POLÍTICAS DE TRADUCCIÓN: ¿UN TEMA DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS?

Silvana Aguiar dos Santos*

Universidade Federal de Santa Catarina

Camila Francisco**

Universidade do Vale do Itajaí

ABSTRACT: In this essay, it is assumed the lack of articulation between translation policies and linguistic policies makes some initiatives conducted in our country invisible. The purpose of this essay is to present and briefly dialogue with different elements that traverse translation and interpretative processes and which constitute topics of interest for translation policies. For this reflection, the contributions of Baker (2006a, 2006b), Tymoczko (2007) and Panda (2013) are presented, with discussions on translation and interpretation, their roles and the policies adopted by different governments. From this debate, an articulated dialogue between translation policies and language policies is suggested. We consider this connection can be a pathway to understand that any action around the language, whether economic, social, cultural or linguistic, generates translation effects

KEYWORDS: Translation policies. Linguistic policies. Translation-interpretation.

RESUMO: Neste ensaio, parte-se do pressuposto de que a falta de articulação entre políticas de tradução e políticas linguísticas torna invisíveis algumas iniciativas realizadas em nosso país. A proposta é apresentar e dialogar de forma sucinta com diferentes elementos que atravessam os processos tradutórios e interpretativos e que constituem temas de interesse das políticas de tradução. Para essa reflexão, recuperam-se as contribuições de Baker (2006a, 2006b), Tymoczko (2007) e Panda (2013), as quais apresentam reflexões sobre a tradução e a interpretação, o papel que elas desempenham e as políticas adotadas por diversos governos. A partir deste debate, sugerimos um diálogo articulado entre políticas de tradução e políticas linguísticas. Consideramos que esta conexão pode ser um caminho para compreender que toda ação em torno da língua, seja ela econômica, social, cultural ou linguística, gera efeitos de cunho tradutório.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas de tradução. Políticas linguísticas. Tradução-interpretação.

RESUMEN: Este ensayo parte de la premisa de que la falta de articulación entre políticas de traducción y políticas lingüísticas que

* Collaborating professor at Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução from Universidade Federal do Ceará and Professor at Departamento de Língua de Sinais Brasileira – DLSB from Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vice-leader of the Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais (Research Group in Interpretation and Sign Language Translation) – InterTrads. Member of Grupo de Pesquisa Políticas Linguísticas Críticas (Research Group in Critical Linguistic Policies). Email: s.santos@ufsc.br.

** Bachelor in Letras-Libras by Universidade Federal de Santa Catarina. Specialization (ongoing) by Instituto Federal Catarinense – IFC, in the area of Educational Processes and Inclusion. Libras-Portuguese Translator and Interpreter of Universidade do Vale do Itajaí - Univali. Email: camilallufsc@gmail.com.

no dan visibilidad a algunas iniciativas realizadas en nuestro país. La propuesta es presentar y dialogar de forma sucinta con diferentes elementos que atraviesan los procesos de traducción e interpretativos y que constituyen temas de interés de las políticas de traducción. Para esta reflexión, se recuperan las contribuciones de Baker (2006a, 2006b), Tymoczko (2007) y Panda (2013), las cuales presentan reflexiones acerca de la traducción y la interpretación, el papel que desempeñan y las políticas adoptadas por diversos gobiernos. A partir de este debate, sugerimos un diálogo articulado entre políticas de traducción y políticas lingüísticas. Consideramos que esta conexión puede ser un camino para comprender que toda acción que involucra la lengua, sea económica, social, cultural o lingüística, genera efectos en la traducción.

PALABRAS CLAVE: Políticas de traducción. Políticas lingüísticas. Traducción-interpretación.

1 INTRODUCTION

In this essay, we reflect on the connection between the field of translation policies and that of linguistic policies¹. At an international level, the field of translation policies frequently emerges in discourses and academic productions in close relation with the field of Translation Studies. The vision of the master's program on translation policies at the University of Cairo, for instance, is based on establishing a cultural perspective from Egyptian universities' realities. That is, the program commits itself to discussing and highlighting the demands of translators, and of people directly involved with translation in Egypt.

The focus given to publishers represents a clear example. Due to their direct influence in translation projects launched in the market, they impact the circulation of certain publications over others. These publishers' choices about what, how, and where the translations will circulate are not exempt from social, economic, political, and cultural influences. When a graduate program proposes to broaden the research and the debates about translation – considering the process of translation and the final product, that is, the translation itself – beyond the academic scope, the results might lead to several changes.

One of these changes regards conceiving the translation act as a "conscious activity" of a translator's role in a particular translation project. That is, it is important for the translator to disregard the textual or interpretive operation (in case of simultaneous or consecutive interpretation) per se, and to take into account that the materials, as well as the communities involved, carry crucial cultural and political aspects to a nation. Thus, the act of translating or interpreting is directly articulated with social, economic, and cultural issues among others.

The relation between cultural aspects and translations, for example, is being investigated from different perspectives with greater interest within the academic scope. One of these perspectives is the cultural diversity and its establishment through translations, seen as a means of crossing rivers and oceans to promote languages, cultures, and peoples. An additional point of view on translation and cultural aspects brings the notion of difference and of the singularity of each act to be translated into play. A central issue for Bhabha (2005, p. 230) is:

In the restless drive for cultural translation, hybrid sites of meaning open up a cleavage in the language of culture which suggests that the similitude of the symbol as it plays across cultural sites must not obscure the fact that repetition of the sign is, in each specific social practice, both different and differential. [...] the "foreignness" of language is the nucleus of the untranslatable that goes beyond the transferal of subject matter between cultural texts or practices.

As states the author, it is in the translator's (and also the interpreter's) hands to perceive himself in this constant movement of fluidity, of displacement, of occupying the *in-between* cultural boundaries. That is, in cultural translation, a strong intervention is expected from the performance of the professional, who knows that his lexical, terminological and cultural choices might affect

¹ We thank the professors: Cristine Görski Severo and Aline Nunes de Sousa for their critical comments, discussions, and exchanges of ideas, which helped in the elaboration of this material. We also want to express our gratitude for the English-Portuguese translations by Elisângela Liberati, the Spanish translations by Noemi Teles de Melo, and the Portuguese-English translation by Edelweiss Gysel.

visibility or erasure processes of certain peoples. In literary texts, the expectations, the degree of intervention, and the freedom that translators may have are not always granted to other types of texts. For example, when considering legal texts, the degree of creative intervention, the strategies employed, and the choices adopted by the translator follow the rigidity of legal systems.

Though this exacerbated austerity of legal texts exists, which consequently affects the translation process, it does not mean that in some Judiciary sectors, and even in the criminal sphere, situations that lead to discussions and debates on cultural issues do not emerge. The migratory crisis in Europe and in other parts of the world is a clear example. It is hard to imagine an interpreter when providing services in court, and encountering immigrants from very distant cultures, does not face sociocultural and linguistic tensions, which may affect the interpretation process, be it simultaneously, intermittently or consecutively.

The activity of interpretation is clearly different from the activity of translation, since, when interpreting in community contexts, the face-to-face encounter and the discourse as a dialogue are constitutive characteristics of the interpretation in public contexts, an often addressed issue in the field of Interpreting Studies by some authors, such as Wadensjö (1998), Pöchhacker (2004), Rodrigues (2010), Queiroz (2011), and Jesus (2013). The reasons presented so far, state the term “translation policies” covers a series of relevant subjects to be discussed and investigated not only in academic contexts but also within class entities and other representative bodies of translators. These reflections should hitherto be central to curricula design for translators and training of interpreters, as well as research carried out in graduate programs, and language policies. This endeavor could be a viable way for the implementation of incisive governmental actions in our country regarding translation policies. The next section presents some initial considerations on translation policies.

2 TRANSLATION POLICIES: THE USE OF THE TERMS “TRANSLATION AND POLICY”, AND “TRANSLATION POLICIES”

Considering the foundational map of Translation Studies proposed by Holmes (1972), we observe the sub-area of translation policy was included by the author. Some of the topics described by James Holmes to conceptualize the area of translation policies are: practical aspects of the translators' work, clarifications to the society in general about the role of the translator, functions to be performed, and the defense of rigorous and extensive research on the effectiveness of translation as a method of teaching foreign languages.

The subfields of translation and policy and translation policies are recorded on the map proposed by St. Jerome Publishers. The existence and the distinction of these subareas, which had not occurred in other Translation Studies mappings so far, are now possible to be verified. We can also examine the expansion of elements characterizing each of these terms, as well as for and against actions performed in these subareas.

Based on these maps, we emphasize the term “translation and politics” in association with questions concerning the translator and the translation act throughout its whole process, from teaching languages to translators until advising on the profile of the translation professional. As examples of the term “translation and policy”, we highlight the elements which constitute political contexts marked by situations of conflict; for instance, the translators or interpreters who perform their work across borders, war zones, and within ethnic and religious conflicts.

Such spaces are marked by cultural, linguistic and religious tensions and negotiations that, somehow, affect translation choices, endangering the lives of translators and interpreters. In situations involving the translator and interpreter in danger zones, the ideology of a country, or of the people can emerge in very radical manners, leaving significant traces in the text, in the process of translation or interpretation and, consequently, in the professional paths of those who venture this work.

All of these issues interest the Translation and Policy subarea, but they are still little explored in academic research developed in Translation Studies or Interpreting Studies. One of the researchers who recovered this theme was Nascimento (2016), discussing

the invisibility of the interpreter in the representation of Abed in the book *Footnotes in Gaza*:

The role of the interpreter, translator, guide, or “handyman” is often omitted in conflict zones. The representation of translators, interpreters, and linguists are hardly ever portrayed in the news. However, broadcasting the news, collecting data, files and interviewing witnesses require a journalist or reporter to be accompanied by a local interpreter in war contexts. In order to better illustrate the importance of a linguistic and cultural mediator, one of the many roles that the interpreter performs, I chose the book *Footnotes in Gaza*, written by Joe Sacco. It is a great work in terms of journalism, literature, and language. It brings various elements regarding the world of translators and interpreters in dangerous situations. The reconstruction of war memories, recollections and events are attached and patched with Abed’s help, Sacco’s interpreter during his second visit to Gaza (NASCIMENTO, 2016, p. 201).

The relation with political issues in the performance of the interpreter in war areas, or conflict zones is undeniable. In this context, translators and interpreters are doubly forgotten and marginalized, that is, there is a lack of professional recognition. According to Nascimento (2016), first, translators and interpreters are invisible in the journalistic sphere, an area, which demands daily translation and interpretation services to cover international news and conflicts in various parts of the world; second, translators, in these areas of tension, are marginalized, exposed to physical and psychological violence, and even harassed by the communities. That is, as Nascimento (2016) emphasizes, these communities do not legitimize these professionals’ performance, they are considered as traitors of a nation. The issue of betrayal and lack of appreciation are topics addressed in several studies affiliated to Translation Studies. Among these studies, we highlight the work of Nascimento (2016, p. 207):

The translators’ invisibility is a very latent aspect in the field of Translation Studies, as it is in the journalistic sphere. Interviews, data, and facts are rarely highlighted as translations in newspapers. In television, we can perceive the presence of the translation through voice-over and subtitles. However, when content is made in a joint production with an interpreter, there is no mention of him, or of the fact that it is a translation.

There is a very fine line between visibility and invisibility. Whilst the invisibility of the translator and the interpreter is a fact in some countries, in certain conflict regions, there are cases in which these professionals act as agents or even activists of the translation. This subject is widely discussed by Mona Baker in *Translation and Activism* (2006) – *Tradução e Conflito*, Portuguese – and by Tymoczko (2007) in the book *Enlarging Translation*, empowering translators – *Expandindo a tradução, empoderando tradutores*. Again, the term “translation and policy” clearly emerges in these contexts of cultural, ideological and linguistic conflicts; or in the case of Brazil, for example, agrarian conflicts and corruption. All of them are characterized by tensions and negotiations.

Baker (2006a, 2006b) and Tymoczko (2007) argue translators and interpreters deal directly with ideological aspects, conflict arenas, issues of domination, resistance, and political movements that build an interface with the work of the translation professional. All these elements reinforce the empowerment of translators and interpreters regarding their visibility and recognition in the area in which they professionally act. The elements discussed so far may offer clues to a better understanding of the issues that underlie the Translation and Policy subarea, as presented in St. Jerome’s mapping.

Although we have records of the terms “Translation and Policy”, and “Translation Policies” in the mappings of Holmes (1972) and from the St. Jerome publishing house, the research investigating them, or somehow joining them, is inceptive within the field of Translation Studies. Meylaerts (2010) points out, for example, the absence of the term “Translation Policies” in several published articles in the field of Translation Studies, such as Munday (2009), Pöchhacker (2004), Pym (2010), Venuti (2000), and the translation encyclopedia by Baker and Saldanha (2008). Somehow, all these authors could articulate the subjects handled in their studies as part of a translation policy, after all, the contexts of interpretation, the history of the interpretation, the professionalization, the fields of research, and the different theoretical approaches, are all subjects in articulation with the subarea of Translation Policies.

“Translation and policy” and “translation policies” are not the only terms registered in the field of Translation Studies. Although Meylaerts (2010) has highlighted the lack of the term “translation policies” in main studies of the Translation Studies area, Schäffner (2007) presents and discusses the term “politics and translation”. The author addresses the complex nature of translation discourse,

the processes of production and reception of texts, the universality of political discourses, and their consequences for intercultural communication, especially translation. Finally, Schäffner (2007) retrieves the main concepts, as well as the main authors of Translation Studies that have addressed, over the years, issues such as language and power, pragmatic aspects and their translations, the relationship between politics and translation choices, and so on.

Another important aspect discussed by Christina Schäffner is the prevalence of some languages over others. For example, the author refers to certain languages and their directions (source text - target text) in which the predominance of a language occurs. Schäffner points to the fact English is considered a lingua franca, and to the power of United States, alerting its political implications. In addition, the author discusses, for example, translation and interpretation as common activities in multilingual countries, which is the case in several African countries. It is clear that translation, within these contexts, is not free from tensions, as in the case of Nigeria. According to the author,

Translation and interpreting occur practically on a daily basis in bilingual or multilingual countries, although this phenomenon has not yet seen any substantive research. Feinauer (2004), for example, commented on government initiatives to translate healthcare texts into a variety of ethnic languages in South Africa. In contrast to such encouraging developments, Kofoworola and Okoh (2005) explain that the many different worldviews and cultural traditions in Nigeria pose huge problems for translation. Political conflicts and mistrust between ethnic groups are barriers to translation activities (SCHÄFFNER, 2007, p.139).

According to the Schäffner's (2007), the term "politics and translation" is also related, somehow, to governmental initiatives, since the translation of texts in the health area is considered an alternative to include the South African population belonging to different ethnic groups. In this perspective, we have a resemblance of the ideas defended by Schäffner (2007) and Meylaerts (2010), in terms of translation being referred as an element of governmental actions.

Regarding the discussion about translation policy, Meylaerts (2010) stresses, in a restricted way, the term "politics" could refer to the conducting of public and political affairs carried out by a government. On the other hand, the author points out, considering the broader conception of politics, there is a connection not only to government or government agencies but also to institutional contexts, and to international organizations, such as the European Union and the United Nations, among others.

Meylaerts (2010) explains "translation policy" is an umbrella term, which shelters a series of topics to be discussed and researched, such as: the translators' education, the production and reception conditions of texts, the circulation of translations on publishing houses, the labor market, the ideologies and strategies adopted in the translation process (which can promote visibility to a particular culture), as well as the choice of texts to be translated, and those that are marginalized in cultural systems.

These are all central subjects to translation policies and are strongly supported by the interface of Translation Studies with areas such as Sociology, Anthropology, Education, Human Rights, Philosophy, Literature, Linguistics, and Literature. Facing these possible articulations with several areas, we expect, of course, to construe the dialogues from different perspectives, which will affect the implementation of translation policies. For example, some government actions create and determine a bias of translation policies to be adopted by the communities.

On the other hand, communities that use translation and interpreting services can offer different suggestions about the design of translation policies and require action regarding their demands, otherwise, conflicts may arise among these communities, since not all of them are covered by the actions of governmental organizations, and so on. By contrast, the academic environment can list various elements for the elaboration of translation policies based on their own demands, which are different from the demands of users of translation and interpretation services, of the communities involved, of government actions, and of translators and interpreters working in the labor market.

Each of these groups indicates to particular claims that might conduct the creation of translation policies and, depending on the country, can get closer or further, according to the parties' interests. Although the demands are different, an interconnection is, somehow, possible in case it is a political and strategic decision in favor of a certain objective.

For translators and interpreters, state decisions have an impact in the labor market. In some cases, these professionals are coerced into working according to protocols forbidding a subject, a topic, or a vocabulary choice in certain texts. Panda (2013) draws attention to ideological forces, such as religious, political, or sociocultural, which influence the translation. The author presents a variety of examples that show the state's performance and power as "agents", imposing coercive forces on translation.

The translation of certain types of texts may even be banned depending on the information content they carry, as Panda points out: "The fear of disclosure of private or personal information of a man in power may cause a ban on any media that communicates it. This fear might be driven by a political and authorial loss on the part of the party in power" (PANDA, 2013, p. 4). Despite the state control, when linguistic policies formalize or legally recognize a certain language, translation can contribute to its expansion. To some extent, this reasoning is ratified by PANDA (2013). The author takes India as an example for language policies and translation policies in multilingual contexts:

But India as a country is so heterogeneous that we could hardly imagine of realizing the three language formula a success. People of many states use two languages – one is the official and the other is their own mother-tongue, as for example in Bihar (Hindi as the official language and Maithili is the mother-tongue of most of the people in Bihar). There has been a division of Indian states linguistically which has given power to the respective state government to promote and empower their languages for which they release funds for developing materials in the language - and the translation is an easy way of getting this objective concretized (PANDA, 2013, p.6).

Taking a critical stance towards the contribution of translation to the promotion and expansion of legally recognized languages becomes central. It is important to consider why some languages have been recognized, while others, for many reasons, have been rejected as official, remaining invisible and at the margins of society. Some important unfoldings of this fact deserve to be highlighted. Translation does not occur in isolation within a culture. The selections of the texts to be translated, as well as the materials financially supported by the government, reveal the intentionality and the choices of a certain social group. Therefore, such state entities have audacious power in society. They are situated at a certain time, in a certain geographic region, and have specific purposes that affect what will be translated. Thus, these variables can jeopardize both the translation process and the final product, that is, the translation itself. As a result, the reception of these translations by the target audience will be impacted.

Mostly, the chosen texts for translation are those considered as canonical by society, such as masterpieces, texts of greater prestige, and social status. On the other hand, the non-canonical texts are all those excluded of this first categorization, that is, translated literature, leaflets, serials and other publications. This process of selecting texts over others highlights the power relations between cultures and ethnic communities, defining what should be central and what should be peripheral in the literary polysystem. Carvalho (2005, p.30) states Even-Zohar conceives power relations between "[...] the elements of the systems are represented by images of center and periphery, where the center is occupied by those who hold greater power within a system, and the periphery is the region occupied by less hegemonic or dominant elements [...]."

The concepts of center and periphery are not necessarily connected to the economic development of countries, but emerge from the position they hold in sociocultural systems. In some cases, the role of translation and interpretation may have a direct connection with international law and with linguistic minorities. This is the case explored by Núñez (2014), who investigated the translation for linguistic minorities with a focus on translation policies in the United Kingdom.

First, Núñez (2014) introduces the concepts of State, Official Languages, and Linguistic Minorities, arguing in favor of linguistic rights (to whom and how should these rights be granted), questioning whether the debate on linguistic rights considers translation or not. Núñez (2014) adopts the perspective of linguistic rights in the text based on the international law and, therefore, emphasizes translation as an obligation in the assurance of such rights.

Second, Núñez (2014) presents and discusses the linguistic background in the United Kingdom, specifying the official languages and the linguistic minorities in each of its countries. The author explains how translation is viewed within the UK and examines the way local governments have established dialogues, whether promoting translating policies or not. Núñez (2014) concludes his argument reflecting on the performance of translation in the medical and legal spheres in the United Kingdom, and proposes

translation as a means of integration and access of linguistic minorities:

In order to allow those considered as linguistic minorities to integrate as part of the whole of society, varying levels of access, their participation, and even their recognition have to be negotiated. In short, depending on contextual factors, translation can be an important means to achieve greater inclusion or integration of linguistic minorities. And that is all I really wanted to say (NÚÑEZ, 2014, p. 334).

Núñez (2014) supports the argument, which conceives translation as a means to achieve the inclusion, or the integration of linguistic minorities and, in this sense, dialoguing with translation policies that have risen from the struggles of local communities. In other words, not only linguistic rights governed by international law have to be considered, but also communities regarded as linguistic minorities, which resist and fight to ensure language laws.

To this point, we have presented a contextualization on the use of the terms “translation policies” and “translation and policy”. Furthermore, we introduced some examples of situations in which the translation or interpretation process is affected by aspects such as ideology, culture, religion, conflict zones among others, in order to investigate how these elements are discussed in Brazil. Then, in the next section, we question some initiatives on translation policies and their connection with linguistic policies in our country.

3 TRANSLATION POLICIES: SOME INITIATIVES IN BRAZIL

In Brazil, the term “translation policy” has been used in a generic way. It sometimes refers to laws that deal with a particular language, mentioning translation or interpretation as in the case of sign languages, or it assigns procedures and strategies adopted in the translation of works that deal with themes such as gender studies, colonialism, cultural translation, literary translation among others. In fact, some recent initiatives in Brazil seek to approximate the fields of linguistic policies and translation policies. The description of the research group *Políticas Linguísticas Críticas* (Critical Linguistic Policies) registered at the Universidade Federal de São Carlos is an example of aggregation of research on translation policies.

The relation between linguistic policies and translation policies is also being discussed in communities that fight for official recognition of their languages and face government resistance or opposition from different ethnic groups. In this context, translation policies can be considered as an obligation of the state to provide translation and interpretation services for communities considered as linguistic minorities. This is the case of sign languages, particularly, the Brazilian Sign Language - Libras. Santos and Zandamela (2016) showed that political movements on sign languages (Libras and MSL - Mozambican Sign Language), fighting for their right of recognition as deaf communities, directly affected the decisions on translation and interpretation of sign languages, both in Brazil and in Mozambique. Mostly, the paths of these political movements, and of the cultural-linguistic recognition of sign languages, have unfolded in:

- i. laws and resolutions that rule educational-linguistic principles (how language should be named, the way it should be taught, who and by whom it should be taught, and where it should be taught);
- ii. regulations, translation and interpretation profiles (definition of the translator's and interpreter's profile, training of translators and interpreters, the definition of the performance's contexts for such professionals, standards and codes of conduct);
- iii. guidelines to the public authorities regarding the use and the dissemination of Libras.

Regarding Brazil, the Law 10.436/2002 of Libras (BRASIL, 2002), and the decree 5.626/2005 (BRASIL, 2005) are examples of the elements previously mentioned. Such regulations contributed to the development of a series of linguistic policies aimed at providing undergraduate training courses for sign language teachers, for the education of translators and interpreters. They also supported sign language research at masters and doctoral levels, and an increase of placements for teachers and interpreters at federal and private universities. That is, all these decisions about language are not restricted to the language itself, but also encompass decisions about translation and interpretation.

The mobilization of deaf communities for the recognition of Libras typically exemplifies the articulation between linguistic policies and translation policies. As a result, there is an increase of the language industry and an expansion of new labor markets for teachers, translators and interpreters, and so forth. Yet, these connections between language policies and translation policies should not be naively taken. Concepts of center and periphery according to Even-Zohar, and in addition to the state control, are aspects that deserve attention. *Language policies and translation policies are not limited to laws* (emphasis added).

When different entities disseminate this belief, whether governmental or not, there is a considerable risk of falling into an ambush. This trap is underpinned by the false idea that laws would be enough to institutionalize the achievement of rights, whereas law provides a level of lethargy rarely explored, or debated in the academia. Thus, we are not disregarding the importance of laws, but only pointing to the implications of this recognition, which must constantly be revised and reconfigured according to the demands of the linguistic communities.

Another risk, derived from the legal recognition of languages, is the invisibility of movements that continue to resist state control and allow possible alternatives, which are often not included in legal documents. For this reason, some problems emerge, regarding the professional practice, for instance, in the performance of translators and interpreters of Libras-Portuguese. On the one hand, the decree 5.626/2005 recommends the training of translators and interpreters of Libras-Portuguese in higher education; on the other hand, the law nº 12.319 / 2010, which recognizes and regulates the translators' and interpreters' profession in this language pair, determines that a high school level diploma is required for the education of these professionals. This legal mismatch offers serious problems for the professional performance of translators and interpreters, and consequently, it is subject to constant criticism by the representative entities and the academic environment.

In addition, power relations are clearly intertwined with conceptions and methods that comprise laws and resolutions. In contrast, considering that legal guidelines do not limit linguistic policies, and taking into account the lack of connection between linguistic policies and translation policies, the absence of a systematic planning and definition of translation policies for translators and interpreters of Libras-Portuguese is an expected result. It is important to be aware, while government and communities, striving for visibility and recognition, can promote particular languages and actions, other languages become socially marginalized.

The previously mentioned aspect was also defended by Panda (2013). The author explains languages of oral tradition are not always translated in India; this fact generates exclusion of the speakers of those languages. According to Panda (*ibid.*), banning or hosting a particular language is an act of political motivation. Whether as a linguistic policy, emerging from communities, or as a legal obligation, translation policies play a central role in societies. The role of translation, the means and the modes of production and circulation, as well as the education of translators and interpreters observing these issues, are some of the elements that contribute to shed light on the term "translation policies".

Finally, in our country, the visibility of this link between linguistic policies and translation policies is essential, since this connection might benefit and help both fields. It is not recommended to disconnect translation policies from language policies, for, in any country, decisions made about languages may promote actions regarding translation, or not. In Brazil, Libras is a typical illustration of the benefits this interface between translation policies and language policies produce. Government actions and the struggle of deaf communities for the legal recognition of sign language have fostered a series of developments, not only for deaf communities but also for translators and interpreters of Libras-Portuguese, influencing, in particular, the training of these professionals.

4 FINAL REMARKS

Translation or interpretation is a means to facilitate the access of communities considered linguistic minorities to different social spheres. However, little has been investigated in the Brazilian academic environment on the connections between the fields of linguistic policies and Translation Studies, especially in terms of the translation policies subarea. An overview of the lack of this connection can be perceived in academic areas hosting these discussions. Usually, language policies are discussed in Postgraduate

Programs in Linguistics and Translation Studies are addressed in Postgraduate Programs in Translation Studies.

For this reason, in this essay, we presented an initial discussion on the terms “translation policies” and “translation and policy” in order to identify some important elements that constitute the two terms. Next, we retrieved some initiatives considered as guiding principles as regards the connection between linguistic policies and translation policies. As an illustration, we have introduced the case of Libras, which clearly raise awareness of linguistic policies supporting language, deaf communities, and translators and interpreters.

In conclusion, we believe this debate may interest researchers in linguistic policies and in translation policies, as well as translators and interpreters who daily deal with linguistic, cultural and translational challenges. If the forces of the different subjects involved in this process of connection are summed, new paths will tend to be planned, systematized, and implemented in the linguistic policies of various Brazilian communities.

REFERENCES

- BHABHA, H.K. *O local da cultura*. Tradução: Myrian Ávila et al. 3. reimpressão/2005. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BAKER, M.; SALDANHA, G. (Org.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. London/ New York: Routledge, 2008.
- _____. *Translation and conflict: a narrative account*. London: Routledge, 2006a.
- _____. Translation and activism: emerging patterns of narrative community. *The Massachusetts Review*, v. 47, n. 3, p. 462-484, 2006b.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005, nº 246, ano CXLII, Seção 1, p. 28-30.
- _____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002, nº 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.
- _____. Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. *Diário Oficial da União*, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 2 set. 2010. N° 169, ano CXXXIX, Seção 1, p. 43.
- CARVALHO, C. A. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- HOLMES, J. S. The name and nature of translation studies [1972]. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2000. p.172-185.

JESUS, R. B. *A interpretação médica para surdos: a atuação de intérpretes de LIBRAS/Português em contextos da saúde.* TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/105420>> Acesso em: 05 maio 2017.

MEYLAERTS, R. Translation policy. In: GAMBIER, Y., van DOORSLAER, L. *Handbook of translation studies online* (Ed.). Holanda: John Benjamins Publishing Company, 2010. p.163-168, 2010. Disponível em: <<http://www.benjamins.com/online/hts>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

MUNDAY, J. (Ed.). *The Routledge companion to translation studies.* London: Routledge, 2009.

NASCIMENTO, G. CTN. A (in) visibilidade do intérprete: a representação de Abed em Notas sobre Gaza. *Tradterm*, São Paulo. v. 27, p. 201-216, 2016.

NÚÑEZ, G. G. *Translating for linguistic minorities: translation policy in the United Kingdom.* 2014. 409f. Doctoral Thesis (PhD in Translation and Intercultural Studies) – Department of English and German Studies, Universitat Rovira i Virgili. Tarragona, Spain, 2014.

PANDA, A. K. Politics and translation. *The Criterion An International Journal in English*, v. IV, issue II, 2013. p.1-7.

PÖCHHACKER, F. *Introducing interpreting studies.* London: Routledge, 2004.

PYM, A. *Exploring translation studies.* London and New York: Routledge, 2010.

QUEIROZ, M. *Interpretação médica no Brasil.* 2011. 134f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: Desafios para formação de intérpretes de língua de sinais. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA, 2., 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://www.congressotools.com.br/anais/anais2010/Carlos%20Henrique%20Rodrigues.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2017.

SANTOS, S. A. dos; ZANDAMELA, N. G. R. Políticas linguísticas e tradução-interpretação de línguas de sinais: aproximações entre Brasil e Moçambique. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 101-123, dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n2p101>>. Acesso em: 12 maio 2017.

SCHÄFFNER, C. Politics and translation. In: KUHIWCZAK, P.; LITTAU, K. (Ed.) *A companion to translation studies - topics in translation.* Clevedon: Multilingual Matters, 2007. p.134-147

TYMOCZKO, M. *Enlarging translation, empowering translators.* Manchester: St. Jerome, 2007.

VENUTI, L. *The translation studies reader.* London/New York: Routledge, 2000.

WADENSJÖ, C. Community Interpreting. In: BAKER, M. (Org.). *Routledge encyclopedia of translation studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1998. p.33-37.

Recebido em 19/05/2017. Aceito em 07/09/2017.